



Ele **roubou** meu
coração por vingança

Ela estava **determinada**
em ficar com o que era meu.

SAQUEADOR

GANGSTERS DE NOVA YORK

BELLA DI CORTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BELLA DI CORTE

SAQUEADOR

GANGSTERS DE NOVA YORK

Tradução: Thayna Valentim

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Saqueador

Copyright © 2020 Bella Di Corte

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Designer Editorial

Tradução: Thayna Valentim

Preparação: Marta Fagundes

Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D536

Di Corte, Bella
Saqueador [livro eletrônico] / Bella Di Corte ;
tradução Thayna Valentim. -- 1. ed. -- Porto
Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. --(Série
Gangsters de Nova York ; 2)
ePub

Título original: Marauder
ISBN 978-65-5214-003-6

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

[Início](#)

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Maquiavélico](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

Para as Connollys e Ryans do mundo...

“Corações não são dados como um presente, mas, sim, conquistados. Por aqueles que não são totalmente bonitos.” — W.B. Yeats



INTRODUÇÃO

Saqueador é o segundo livro de uma trilogia ambientada no mundo selvagem da série Gângsters de Nova York. Cada livro pode ser lido separadamente, mas todos são baseados no mesmo universo.

Ordem de Leitura: Maquiavélico, Saqueador, Mercenário.

Existem outras famílias mencionadas em outros livros do mundo do crime, mas esses livros também não precisam ser lidos para que Saqueador possa ser desfrutado.

Para referência, uma lista de cada família, junto com nomes importantes e como eles estão relacionados, pode ser encontrada logo a seguir.

FAMIGLIA FAUSTI

LA MIA PAROLA È BUONA QUANTO IL MIO SANGUE.

Minha palavra é tão boa quanto meu sangue

Fausti que são mencionados ou aparecem em Saqueador:

Luca Fausti (preso) é o filho mais velho de Marzio Fausti e tem quatro filhos: **Brando, Rocco, Dario e Romeo.**

Rocco Fausti é casado com **Rosaria Caffi.**

Tito Sala, médico, está ligado aos Fausti por casamento. Ele é casado com **Lola Fausti.**

Scarlett Fausti é casada com **Brando Fausti.**

Há uma rivalidade arrastada entre os Fausti e os Stone na saga **Família Fausti.**

MAQUIAVÉLICO

Gângsters de Nova York, 01

Mac “Capo” Macchiavello, casado com Mariposa “Mari” Flores

FAMÍLIA KELLY

LISTA SAQUEADOR

Ronan Kelly: era chefe da Família Kelly e tem dois filhos: **Cashel “Cash” Fallon Kelly** (mãe – **Saoirse**/ser-sha) e **Killian “Kill” Patrick Kelly** (mãe – **Saoirse**).

Era casado com **Molly O’Connor Kelly**, cujo irmão possui um filho, **Rafferty “Raff” O’Conner**, que trabalha para **Cash Kelly**.

Outras famílias e nomes importantes:

Família Ryan:

Keely Shea Ryan e seus quatro irmãos: **Harrison, Lachlan, Declan** e **Owen**.

Família O’Connell:

Maureen O’Connell e seus dois netos: **Connolly (Cee Cee)** e **Ryan**.

Padre Patrick Flanagan era amigo da **Família Kelly**.

Família Grady:

Cormick Grady era o chefe da **Família Grady**.

Brian Grady é o irmão mais novo de **Cormick Grady**.

Lee Grady é filho de **Cormick Grady** e sobrinho de **Brian Grady**.

Família McFirth:

Susan McFirth trabalhava com **Ronan Kelly**. Ela tem um neto, **Colin McFirth**, que trabalha para **Cash Kelly**.

*Se você está familiarizado com a **Famiglia Fausti**, então sabe

muito bem a história entre os Fausti e os Stone.

Scott Stone mora em Nova York, mas tem laços com a **Família Stone** da Louisiana. Seus nomes são citados em toda a **saga Fausti**.

Não há necessidade de ler a saga Fausti antes de acompanhar a série Gângsters de Nova York.

SAQUEADOR

substantivo; adjetivo

1. Aquele que saqueia; rouba; um invasor.



PRÓLOGO

Cash

“Alguns homens nascem mais animais do que homens. É apenas quem eles são, o que corre em suas veias.” Meu pai costumava dizer.

Ele me dizia que os homens maus não sabem que são maus e, geralmente, não acreditam quando dizem isso a eles. Aos olhos de quem vê, o fim sempre justifica os meios. Em nosso mundo, *é o que é*.

Então, deixe-me fazer uma pergunta: o fim sempre justifica os meios? Roubar para matar a fome?

Mentir para proteger quem você mais ama? Trapacear para vencer e superar seu pior inimigo?

Matar para salvar sua vida? Ou caçar a única vida que significa mais do que a sua? Observando com atenção, é possível ver que todos esses cenários têm uma coisa em comum.

Roubando.

Mentindo.

Trapaceando.

Matando.

Tudo isso é considerado errado. E um deles é até mesmo um pecado mortal.

No entanto, dependendo do cenário, você é perdoado por essa transgressão, o pecado, aos olhos de certos observadores.

A realidade, no entanto, pode parecer muito distinta através de olhos diferentes.

Até Robin Hood era um maldito vilão, dependendo da perspectiva e opinião de cada um. Se me perguntarem minha opinião, não tenho vergonha alguma em dizer.

O mundo me vê como um saqueador.

Você me engana, e eu retribuo o favor saqueando sua aldeia para fazer o que eu quiser. Vou encontrar a única coisa que você mais ama e arrancá-la de você como um bebê do seio de sua mãe. Então vou deixar passar fome. Deixar um pedaço seu morrer lentamente e observar enquanto você assiste, e não há nada que se possa fazer sobre isso.

Robin Hood é o vilão ou o herói? Depende da opinião da pessoa para quem se pergunta isso. Vá em frente... e me pergunte. Eu vou te dizer.

Hood simplesmente sabia como contar a história.

Agora me diga: Como você me vê? *Lembre-se desta pergunta.* Vou lhe dar tempo para ver como conto a história antes de responder. E dou permissão para que tudo comece agora.

Preparar. Apontar. Vai.



CAPÍTULO 1

Cash

As grades chacoalharam quando a porta se abriu, e eu saí da jaula.

— Faça com que esta seja a última vez que nos vemos, Cash Kelly — o guarda disse. — Você se formou com honras.

Dei um sorriso e, alguns minutos depois, respirei ar fresco pela primeira vez em três mil e seiscentos e cinquenta dias.

Por fim, este animal foi liberto de celas barulhentas e barras de aço. Ou, como disse o guarda, *eu me formei com honras*, o que significava que cumpri minha pena e agora era um homem livre aos olhos da lei.

Levei dez anos para me formar. Um detetive chamado Jeremiah Stone me prendeu sob alguma acusação de extorsão, quando ele sabia muito bem que eu deveria ter sido autuado e indiciado por duas acusações de assassinato. Matei os dois homens — ou como eu os chamei, pesos-mortos — que estavam no carro quando meu pai, Ronan Kelly, foi executado em plena luz do dia.

Acusar-me do crime menos honroso foi a maneira de Jeremiah Stone dizer “*vá se foder*” para o filho do homem a quem ele desprezava

— meu pai, Ronan Kelly, ou como era conhecido nas ruas, Maraigh (MA-RAH, assassinato ou morte em irlandês). Stone o perseguiu implacavelmente e nunca conseguiu pegá-lo. Não até meu pai desabar naquele piso de concreto, para nunca mais se levantar. Então Jeremiah Stone me desonrou ao se recusar a admitir para o mundo que executei os homens que assassinaram meu pai a sangue frio.

Relembrar tudo o que levou à minha prisão só me trouxe para a carta em minhas mãos. Recebi uma semana antes da minha soltura e foi a única coisa que trouxe comigo do meu tempo atrás das grades. Lia todas as manhãs, todas as noites, decorando as palavras como uma triste rapsódia poética.

Killian, ou como eu costumava chamá-lo, Kill. Ele havia escrito a carta, rompendo o vínculo não apenas entre irmãos, mas também entre gêmeos. Desculpou-se na carta por não ter vindo me ver em dez anos, por ter ido embora sem se despedir e pelo longo adeus que se seguiu.

Meu irmão gêmeo, meu sangue, metade de mim, nunca mais quis ver esse pecador novamente por causa do que aconteceu no dia em que nosso pai foi morto. A bala que era destinada a mim o paralisou. Ele nunca mais andaria. Porém, em vez de buscar vingança, Killian decidiu ingressar no sacerdócio em nosso amado país natal, a Irlanda. Ele queria salvar almas em vez de roubar corações.

Não tive o menor problema com sua escolha de vida. Um homem deveria viver da forma que quisesse. Meu problema era com a hipocrisia dele. Se havia um tipo de pessoa que eu não suportava, era a porra de um hipócrita.

Killian decidiu usar seu recém-descoberto despertar para ir de uma prisão para outra, salvando almas perdidas na Irlanda, mas sua própria carne e sangue não eram bons o suficiente para ver a luz do dia. Ele levou a sério quando nosso velho disse que éramos dia e noite: enquanto meu irmão cantarolava, eu subtraía o ar dos pulmões.

Ainda assim, ele estava salvando pecadores, e a metade sombria de sua vida — eu — não valia nem que tirasse um tempo para conversar. Talvez ele sentisse que eu estava além da salvação.

Ele estava certo.

Killian sabia que eu não tinha abandonado o mundo ao qual eu pertencia, e que esse mesmo mundo não havia acabado comigo. Reivindiquei minha vingança contra os homens que mataram meu pai,

mas ainda não tive o prazer de me vingar dos homens que colocaram as engrenagens em movimento. A ruína de toda a minha vida.

Dois homens.

Jeremiah Stone e seu filho, Scott Stone.

Eu não estava de olho no Stone mais velho agora. Ele se aposentou depois que seu filho foi promovido ao cargo de detetive. Não. Era seu filho, o detetive Scott Stone, em quem meus olhos agora se encontravam — olhos que pertenciam a um tigre saqueador de olhos verdes. *Meu espírito animal*, costumava dizer o velho. Nossas listras eram uma parte natural de quem éramos. As minhas foram conquistadas em batalhas; as dele foram adquiridas ao nascer.

— Se você quer ferir seu inimigo — meu pai disse uma vez, indicando a o tigre tomando sol no zoológico do Bronx —, vá atrás do que ele mantém trancado em seu coração. A morte não é o pior destino que ele pode enfrentar. — Apontou o queixo para o animal mais uma vez. — Esse destino... seu coração sendo trancado, incapaz de correr livremente com seus instintos... é o pior destino para aquele animal. E nosso círculo de homens, até o nosso íntimo, não passa de um bando de animais.

Era hora de o saqueador de *Hell's Kitchen*, eu, recuperar as ruas que nos pertenciam e, ao mesmo tempo, descobrir o que Scott Stone estava fazendo. Descobrir o que ele manteve trancado naquele coração dele.

Assim que o fizesse, eu o roubaria dele.



CAPÍTULO 2

Keely

Só quem experimentou o sabor salgado da verdadeira dor pode entender como é doce o outro lado. Mas se o amargor persistir por muito tempo, o outro lado sempre terá um sabor muito doce. O suficiente para revirar o estômago.

Normalmente, eu conseguia encontrar o equilíbrio entre os dois, mas dezembro... Suspirei, e minha respiração saiu pela boca como uma nuvem. Em dezembro, não senti nada além de feridas abertas e não provei nada além de sal. Sal que nunca parecia limpar as feridas. Nenhuma quantidade de lágrimas poderia curar o que perdi. Em vez disso, agravaram as velhas feridas, tornando-as mais profundas e raivosas.

Inclinando-me, tentando não ser muito mórbida, apesar do ambiente, coloquei um buquê de lavanda no chão frio diante do túmulo.

Roxo era sua cor favorita. Verde era a minha.

Fazia sentido naquela época, e fazia sentido naquele momento. Ela era a gêmea que sempre seria vitoriosa na vida. Eu sempre seria a invejosa. Com inveja *dela*. Mesmo aos cinco anos, o ciúme era uma pílula difícil de engolir.

— Me pergunto se isso é verdade para todos os gêmeos — refleti, em voz alta. — Um é isso, será isso, fará isso, e o outro é aquilo, será aquilo, fará aquilo.

— Por experiência própria, isso é verdade.

Girei tão rápido que uma rajada de vento se moveu entre mim e o homem de repente parado ao meu lado. Algo que soava como “putaque-pariu-caralho-wooooo!” deixou minha boca em uma fala truncada. Meu coração parecia estar na garganta, e na mesma hora cobri a boca com a mão, para evitar que o órgão saltasse para fora.

— Você... — Estava prestes a atacar o estranho, amaldiçoá-lo até mesmo em um cemitério, mas as palavras morreram na garganta.

Meu olhar subiu — *sim, para cima* — e colidiu com os olhos verdes de um homem que, sem dúvida, exalava perigo. Estava em desacordo com o quão bem ele estava vestido, como um homem de negócios. Usava um terno feito sob medida e um chapéu que parecia ter vindo direto de outra época. Mesmo através da espessa névoa de um dia triste, seus olhos verdes pareciam brilhar com malícia e algo mais, algo predatório e perigoso.

— Eu deveria dar um soco na sua cara por me assustar desse jeito! — sussurrei. Sim, posso não ser tão grande quanto esse cara, mas ser uma garota alta e com curvas me deu coragem para não recuar. E ser criada com quatro irmãos também não me deixou tímida. Eu era durona e, se tivesse meu arco e flecha, poderia derrubar qualquer predador que estivesse atrás de mim.

Infelizmente, meu arco e flecha estavam guardados no meu carro estacionado do outro lado do cemitério. E esse predador poderia me derrubar, mesmo que tivesse que lutar um pouco para me apagar por completo.

Seus olhos se estreitaram, mas ele não disse nada por um ou dois minutos. Em algum momento, reparei na garrafa de uísque pendurada em seus dedos, junto com dois copos.

— Roisin Ryan era sua irmã.

Aquele sotaque que saía de sua boca era uma mistura de irlandês e nova-iorquino. Tinha uma cadência suave e, quando disse “Roisin”, soou como “Ro-Sheen”. Que era a maneira correta de pronunciar o nome dela. Por estar em um cemitério irlandês, não fiquei surpresa com seu sotaque. Ainda assim, eu não o esperava. De forma

alguma.

— Por que você está ignorando o que eu disse? — Não estava pronta para responder à sua pergunta, então desviei.

— Sobre me dar um soco na cara?

— O que mais?

Ele suspirou.

— Você vai fazer isso, querida?

Depois que um arrepio me percorreu com a maneira como ele disse “querida”, olhei em volta.

— Não, só porque este não é o momento nem o lugar. Eu faria, se estivéssemos em qualquer outro lugar..

— Mas nós não estamos — ele disse.

Eu o observei por um minuto, e ele parecia estar fazendo o mesmo comigo. Fiquei imaginando como seria o sorriso dele. Eu apenas sabia, *sabia*, que seu sorriso seria encantador, em desacordo com aqueles olhos perigosos. Homens como ele nunca fizeram sentido.

— É falta de educação assustar alguém assim — comentei, depois que outro minuto se passou. — Este é um lugar aonde as pessoas vêm em busca de paz. E ela é conquistada com dificuldade. Você deve se anunciar ou, pelo menos, fazer barulho. Pigarrear, ou algo do tipo. — Ele pigarreou. *Espertinho*. — Mas não. Você me perguntou se Roisin Ryan *era* minha irmã. Ela *é* minha irmã.

— Ela era pequena — ele afirmou.

Pelo menos ele tinha um cérebro e podia acompanhar a conversa. Eu estava tentando ter bons pensamentos, realmente estava, porque eu poderia ser muito grossa com as pessoas. Especialmente com os homens. Minha mãe sempre me disse que eu era muito dura com eles. Ela disse que eu provavelmente disse à minha alma gêmea para ir para o inferno em algum momento da minha vida. Como ele deve ter sentido um medo absurdo de me desobedecer, ela provavelmente o fez.

Balancei a cabeça.

— Ela tinha cinco anos. Acidente de carro.

— Sua gêmea.

Desta vez, entrecerrei meus olhos contra os dele.

Gotas de água se acumularam em seus longos cílios negros, fazendo seus olhos parecerem mais ferozes. Sob a névoa fria, eles

pareciam cor de esmeralda, mas quando o sol refletia, eu apostaria que estariam mais perto do verde-limão. A cor mais estranha que já vi, mas, honestamente, a mais bonita. E mesmo que ele tivesse falado apenas algumas palavras, algo nele exalava charme. O mesmo charme que eu estava disposta a apostar que combinava com seu sorriso.

Era difícil dizer se ele estava tentando me encantar ou não, e o que era ainda mais difícil era tentar explicar a maneira como ele olhava para mim. Estava me avaliando, mas de uma forma que só parecia trazer mais perguntas. Foi a porra da coisa mais estranha que já vivenciei. Precisei de todo o meu autocontrole para não o beliscar, para garantir que um dos velhos fantasmas do cemitério não tivesse decidido falar comigo. Ou talvez uma das estátuas. Ele carregava a força de uma — uma pedra esculpida perfeita em um cemitério.

Eu o teria chamado de mártir, porém, ele estava longe disso. Não parecia o tipo de homem que se sacrificaria por nada, mesmo por algo que desejasse. *Porque ele provavelmente sempre conseguiu o que queria.*

— Também tive um gêmeo — ele diss.

Isso me trouxe de volta ao presente. Para ele.

— Ele ou ela está aqui? — Olhei em volta, sentindo-me uma tola depois disso, porque não era como se ele fosse me apresentar.

— Ele — afirmou —, mas não. Meu pai está. Ele está enterrado... — Se virou um pouco, apontando para outra direção. — Kelly é o sobrenome.

— Ah — murmurei, apontando para a garrafa de uísque e os copos em sua mão. — Veio tomar uma bebida?

— Pode-se dizer que sim. Já faz um tempo desde que meu pai e eu conversamos.

— Às vezes é catártico.

— Deve ser o mesmo motivo pelo qual você veio ver Roisin.

Pela primeira vez em dezesseis anos, senti uma sensação de calor tomar conta de mim e estremeci quando ela se chocou com o frio. Nunca senti nada além de gelar até os ossos quando cheguei aqui, mas naquele segundo, meu sangue esquentou, mesmo que apenas por um segundo. Acenei para a mão dele novamente.

— Posso precisar de uma bebida antes de entrarmos nisso. — Ele levantou a garrafa de uísque, colocou os dois copos na lápide de Roisin e serviu um copo. Ele ofereceu para mim, mas eu balancei a

cabeça. — Não parece certo — eu disse. — Ela tinha apenas cinco anos.

Ele deu um breve aceno de cabeça antes de tomar a bebida de um gole só. Sua garganta se movia com o líquido ardente descendo por sua língua.

— Sempre fui o endiabrado — ele falou.

Levei um segundo para entender seu comentário.

— Seu gêmeo era o anjo.

— Sim — afirmou. — Está tudo bem, no entanto. O velho tinha o melhor dos dois mundos. Ele tinha dois lados diferentes a considerar antes de tomar as decisões finais.

— Sinto muito — falei. — Por ter perdido seu irmão e seu pai.

— É a vida — citou. — É a coisa mais imprevisível, mas a maioria ainda tenta controlá-la.

— É um animal selvagem — comentei, e quis dizer isso. — Às vezes, é melhor deixar correr solta.

— Você deixa a vida comandar você? — Não parecia realmente uma pergunta.

— Não — respondi, de pronto. — Sou uma lutadora.

— Sabia — ele disse, e então o canto de sua boca se transformou em uma espécie de sorriso. Um sorriso que era tão arrogante quanto charmoso; um sorriso arrasador que roubou meu fôlego.

— A menos que se trate de morte... — continuei, recusando-me a interromper a conversa porque ele de alguma forma tinha se entranhado em mim, como o frio, por um breve segundo. — Como você pode vencer a morte quando ela tem todas as cartas?

— Centenas de pessoas vencem doenças todos os dias.

— Essas são lutas que valem a pena enfrentar. Mas acho que todos nós também precisamos de uma certa dose de graça. Graça para abrir mão de coisas sobre as quais não temos mais controle. Deixar correr solto. Porque quando nós fazemos isso... — dei de ombros —, às vezes corremos para um lugar melhor.

— Lembre-se disso — murmurou. Então ele pareceu me observar com um pouco mais de atenção. — Conte-me sobre Roisin.

Virei-me para olhar para o túmulo dela, vendo uma foto minha sobre o mármore, embora não fosse eu. Nós apenas compartilhamos a mesma fisionomia.

— Como eu disse, acidente de carro. Tive um ataque de birra quando ela conseguiu o papel principal em uma peça da Broadway. Tive um ataque tão bizarro que preendi a respiração e desmaiei. Foi a primeira vez que fiz algo do tipo. Então meus avós se ofereceram para levar Roisin para que ela não se atrasasse. Meus pais me levaram ao pronto-socorro, porque acharam que havia algo muito, muito errado comigo. Fui diagnosticada... com birra. Nenhum de nós foi ao espetáculo dela naquela noite. Eles sofreram o acidente no caminho.

— Metade de vocês morreu com ela, e nada foi o mesmo desde então.

— É quase inexplicável para alguém que não compartilha esse tipo de vínculo. Você entende. — Olhei para ele, e mesmo que eu esperasse, ainda me chocou ver seus olhos suavizando um pouco. Então, em um instante, eles endureceram. Eles eram tão duros que quase parecia que ele estava me apedrejando com seus pensamentos.

Abri e fechei as mãos, sentindo-me desconfortável de repente. Frio. Quente. Frio. Quente. Pensei que era o clima, e talvez ter alguém com quem compartilhar esse momento, mas cheguei à conclusão de que era ele. Ele estava me enviando vibrações estranhas.

— Tenho que me apressar agora, Sr. Kelly. Tenha uma boa conversa com seu pai.

— Senhorita Ryan — ele disse, tocando a aba do chapéu, observando-me enquanto eu saía.

Saí dali rapidamente, me sentindo sem fôlego quando cheguei ao meu carro velho. Algo na maneira como ele disse meu nome me levou a acreditar que em sua mente ele estava realmente pensando: *Cuide-se, Srta. Ryan. Vejo você em breve.*

Como diabos ele iria me ver logo quando nem me conhecia? Pisei no acelerador com mais força do que nunca, meu velho carro resfolegando uma reclamação, tentando superar sua memória, mas mesmo depois que cheguei em casa, ainda sentia como se ele estivesse me observando. Ele era tão bonito quanto ameaçador.

Ele vai levar uma flechada na bunda antes de chegar perto de mim ou dos meus.

Então outro pensamento me atingiu, mais forte do que qualquer coisa antes, e eu tive que sentar e recuperar o fôlego.

Por que Roisin enviaria alguém como ele para mim?



CAPÍTULO 3

Keely

Em momentos de completa fraqueza, às vezes, eu conversava com Roisin em minha cabeça. Depois do acidente, quando ela foi arrancada da minha vida, chorei sem parar. Não conseguia parar de chorar. Eu tinha cinco anos e minha melhor amiga no mundo inteiro me deixou sozinha com uma casa cheia de meninos.

Harrison, Lachlan, Declan e Owen.

Apenas doze meses após o nascimento de Owen, as gêmeas, também conhecidas como RoKe, chegaram ao mundo. Na verdade, Roisin e eu sempre irritamos os meninos, mas sempre éramos nós que fazíamos o que quer que fosse contra *eles*.

A morte da minha irmã chegou e, mesmo com cinco anos, eu sabia que uma metade minha havia morrido com ela. E eu a queria desesperadamente de volta. Queria me sentir inteira novamente. Então, comecei a conversar com ela. Recusei-me a deixar que qualquer outra pessoa me ouvisse, então continuei conversando na minha cabeça.

Foi nessa época que minha mãe disse que eu parei de falar. Não me lembro de ter parado. Talvez porque as conversas na minha cabeça com Roisin fossem suficientes. Mas me lembro de ter pedido a ela que

me mandasse outra irmã, outra *ela*, para que a dor em meu coração fosse embora.

Na primavera depois que Roisin me deixou, eu sabia que ela tinha me ouvido.

Estava do lado de fora com Harrison quando vi uma garotinha com uma presilha de borboleta azul no cabelo, parada no quintal de nosso vizinho. Não fazia ideia de que eles tinham filhos, mas Harrison me disse que eles a adotaram. A garotinha estava lá desde dezembro, mas raramente saía de casa.

Jocelyn, que era nossa vizinha, ficou ao lado dela e nos apresentou. Ela chamou a menina de Mariposa, e ela nos disse que, em espanhol, mariposa significava borboleta.

Mariposa balançou a cabeça e disse:

— *Meu nome é Mari.*

Recusei-me a responder, mas ela continuou olhando para mim de qualquer maneira.

— *Quando é seu aniversário?* — ela tentou novamente.

As palavras dela saíram diferentes das minhas e, naquela época, eu não conseguia identificar. Quando fiquei mais velha, percebi que ela tinha sotaque italiano, mas ela estava tentando não transparecer. Jocelyn continuou corrigindo suas palavras quando as dizia em italiano, embora dissesse que Mariposa era fluente em espanhol. Nunca ouvimos ela falar uma palavra em espanhol.

— *Setembro* — Harrison respondeu por mim. — *Quando é o seu?*

— *Outubro* — Mari respondeu.

— *Ah, isso mesmo! Vocês têm apenas duas semanas de diferença!*

— Jocelyn disse, tentando nos aproximar.

— *Você ouviu isso, Kee?* — Harrison me cutucou. — *Você e Mari têm apenas duas semanas de diferença.*

Harrison me disse que meus olhos se levantaram depois, e que segurei a mão de Mari e a arrastei para dentro de nossa casa.

A partir daí, Mariposa Flores passou a ser minha irmã. E foi nessa época que comecei a me tornar o que Mari chamava de “consertadora”. Alguém que tinha que resolver todos os problemas do mundo, sendo “o mundo” minha família. Mari incluída no pacote.

Nunca contei isso a Mari, mas comecei a falar com ela naquele

dia, porque sabia que Roisin a havia enviado para mim. Para ser minha irmã do coração. Eu era dois minutos mais velha que Roisin. E quando Jocelyn anunciou que Mari e eu estávamos separadas por apenas duas semanas, em meu coração sabia que Mari tinha vindo morar em Staten Island porque eu precisava dela.

Acabou que ela precisava de mim também.

Seus pais morreram em um acidente de carro quando ela tinha cinco anos, e ela foi morar com Jocelyn e seu pai, que todos na vizinhança chamavam de Velho Gianelli. O velho Gianelli morreu em algum lugar naquela época, e então Jocelyn morreu quando Mari tinha dez anos. Depois disso, não havia ninguém para cuidar dela, então o estado a colocou em um orfanato.

Mais uma vez, metade de mim pareceu desaparecer. Então comecei a prender a respiração novamente. Recusei-me a parar a menos que mamãe a encontrasse.

Prendi a respiração e perdi minha irmã. Talvez se eu prendesse a respiração novamente, Mari voltaria. Ela o fez.

Minha mãe a encontrou.

Na maioria das vezes, porém, minha mãe tentava nos manter separadas. Ela estava preocupada que eu estivesse usando Mari para substituir Roisin, e não gostou disso. Ela disse que partiu seu coração por eu ter encontrado uma substituta para minha irmã gêmea. Mesmo com o passar dos anos, mamãe ainda mantinha Mari à distância. Dizia que Mari era problema, e que ela iria trazê-lo à nossa porta. As folhas de chá revelaram isso a ela.

Problema ou não, e mesmo que mamãe nunca pudesse entender, Mari sempre seria a irmã do meu coração.

Nenhum de nós jamais contou a Mari sobre Roisin, no entanto. Eu não queria. Estava preocupada que Mari pensasse que eu estava tentando substituir minha irmã, e que acabaria duvidando que o que compartilhávamos fosse verdade.

Mari tinha problemas com gentileza, mas de alguma forma, ela aceitou isso de mim. Na maioria das vezes. Eu sabia que havia uma história ali, sobre o porquê ela rejeitava isso com tanta veemência, mas o que era bonito sobre mim e Mari — éramos boas em guardar nossos segredos, porém, eles nunca nos separaram.

Muito tempo depois que Mari entrou na minha vida, as

conversas mentais com minha irmã acabaram, mas de vez em quando, quando a vida parecia extremamente difícil, nós as retomávamos.

Em um momento de incerteza, depois que mamãe disse que leu algo nas folhas, pedi a Roisin que trouxesse o homem certo para mim. Eu disse a ela que quando ele chegasse, eu saberia que ela o havia enviado, porque entenderia minha perda, minha dor, de alguma forma. Ele me *sentiria*.

Se Roisin havia enviado o Sr. Kelly à minha porta, eu não fazia ideia do porquê. *Por que ele?* Por que diabos ela me enviaria um homem que me deixou tão incomodada? Quanto mais pensava na maneira como ele me apedrejava com aqueles olhos verdes, mais eu me inclinava a odiá-lo pelo julgamento. Poderia dizer que ele tinha algo em mente, e isso tinha a ver comigo.

Segundas intenções.

Na verdade, esse problema era apenas metade da batalha e me levou à outra. A razão pela qual pedi a Roisin para intervir em primeiro lugar foi porque eu estava começando a engatar um relacionamento sério com um homem, mas meu coração estava falando duas línguas diferentes. Uma voz parecia muito com a da minha mãe. A outra parecia a minha.

Alguns dias, eu sentia que, poderia amá-lo — voz da minha mãe. Outros dias, eu me perguntava onde estava a paixão — minha voz.

Não pude deixar de me perguntar se eu estava muito fodida para realmente dar amor adequadamente e recebê-lo. A minha parte que morreu com minha irmã foi minha capacidade de amar? Ou talvez eu tivesse perdido meu coração, onde o amor deveria habitar.

Eu amava meus pais. Amava meus irmãos. Amava Mari.

Mas homens? Quando chegava a hora de acender a luz do amor, era sempre uma lâmpada queimada. Os homens com quem namorei sempre pareciam iluminar a sala em que estávamos, mas não a mim. Eu não deveria queimar por eles quando eles estavam por perto?

Não podia falar com Mari sobre tudo isso. Mais uma vez, ela não tinha ideia sobre Roisin e já tinha o suficiente acontecendo em sua vida. Meus pensamentos distorcidos sobre o amor eram o menor de seus problemas. Caramba, eles deveriam ter sido os menos importantes para mim, mas Scott meio que caiu na minha vida, e eu o mantive em segredo de todos. Meus pais não sabiam. Nem meus irmãos. E,

novamente, decidi não contar a Mari.

As coisas evoluíram muito rápido com ele, porém, eu me sentia totalmente perdida em um lugar estranho. Se Scott era tão o cara, por que me sentia tão confusa?

Tentei frear um pouco, desacelerar, mas quando ele amava, parecia amar com tudo o que tinha. Sim, amor. Eu o conheci em maio, era dezembro, e ele já havia me dito que me amava. Queria que eu conhecesse sua família. Queria conhecer a minha.

Na teoria, nós dávamos muito certo. Ele era mais velho que eu, mas não tanto assim. Tinha uma carreira e, embora consumisse sua vida, eu respeitava sua motivação. Ele me tratava bem e me respeitava. Mas... eu sempre tinha um “mas” quando pensava sobre todas as coisas que eram certas sobre nós.

Ele era bonito, mas... não era meu tipo usual.

Ele tinha um bom emprego, mas... às vezes, era arrogante demais.

Ele cheirava bem, mas... às vezes, sua colônia me dava dor de cabeça.

Seu toque era bom, mas... nunca parecia que ele está realmente me sentindo. Além do toque físico.

Nunca perdi uma visita a Roisin no mês de dezembro, no dia em que ela foi morta, mas nunca me pareceu tão importante que eu fosse. Talvez fosse porque pensei que Scott iria me pedir em casamento em breve, e queria ver se ela me responderia antes que ele o fizesse. Ela ficou em silêncio todos esses meses desde que perguntei.

Aparentemente, ela pensava que era sensato me enviar um irlandês que me deu calafrios na espinha. Ele apareceu e me fez sentir toda estranha por dentro. Foi uma mistura esquisita de empolgação e medo que senti perto dele — um sentimento que nunca esqueceria, mas não tinha certeza do porquê.

Talvez Roisin o tenha enviado como um exemplo do tipo de cara por quem *não* me apaixonar. Fazia muito mais sentido.

Tive dificuldade em imaginar meus irmãos perto de Scott. Agora, ao redor de Kelly? Era provável que o atacassem ainda na porta. A frase “Irlandês bom de briga” não tinha nada a ver comigo ou com meus familiares. Embora, a julgar pelo tamanho de Kelly e algo sobre o rosto dele, ele também não era avesso a uma boa briga.

Por que eu ainda estava pensando sobre o desgraçado, afinal?

Deveria ter dito a ele para ir para o inferno, mas algo me dizia que ele já tinha estado lá e tinha milhas acumuladas.

Uma batida veio à porta do meu quarto. Antes que eu pudesse responder, Sierra colocou a cabeça para dentro. Ela era minha colega de quarto e, embora fôssemos totalmente o oposto uma da outra, nosso esquema funcionava. Ela pagava o aluguel em dia. Cuidava da própria vida. E, a melhor parte: estava ausente oitenta por cento do tempo.

— Você tem companhia — ela disse.

Balancei a cabeça, pegando a foto que eu e Roisin tiramos em nossa última festa de aniversário juntas e colocando-a de volta na velha caixa de chapéu onde eu a guardava. Sierra geralmente não fazia perguntas, mas vai que ela resolveria começar a bisbilhotar. Se eu não pudesse falar com Mari sobre Roisin, não teria como falar com Sierra sobre ela.

Bem a tempo também, porque Mari assumiu o lugar de Sierra à porta. Como mágica, Mari nunca deixou de me ver no dia em que Roisin morreu. Ela não fazia ideia, mas parecia sentir que algo estava errado comigo naquele dia e fazia um esforço para me ver.

Um enorme sorriso surgiu em meu rosto antes de envolvê-la em um abraço.

— Kee, Kee — Mari disse, sua voz abafada. — Sei que você sentiu minha falta, mas não consigo respirar!

Dei um passo para trás, soltando-a e olhando para minha amiga. Mari era uma das garotas mais bonitas que eu já tinha visto. Tinha cabelo escuro, olhos castanhos e a pele linda. Ela nunca superou o garoto em nosso bairro que tirava sarro de seu nariz, no entanto. Acabou se fixando na única coisa que achava que havia de errado com ela, em vez de tudo que estava certo. O que era tudo.

Mas eu sempre julgava se ela estava bem — porque ela nunca me contava de verdade — pelo seu estado de magreza. Sempre parecia que precisava comer por dias sem parar.

— Não tenho te visto! — comentei, tentando minimizar a preocupação. Era sempre um ponto delicado com ela. — Onde você esteve?

Mari ajustou a velha mochila de couro que carregava para todos os lugares antes de colocar uma mecha solta de cabelo atrás da orelha.

— Aqui e ali. — Ela sorriu.

Entrecerrei os olhos.

— O que você está aprontando?

— Nada!

Apontei para ela.

— Muito rápido! — Ela riu, e isso me fez sorrir.

Sua vida era difícil e, sendo tão obstinada em deixar que as pessoas a ajudassem, ela não sorria ou ria o suficiente. Sua recusa de ajuda realmente me frustrava e me levava às lágrimas de vez em quando.

— Nãooooo — disse, arrastando a palavra. — Não está acontecendo nada. Seu detector de mentira está quebrado. Precisa chamar um faz-tudo para consertar isso.

— Improvável — retruquei, fazendo uma anotação mental para arrancar isso dela mais cedo ou mais tarde. Eu estava apenas aliviada em vê-la. Às vezes ela desaparecia e, quando eu estava perto de ligar para todos os hospitais de Nova York para encontrá-la, ela aparecia. — Onde você esteve?

— Espertinha — ela disse, ajustando a mochila novamente —, você acabou de me perguntar isso. Mas você sabe que tenho feito as mesmas coisas que costumo fazer. Sobreviver. Trabalhar. Sobreviver. Limpar. Repetir a mesma coisa.

— Uhum. — Balancei a cabeça. — O que quer que você esteja fazendo, você sabe que, em algum momento, terá que confessar.

— Em algum momento. — Seu sorriso era intenso. Então ela deu de ombros. — Sempre parece que dou um jeito de vir neste dia, né? É meio estranho. É como se meu ímã interno me trouxesse aqui. Talvez porque Jocelyn e Pops me acolheram nessa época.

— Sim — concordei, virando-me para o outro lado e a caixa de chapéu da minha velha penteadeira. Tinha sido da minha avó. — Talvez seja isso.

— Aonde você está indo? — perguntou, adentrando mais no quarto. — Você está toda arrumada.

— Peguei um turno em um restaurante chique. Um dinheiro extra.

— É sempre bem-vindo — Harrison disse, parando ao lado de Mari.

Observei os dois. Harrison nunca conseguia desviar o olhar de

Mari. Quando vi Mari pela primeira vez, ele também a viu, e, às vezes, era difícil fazer com que ele a deixasse em paz. Eu tinha que fechar a porta do meu quarto para que ele não nos incomodasse quando éramos mais jovens. Ele deu a ela um apelido patético, *Strings*, e a tratava do mesmo jeito que fazia comigo. Como uma irmã.

Às vezes, ele era mais protetor com ela do que comigo. Isso não me incomodava, porque nós dois parecíamos ter um entendimento silencioso. Mari veio até nós por um motivo, depois que Roisin se foi, mesmo que nossa mãe não visse dessa forma. Ela odiava quando Harrison mostrava atenção a Mari, ainda mais do que odiava quando eu o fazia.

— Você trouxe a Mari? — Lancei um olhar furioso a Harrison, e ele retribuiu ao entrecerrar os olhos. Nenhum dos meninos mexia comigo. Eu bateria em todos eles. — Por quê?

Ele deu os ombros.

— Passei no *Home Run* para ver se Mari precisava de uma carona para casa, já que está um frio danado. Ela me disse que estava vindo para cá. Eu também. Aqui estamos.

— Você estava vindo aqui também?

— Sim. — Ele me deu um olhar longo o suficiente para tentar se comunicar silenciosamente: *hoje é um dia difícil para mim também*.

Balancei a cabeça, colocando um cacho selvagem atrás da orelha.

Mari sentou-se na minha cama, enquanto Harrison ficou na porta. Ambos me observavam enquanto eu colocava a caixa de chapéus na prateleira de cima do meu armário, para pegar logo depois meu casaco mais bonito. Era velho e verde-esmeralda, mas cuidei bem dele ao longo dos anos.

— Mari e eu planejamos comer no *Mamma's* — Harrison comentou. — Pensamos que você viria conosco, mas se você tiver que trabalhar, nós te levamos.

— Me levar? — Deslizei o casaco sobre meus ombros. — Se você me levar, quem vai...

— Meu carro quebrou — meu irmão me interrompeu. Ele olhou para Mari antes de me encarar de novo. Ela deve ter notado, porque disse que esperaria por nós na frente.

— Apenas se sente no sofá — eu disse a ela. — Não saia de lá,

entendeu?

Parecia que ela queria discutir, mas, por fim, assentiu. Ela nunca se sentia confortável perto de Sierra. A garota era intimidadora para algumas pessoas, mas Mari agia de forma excepcionalmente cautelosa perto dela.

— Keely — Harrison chamou, trazendo minha atenção de volta para ele. — Meu carro quebrou e não tenho dinheiro para consertá-lo. Ele pifou na sua garagem. Preciso pegar seu carro emprestado por um tempo.

Meu irmão parecia tão cansado. Ele havia se formado em direito com louvor, mas com esse mercado não conseguia emprego. Estava na mesma posição que eu. Mal estávamos pagando nossas contas. Não estávamos em uma situação tão precária quanto Mari, mas também não estávamos longe dela. A diferença entre Mari e nós, porém, era que ela sempre era demitida.

No entanto, a razão pela qual bati o pé e me recusei a ir para a faculdade foi porque eu tinha algo a realizar.

Sempre sonhei em estar na Broadway.

De alguma forma estranha, sempre pensei que era uma espécie de vingança de Roisin. Eu poderia encontrar um milhão de empregos, mas o que eu queria, nunca conseguia. Foi por isso que preendi a respiração naquela noite. Eu queria o que ela tinha.

— Por que você não pediu a Lachlan? — sondei.

— Ele tem trabalho.

— Quem vai...

— Vou te buscar — Harrison me interrompeu. — Que horas?

Joguei as chaves para ele que as pegou no ar.

— Não se preocupe em me buscar. Vou pedir a um amigo do trabalho que me deixe em casa. Você pode me pegar amanhã de manhã. Tenho um turno na *Home Run*.

A verdadeira razão pela qual ele queria pegar meu carro emprestado estava estampada em seu rosto. Ele queria concentrar seus planos em Mari. Em qualquer outro dia, eu teria enchido a paciência dele, mas foi um longo dia.

— Keely — ele murmurou, agarrando meu braço antes que eu saísse do meu quarto. — Ela vem te procurar neste dia todos os anos.

Virei-me para olhar para ele.

— Eu sei — concordei. — Então vamos indo.

— Não. Mari não. Roisin. Eu a sinto perto de você. É... pesado. — Seu olhar procurou o meu. — Ela está preocupada com você. Talvez com todos nós. Mas estou de olho em uma oportunidade que pode valer a pena, Kee. Vou encontrar um cara para falar sobre um trabalho depois de amanhã. Ele entrou em contato comigo. Disse que está procurando um advogado com minhas credenciais. Parece promissor. Talvez ela descanse em paz quando souber que estamos todos bem.

Eu não conseguia falar, então balancei a cabeça, imaginando quanta paz encontraria em Scott esta noite, quando o encontrasse no restaurante para nosso encontro. Já que eu realmente não precisava trabalhar.



Culpei toda a minha situação nas previsões das folhas de chá da minha mãe. Ela sempre afirmou ser capaz de ler aquilo, e meses atrás, quando ela me disse que tinha visto algo grande no meu futuro, uma grande mudança, pensei que queria dizer que eu conseguiria um grande papel na Broadway.

Não recebi nenhuma ligação da Broadway, mas o cara sentado à minha frente, sim.

Eu estava trabalhando em um campo de tiro com arco, num prédio no Brooklyn, quando um grupo de policiais entrou para ter aulas. Nenhum deles poderia atirar uma flecha que valesse a pena, e eu disse isso a eles.

Um dos mais confiantes havia falado:

— Se você puder fazer algo melhor, por favor... — Ele gesticulou para o alvo.

— Seu nome, atirador de elite? — perguntei.

— Scott Stone — respondeu. — Detetive Scott Stone.

Scott e eu éramos mais ou menos da mesma altura, embora ele fosse mais largo, e depois de lançar a ele um olhar com os olhos semicerrados enquanto eu passava, arremessei o chapéu que um de seus amigos ainda usava e preguei-o na tábua. Depois que Scott parou

de rir, ele me disse que me devia uma bebida. A bebida grátis era uma recompensa por uma longa semana, então aceitei o convite. Por mais vergonhoso que fosse admitir, às vezes, eu saía com rapazes apenas pela boa comida e bebida, porque não tinha dinheiro para isso.

Passei um tempo agradável com Scott, no entanto. Ele riu o tempo todo e, quando se desculpou para usar o banheiro, a garota que servia as bebidas me disse que ele era como um daqueles personagens de desenho animado que projetavam corações esbugalhados no lugar dos olhos quando estava focado em mim.

Um ou dois meses depois de começarmos a nos ver, minha mãe ligou e disse que viu um coração em sua xícara. Era para mim. A grande mudança seria o amor. Eu o encontraria cedo, assim como ela. Mas havia um “porém”. Isso aconteceria rápido. E se eu negasse, estaria apenas negando a mim mesma.

— E mais uma coisa — ela disse, antes de encerrar a chamada. — O coração dele está escondido em seu trabalho.

Todos os sinais apontavam para Scott Stone. Seu trabalho era sua amante. Ele me disse isso no primeiro encontro.

Ai, caralho. Que ótimo.

Eu tinha planos. Tinha coisas que queria realizar antes de ser arrebatada. Queria cantar na Broadway. Viajar pelo mundo sem me preocupar de onde viria a grana para bancar tudo isso. Queria ser rainha de um país por um dia, caramba! Ok, talvez não isso, mas ainda assim, eu tinha planos. E em nenhum lugar do meu livreto o amor estava em primeiro lugar no itinerário.

Porque se eu fosse brutalmente honesta comigo mesma, eu só tinha duas coisas a meu favor: os muitos empregos que pareciam cair no meu colo e a esperança resiliente de um dia cantar no palco.

O resto da minha vida? *Merda.*

Mal conseguia pagar o aluguel. Quase não tinha mantimentos na despensa e na geladeira na maior parte do tempo. E eu não tinha ideia do que o amanhã traria — se “quase” se transformaria em “não consegui comprar” e “não tenho nada mesmo”.

Scott estava em um momento diferente de sua vida.

Ele sentia o peso da idade. *Arranjei meu primeiro fio grisalho, provavelmente por causa do estresse do trabalho.*

Ele estava pronto para se estabelecer. *Consigo me ver em um*

relacionamento sério com você. Ter alguns filhos. Você acha que nossos filhos terão cabelos ruivos como os seus?

Ele não gostava de viajar. *Voar me dá vertigem e dirigir por longos períodos me irrita.*

Sempre que transávamos, ele me avisava o que estava prestes a fazer. *Vou entrar.*

Ele não gostava de dançar. *Vertigem novamente. Os giros.*

E ele era uma daquelas pessoas que não ouvia música no carro. *Gosto de pensar ou falar sem ruído de fundo.*

Era por isso que preferia dirigir meu próprio carro. Eu era uma daquelas pessoas que se perdia na paisagem com o rádio ligado e os vidros abaixados. Sua mania de não gostar de ouvir música no carro, a certa altura, me fez pensar que ele não era um detetive, mas talvez um *serial killer*.

Quero dizer, quem não ouve música no carro? Mesmo que seja baixa, de fundo?

Mas — aí estava a questão de novo: nós nos divertíamos a maior parte do tempo. E se minha incapacidade de me comprometer com ele fosse o maior erro da minha vida? Eu sabia que estávamos nos aproximando cada vez mais daquele ponto. Ele queria me levar para a Louisiana com ele, onde morava a maior parte de sua família, depois do Ano-Novo. Depois, havia as perguntas constantes sobre minha forma favorita — *esmeralda, redonda ou oval?*

Mas... eu me contive. Precisava parar de ter tantos momentos “mas” e me concentrar nos “e se”.

E se meu para sempre estivesse sentado bem à minha frente, comendo o resto de seu bife, e eu o deixasse ir porque ele me deu direcionamentos enquanto tocava meu corpo?

Eu sorri, tentando não rir do quão ridículo estava sendo. Talvez deixar isso acontecer, sem pensar muito, tiraria um pouco do fardo dos meus ombros. Talvez eu estivesse me apegando demais porque minha mãe tinha colocado na minha cabeça que era agora ou nunca — não havia tempo para decidir. Como se eu não tivesse escolha no assunto.

Claro que tinha. Era o meu coração. Eu o daria ou não.

Scott pousou o garfo, encontrando meu olhar.

— Você também está apavorada. — Eu estava prestes a tomar um gole da bebida. Com isso, coloquei a taça de volta na mesa.

— Apavorada?

— Com isso — acenou entre nós —, mas não sei por que chamam de “cair de amores”. Cair faz com que pareça descontrolado, uma queda inevitável no chão depois que você flutua. Eu já caí, e é muito bom perder meu coração, Kee.

Um momento se passou entre nós, uma batida, e eu sorri. Então ele fez o mesmo. Antes que eu percebesse, as palavras saíram da minha boca:

— Estou pronta para isso.

Só podia ser isso... Talvez o medo tenha me impedido de sentir todas essas coisas — o que quer que fosse aquilo entre nós.

Scott entendeu. Ele tinha acabado de me dizer isso. Caracas, ele provavelmente tinha dúvidas também, mas o medo não deveria impedir o que parecia certo. O medo não deve impedir a troca de corações. *Dê-me o seu e eu lhe dou o meu.*

Mas e se isso fosse errado?

Simples.

Ele se tornaria uma lição. Um trampolim para algo maior. Essa era a coisa maravilhosa sobre namorar, certo? Você era livre para descobrir o que era certo e o que era errado.

Scott tinha namorado mais do que eu. Ele era mais experiente. Então, talvez ele continuasse pressionando sobre esse lance de amor e casamento porque sabia que estávamos no caminho certo. Eu não era experiente o suficiente para perceber isso. Tempo. Só levaria tempo. E talvez a parte dentro de mim que se desfez de um jeito absurdo, depois que minha irmã morreu, se curasse.

Eu mudaria. Seria mais fácil de ser amada. De conviver.

Eu ficaria feliz comigo mesma. Minha vida seria suficiente.

Um vislumbre do rosto de Kelly entrou em minha mente, mas eu o expulsei — ele não podia roubar o que não estava mais disponível, e isso era mais um dos meus pensamentos.

Roisin estava errada, *e era isso.*



CAPÍTULO 4

Cash

Compartimentalizar era algo em que sempre me sobressaí. Era assim que mantinha as três guerras separadas na minha cabeça. Porque, sem dúvida, elas estavam separadas, embora todas tivessem brotado da mesma semente.

Embora Scott Stone estivesse na minha lista, retomar o território de meu pai era minha prioridade número um. O problema com Stone poderia ferver a fogo brando por um tempo — era o jeito —, mas uma ação era necessária para reivindicar o que era meu por direito quando meu pai foi assassinado.

Hell's Kitchen e suas ruas.

A primeira guerra foi mais ou menos assim: não era segredo quem matou meu pai. Foi um dos homens de Grady, que também trabalhava para uma família italiana. Não era incomum que italianos e irlandeses trabalhassem juntos, então isso por si só não causava preocupação. Foi o fato de Lee Grady ter tentado convencer meu pai a operar com tráfico de drogas antes de sua morte, e a recusa do meu pai em relação a isso.

Ele não queria que as drogas tomassem conta de suas ruas. Ele

tinha um jeito antiquado de fazer as coisas, e isso consistia, principalmente, em manter seus ganhos nas docas. Meu pai sabia que as drogas só levavam a outras coisas e ele se recusava a fazer parte dessa merda.

Então eles o mataram por isso.

Isso abriu espaço para o pai de Lee Grady, Cormick, ocupar o lugar do meu pai. Ele apoiou as ideias do filho, pois era uma maneira segura de ganhar mais dinheiro, especialmente porque o cenário do mundo do crime havia mudado, e outras coisas lucrativas, como drogas, já haviam começado a dominar.

Cormick e Lee enviaram um de seus homens, junto com seu homólogo italiano, um Scarpone, para matar meu pai por conta de sua recusa em aderir ao esquema das drogas. Toda a armação foi feita para parecer uma reunião, mas, na verdade, seria uma carnificina.

E por falar nisso... Os Scarpone eram uma das famílias mais cruéis de Nova York, um dos cinco sindicatos, e ninguém realmente se atrevia a mexer com eles. Arturo Lupo Scarpone, também conhecido como O Rei de Nova York, era o chefe, e ele era um filho da puta perigoso. O boato que corria por aí era que ele mandou matar seu próprio filho, Vittorio. E que a morte do cara não foi limpa ou rápida. Ele teve a garganta cortada. Ninguém poderia provar isso, nem mesmo tentar, mas não era preciso ser um homem inteligente para imaginar.

Arturo valorizava o poder acima da vida de seu filho, o que significava que ele não tinha respeito por nenhuma vida.

Vittorio era considerado não apenas um dos solteiros mais cobiçados de Nova York — ele frequentava os círculos sociais mais poderosos —, mas também era um filho da puta inteligente, e era por isso que, às vezes, o chamavam de Príncipe Maquiavélico de Nova York. Alguns dizem que Arturo se sentiu ameaçado por ele, por sua presença poderosa, e por isso mandou matá-lo. Havia mais na história, porém, e eu sabia que tinha a ver com ordens que não foram cumpridas.

Não muito antes de sair detrás das grades, fui informado sobre uma guerra que estava rolando do lado de fora. Os Scarpone não sabiam quem estava sacaneando com eles, causando conflitos entre as famílias. Até os Fausti estavam envolvidos, e eles raramente se envolviam, a menos que o caos começasse a se formar nas ruas. Eles ficavam fora do caminho, na maioria das vezes, mas se a situação

começasse a feder, eles intervinham e corrigiam os erros da maneira que achavam melhor.

Os Fausti eram os governantes do reino. Quando os impiedosos cometiam erros e ninguém mais podia fazê-los pagar, eram os Fausti que assumiam a tarefa. Mesmo os mais poderosos e de alto escalão possuíam chefes.

Considere os Fausti como Reis da Noite. Eram os animais mais altos da cadeia alimentar. Mas, voltemos à questão em pauta...

Fazia apenas alguns meses desde que esse tigre, eu, fui solto. Tive que esperar meu tempo e fazer a maior parte do trabalho nos bastidores. Todos os homens de meu pai ou juraram aliança com Cormick Grady ou se mudaram de *Hell's Kitchen*, na esperança de honrar meu pai, fazendo o que ele pretendia fazer.

Fazer com que todos neste bairro tivessem uma vida melhor.

Eu não tinha meu irmão ao meu lado, com quem poderia contar, então tornei meu primo, Rafferty "Raff" O'Connor, meu braço direito. Ele não era meu primo sanguíneo. Meu pai se casou com a irmã de seu pai, Molly, depois que nos mudamos da Irlanda para a América quando eu tinha dez anos.

Raff e eu começamos a conversar com algumas de nossas antigas alianças, fazendo amigos novamente e deixando claro que eu iria pegar de volta o que pertencia a Ronan "Maraigh" Kelly, e que agora pertencia por direito ao seu único herdeiro disposto a aceitá-lo.

Eu.

As coisas estavam avançando bem até que o carro de Cormick Grady explodiu em pedacinhos. Uma perna inteira foi encontrada na rua do consultório de seu médico. Nem mesmo todos os homens do Rei conseguiram reconstruir o velho Cormick. Não fui eu, embora desejasse que fosse. Não tinha ido tão longe em estratégia de guerra — embora eles soubessem que eu estava fora da cadeia e que as coisas ficariam interessantes em breve.

O filho de Cormick, Lee, presumiu que fosse eu. Caralho, até eu assumiria que fui o responsável por conta da forma como as coisas aconteceram. Meu pai era conhecido por usar explosivos quando queria enviar uma mensagem — ele me ensinou a arte direitinho.

Lee queria me pegar, ainda mais depois que recuperei *minhas* ruas após a morte de Cormick. Os Scarpone também estavam atrás de

sangue, já que matei um de seus homens.

Porém, mais do que isso, tudo se resumia a dinheiro. Eu estava determinado a lutar na guerra contra as drogas. Queria essa porra fora das minhas ruas. Os negócios prosperariam. As crianças brincariam sem preocupação. As pessoas deste bairro se sentiriam seguras.

Os Grady foram uma das famílias mais selvagens que já comandaram *Hell's Kitchen*. Por causa disso, homens vinham até mim em massa, prontos para começar o trabalho que meu pai nunca conseguiu terminar.

Eu havia assumido o lugar de meu pai, o chefe de uma família irlandesa cheia de conexões e influências, e nenhum sangue foi derramado por mim. *Ainda*. No entanto, podia sentir o cheiro do líquido viscoso chegando.

Hell's Kitchen estava apenas se aquecendo depois de ficar fria por muito tempo.

A segunda guerra era focada: Scott Stone nunca esteve longe da minha mente.

Em geral, nunca tive um problema de verdade com a lei. Era o tipo de coisa que dava certo na vida. Sem os caras maus, não haveria necessidade da lei. Homens como eu deram a eles um propósito.

O propósito de Scott Stone era me pegar.

Tudo bem, mas o problema surgiu quando ele decidiu tornar pessoal sua caçada contra mim. Os Stones eram conhecidos por escolher um alvo e mantê-lo até cair, nunca mais conseguindo se levantar.

À noite, quando Scott ia para casa, distintivo e arma na mesinha lateral, eu sabia que ele ainda pensava em mim. Assim como seu tio em Louisiana, ainda pensava em Luca Fausti, o homem que se tornou seu pior pesadelo.

Eu nunca matei um dos seus, mas meu sangue manchou sua alma à noite. Por que porra de motivo? Talvez porque seu pai nunca conseguiu pegar o meu? Não como ele queria. Fora isso, quem sabe por que uma pessoa se torna um demônio pessoal para outra?

Sim, eu deveria ter feito minha investigação anos atrás sobre os Stone, mas nunca percebi o quão idiota Scott era até que ele começou a ficar na minha cola, não muito antes de meu pai ser assassinado bem na frente dele. Ele sentiu meu cheiro naquela época e se recusou a sair de

sua mente.

Então se tornou pessoal. Ele não me queria atrás das grades por dez anos. Ele me queria em uma jaula pelo resto da vida.

Quanto a mim?

Ele me devia um coração, uma vida, e eu caçaria até que ninguém em seu círculo se sentisse seguro. Roubaria e usurparia até que a pessoa que eu sabia que mais lhe custaria se tornasse minha. E quando ele me visse com ela, aquela expressão, a mesma que vi em seu rosto quando meu pai foi morto, estaria estampada no meu rosto.

Duas guerras imponentes me levaram à guerra de número três: Keely Shea Ryan.

Não tive dúvidas depois de vê-la no cemitério — e várias vezes depois, embora ela não me visse — que de todas as guerras que eu enfrentaria, Keely Ryan seria a mais sangrenta para mim.

Chame isso de intuição do caralho, mas ela era uma garota forte com uma língua afiada, e não parecia saber o significado da frase “recuar”. Embora eu fosse mais alto que ela e muito mais largo, ela ainda disse que queria me dar um soco na cara. Se ela estivesse de posse daquele arco e flecha dela? Eu sabia que era capaz de causar danos físicos. Ela não parecia ter um filtro, tampouco sabia como controlar seu temperamento.

Meses depois de conhecê-la no cemitério, eu a segui, junto com Stone, apenas para ter certeza de que o relacionamento deles estava indo na direção certa. Ele estava tentando encantá-la de todo jeito, e se ela não estivesse caindo em seu feitiço de merda, eu não me chamava Cash. Ela havia se convencido de que estava se apaixonando por ele. Até concordou em visitar a família do filho da puta em Louisiana depois do Ano-Novo.

Ela contou à família uma história fuleira sobre sair em turnê com o pessoal de arco e flecha onde ela trabalhava para que não tivesse que dizer a eles que iria conhecer a família de Stone — um bando coletivo de policiais, exceto por um primo que era bombeiro. Eles o chamavam de ovelha desgarrada da família. (Ha, ha — clichê do caralho.)

Rolou uma briga de namorados depois que a viagem aconteceu, e a impetuosa Keely não pediu a Stone para conhecer sua família em troca. Ela deu a ele uma desculpa ridícula sobre precisar de tempo. Sua

paciência estava se esgotando, e eu sabia que em pouco tempo ele resolveria o problema com as próprias mãos e “acidentalmente” daria um jeito de encontrar um de seus dois irmãos que moravam em Nova York. Os outros dois moravam com os pais dela na Escócia.

Scott não gostava quando não conseguia o que queria, *quando* queria.

Tínhamos isso em comum. Talvez fosse por esse motivo que ele me odiava. Éramos muito parecidos, mas em lados opostos da lei. Os heróis, às vezes, seguiam a linha do vilão para fazer o que era certo, embora Stone não visse dessa forma.

Foi muito mais fácil ligar os pontos depois que contratei o irmão dela, Harrison — ou, como prefiro chamá-lo, Harry Boy —, como meu advogado pessoal. Ele era um cara inteligente, com uma mente afiada, mas com paixonite besta — ele se apaixonou pela melhor amiga de sua irmã, uma pobre garota chamada Mari. Quero dizer “pobre”, literalmente: a garota não tinha qualquer recurso e recusou todas as ofertas de ajuda que Harry Boy ofereceu. Ele não conseguia focar e ficava aéreo por causa dela, então, quando comecei a questioná-lo sobre certos aspectos de sua vida, foi fácil sacar direitinho.

Ele sabia para quem estava trabalhando, mas, mesmo assim, o fez, pensando que poderia convencer Mari de que ele era o homem certo para ela. Eu poderia ter dito a Harry que ele estava desperdiçando seu tempo. Ela o via como um irmão, mas os homens no auge do amor não conseguem enxergar através dos óculos cor-de-rosa que usam.

Por mim, tudo bem. Todas as minhas fichas estavam se encaixando. Tudo o que decidi saquear me pertenceria em breve. Contudo, eu era um filho da puta supersticioso e acreditava em duas coisas: nada é de graça e nada que pareça fácil é assim tão fácil assim.

Uma dessas guerras ia me matar.

Se eu fosse apostar, o golpe fatal viria da ruiva foga — a arqueira. Sua flecha me acertando direto no coração seria a última coisa que eu veria antes que o inferno viesse me buscar. Mas antes que ela reivindicasse meu coração, eu reivindicaria o dela, nem que fosse a última coisa que eu fizesse. E então eu sorriria para Stone enquanto a vida se esvaía do meu corpo

Não havia a menor rixa com Harry Boy ou sua irmã, porém, quando se tratava dos sentimentos de Keely Ryan ou dos meus, ela teria

que lidar com o que a vida estava prestes a lhe dar.

Eu.

Não que isso importasse, mas queria saber o que ganharia com esse acordo unilateral, e esse foi o motivo de nosso encontro no cemitério. Do pouco tempo que passei com ela, eu tinha certeza de duas coisas: ela não se tornaria uma mulher chorosa e não seria tão frágil a ponto de eu temer destruí-la.

Destruir algo menor do que eu não era da minha natureza, nem era minha intenção. Mas eu sabia que ela surtaria pra cacete, e não havia dúvida de que eu teria uma luta feroz em minhas mãos.

O lance sobre as mãos, no entanto, é que, assim como os pés, elas podem ser amarradas e inutilizadas. O homem prestes a entrar em meu escritório poderia muito bem se chamar “*Thread*[1]”. Ele chamou Mari, a garota que ele estava atrás, de Strings, então era até apropriado.

Bem na hora, bateram à porta do meu escritório.

— Entre — falei, sentando-me na minha cadeira.

Ninguém entrava em meu espaço pessoal a menos que fosse convidado. Eu tinha confiado completamente em duas pessoas neste mundo, meu pai e meu irmão. Meu pai se foi, e de certa forma meu irmão também. Portanto, não confiava em ninguém. O que me levou a tocar na arma que mantinha por perto, presa abaixo da mesa, e pronta em caso de necessidade.

— Chefe — Harry Boy disse, entrando. — Raff falou que você queria me ver.

Eu o encarei da cabeça aos pés antes de convidá-lo a se sentar. O dinheiro que ele estava ganhando trabalhando para mim estava servindo muito bem para ele. Ele abandonou as camisas de flanela e os jeans — esse traje não combinava comigo, mesmo que meu negócio não fosse convencional —, e começou a mandar confeccionar seus ternos sob medida. Eu conhecia um cara que conhecia um cara. Harry Boy estava barbeado e usava uma colônia sofisticada em vez de algo comprado em uma farmácia. Ele tinha respeito pelo trabalho, por seu propósito, atitude que eu encorajava em todos os meus homens.

— Sente-se — instruí, apontando para um dos dois assentos vagos diante da minha mesa.

Ele alinhou o terno antes de se sentar, olhou para mim, e eu o encarei.

— Você se encontrou com Rocco Fausti? — comecei.

— Hoje. Tudo parece bem com seus investimentos.

Rocco Fausti era filho de Luca Fausti, um dos homens mais perigosos da família Fausti. Rocco e seus irmãos se tornavam mais perigosos ainda se você os contrariasse ou a qualquer um que eles considerassem deles. No entanto, se você queria que alguém triplicasse seu dinheiro — ou até mais —, Rocco tinha uma mente brilhante para isso. Meu pai gostava de dizer que podia transformar um centavo em um milhão de dólares.

Houve uma razão pela qual enviei Harry Boy para a reunião com Rocco. Mesmo que a família Fausti se mantivesse fora de assuntos de negócios que não lhes diziam respeito, caso surgissem guerras entre as famílias ou novos líderes tentassem fazer um nome, esse tipo de coisa, eles mantinham o controle da situação.

Eu estava mandando uma mensagem para Rocco: *Não precisa me manter sob vigilância. Eu tenho as coisas sob controle. Tenho até um advogado que está lidando com as minhas merdas juridicamente.*

Havia várias guerras acontecendo — ou era apenas uma? —, e ninguém sabia quem as estava iniciando. Todas as cinco famílias estavam culpando umas às outras. No fim das contas? Um beco sem saída. Então, todos presumiram que aquele que originalmente acusaram havia cometido o crime contra eles.

Meu instinto me dizia que alguém estava começando essa treta entre eles de propósito. Quem quer que tenha me feito um “favor”, matando Cormick, viria em busca de retribuição na forma de um favor mais cedo ou mais tarde. E quem quer que tenha matado Cormick, o fez por uma simples razão: favores eram altamente valorizados nesta vida. Era bom manter as cartas sob as mangas, prontas a serem usadas quando surgisse uma ocasião do tipo “tirar a pessoa da cadeia” surgisse.

Quem matou Cormick estava acima da média, no entanto. Ele fez com que o crime parecesse que havia sido cometido por mim. O que também significava que ele estava caçando confusão comigo também. Um homem deve matar quando deve, e nunca tirei uma vida que não merecesse, mas quem quer que tenha matado Cormick Grady estabeleceu minha guerra em seus termos.

Harry Boy pigarreou e percebi que estava olhando para ele.

Sentei-me um pouco para frente, colocando as mãos sobre a mesa.

— Estou satisfeito com o trabalho que você está fazendo.

— Faço meu melhor. — Ele sorriu.

— Isso você faz — balancei a cabeça —, mas é o seguinte, Harry Boy. Meu pai sempre sentiu a necessidade de conhecer as famílias de seus funcionários. Estou mantendo essa tradição. Isso torna as coisas mais pessoais. Você entende.

— Entendo — assentiu —, mas minha família...

— Sua mãe e seu pai vivem na Escócia agora. Seus dois irmãos estão lá com eles. Chegaremos a eles mais tarde. — Acenei com a mão de maneira desdenhosa. — Você tem um irmão aqui.

— E uma irmã — acrescentou, balançando a cabeça antes mesmo que eu pudesse terminar.

— E uma irmã. — Eu sorri. — Gostaria que você marcasse uma reunião. Podemos jantar.

Seus olhos se estreitaram por um instante.

— Meu irmão...

— Está fora da cidade — interrompi.

Harry Boy ficou calado por um momento, antes de assentir.

— Minha irmã... — ele fez uma pausa — está trabalhando em uma feira neste fim de semana. Você pode até gostar. É uma feira medieval escocesa, realizada no interior do estado de Nova York. Keely... minha irmã... é sensacional com um arco e flecha. Vai demonstrar como realmente se atira uma flecha.

— Ela vai fazer uma demonstração? — minhas palavras saíram meio arrastadas. — Interessante.

Harry Boy se iluminou.

— Sim, ela é... é difícil explicar o quão precisa é. Ela é muito boa e gosta disso, mas quer muito conseguir um papel em uma peça da Broadway.

— Excelente.

— Poderíamos nos encontrar na feira.

Entreguei a ele um pedaço de papel e uma caneta.

— Anote as informações. Data e hora.

Ele pegou a caneta e o papel, começando a rabiscar as informações que eu já tinha.

— Nunca é cedo demais para conhecer a família — comentei. —

Isso cria um vínculo mais forte. E este negócio? É voltado para a família.

Ele olhou para mim e sorriu, então deslizou o papel na minha direção.

— Claro que sim.

Bom menino.

— Aproveitando que está aqui... — Abri a gaveta da mesa, vasculhando o conteúdo. Quando encontrei o que procurava, joguei para Harry Boy. Ele pegou as chaves com uma mão. — Como eu disse, aprecio sua ética de trabalho. Pense no carro como um bônus. Ele ronrona bonito para sua idade. Está aí um Dodge Charger 69, totalmente restaurado. — Ele fez menção de me devolver as chaves, mas levantei a mão. — Uma coisa sobre mim, Harry Boy... uma vez que tomo uma decisão, está feito. Se me devolver as chaves, é o mesmo que me insultar. Então, temos um problema. Você não quer um problema comigo, não é?

— Não. — Ele pigarreou de leve e ergueu as chaves. — Muito obrigado, chefe.

— Você fez por merecer. Agora, volte ao trabalho. — Dispensei-o com a mão. — Vejo você e sua irmã na feira.

[1] (N.T.) Thread em inglês significa “Fio” ou “Linha”, e a relação ao apelido dado a Mari, Strings (Cordas), faz sentido no idioma original e não no português.



CAPÍTULO 5

Cash

Raff anunciou que eu tinha companhia antes de partir para a feira.

Rocco Fausti se levantou de seu assento na sala de espera, endireitando seu terno caro. Em seguida, acenou para mim.

— Cashel.

Ninguém me chamava de Cashel, exceto minha família, já que minha mãe supostamente escolheu o nome, mas por respeito a Rocco e sua família, nunca o corriji.

Estendi a mão e nos cumprimentamos.

— A que devo a honra?

Ele me olhou da cabeça aos pés.

— Percebo que você estava de saída.

Era perceptível. Eu estava vestido à paisana — sem um terno —, e sempre que nosso círculo se reunia, usávamos roupas que mostravam respeito ao trabalho e a nós como homens. Simbolizava que sabíamos nosso valor em um mundo em que lutamos muito para viver.

Em vez de abordar minha escolha de roupa, porém, convidei-o para entrar em meu escritório. Se os Fausti saíam da toca, era porque o

motivo era profissional, mas sempre que um deles estava por perto, eu sempre sentia o latejar constante no pescoço, um formigamento, como uma espécie de advertência.

Isso não poderia ser enfatizado o suficiente:

Você. Não. Os. Quer. Como. Inimigos. Ponto.

Muitos tentaram, e nunca mais se ouviu falar deles.

— Você primeiro. — Rocco apontou para a porta do meu escritório.

Eles nunca andavam na frente, sempre atrás. Não porque também não se considerassem o topo da cadeia alimentar. Era porque homens como eles, como *eu*, conheciam a sensação daquele estranho formigamento.

Ele aceitou um copo de uísque fino e então se acomodou em seu assento à minha frente.

— Conte-me sobre sua formatura. — Eu sorri para ele.

— Foi excelente. Simplesmente ótimo. Melhor educação que a vida pode pagar. — Bati com força na mesa uma vez com o nódulo do dedo. — Sou oficialmente um graduado da escola de golpes duros.

Ele ergueu o copo para mim e tomou um gole. Depois que a ardência amenizou, ele colocou o copo na minha mesa.

— Não vou te segurar por muito tempo. Você foi educado demais para me dizer que estava de saída, então serei breve.

— Não se apresse por minha causa. Eu tenho tempo.

Ele assentiu.

— Não tem havido muito barulho deste lado.

— Não — eu disse. — Parece que caiu bem na palma da minha mão. No entanto — levantei um dedo e então tomei um gole do meu próprio copo de uísque —, eu sei o que está por vir.

— Um homem sábio avaliaria suas chances antes de ir para a batalha.

— Dez a um. — Sorri.

— Ah... — ele disse, pegando o copo novamente. — Vou te dar chances melhores do que isso. Meu avô e meu pai gostavam de seu pai. Se você seguir os passos dele, posso garantir que o mesmo apreço será transmitido a você também. Você terá sucesso onde seu pai não conseguiu.

Levantei meu copo.

— Isso significa muito para mim. — Brindamos antes de acabar com o restante do líquido. Em seguida, coloquei o copo vazio sobre a mesa. — Tenho toda a intenção de seguir os passos do meu pai. Esta área era o seu coração. Seu legado viverá.

— Falou como um verdadeiro poeta e um bom filho. — Rocco sorriu. Então, ele enfiou a mão no bolso e me entregou um cartão dourado com rabiscos pretos.

Você me deve. Mac

O cartão deslizou naturalmente entre meu indicador e o dedo médio, e eu os levantei para que o cartão ficasse voltado para ele. Eu disse uma palavra.

— Cormick. — Ele assentiu.

— É sempre bom ter um aliado em tempos de guerra.

Rompendo o contato visual, encarei o cartão por mais um instante.

— Um a quem devo um favor. — Então encontrei seu olhar novamente.

Ele deu de ombros.

— Negócio é negócio. Faremos o que for preciso para fechar o acordo.

— Para protegê-lo — eu disse.

— Nem aqui nem lá. Tenha certeza. As intenções dele correm paralelas às suas, desde que suas intenções permaneçam fiéis ao curso.

Nem sempre tudo o que foi dito neste negócio fazia a diferença — foi a maneira *como* foi dito. Os Fausti podiam ser francos se quisessem, mas a arte da sutileza corria em seu sangue como um DNA único.

As palavras de Rocco foram traduzidas: *Contanto que você não nos foda, e quem quer que seja esse Mac, ele vai jogar bem com você. Vamos jogar bem com você.*

Mac estava me oferecendo uma maneira mais fácil de circular, o que significava que os Fausti, junto com quem quer que fosse esse Mac, me queriam onde eu estava. Mas a pergunta ainda permanecia: por quê? Sabia que não devia fazer uma pergunta idiota que ficaria sem resposta de qualquer maneira.

Sim, crianças, existe uma pergunta estúpida.

Rocco deslizou outro cartão para mim.

— Você ganhou seu diploma, Kelly. Já faz um tempo desde que você viu a cidade. O jantar é por minha conta.

Macchiavello's. Ouvi dizer que era o novo restaurante “point” da cidade. Ternos e vestidos elegantes da alta sociedade circulavam por lá. O mesmo aconteceu com muitos homens que tinham várias posições em várias famílias conectadas. Os rumores eram que o bife era tão caro quanto um rim, mas valia a pena.

Levantei o cartão.

— Vou experimentar o bife.

— Excelente escolha. Eles também fazem o melhor *à moda da casa* da cidade. — Balancei a cabeça.

— Devidamente anotado. — Levantei o cartão novamente. — Aprecio isso.

Rocco se levantou, arrumando seu terno enquanto o fazia. Levantei-me logo depois e estendi a mão. Nós nos cumprimentamos novamente, e foi tão bom quanto ele se inclinar sobre a mesa e beijar cada uma das minhas bochechas. Então, gesticulou em direção à porta, convidando-me a deixar meu escritório primeiro.

Assim que saímos e ele estava prestes a sentar no banco do motorista de seu carro luxuoso de quinhentos mil dólares, eu o parei.

— Mac — eu disse. — Alguma marca distintiva que eu deva saber?

Rocco sorriu para mim, deslizando os óculos escuros sobre os olhos.

— Se eu te disser, vai acabar com a diversão.

— Sou um homem chato — afirmei. — Sou alérgico à diversão. Isso me deixa em choque anafilático.

Ele riu, deixando à mostra seus dentes brancos e brilhantes, enquanto entrava no carro e partia.



— Cash — Raff disse, olhando ao redor. — Onde diabos estamos? Isso é algum tipo de piada?

— Você sabe o que é uma piada? — Dei-lhe um tapa na nuca. —

Sempre que você xinga, de repente surge um sotaque irlandês.

— Isso é porque eu *sou* irlandês!

— Irlandês de meio-período. No resto do tempo, você é um nova-iorquino com sotaque de nova-iorquino.

— Não tenho culpa que meus pais imigraram para cá antes de eu nascer. E não é minha culpa que a única vez que meu lado irlandês desponta é quando xingo. — Ele olhou em volta novamente, acenando para uma família vestida com trajes escoceses antigos. — Essas pessoas não receberam a porra do memorando? A era medieval acabou. O século XXI está em voga. Preferimos remédios modernos e macarrão com queijo embalado. Diga-me que eles têm cerveja. Ou temos que beber sidra?

— Você bebe demais, independentemente do nome.

Ele se virou, andando para trás, de braços abertos.

— E você me acusa de não ser irlandês em tempo integral! — Sacudiu as sobrelombas para duas mulheres passando por ele. — Diga a ele, senhoras. Não há nada de errado em beber de vez em quando. E se for com uma mulher bonita, ou duas, é considerado socialização, certo?

Ambas sorriram, e ele interpretou isso como um convite para envolver um braço em volta dos ombros de cada uma, dando um saltinho antes de sair com elas.

Sortudo galanteador de merda.

Fui na direção do torrador de nozes. Foi lá que Harry Boy disse que estaria me esperando no horário combinado. Talvez ele tenha escolhido a barraca de nozes porque estava ocupado levando um chute nas bolas por causa da garota chamada Mari.

Ela estava trabalhando em uma das barracas de comida, vestida com roupas *vintage* da época, exceto pelos chinelos de plástico nos pés sujos. Era difícil não notar a garota. Ela me fez lembrar de uma jovem rainha em uma pintura a óleo — havia algo régio nela.

Parei, dando um passo para o lado do tráfego de pedestres em constante movimento.

Porra. O rosto dela. Ou ela havia plantado o rosto ou alguém a havia usado como um saco de pancadas.

Encontrei Harry Boy comendo amêndoas torradas com canela e açúcar, observando Mari servir a comida. Estudei a reação do rapaz à

presença dela por um minuto. Quando ela tocava um ponto do rosto que devia estar dolorido e estremecia, o maxilar dele se contraía. Eu não estava me envolvendo em seus assuntos pessoais, mas estava curioso para saber como ele lidaria com isso.

No entanto, ele provou para mim que tipo de homem era. Ele mataria o bastardo que fez isso no rosto dela? Não era difícil dizer quando um homem deixava aquele tipo de marca em uma mulher. Se fosse minha mulher, eu mataria um filho da puta por muito menos que isso.

Harry Boy se endireitou quando notou minha presença e estendeu a mão para um cumprimento.

— O dia está ótimo para estar ao ar livre — ele comentou.

— Sim — concordei. — O tempo está ficando mais quente.

Mesmo que olhasse para mim, eu poderia dizer que estava ansioso para olhar para ela novamente.

— Sua garota — afirmei. — Ela teve um encontro com o chão, ou alguém fez isso com ela?

— Minha garota?

Gesticulei a cabeça em sua direção.

— Aquela que você fica olhando.

— Você notou isso?

— Eu noto tudo.

Ele assentiu, jogando fora o resto de suas bolas.

— Ela é a melhor amiga da minha irmã. Mari Flores. Todos nós crescemos juntos em Staten Island. Minha irmã contou que o senhorio caloteiro fez isso com ela. Ele é um idiota do caralho.

Então, ele realmente olhou para mim, para minhas roupas casuais. Ele nunca tinha me visto sem terno.

— Harri... — Keely parou quando me notou parado ali.

Em menos de um segundo, suas sobrancelhas se ergueram e seus olhos entrecerraram. Nesta luz, eles eram de um azul puro. Talvez fosse mais fácil compará-los com o céu ou com a água, mas o céu era tudo em que eu conseguia pensar — um azul conhecido apenas pelo céu. Pacífico. Seu cabelo ruivo selvagem fazia a cor parecer ainda mais brilhante.

Keely Shea Ryan era uma mulher linda. Celestial, na verdade. No entanto, também não havia dúvida de que ela tinha uma língua feita no

inferno. E o temperamento combinava com o cabelo.

— Você — ela disse, e não em um tom muito agradável.

Caralho, eu poderia ligar para essa porra ou não?

— Kee, este é *meu* chefe — Harrison comentou, aprumando a postura.

Ele estava chateado com a forma como ela tinha falado comigo. Não queria perder o emprego. Ou sofrer algo pior.

Harry sabia que eu era um filho da puta irritadiço, que não tolerava muita coisa. Eu podia ter acabado de sair da prisão, mas ainda era conhecido nas ruas. Era difícil esquecer um homem chamado de “o saqueador”: um homem que sempre pegava o que queria, e que não dava a mínima para as consequências.

— Sr. Kelly — Harrison continuou —, esta é minha irmã, Keely Ryan.

Keely Ryan parecia tão ridícula em suas roupas *vintage* que um sorriso que eu sabia que a irritava se alastrou em meu rosto. Um longo cacho se soltou da coroa de plástico que adornava seu cabelo ruivo, e ela o soprou para longe do olho com um suspiro áspero. O cacho mal se moveu, e ela o golpeou.

— Nós nos conhecemos — ela comentou, estreitando os olhos ainda mais.

Seus olhos eram exatamente como eu imaginava que seriam os portões do céu: estreitos em uma fenda para homens como eu.

— Bom saber que você tem uma boa memória — comentei.

— Ah, é *excelente*, Sr. Kelly.

— Keely.

Ergui a mão, impedindo Harrison para seja lá o que ele queria dizer. Ele estava tentando comunicar através dos olhos semicerrados que a irmã estava sendo rude com seu chefe. Era algo que Killian teria feito comigo. Boas maneiras nunca foram um ponto forte meu, no entanto.

— Pode me chamar de Cash — eu disse. — Pulamos essa parte no cemitério.

— Você estava muito ocupado assustando as pessoas, é por isso que pulamos essa parte.

— Eu não estava tentando ser silencioso. Você viu meus pés.

Ela olhou para baixo e então seu olhar se levantou, flagrando

meu sorriso; a testa dela franziu na mesma hora. Um rubor subiu por seu pescoço e inundou suas bochechas de vermelho.

— Eles são grandes e não tem vergonha disso. — Pisquei. — Você estava perdida em pensamentos, por isso que não me ouviu.

— Cemitério? — Harry Boy indagou, seu olhar intercalando entre nós dois. — Vocês se conheceram no cemitério? Quando foi isso, Kee?

— Quando fui visitar Roisin no dia do aniversário de sua morte. — Ela olhou para ele. — Seu *chefe* me deu um susto do cacete.

— Não era o chefe dele na época — comentei. — E nosso encontro foi por acaso.

— Acaso — ela repetiu, como se não acreditasse em mim.

Bom. Ela não deveria acreditar mesmo. Meus sentimentos me diziam que ela sabia disso. Algo também me disse que ela pensou em mim desde então. E a garota detestava isso. Detestava que eu tivesse de alguma forma entrado em sua mente, vasculhando seus pensamentos em busca dos mais valiosos e saqueando as coisas que ela lutou para manter — seu tempo e atenção, duas das coisas mais valiosas para uma pessoa.

Vi o jeito que ela era com Stone. Entediada. E ele não tinha nada em seus olhos além de corações flutuantes quando olhava para ela. Havia algo estranho em toda a situação. Porque ela estava se contentando com alguém que não fazia nada por ela era um mistério. Mas quando ela estava perto dele, desempenhava bem o seu papel. Ela queria ser atriz na Broadway. Atuava a cada segundo que eles estavam juntos.

Sua... suavidade quando se tratava dele funcionava bem para mim até certo ponto, embora eu soubesse que quando pressionada — e ela seria em breve — isso só a deixaria mais dura e mais determinada a enfrentar esse lance em relação a Stone. Como uma criança.

Pena que eu me recusava a considerar a noção de psicologia reversa, ou isso poderia ser fácil pra caralho. Harry Boy pigarreou e percebi que a arqueira e eu estávamos nos encarando.

“Encarando” era eufemismo. Ela estava mirando flechas na minha cabeça através de ondas telepáticas.

— Você parece ter uma forte antipatia por mim, Srta. Ryan — eu disse. — Não sabia que tinha te deixado tão perturbada assim no

cemitério. Da próxima vez que eu passar, vou cantar uma música.

— Ah, que fofo. Um irlandês que sabe cantar! — Ela fez um resmungo que não escondia a raiva. Seu pescoço estava manchado de vermelho, assim como as bochechas. — Não te conheço o suficiente para não gostar de você, mas isso nunca me impediu antes. Não gosto do cheiro de merda que paira ao seu redor quando você chega perto...

— Keely — Harry Boy a interrompeu. Mas não foi áspero. Ele tinha mais medo dela do que de mim.

— Não me venha com de “Keely” — ela ralhou. — Há algo de errado com esse cara. Ele é todo charmoso quando você o convida para sua casa, até que ele fique à espreita e volte mais tarde para roubar.

— É por isso que me chamam de “predador”, ou “saqueador” nas ruas. Eu pego o que eu quiser.

Pronto, aí está. Interprete como quiser.

O silêncio se prolongou por um tempo.

Então, de repente, ela soltou uma mecha de cabelo, colocando as mãos nos quadris delicados. Se fossem curvas sinuosas, seriam rotuladas como mortais.

— Não tenho tempo para isso! — ela sibilou.

Então, se virou para um homem que vinha em sua direção com um arco e uma aljava cheia de flechas. As penas das flechas eram todas verdes em um tom bem intenso. A cor pairava ao seu redor, como fazia com as flechas.

— Hora de começar — o homem a avisou.

Ela colocou a aljava nas costas e pegou o arco como se fosse um brinquedo. Lançou-me um último olhar mordaz antes de se virar para ir embora.

Eu a observei se afastar, admirando sua bunda. Eu já tinha visto uma noite enquanto Scott Stone a fodia contra a janela em seu apartamento. As cortinas haviam sido puxadas para o lado, e era uma visão deslumbrante, como a lua cheia em uma noite escura.

— O que você pensa que está fazendo? — Ela parou abruptamente quando a alcancei um segundo depois.

Os tambores escoceses começaram a tocar ao fundo, e eu sabia que o que quer que ela estivesse prestes a fazer seria bom. Eu queria vê-la neste cenário, fazendo aquelas flechas voarem com precisão.

— Andando.

— Por que ao meu lado?

— Porque eu posso.

Ela abriu a boca, prestes a retrucar. Então, respirou fundo.

— Este é um lugar enorme — falou. — Há muito espaço para você andar do outro lado do campo.

— Prefiro caminhar ao seu lado, a julgar pela forma como você está equipada. — Acenei para seu armamento.

— Por quê? Muita gente quer matar você?

— Nós dois sabemos que isso é verdade.

Ela acenou com a cabeça, como se fosse viável acreditar nisso. Então deu um passo para mais perto de mim. Keely era alta para uma mulher, mas ainda tinha que levantar a cabeça para olhar para mim.

— Escuta, Cash. Você pode ter enganado meu irmão com todas as suas coisas brilhantes, mas não me engana. No instante em que nos encontramos naquele cemitério, eu sabia que você não estava tramando nada de bom. Não sou uma garotinha. Não me entrego a fantasias, príncipes e princesas e toda essa merda de conto de fadas. E não acredito em porras de acasos. Homens como você não aparecem do nada. Você planeja. Esquematiza. Saqueia. Como um predador. Você me conheceu no cemitério. Então, contratou meu irmão. E agora está aqui. Qualquer que seja esse interesse — ela fez um gesto entre nós —, pare agora.

Recusei-me a esconder meu sorriso. Ela estava pensando em mim. Nenhuma mulher chegava a todas essas conclusões se não estivesse pensando nisso. Seus pensamentos estavam focados em mim. Devo ter causado alguma impressão no cemitério.

O coração de Stone era tão bom quanto o meu.



Observei enquanto ela se afastava, sabendo que a havia perturbado um pouco. Uma mulher como ela não era facilmente abalada e, mais tarde, seria uma bênção e uma maldição.

Mais tarde.

Pense sobre a maldição mais tarde. Lide com isso na hora certa.

Meus olhos a seguiram enquanto ela se perdia na multidão que cercava a competição de arco e flecha. Essas pessoas eram novatas, todas experimentando um esporte antigo. Percebi que eram todos homens. O último havia acabado de disparar sua flecha, acertando o alvo. Quando a multidão aplaudiu, ele ergueu o arco, aplaudindo com eles.

Fiquei para trás, cruzando os braços, em uma posição mais confortável.

— O que estamos olhando? — Raff perguntou, mastigando nozes.

O barulho irritante me deixava louco da vida. Ouvir as pessoas mastigando me irritava como unhas sendo arrastadas em um quadro-negro. Ele parou quando percebeu o jeito que eu estava olhando para ele.

— Você tem problemas, Cash.

— Sim — afirmei. — E matar homens que mastigam desse jeito barulhento é um deles.

Ele foi abrir a boca novamente, mas eu levantei a mão, entrecerrando os olhos.

Alguém deve ter dado à arqueira uma capa que cobria seu cabelo e sua aljava. Ela passou por entre as pessoas, abrindo caminho para a frente da multidão. Era alta o suficiente para fazer as pessoas saírem de seu caminho com facilidade. Uma mulher intensa pra caralho. O tipo de mulher que eu sempre disse que tinha bons ossos.

O mestre de cerimônias dos jogos de tiro com arco anunciou o vencedor, erguendo braço, enquanto a multidão rugia em aplausos. Depois de um segundo, o homem gesticulou para que a multidão se acalmasse.

— Scotty Campbell! — ele anunciou. — Você ganhou o maior dos prêmios!

Seus olhos examinaram a multidão até encontrar o arqueiro. A multidão inteira parecia seguir seu olhar, todas as cabeças se voltando para ela.

— Maeve... — Antes que ele pudesse terminar de dizer seu nome falso, ela jogou a capa no chão, revelando seu equipamento, e começou a acertar cada um dos alvos dos competidores.

Ela abriu caminho, acertando o centro do alvo onde os

competidores não haviam acertado, e quando chegou ao tiro premiado de Scotty Campbell, seus olhos se estreitaram ainda mais quando ela puxou o arco. Com um suspiro coletivo da multidão, ela soltou a flecha. Com o impacto, penetrou diretamente na outra flecha de madeira, partindo-a ao meio. O tiro de Robin Hood. Algumas pessoas chamavam isso de tiro que acontece uma única vez na vida.

— Puta que pariu — Raff assobiou.

A multidão ficou em silêncio, sem saber para onde olhar por mais tempo, para o tiro perfeito ou para ela. Ela se virou para o mestre de cerimônias e Campbell e, sem vacilar, disse:

— Sou a única autorizada a escolher meu marido!

A multidão rugiu novamente, e o cerimonialista bagunçou o cabelo ralo de Campbell enquanto gritava junto com eles.

— Isso deve ferir seu orgulho — Raff disse, cerrando a mão em um punho para não perder as malditas castanhas. — Ela é selvagem, cara. Verdadeiramente selvagem. Não sabia que as feministas eram abundantes nos tempos medievais.

A arqueira virou aqueles olhos celestiais para mim mais uma vez, tão estreitos como sempre, e não foi difícil imaginar as flechas protegendo os portões do céu perfurando meu coração, e enviando minha alma para o inferno. Como prêmio, ela roubaria a cor dos meus olhos e os usaria como penas em suas flechas.



CAPÍTULO 6

Keely

No retorno da feira para casa, me perguntei se havia uma maneira de clarear a cabeça. Fazer um daqueles *detox* que todo mundo adora, mas em vez de fazer isso pelo meu corpo, fazer pelo bem-estar da minha mente.

Porque quando um saqueador irlandês irritante, provavelmente maluco, entrava no meu cérebro, era quase impossível tirá-lo de lá. Ele continuou pilhando, pegando o que queria — meu tempo e atenção.

Recuso-me a ceder. *Ainda.*

Já era. Meu tempo e atenção se foram diretamente para ele.

Mesmo naquele momento, eu ainda pensava nele e no que havia acontecido na feira. Minha reação me pegou de surpresa. Assim que coloquei os olhos nele, senti como se minha respiração tivesse sido arrancada dos pulmões. O homem estava incrível pra cacete em uma camiseta e jeans, tão bem quanto ficava em um terno.

Para alguém que provavelmente foi criado no inferno, ele era o paraíso para os olhos.

Seus olhos eram verdes; a íris cercada por um círculo grosso e preto. Isso o fazia parecer perverso. E, pela primeira vez, notei uma

tatuagem em seu pescoço: um tigre com olhos da mesma cor. A gola do casaco o havia escondido quando nos encontramos no cemitério. Estendia-se debaixo da orelha até o final do pescoço, terminando logo acima da clavícula. Parecia que ia sair de sua pele e me devorar. O calor subiu pelo meu pescoço ao pensar nisso. *Pense em outra coisa. Qualquer outra coisa.*

Acaso. Essa foi a palavra que ele usou para descrever nosso encontro no cemitério, e ele disse isso com aquela suave e lírica cadência irlandesa.

Acaso, o caralho. Mesmo em um lugar tão morto, ele era uma força vital. Seus movimentos foram calculados e feitos com propósito.

Sim, tecnicamente não estava pensando em outra coisa, mas eu não conseguia parar.

Sempre voltava ao nosso encontro no cemitério. Algo estava me incomodando, sobre isso, e eu não conseguia descobrir o que poderia ser. Não até que me ocorreu na feira: isso era Nova York. Se você conheceu alguém duas vezes, provavelmente, havia mais do que isso. Então, quando Cash apareceu como o novo chefe do meu irmão? Aquele que deu a ele um carro antigo totalmente restaurado como bônus? Meu mentirômetro quase explodiu.

O cemitério. *Bam.*

Novo chefe de Harrison. *Bam.*

Aparecer na feira para me “conhecer”. *Bam.*

Eu estava esperando pelo *BOOM*.

Que porra ele queria comigo?

O que era ainda mais intrigante — pensar nele me deixava inquieta e excitada.

Estar perto dele? Me deixou com mais tesão do que tudo. Também foi o que mais me irritou. Meus sentimentos em torno dele ferraram com a minha mente. Havia algo nele que me fazia querer recuar imediatamente, para depois avançar um passo. Repetindo. Repetindo. Repetindo. Eu me sentia como a família em *Beetlejuice* quando todos começaram a dançar porque os fantasmas de marido e mulher controlavam suas funções.

Dando-me algum crédito, porém, senti que enfrentei a situação muito bem na feira. Por outro lado, gostaria de poder estender um punho através do tempo e me socar por dar a ele a satisfação de saber

que ele havia me abalado.

Querida. A maneira como ele disse a palavra, com aquela voz sexy, me fez estremecer.

Eu não era uma mulher experiente quando se tratava de homens como ele, mas tinha um senso apurado quando se tratava do mundo em geral, e algo me dizia que ele era o tipo de homem que interpretava facilmente os sinais de uma mulher. E ele usava isso para seus esquemas nefastos. No caso dele, ele tinha as armas perfeitas: rosto, voz, corpo. Seu maldito charme trancado a sete chaves.

Charme — uma palavra tão bonita para algo que poderia tornar a vida feia se usada como arma. Especialmente quando ele a usava para conseguir o que queria. E quando o charme não funcionava? Não havia dúvida de que ele conseguiria de outra maneira.

Esperava que depois de mostrar àqueles homens na feira como eu era boa em atingir cada alvo estabelecido para mim, Cash Kelly perceberia que eu não estava para brincadeira. Eu atiraria uma flecha em sua bunda tão rápido que ele pensaria que um pé invisível o atingiu.

Sorri para mim mesma, imaginando isso.

Porém, havia uma verdade que eu não podia ignorar, por mais que tentasse. Sempre me levava de volta ao motivo pelo qual o bastardo me excitava. Era bonito e simples, corte limpo, mas com uma ponta afiada e perigosa.

Estava atraída por ele em um nível que parecia profano. O que por si só estava bem — a atração não era realmente uma traição —, mas quase parecia que eu estava traindo quando pensava em Cash Kelly, mesmo quando Scott não estava por perto.

Scott — o homem que ama você — Stone.

Depois que conheci a família de Scott em janeiro, ele me pediu para pensar em me casar com ele. Eu disse que precisava de tempo, mas ele estava começando a ficar impaciente. Fazer um homem esperar alguns meses por uma resposta para uma pergunta tão importante não era nem um pouco legal para seu ego, ao que parecia.

Se ele estava sendo verdadeiro sobre suas intenções, por que apressar as coisas? Também não era como se ele realmente tivesse perguntado. Ele não se ajoelhou ou me deu uma aliança. Ele me disse para *pensar* sobre isso.

Isso era exatamente o que eu estava evitando. Pensando em

uma palavra tão importante quanto o “sim”.

Eu sempre encontrava algo para redirecionar meus pensamentos quando eles iam para lá. Talvez se ele perguntasse logo, eu deixaria escapar a primeira resposta que me viesse à mente. Certa vez, tive um professor que me disse que, se eu não soubesse uma resposta em uma prova, deveria sempre escolher a que parecia certa e deixar por isso mesmo.

— *Provavelmente é uma resposta do instinto* — ele disse.

Era cansativo pensar no saqueador — Kelly — e no detetive — Stone — ao mesmo tempo. Eu nem queria compará-los e, por algum motivo, parecia que conhecia Kelly tanto quanto conhecia Stone. Talvez até melhor, o que era besteira, porque só o encontrei duas vezes. Ainda assim, pensar neles no mesmo espaço de tempo parecia uma armadilha mental.

Chega de pensar em homens, então.

Olhei para Mari, no banco de trás. Ela estava calada, provavelmente temendo o momento em que estacionaríamos em meu apartamento. Eu sabia que ela não tinha dinheiro. Ela me disse antes de sairmos para a feira que havia sido demitida. Foi expulsa de seu apartamento e espancada pelo idiota do Merv, seu senhorio. Seu lindo rosto estava cheio de hematomas e cortes de seus punhos.

Meus próprios punhos cerraram quando pensei nele fazendo isso com ela por não pagar o aluguel.

Nós duas precisávamos bolar um plano para a vida dela, e rápido. Ela recusaria qualquer ajuda oferecida abertamente, então eu teria que contornar sua aversão a aceitar gentileza sem sentir que ela a merecia primeiro. Eu tinha que pensar em fazer coisas legais para Mari em termos de trabalho. Ela poderia fazer algo por mim. Eu pagaria por isso. Então, ela não consideraria aceitar algo de graça.

Era uma maneira fodida de viver, mas ela era uma criança das ruas. Aceitar a gentileza de estranhos poderia matá-la ou fazê-la desejar estar morta se acabasse devendo à pessoa errada. Então, embora eu odiasse que ela fosse assim com minha família e comigo, nunca a culpei por isso. Eu entendia.

Quando chegamos ao meu apartamento, seu olhar pousou em sua velha mochila de couro. Eu podia sentir o peso de sua situação precária caindo sobre minhas costas, e desejei que houvesse mais que

eu pudesse fazer. Nunca parecia o suficiente. Isso nunca aconteceria. Não até que eu soubesse que ela estava se cuidando.

— Vou entrar em um segundo — Harrison avisou, desligando o carro. — Me dê um minuto.

Lancei a ele um olhar afiado, imaginando o que ele estava fazendo, mas eu estava morrendo de vontade de ficar confortável, então saí. Esperei por Mari e caminhamos juntas até meu apartamento. Nós duas estávamos quietas, porém, pude sentir seu alívio assim que entramos e ela percebeu que minha colega de quarto, Sierra, não estava em casa.

Minha colega de quarto era outra criança da rua, e era difícil dizer quem teve a vida mais difícil, Mari ou Sierra. Ambas fizeram uma boa corrida para candidatos imediatos ao céu. Tanto inferno quanto elas passaram na terra, senti que ambas mereciam uma passagem direta. Mas, apesar de serem iguais, elas lidavam com suas situações de maneira diferente.

Sierra não se opunha a pisar em ninguém para se erguer. Ela confraternizou com homens que poderiam facilmente colocar outros em uma lista de espécies ameaçadas de extinção. Ela provavelmente esfaquearia uma pessoa faminta por tocar em seu estoque de comida, mesmo que tivesse bastante.

Mari era uma alma mais gentil. Ela mantinha a cabeça baixa e trabalhava — quando podia manter um emprego. Mari era péssima em manter o trabalho, embora eu tivesse conseguido muitos empregos para ela ao longo dos anos. E mesmo que Mari não tivesse um centavo em seu nome, ela daria suas últimas migalhas para um pombo faminto se sentisse que poderia ajudá-lo, talvez porque muitas pessoas não tentaram ajudá-la, e ela sabia como era.

Eu estava coçando a pele onde um ponto sobressalente do tecido me irritava. O material barato me fazia sentir como se estivesse usando uma grande etiqueta de camisa.

— Vou tirar essas roupas — eu disse, indo para o meu quarto. — Nem pense em ir embora, Mari! — gritei por cima do ombro. Eu podia vê-la olhando para a porta. — Precisamos bolar um plano. Precisamos resolver essa sua confusão antes que você suma. Se você fizer isso, sem brincadeira, eu vou te caçar.

Antes de chegar ao corredor, ela se sentou no sofá. Era de

segunda mão e puído, mas Mari afundou nele como se fosse feito da mais fina seda. Suspirei, compreendendo. Meus pés estavam pegando fogo por ficar sobre eles o dia todo. Larguei o vestido — se não fosse alugado, eu teria queimado aquela porcaria — e coloquei um suéter confortável com calças de ioga. Levei alguns minutos para domar meu cabelo selvagem em um rabo de cavalo um tanto respeitável. Quando voltei para o corredor, parei antes que Harrison e Mari me notassem.

Harrison estava sentado ao lado de Mari no sofá, conversando com ela.

Minha família e eu o chamávamos de “Indiana Jones mal-humorado” pelas costas. Pelo que me lembro, Harrison sempre foi um homem. Ele era um daqueles garotos que conseguiam vestir terno e gravata aos dois anos. Mas perto de Mari, ele nunca parecia tão mal-humorado quanto com todos os outros. Então, ouvi-lo todo gentil com ela tocou meu coração. Ela realmente precisava disso, mas eu também sabia que ela odiava e não precisava que ela encontrasse nenhuma desculpa para fugir de mim.

— O que você fez? — perguntei, chocando os dois. Mari se assustou como se tivessem sido pegos fazendo algo errado. Meu irmão se levantou, abrindo espaço entre eles, enfiando as mãos nos bolsos.

— Nada, Kee — ele respondeu. — Dei a Mari um presente de aniversário, mais ou menos.

— O aniversário dela é só em outubro — comentei, apontando o óbvio.

Não pela primeira vez, me perguntei como Harrison realmente se sentia em relação a Mari. Parecia ir além de um tipo de relacionamento fraternal para ele. Ele nunca admitiu isso para mim, e decidi não admitir minhas suspeitas para ela, mas, às vezes, era difícil vê-lo olhar para ela e não pensar que havia mais coisas ali.

Harrison deu de ombros.

— Odeio chegar atrasado.

Abri a boca para responder, mas ouvi uma batida forte na porta. Olhei para a madeira, perguntando-me quem estaria vindo tão tarde. Sierra não estava em casa e, a menos que estivesse, seus namorados ficavam longe. Seus homens iam aonde quer que ela fosse.

— Esperando alguém? — Harrison indagou.

Balancei a cabeça.

— Não, Sierra disse que chegaria tarde em casa.

— Eu atendo — ele avisou.

Mari veio ficar ao meu lado enquanto Harrison conversava com alguém do outro lado da porta. Um minuto depois, ele entrou, seguido por dois homens.

MERDA! A palavra ganhou vida como um aviso em *neon* na escuridão da minha mente. Ele não se atreveria.

— Keely — Harrison disse. — Este é o detetive Scott Stone e o detetive Paul Marinetti.

Scott se aproximou primeiro, oferecendo a mão, desempenhando bem seu papel, mas a suavidade em seus olhos era aparente para mim. Ele manteve minha mão firme à dele por um pouco mais de tempo antes que o homem mais velho estendesse a dele em cumprimento. Seu parceiro. Scott o havia mencionado antes. Scott achava que precisava se aposentar e achava que Paul era muito brando com criminosos difíceis. Mais especificamente, os filiados ao crime organizado.

Em geral, Scott não concordava com crimes cotidianos, mas parecia ter uma opinião extremamente áspera para qualquer pessoa associada ao crime organizado e afins. Scott e sua família perseguiram especificamente gângsteres e as “famílias” às quais pertenciam com uma paixão que quase beirava a obsessão. Passou do trabalho e se tornou pessoal.

Depois de conhecer sua família em Louisiana, descobri o motivo: sua tia e seu primo ainda não nascido foram mortos por um motorista bêbado, que também era filho de uma das mais notórias famílias italianas criminosas da história. Os Fausti. Eles eram considerados realeza na Itália, contudo, a família de Scott os via como nada além de assassinos de baixo escalão que deveriam ser condenados à prisão perpétua sem liberdade condicional.

— Srta. Ryan — Scott disse, um olhar sério em seu rosto, trazendo meu foco totalmente para ele. — Lamento informar que sua colega de quarto, Sierra Andruzzi, foi encontrada morta. Estivemos tentando entrar em contato com você, mas só agora conseguimos.

Minhas pernas se moveram sem pensamento consciente. Não percebi que tinha me sentado no sofá até que vi Mari se afastar de mim depois que ela e Harrison me ajudaram a sentar.

— Ela... — Balancei a cabeça. — Ela me disse que só voltaria mais tarde. Seu ex-namorado. Armino. Ele estava na nossa porta mais cedo. Louco. Ela terminou com ele. Ele...

Armino Scarpone foi a última conquista de Sierra. Ele tinha dinheiro. Conexões. Sua família era uma das cinco, o que significa que estavam conectados. Ele era um filho da puta bonito, mas eu a avisei sobre ele mais de uma vez. Algo sobre ele me irritava. O cara não parecia do tipo que aceitaria um não como resposta.

Sierra disse um belo “não” a ele, e terminou o relacionamento.

Ele estava na nossa porta antes de Mari e eu sairmos para a feira, batendo e gritando coisas para Sierra. Ela nos disse que ele ficaria cansado de esperar depois de um tempo e iria embora. Talvez ela não o conhecesse bem o suficiente, porque nós o vimos sentado em seu carro de luxo quando saímos, fumando um cigarro, vigiando nossa porta.

— Pelo que descobrimos, a Srta. Andruzzi passou por uma loja mais cedo, e logo após foi agredida e depois assassinada. Parece que estava voltando para cá. No momento, não podemos dizer com certeza. É por isso que estamos aqui. Para formar a linha do tempo.

— Eu... eu quero dizer... — O que eu deveria dizer?

— Nós odiamos pedir a você para fazer isso, Srta. Ryan, mas se importaria de vir conosco para identificar o corpo? Não conseguimos encontrar um parente próximo da Srta. Andruzzi.

— Não havia ninguém mesmo — eu disse, sabendo que eles não encontrariam ninguém para reivindicá-la. — Ela veio de lares adotivos.

Ela mencionou uma vez, com um torcer de língua afiado e sarcástico, que sua mãe estava mais preocupada em tomar pílulas do que em alimentá-la com comida.

— Minha irmã não va...

— Não — interrompi Harrison. — Vou fazer isso. É o mínimo que posso fazer por ela. Deixe-me pegar minhas coisas.

Enquanto eu me levantava, Scott entregou a Harrison seu cartão e disse-lhe que o endereço do local onde Sierra se encontrava estava no verso. Harrison disse a ele que estaríamos lá em breve.

Scott me lançou um olhar penetrante quando nos avisou que Armino poderia estar à espreita. Fomos as últimas pessoas a vê-lo antes de Sierra ser assassinada.

Antes de ir pegar meus sapatos, meu olhar encontrou o de Mari.

Ela estava parada no meio da sala, sem saber o que fazer... quase parecia culpada. Eu sabia que era porque não gostava de Sierra, contudo, ela se sentia mal por ter sido assassinada.

Isso fazia duas de nós.

Mesmo que o comportamento delas estivesse a quilômetros de distância, eu não conseguia separar a situação que ambas vivenciavam em minha mente. Se algo acontecesse com Mari? Inferno, não. Eu me recusava a sequer pensar nisso. Ela era minha irmã. A única que me restava.

Naquele momento, ela me lembrou uma borboleta assustada, sem saber para onde ir a fim de encontrar segurança. Ela não tinha lugar para ir.

— Mari? — Harrison chamou antes que eu pudesse fazer o mesmo. — Venha conosco.

Fiquei ao lado dele, formando uma unidade.

— Não — ela respondeu. — Prefiro não ir.

— Você não pode desaparecer — eu disse, e me certifiquei de que ela ouvisse a súplica. — Preciso saber onde você está. Depois do que aconteceu com você... e agora esta noite... — Sem aviso, passei meus braços ao redor dela, abraçando-a com força. Era o que eu gostaria de ter feito com minha irmã antes que ela partisse e nunca mais a visse.

— Posso ficar aqui? — ela perguntou, sua voz ofegante. Ela queria sair do meu abraço, pois o afeto a incomodava. No entanto, ela sequer se moveu.

— O ex-namorado de Sierra. — Harrison balançou a cabeça. — Pode não ser...

— Ele não vai voltar aqui. — Mari deu um passo para trás, e eu a soltei. Nosso relacionamento era muito de dar e receber. — Ele provavelmente já se foi.

Balancei a cabeça, ansiosa para concordar para que ela não fosse embora.

— Sim, ele provavelmente se foi. Apenas certifique-se de trancar as portas.

Tentei manter o medo longe do meu semblante, para esconder a vibração de “por favor, não me deixe também” do meu corpo. Se pressionada demais, Mari iria embora, e eu sofreria pra caramba por

isso. Querendo saber aonde ela tinha ido e se alguém a tinha machucado, talvez até tirado sua vida.

— Pode deixar — ela concordou.

— Use o celular. — Harrison acenou em direção ao sofá. — Para me ligar se precisar de alguma coisa. Meu número está programado.

Esperamos do lado de fora do apartamento depois que saímos, ouvindo Mari trancar a porta. Então respirei fundo, não me sentia pronta para fazer o que tinha que ser feito, mas estava determinada a reivindicar uma garota que ninguém nunca reivindicou antes.



Mesmo que a garota para quem olhei um pouco antes fosse Sierra Andruzzi, minha colega de quarto, ela parecia diferente para mim de alguma forma.

Todas as pessoas que eu já vi na morte sempre pareciam pacíficas. Na morte, Sierra parecia extremamente chateada. Como se ela estivesse brava por Armino ter demorado tanto para acabar com sua vida, ou que ele realmente tivesse feito isso e ela não fosse forte o suficiente para lutar contra ele.

O detetive Marinetti disse a Harrison que suas mãos estavam congeladas, como garras. Armino a esfaqueou até a morte. Embora Armino fosse apenas um suspeito, meu instinto dizia que ele a matara.

Houve momentos em que me preocupei que um dia encontraria Sierra morta, mas por algo autoinfligido. Embora ela fosse difícil de abalar, eu vi o conflito em seus olhos, como ela estava cansada e como dormia por dias a fio. Em outras ocasiões, ela estava tão ligada que não conseguia dormir. Tentei falar com ela sobre procurar algum tipo de ajuda, mas ela sempre ria de mim e dizia que eu era a garota mais engraçada de toda Nova York, e mesmo que ela gostasse de mim, ela ficaria ainda mais feliz se eu cuidasse da porra da minha vida.

Foi quando eu soube que poderia ajudá-la, preparando suas refeições quando ela estivesse cansada demais para sair da cama, mas não diretamente. Afinal, Mari era parecida. Ela também não conseguia aceitar gentileza.

Mari.

Pensar nela me deixou com as palmas das mãos suadas. Ela tinha mandado mensagens para mim, para ver como eu estava, com o novo telefone que Harrison lhe dera como presente de “aniversário”. Ele me disse no caminho que ela pagou dois dólares pelo telefone. Não aceitaria sem pagar. De qualquer forma, fiquei feliz por ter uma maneira de manter contato com ela.

Talvez eu não devesse ter feito isso, mas depois de ver Sierra, contei a Mari a conclusão à qual cheguei sobre Harrison. Ele estava apaixonado por ela. Eu disse que ela não precisava responder se não quisesse, mas a situação me deixou desconfortável.

Eu a considerava como uma irmã. Harrison era meu irmão.

Aos olhos dele, porém, ela era uma mulher. Uma mulher por quem ele estava apaixonado. Isso explicava por que ele era tão mal-humorado o tempo todo. Ele deve ter abrigado seus sentimentos silenciosamente desde sempre.

Além disso, ela me mandou uma mensagem dizendo que estava saindo, porém me prometeu que manteria contato, mas isso me deixou preocupada. O que aquele senhorio idiota fez com ela poderia facilmente ter acabado da mesma forma que ocorreu com Sierra.

A noite inteira parecia um pesadelo.

Ergui os olhos quando a porta da sala de interrogatório se abriu. Scott entrou e sentou-se, colocando uma xícara de café na minha frente. Eu a peguei, mesmo sem suportar a ideia de beber. Queria apagar o rosto de Sierra da minha mente, mas a culpa me comia por dentro. Eu era tudo o que ela tinha. Como poderia querer diminuir o impacto de sua morte, quando eu era a única que parecia se importar com sua vida?

— Isso não é sua culpa — Scott disse.

Deslizei o café entre as palmas das mãos.

— Eu sei.

— Para garotas como ela — ele encolheu os ombros —, isso está fadado a acontecer.

Garotas como ela. Está fadado a acontecer.

A atitude de Scott era uma das coisas que eu menos gostava nele. Não era segredo que ele via coisas que o assombravam. Houve momentos em que vi tudo isso em seus olhos, os fantasmas, e sabia que

ele ainda era humano porque podia ser assombrado. Mas em outras ocasiões, senti vontade de estrangulá-lo por ser tão descuidado com suas palavras.

Não era segredo que Sierra estava procurando uma saída fácil com um homem rico. Não importava quem ele era ou o que fazia. Ela ansiava por segurança como ansiava por comida depois de passar fome a vida inteira. Scott, porém, agia como se ela saísse todas as noites com uma arma na mão procurando alguém para matar ou roubar. Mesmo que ela não o fizesse, ele ainda a classificava como aqueles que viviam pela espada e morriam por ela também. Isso me irritou, tanto quanto o crime organizado parecia irritá-lo.

— Não me olhe assim. — Ele suspirou. — Eu não disse que ela merecia. Só falei que estava fadado a acontecer.

— Eu sei o que você disse.

— E?

— Parece insensível e frio. Ela era minha amiga.

— Uma amiga que estava destinada a lhe trazer problemas. Como fez. — Ele pegou o café de mim, tomando um gole. — Armino Scarpone é um assassino. Ele sabe que você e sua amiga podem testemunhar por conta da cena do lado de fora do seu apartamento antes de você sair. Daí, sua ex-namorada, porque ela terminou com ele não muito tempo antes, acaba esfaqueada até a morte do lado de fora de uma loja no caminho de volta para seu apartamento. Sua família não gosta de deixar testemunhas que possam depor contra eles. É um código. Assim como quando eles matam uma família inteira porque não querem retribuição no futuro.

— Não estou preocupada com Armino. Se ele vier atrás de problemas, ele os encontrará.

Scott inclinou a cabeça para trás e riu. Então, me encarou.

— O que você vai fazer, Keely? Matá-lo com seu arco e flecha? Merda! — Ele se levantou abruptamente, a cadeira quase caindo para trás. — Os Scarpone! Você vai ficar comigo. Entendeu?

— Não vou deixar Mari...

— Mari. Mari. Mari. O que há com você e Mari? Por que você se importa tanto com ela?

Levantei-me, recusando-me a permitir que ele olhasse de cima.

— Ela é minha irmã!

— Não, ela é sua amiga!

— E que tipo de amigo você é? Deixaria um amigo que foi como um irmão para você quando ele mais precisou da sua ajuda?

— Não estamos falando de mim! — ele gritou.

— Talvez nós devêssemos! Talvez devêssemos falar sobre o grande idiota que você está sendo!

Fui passar voando por ele, mas ele me agarrou pelo braço. Recusei-me a olhar para ele. Meu coração estava na minha garganta. Lágrimas queriam saltar contra minhas defesas. Meu pescoço estava pegando fogo, vermelho escaldante por causa de toda a minha irritação.

— Case comigo, Keely Shea Ryan.

Pelo canto do olho, pude vê-lo enfiando a mão no bolso com a mão livre. Ele ergueu o anel alto o suficiente para que eu pudesse vê-lo de perto. Era um anel Claddagh irlandês tradicional. O coração era feito de uma esmeralda e a coroa tinha três diamantes.

Mari ia me dizer que era um mau presságio. *Coisas ruins sempre vêm em trios, Kee.*

Umedeci meus lábios secos.

— O quê? — sussurrei, tentando ganhar tempo.

— Case comigo, Keely. More comigo. Vou mantê-la segura.

— É por isso que você está me pedindo em casamento? Para me manter segura?

— Não. Você sabe disso. Planejei isso por um tempo. Hoje à noite, depois que vi Sierra, isso me atingiu com força. Você poderia estar em casa na hora errada. Poderia ter caminhado com ela até a loja. Não poderia viver comigo mesmo sabendo que protejo pessoas, estranhos, para viver, e não poderia salvar a única garota que amarei.

— Eu...

— Keely... — Harrison abriu a porta e então parou, observando-nos. Ele havia saído para falar com nossos irmãos. Ele os manteve informados sobre tudo. Aqueles quatro eram piores do que um bando de irmãs fofoqueiras. Os olhos de Harrison se estreitaram antes de ele dar um passo, encarando Scott. — Tire suas mãos de minha irmã. Agora.

Scott olhou entre nós.

— Estou apaixonado pela sua irmã. Acabei de pedi-la em casamento. Estamos nos vendo há meses. Estamos apaixonados.

Harrison olhou para Scott com um olhar inexpressivo e então voltou seus olhos entrecerrados para mim.

— Isso é verdade? — Depois de um ou dois minutos, ele interpretou meu silêncio como admissão. — Você não poderia me dizer?

Dava para notar que meu irmão estava magoado, e mesmo que eu odiasse ver isso, ele não tinha o direito de falar qualquer coisa.

E. Eu. Vou. Matar. A. Porra. Do. Scott. Stone.

Quem ele pensava que era? Nós não tínhamos discutido isso! Isso. O que quer que haja entre nós, estava se movendo rápido demais. Eu não conseguia parar.

Minha mãe. Ela havia previsto isso.

E Roisin. Eu pedi a ela para me enviar alguém se isso não estivesse certo. E quem ela me mandou?

O homem errado! Quem enviaria um homem como ele? Eu tinha certeza de que Roisin seria a pessoa sã entre nós. A racional. Cash Kelly era caótico. Nada nele fazia sentido.

Aí a Mari chega com a cara toda arrebitada. Sem lugar para morar. Nada nos bolsos além de pão velho. Eu ainda tinha manchas que coçavam por causa de um vestido feito de tecido de etiqueta. Descobri que meu irmão estava apaixonado pela garota que eu considero minha irmã. Ele manteve o segredo por toda a sua vida.

Minha colega de quarto foi brutalmente assassinada. E agora, isso!

Gostaria de poder guardar flechas em meus olhos para momentos como este. Embora não fosse fisicamente possível, fiz questão de que Scott os sentisse depois que virei meu olhar dele para meu irmão.

— Por que você não conseguiu me contar sobre Mari?

— O que sobre a Mari? — ele indagou, mentindo descaradamente.

— Você está apaixonado por ela!

— Sim, bem, você está apaixonado pelo Mahoney aqui! — Ele acenou com a cabeça em direção a Scott.

— É Stone — Scott corrigiu.

— Sim, eu entendi, cara inteligente. Eu estava fazendo uma referência à Loucademia de Polícia. Você já assistiu a um filme?

— Me leve para casa! — eu gritei.

Não percebi até chegar lá que Scott havia colocado o anel no meu dedo. Eu o tirei quando chegamos ao meu apartamento, sem saber o porquê.



CAPÍTULO 7

Cash

A incerteza e eu éramos velhos inimigos. Nunca gostei de surpresas, ou de não saber o que diabos fazer em todas as situações. Era um homem que sempre sabia qual caminho tomar, qual homem na sala seria problema, qual matar, o que pedir, que garfo usar em um jantar chique. Em suma, sempre tive uma imagem clara de como a vida iria se desenrolar para mim.

Keely Ryan me deu tudo, menos uma imagem clara. Não conseguia decidir o que queria mais: que o coração dela pertencesse totalmente a Scott, ou o suficiente para fingir que pertencia. Se tivesse entregado seu coração a Stone, sem dúvida o sofrimento dela seria dele. Porque era isso que os tolos apaixonados faziam. Sofriam por aqueles que mais amavam.

Uma vez que ela se apaixonasse por mim, ele nunca iria superar isso. Nem na morte. Porque ele iria amá-la e odiá-la por se apaixonar por um monstro.

De qualquer maneira, porém, eu sabia que Keely Ryan tentaria entregar a minha cabeça em uma bandeja de prata por foder com ela. Ela não desistiria de seu coração sem lutar, mesmo que fosse apenas

para provar a si mesma que não precisava fazer nada que não quisesse.

Sorri diante da ideia de brigar com ela, e me senti muito bem ao sorrir sobre alguma coisa.

Alguém bateu à porta do meu escritório e, um segundo depois, Raff enfiou a cabeça lá dentro.

— Tenho uma mensagem para você — ele disse.

Nós nos encaramos por um instante.

— Você trouxe a garrafa para que eu possa ler a porra da coisa?
— indaguei depois que ele não prosseguiu.

— Não. — Ele sorriu. — É do padre Flanagan. Mensagem verbal.

— Nossa, que surpresa. Enviei você para marcar uma reunião com ele.

— Exatamente. — Raff sorriu ainda mais. — Ele disse para dizer a você — ele pigarreou de leve —, *reuniões são para aqueles que acreditam que Deus não tem seu próprio tempo* — seu sotaque irlandês era horrível, mas eu entendi.

Levantei meu braço e verifiquei meu relógio.

— Ele vai receber me às três então. Tenho outro compromisso às cinco.

Ele assentiu.

— Você precisa de mim às cinco?

Balancei a cabeça em negativa.

— Harry Boy e sua irmã se juntarão a mim no escritório. Verifique se há armas antes de deixá-los entrar.

Seu rosto se contraiu.

— Ele esteve aqui mais de uma dúzia de vezes. Nunca tive que revistá-lo antes.

— Não. — Levantei-me, indo buscar meu paletó. — Não espero que ele tenha uma. A mulher? Dupla verificação.

— O que estou procurando? Especificamente.

— Se ela pudesse esconder um arco e flecha debaixo de suas roupas, eu diria isso. Mas, visto que ela não passaria pela porta da frente, verifique se há armas menores. Pistola. Faca. Comprimidos venenosos.

— O que é isso, Cash? — Raff saiu do meu caminho quando cheguei à porta que dava para a sala de espera.

— Vou roubar uma noiva.

Sua risada profunda ecoou pelo armazém.

— Isso é algo que eu garanto que você nunca roubou antes! — Um segundo depois, ele parou de rir e enxugou os olhos. — Fala sério. Pare de me sacanear.

— E eu sou lá de fazer isso? — retruquei.

— Sr. Cash! — Minha antiga secretária, Susan, que também trabalhava para meu pai, me impediu. — John está aqui para o horário marcado.

Olhei para um homem mais velho sentado em uma das cadeiras, esperando.

— Sr. Gerald. — Ele se levantou, e eu caminhei até ele, estendendo a mão. — Tenho que sair correndo, mas tenho ouvido coisas. Sei por que você está aqui. Não se preocupe com Martin. Vamos conseguir alguma ajuda para ele e depois veremos se podemos encontrar algum trabalho para ele nas docas. Trabalhando para mim. — Seu filho, Martin, era viciado e seu pai estava com dificuldade.

O Sr. Gerald assentiu.

— Seu pai ficaria orgulhoso.

Apertei seu ombro e disse a ele que entraria em contato com os detalhes.

Já do lado de fora, Raff me parou quando eu estava colocando meu Fedora na cabeça.

— Cash. Você está falando sério.

— Já que está aqui... — Enfieei a mão no bolso e entreguei-lhe um cartão. — Busque um anel que encomendei naquele joalheiro. Você vai precisar do seu documento de identidade.

O anel de Stone era clichê e não era para uma mulher como ela. Se eu iria fazer isso, iria acertar, para mostrar aos dois que eu a conhecia melhor do que ele. Outro pequeno corte em seu coração.

Eu estava na metade da rua quando Raff gritou meu nome. Parei, mas não me virei.

— Não é assim que funciona. Você só confessa seus pecados *depois* de cometê-los; erros premeditados são uma área cinzenta, Kelly!

Eu sorri.

— Não se pode culpar um homem por tentar.

Então pensei em falar com o padre Flanagan sobre eles novamente quando chegasse lá. Áreas cinzentas não eram minha

especialidade; as escuras, sim.



— Cashel Fallon Kelly. A que devo o prazer? — Padre Flanagan ergueu a mão. — Por que eu pergunto? Já faz um tempo desde a nossa última visita. Eu esqueci. — Bateu na têmpora duas vezes. — Me acompanhe.

— Não faz muito tempo — eu disse, seguindo-o pela igreja.

Isso trouxe de volta lembranças de quando eu era menino: meu pai nos levando à igreja para confessar nossos pecados. A boina que ele me fez usar para ser respeitoso. O cheiro amargo e potente do incenso impregnava o ar. A luz entrando pelos vitrais, incidindo no meu rosto. Padre Flanagan me acolhendo na sala onde ele me absolveria do pecado.

— Você ia me ver uma vez por semana na prisão. Quatro vezes por mês durante dez anos.

— Dezembro — ele falou.

— Isso mesmo. Você ia cinco vezes por mês em dezembro.

— Um cara deve ter um rosto amigável para ver nas férias.

Ele parou no que eu chamava de “cabine de confissão”, mas nunca o chamei assim na frente do padre Flanagan. Era o confessionário à sua frente. Ele tinha modos antiquados, como meu pai, e ele colocaria uma régua em meus dedos em um piscar de olhos.

— Vá em frente. — Entrei pelo meu lado e, um segundo depois, sua voz soou do outro lado. — Você finalmente tem pecados que já foram cometidos para se livrar hoje, Cashel Kelly?

— Tenho certeza de que sim, padre — respondi, tentando ficar confortável. — Mas os que vim falar hoje ainda não foram cometidos.

— Seu guia moral ainda não chegou. — Ele suspirou, e o imaginei fechando os olhos, beliscando a ponta do nariz enquanto o fazia. — Para o que você precisa dos meus ouvidos?

Eu sorri. Guia moral. O padre Flanagan gostava de dizer que eu estava atrasado quando se tratava de conseguir um desses. Disse a ele para guardar sua esperança para alguém que pudesse se beneficiar

disso. Não nasci com um e duvidava que a esta altura da vida finalmente chegaria a ter.

— Vou roubar um coração. Ou uma noiva. Qualquer um serve. — Já disse muitas coisas insanas ao longo dos anos para este homem, mas uma coisa como esta foi a primeira vez. Ele pigarreou alguns segundos depois.

— Explique com mais detalhes.

Lembrei-o de anos atrás. Meu pai. Pai de Stone. Eu. O filho de Stone. Então, fui em frente a partir desse ponto. Como ia desenvolver.

— A dor termina assim que a alma termina — expliquei com um pouco mais de profundidade. — “Existem três coisas que me surpreendem... não, quatro coisas que não entendo: como uma águia desliza pelo céu, como uma cobra rasteja sobre uma rocha, como um navio navega no oceano, como um homem ama uma mulher.” — citei a Bíblia, porque fomos ensinados a conhecê-la. Era assim que meu pai agia, como um homem que temia a Deus, mas a nenhum homem nesta terra. — Não entendo como um homem ama uma mulher, mas entendo isso: quando a alma se apega, vai doer até o dia em que morrer, quando se separar de quem ama.

— Você tem certeza, Cashel Kelly, que o coração de Scott Stone está ligado ao desta mulher?

— Sem dúvida — confirmei.

Ficamos quietos por um momento. Algo em sua voz despertou meu interesse. Esperava que ele ficasse sério, que se tornasse minha bússola moral, mas em todos os meus anos, nunca ouvi um sorriso em sua voz.

— Você acha que estou fazendo a coisa certa.

— Não — ele disse, depois de outro longo momento. Ele estava sorrindo. Eu podia ouvir isso em seu tom. — Você está absolutamente fazendo a coisa errada. Está roubando uma noiva. Roubar, não importa como o façamos, é um pecado. Você sabe disso, e, se não sabe, talvez eu deva dar uma olhada mais profunda em minha vida. Você e Killian foram enviados aqui para me testar, disso tenho certeza. No entanto, há momentos na vida em que recebemos o que merecemos.

— Você está me dizendo que o carma virá atrás de mim?

— Algo assim.

— Isso é enigmático.

— Na verdade — ele suspirou —, eu teria um monte de coisas a dizer se você me dissesse que estava planejando roubar dinheiro ou armas. Mas um coração, Cashel? Veremos. Vamos ver isso.

— Ainda enigmático.

Ele suspirou novamente, mas desta vez foi impaciente.

— Diga-me como você planeja roubar o coração dessa garota.

— Talvez você não saiba muito sobre assuntos do coração, quando se trata do sexo oposto, mas no dia em que a conheci, soube imediatamente. Ela era minha. Ela me odiava demais, e isso só significava uma coisa. No fundo, gosta de mim. Está apaixonada por mim. O *bad boy* que ela acha que pode mudar. — Quase ri disso. Um *bad boy* era alguém que fazia coisas estúpidas. Eu era um homem perigoso que fazia jogadas inteligentes. — Através de toda a minha dureza, ela quer encontrar uma rachadura em meus ossos, para que possa ir direto às minhas veias e roubar meu coração. Ela não tem ideia, no entanto. Eu não tenho coração. E minha alma? Nós dois sabemos que é escura o suficiente para que a luz se perca. Boas almas passam a viver outra vida. Mas quando minha alma se vai... é isso. Uma vida para viver é literal para mim.

— E se Stone não a amar de verdade, Cashel?

— Ele a ama.

— Você apostaria sua vida nisso.

— A única que eu tenho.

— E você pretende realizar o quê com isso?

— Vou roubar seu coração e sua alma será minha. Tudo. Quero tudo dele. Vou possuí-lo.

— Ela é tudo para ele.

— O trabalho dele é a vida dele. O cara vive para isso. Mas a arqueira feroz? Ela o faz sentir a luz do mundo quando ele está cercado por toda a escuridão. Homens como eu, tocamos e fazemos sua vida como a nossa, mas de uma maneira diferente. Ele luta contra isso, enquanto nós o acolhemos. E ele não quer que seu coração seja manchado pela escuridão. Não quer que sua esperança seja roubada por saqueadores como eu. Ele e eu sabemos que sou o melhor no que faço. Posso ir além do físico e sentir o que significa mais. Ele já deu a ela seu coração para mantê-la segura. Para se manter limpo. Mesmo tendo uma língua de chicote, ela é boa, por mais que não queira ser. Ela age de

forma mais dura do que é.

— Você já amou uma mulher, Cashel?

Tentei mantê-lo discreto, mas meu riso ainda explodiu em torno de mim.

— Essa é a única coisa que temos em comum, padre. Nunca. Estou comprometido com esta vida. Você está comprometido com a sua. Engraçado, nenhuma das duas vidas deixa espaço suficiente para o amor de uma mulher.

Ele respirou fundo e depois soltou o ar lentamente.

— Eu te conheço desde que você era um bebê pequenino. Por mais coisas erradas que você tenha feito, você nunca fez isso em particular antes.

— Como eu disse, eu sei quem e quando. Scott Stone. Agora. Ele é vulnerável. Conheço o vício dele, e vou entrar como um ladrão na noite e roubar o que ele roubou de mim. Sua vida inteira.

Um barulho ecoou dentro da cabine. Parecia que o padre Flanagan havia colocado a mão contra a divisória.

— Tudo o que você sente é ódio por Scott Stone. Tudo o que você vê é uma maneira de roubar o que ele reivindicou como seu. Mas você está se esquecendo de uma coisa, meu filho. Você está esquecendo a mulher inocente. Então, e ela?

— Me lembro dela. Vividamente. Ela já é minha... no ódio e no amor. Você e eu sabemos o quão próximos eles são. Você não é capaz de sentir um sem ter a capacidade de sentir o outro. A indiferença é a bala fria para todos os sentimentos. Esta arqueira, ela me odeia agora, mas seu coração é tão bom quanto o meu. Mesmo que ela lute comigo por isso.

— Uma coisa para manter em mente — ele disse. — O coração de uma mulher foi projetado tendo em mente o roubo; foi projetado para que não pudesse ser adulterado. Nem mesmo pelo melhor saqueador que existe. Você vira a chave roubada, ou arromba a fechadura, e pode ser o seu coração que ela reivindica.

Não vim para pedir conselhos, vim confessar. Então sentei-me, acomodando-me, mais do que inquieto.

— Não vim aqui para confessar meus planos para você, padre. Vim aqui para confessar meus pecados. Ou neste caso, pecado. Através do meu próprio ódio, vou usá-la. Mesmo que seja lamentável, não é o

suficiente para me impedir de fazê-lo.

— Nunca é — ele murmurou. — Também nunca foi para Maraigh. Mas vamos ver o que acontece desta vez.

— Veremos — eu disse. — Ninguém provou que estou errado ainda.

Então é isso.



Padre Flanagan observou enquanto eu descia a rua. Ele fazia isso desde que eu era menino. Normalmente éramos Killian e eu juntos, vindo para fazer nossa penitência e depois agir como tolos. Padre Flanagan costumava dizer que estava surpreso por conseguirmos dar dois passos para longe da igreja antes que o problema nos encontrasse. *Tornem as coisas um pouco mais difíceis para o diabo, rapazes. O diabo gosta de alvos fáceis.*

Enfiando a mão no bolso, assobieei enquanto caminhava pela rua, ansioso pelo meu encontro com Harry Boy e sua família. Família, ou seja, sua irmã. Perguntei-me se ela finalmente cumpriria sua ameaça e me daria um soco na cara, já que seu arco e flecha não seriam permitidos em meu prédio. Apesar de aceitar a morte, exigi viver o suficiente para provar a doçura da vingança em minha língua.

Ao passar por um armazém, notei dois caras encostados à parede, fumando cigarros. Meu olhar não se delongou, mas os notei. No meio do quarteirão, eles ainda me seguiam, parei em frente a outro armazém. Virei-me, encarando-os.

— Precisando de algo, pessoal?

— Você é Cash Kelly?

Lembre-se de perguntas estúpidas. Ainda assim, dei a ele uma resposta brilhante para isso.

— O dia todo.

— Nosso chefe tem uma mensagem para você. — Um deles deu um passo à frente e me deu um soco no estômago. Não foi intenso o suficiente para me dobrar, mas o outro decidiu acertar um golpe no meu nariz antes que eu pudesse me mexer. Sacudi-o, sangue espirrando

em todas as direções.

— Já acabou? — perguntei. Ambos sorriram para mim.

Meu punho se moveu tão rápido que nenhum deles teve tempo de reagir. Esmaguei o nariz do cara que quebrou o meu. Ele xingou, e antes que pudesse pegar sua arma, puxei a minha e atirei à queimadura na testa dele.

Senti a pressão de uma arma atrás da minha cabeça, e o outro cara arrancou minha arma da minha mão.

— Você vai morrer como um covarde, assim como seu pai. Ele nunca foi necessário aqui. Nunca. Veio da Irlanda para cá por uma causa mártir...

Antes que ele pudesse pronunciar outra palavra, me virei para ele e tirei a arma de sua mão. Ele pousou no chão e deslizou. Ele era grande o suficiente para absorver meus socos, mas não forte o suficiente para acompanhá-los. Eu era rápido e, quando bati, bati com força e em todos os pontos certos. Ele dançou comigo, enquanto tentava se aproximar cada vez mais da arma. Quando ele tentou se abaixar e se lançar para pegá-la, agarrei-o pela cabeça e enfiei o joelho em seu nariz. Seus olhos reviraram e ele caiu no chão. Inclinando-me, agarrei-o pelos cabelos.

— Olhe para mim — ordenei. — Quero que você olhe para mim quando eu disser isso.

Ele piscou para mim uma, duas vezes, mas depois fechou os olhos. Deixei sua cabeça cair no chão, antes de dar um passo para trás, simultaneamente olhando para ele e me inclinando para pegar a arma.

O filho da puta estava se fingindo de morto, porque em um segundo, ele pegou a arma e apontou para minha cabeça. Chutei seu braço um segundo antes que a explosão o quebrasse em pedaços. A arma voltou, mas uma bala ainda zuniu no ar. Desta vez, mantive meu pé em seu pulso, pegando a arma novamente. Eu estava levemente ciente de que meu crânio estava pegando fogo quando retribuí o favor. Tiro por tiro.

Ele não teve a mesma sorte que eu. Nunca daria outro tiro novamente.

Afastei minha palma manchada de sangue depois de passá-la ao longo do lado da minha cabeça. A bala deve ter arranhado a pele.

— Jesus, Maria e José — padre Flanagan disse diante da

bagunça, fazendo o sinal da cruz.

— Eles não estavam tão perto quanto os dois passos que o senhor mencionou. — Balancei a cabeça em direção a eles. — Mas eles me encontraram. Acho que pensaram que eu seria um alvo fácil. — Peguei minha arma do segundo cara, que a havia enfiado no cóis da calça, e em seguida peguei meu celular. — Cuidado com a sua batina, padre. Você não quer que o sangue dos ímpios manche suas vestes sagradas.

Então liguei para Raff e disse a ele para enviar homens para limpar minha bagunça.



CAPÍTULO 8

Keely

Cruzei os braços sobre o peito, olhando pela janela do carro antigo de Harrison enquanto ele navegava pelas ruas de *Hell's Kitchen*.

— Por quê? Por que deixei você me convencer disso? Como eu deixei você fazer isso comigo? Você sabe que eu ODEIO o homem! — Nem mesmo cem anos seriam longos o suficiente para não o ver, e fazia apenas alguns dias desde o festival. Harrison me olhou de soslaio por baixo dos óculos.

— Você me deve por não me contar sobre o detetive.

— Não te devo nada. Mas talvez eu tivesse feito isso, se você tivesse me contado sobre Mari, oh, digamos, ANOS atrás!

— Isso é complicado e você sabe disso.

— O que há de tão complicado nisso?

— Você teria contado a ela.

— E?

— Seu tempo não é o mesmo que o meu. — Ele encolheu os ombros.

— Justo. Mas ainda assim. Como deixei você me CONVENCER disso?

— Odeio. Anos. Convencer. Por que você gritou essas três palavras?

— Pare de tentar mudar de assunto!

— Sim. Ok. Você está fazendo isso por mim porque nós dois sabemos quem é meu chefe. E não tenho a opção de dizer não a ele.

Estudei meu irmão por um minuto.

Esse cara, aquele com um carro bonito e roupas ainda melhores, não era meu irmão. Meu irmão era tranquilo. Ele queria uma vida simples. Uma linda casa. Um carro decente. Uma família. Crianças que ele poderia ensinar a jogar beisebol. Aquele era meu irmão. Eu poderia até admitir que este carro era algo que ele teria comprado para si mesmo, mas o resto? A encenação chique do advogado? O chefe gângster? Não era ele.

Clique. Clique. Clique. As peças, de repente, fizeram sentido.

— Você fez isso por Mari, não é?

Ele ficou quieto por um minuto antes de suspirar.

— Jure por sua carreira na Broadway que não vai contar a ela.

— Eu juro. — Levantei a mão, os dedos entreabertos. — Pronto.

— Suspirei audivelmente. — Você precisa contar a ela, Harrison. Conte a ela como você se sente. A vida é muito curta para ficar esperando. Foda-se o tempo. Nós só temos este segundo.

— E o detetive? — Ele virou a conversa para mim. — Você está apaixonada por ele?

Eu estava evitando essa conversa com ele sob o pretexto de que ainda estava chateada por ele não ter me contado sobre seus sentimentos por Mari. Era verdade, mas não era a verdadeira razão pela qual eu não queria falar sobre isso. Como ele disse, aquela situação era complicada.

— Mamãe disse que o meu grande amor viria até mim. — Dei de ombros. — Stone veio até mim.

Mesmo através das lentes escuras, percebi que seus olhos se estreitaram.

— Folhas de chá? Você está brincando comigo, Kee? Vai deixar nossa mãe decidir seu destino com folhas de chá?

— É complicado, Harrison.

— Ela me disse para ficar longe de Mari por causa das folhas de chá. Ela só iria causar o caos na minha vida e nas das pessoas ao meu

redor. Suas palavras exatas foram: “um efeito cascata de uma pedra azul-escura”. Devo ouvi-la?

Virei a cabeça. Mamãe nunca me disse isso, nem Harrison.

— E o que você disse?

Ele encolheu os ombros.

— Nada na cara dela, mas optei por não dar ouvidos. Nem acreditar. Nunca senti nada parecido perto de Mari. Só senti... — Ele olhou para mim e então voltou seus olhos para a estrada.

— Amor — completei. — Você só sentiu amor perto dela.

— Algo assim.

Sorri para mim mesma, porque meu irmão estava apaixonado. E muuuuito apaixonado. Eu só esperava que Mari sentisse o mesmo, ou lhe desse uma chance. Embora, honestamente, teria sido muito mais fácil se Harrison tivesse se apaixonado por Desiree Gibson. Ela o amava durante todo o ensino médio e ainda perguntava sobre ele sempre que eu ia ao salão dela para um corte. Desiree não tinha laços com nossa família e nunca a considerei minha irmã. O fato de Mari ser como uma irmã complicava muito as coisas, especialmente, se ela não sentisse o mesmo por Harrison.

— Qual é o seu negócio com Cash, afinal?

Harrison parou o carro perto do meio-fio, estacionando bem em frente a um enorme armazém que parecia ter sido reformado.

— Negócio?

— Sim. Você só o encontrou duas vezes e não escondeu seu ódio por ele.

— Aqueles dois encontros foram suficientes para durar duas vidas. E só tenho uma.

Harrison tirou os óculos, colocou-os no painel e então me encarou.

— Não acredito neste discurso.

— Não estou mentindo.

— Não acredito que você o odeie sem motivo. Ele te deu um susto no cemitério? E daí? Aquele lugar é silencioso pra cacete. Há algo mais acontecendo que você não está me contando. Não sou Roisin e não estou tentando ser, mas sempre fomos próximos, Kee. Você está escondendo alguma coisa.

Virei o rosto para a janela, não querendo que ele visse meus

olhos. Quando eu era pequena e me recusava a falar, Harrison me disse que estava tudo bem, que nuvens eram as palavras em minha mente e que ele conseguia distinguir as formas em meus olhos — porque são azuis — e ler meus pensamentos.

Isso costumava me fazer sentir melhor, como se alguém lá fora pudesse me entender sem que eu tivesse que usar palavras, mas não queria que ele visse a verdade desta vez. De todos os meus irmãos, quando Roisin foi morta, Harrison se aproximou e me colocou sob sua proteção. Não queria mentir para ele. Ele não merecia isso. Ele não me contou sobre Mari, mas quando perguntei, ele me contou a verdade.

— É a nossa mãe? — ele disse. — Ela disse mais alguma coisa? As folhas de chá?

— Você acredita nelas?

Ele ficou quieto por um minuto.

— De certa forma, sim. Fomos educados para isso. Mas também acredito que o que acreditamos dá credibilidade ao que outras pessoas dizem que é para nós. Me recuso a acreditar no que ela me contou sobre Mari. E se eu me recusar a acreditar, isso não tem poder sobre mim.

— Poder sobre você, hein?!

Olhei para ele e depois de volta para o prédio. Um cara enorme, com ambos os braços cobertos de tatuagens, até o pescoço, entrou no prédio como se fosse o dono do lugar.

— Cash Kelly. Ele tem poder sobre você?

Meu irmão suspirou.

— Ele é meu chefe.

— Tipo... aqueles chefes em que você tem que beijar o anel?

— Ele não é italiano.

— O sotaque meio que esclareceu isso.

— O que você quer de mim, Kee? Ele é meu chefe. E quer você goste ou não, ele me deu um bom emprego, me tirou da porra do apartamento nojento em que eu estava, me deu um carro, um bônus enorme. Me deu uma chance na vida. Eu devo a ele.

— Você trabalha para ele. Ele paga você. É assim que funciona um emprego legítimo. Você não deve nada a ele se está fazendo seu trabalho.

— Olha — ele começou, e seu tom era mais afiado — é o que é, certo? Dá um tempo. Gosto de trabalhar para ele.

— Estou lhe dando tempo! É por isso que estou AQUI! Você me pediu para fazer isso e estou fazendo. Mas dar a ele uma segunda chance não é suficiente para mim, *Harry Boy*. Qual é o problema?

Quando Harrison me pediu pela primeira vez para me encontrar com Cash Kelly novamente, ri dele e, com toda a seriedade, não somente disse um belo “não”, como algo do tipo: “nem fodendo”. Nem me senti mal quando meu irmão começou a implorar, o que ele nunca havia feito antes. Mas quando ele falou em contar aos meus pais sobre meu noivado com Scott, pensei que deveria aguentar esse encontro ridículo e depois seguir com minha vida.

E eu sabia que Cash estava adorando essa “reunião”, sabendo que eu o odiava, mas me querendo aqui de qualquer maneira. Quase parecia que ele comia tudo, como se o fogo do inferno fosse uma refeição deliciosa para o saqueador. Ele provavelmente cagou tempestades de fogo. Então eu ia manter minha compostura perto dele desta vez, só para provar meu argumento.

— Lá vem você com a gritaria de novo. — Harrison balançou a cabeça. — Ele não fala muito, mas tenho a sensação de que a família é muito importante para ele. Raff. — Ele apontou para o prédio, onde o cara gigante estava. — Esse é o cara que acabou de entrar. Ele é o braço direito de Cash e primo por casamento. Acho que Raff é tudo o que ele tem, embora também mantenha distância dele. Seu pai foi assassinado anos atrás em uma rua, não muito longe daqui por um rival que queria assumir o controle, e o fez. Ouvi dizer que ele tem um irmão, mas ninguém fala sobre ele.

— Você perguntou?

Lembrei-me do que Cash havia me contado no cemitério. Ele insinuou que seu irmão estava morto. Seu gêmeo. Meu irmão olhou para mim como se meus cachos tivessem se transformado em cobras.

— Você não faz perguntas pessoais a homens como ele.

— Sim. Como, por que, exatamente, eu estou aqui.

Harrison abriu a porta e saiu, então se apoiou nela, olhando para mim.

— Eu te disse. Acho que ele quer fazer as pazes. Parece que ele está tentando construir algo aqui. Algo bom para a comunidade. E as famílias de seus funcionários são importantes para ele. E ele sabe o quão próximos somos. — Harrison olhou para o relógio. — Vamos. Ele

não gosta de esperar. — Então, fechou a porta.

Suspirei, dando uma olhada no prédio. Abri minha porta, respirando fundo.

— Sim — disse para mim mesma, porque Harrison já estava no galpão. — Tenho certeza de que Cash Kelly fará piqueniques em família e cantará canções de acampamento com os filhos dos funcionários em breve.

Enquanto caminhava em direção à porta, fiz uma promessa a mim mesma de manter a boca fechada desta vez — quanto mais tempo eu ficava perto dele, mais afiada minha boca se tornava, e ele parecia atraído por ela, como o caos pela paz. E eu não queria dar a ele outro motivo para me visitar novamente.

Quanto mais cedo o saqueador estivesse fora da minha aldeia, *fora da minha cabeça*, melhor eu estaria.



— Tire as mãos de cima de mim! — Bati nas grandes palmas que apalpavam meu corpo. O grandalhão, Raff, exigiu que Harrison e eu fôssemos “revistados” antes de entrarmos no covil do predador.

Do jeito que estava, fiquei chocada com o fato de todo o lugar ser decorado com excelente bom gosto, com encanamentos expostos, paredes de tijolos bege e detalhes cromados, e não com tochas de fogo, câmaras de tortura e um monte de troféus de caveira na parede. Parecia muito sofisticado para o saqueador, mas, novamente, ele parecia ser bom em lançar feitiço nas pessoas. Isso tudo parecia um truque para te deixar à vontade. *Não caía nessa.*

Até a velha secretária com um vaso de plantas na mesa escondia alguma coisa. Ela me lembrou uma criatura perversa em uma série de livros populares que eu li e assisti quando eles foram transformados em filmes: por fora toda doçura, mas por dentro uma cadela furiosa com uma vingança contra qualquer coisa que respirasse.

— O que é isso, Raff? — Harrison perguntou, semicerrando os olhos para mim quando bati na cabeça de Raff no momento que ele tocou em minha perna.

— Ordens de Cash. Ele queria ter certeza de que ela — ele me olhou de cima a baixo — ... não trouxesse seu arco e flecha. Nenhuma arma em você também.

— Tenho certeza de que caberia um arco inteiro na minha calcinha — murmurei. — Gênio.

Raff olhou para mim um segundo antes de um enorme sorriso se abrir em seu rosto.

— Vou chamá-la de She-Karma e entregá-la à porta do homem que exige sua maldita companhia.

Não tinha ouvido a cadência irlandesa até que ele praguejou. Que bando de vencedores — meu irmão não incluso — Cash Kelly parecia se cercar. Realmente não tinha certeza de qual era o negócio dele, mas estava pronta para entrar e terminar. Especialmente depois que Raff começou a nos conduzir em direção a um corredor que parecia levar a escritórios e, enquanto caminhávamos, notei respingos de sangue no chão. Dei uma cotovelada em Harrison com força e, quando ele me lançou um olhar, apontei para as manchas.

Ele olhou para o sangue por um segundo e então encontrou meu olhar. Ele deu de ombros, mas não foi com tranquilidade. Algo sobre esta reunião o estava incomodando. Também estava me incomodando. Por que eles teriam que me revistar em busca de armas? Meu irmão também? Pelo que parece, eles nunca haviam checado Harrison antes. Por que começar agora?

Ao passarmos por um escritório, soube imediatamente que era do meu irmão. Uma foto minha e de Mari emoldurada de um ano atrás foi colocada em uma prateleira atrás de sua mesa. Outra foto estava em sua mesa, e tive a sensação de que sabia quem estava olhando para ele do outro lado.

— Isso é muito assustador, Harrison — eu disse.

— O quê? — Ele não estava prestando atenção em mim. O que quer que estivesse acontecendo não era a norma geral. Mas não pude deixar de irritá-lo por causa da foto. Ele era tão certinho que achei esse lado dele quase chocante. Estava quebrando uma regra, mas à sua maneira.

Apontei para a foto em sua mesa.

— Mari?

— Não. Nossos pais.

— Mentiroso! — sibilei.

— Se você disser a ela e eu juro...

— Não vou. — O cutuquei nas costelas. — Não faria isso com você. Mas devo dizer que esse seu lado é novo. Preciso cavar um pouco mais fundo e ver o que mais você está escondendo naquele escritório brilhante.

Seus olhos suavizaram, mas seus ombros permaneceram tensos. Estavam tão erguidos que quase alcançam as pontas das orelhas. E embora Raff andasse na nossa frente, eu sabia que ele estava ouvindo. Como ele não poderia?

— Ei, Raff — chamei, desviando de um respingo de vermelho. — Você tem sangue em seu chão brilhante e caro.

Harrison se virou para olhar para mim e me deu o que chamei de nossa cara de “mamãe”. Seus lábios estavam contraídos e seus olhos semicerrados, tentando comunicar que eu precisava calar a boca. Mas meus nervos estavam me afetando. Não tinha um bom pressentimento sobre tudo isso, mas não sabia o que fazer. Não podia deixar meu irmão aqui para lidar com esses homens. Raff era um tanto genial, mas não parecia o tipo de homem com quem se podia aprontar.

Cash Kelly?

Correr e se esconder pareciam as únicas palavras apropriadas depois que ele focava seus olhos verdes hipnotizantes e encantadores. Mas havia um problema com esse plano. Correr e se esconder não funcionava com homens como ele. Ele sempre caçaria o que era dele.

— Só mais um dia de trabalho — Raff disse, como se respingos de sangue não fossem grande coisa. — Susan, a secretária lá na frente, cuidará disso.

— Sim, vai transformá-lo em uma criatura da floresta das fadas — murmurei.

— Ei! — Raff parou, de repente. — Você gosta de *Rulers of the Underworld*?

— Você conhece?!

— Claro!

— Não acredito! — exclamei.

— As fadas amam vampiros?

— Eternamente. — Apontei para ele, repetindo o que o vampiro disse à fada pela qual tinha interesse. — Aposto que você é do time do

vampiro!

— Quantos anos vocês dois têm? — meu irmão inquiriu, interrompendo-nos. Ele estava no limite, seu temperamento aflorado, voltando a ser o mal-humorado Indiana Jones. — Fadas. Vampiros. Submundo. Parem com isso. Não estou com disposição para essa merda.

Raff franziu o cenho com a atitude de Harrison, fazendo-me rir, mas soou estranho. Meu pescoço estava quente, mas não de raiva. Era outra coisa. Do outro lado da porta, em um escritório, estava sentado o homem que queria me ver. A ideia de ele estar tão perto me deixou ansiosa. Uma parte minha queria fugir e nunca mais olhar para trás. A outra parte queria descobrir por que ele me fez querer fugir. A mesma parte de mim que comandava meus pés para me entregar a ele também queria ver aqueles olhos novamente. Ouvir como as palavras saíam de sua boca. Sentir o cheiro dele no ar. Levar até meus pulmões. Minha mão queria roçar na dele, só para ver o que aconteceria. Meu coração parecia derreter em minha pele quando eu estava perto dele, como se agonizasse para sentir o contato de sua pele com a minha, para sentir a conexão estranha — ou era atração? — era mais profunda do que carne e osso.

A minha parte sã avisou que ele não estava tramando nada de bom, mas outra parte, a rebelde, queria descobrir mais sobre ele. Por que eu o odiava tanto quando não havia uma boa razão para isso, exceto pelo fato de que ele era capaz de ficar debaixo da minha pele e roubar todos os meus pensamentos? Ele os vinha roubando desde nosso encontro no cemitério, e eu sabia que não era tudo por causa da minha conversa com Roisin e do que eu havia pedido a ela para fazer. Aquele controle que ele parecia ter sobre mim já me irritava. Eu não era o tipo de garota que entregaria meu coração tão facilmente. Sempre acreditei que meu coração tinha que ser conquistado, e então eu o entregaria quando estivesse pronto. Quando Cash Kelly olhou para mim, porém, meu coração parecia que já havia partido.

Contudo, não fazia sentido, porque eu já havia prometido meu coração a Scott Stone. Estava usando o anel dele — isso dizia muito. Até Harrison pareceu chocado ao ver a coisa no meu dedo quando foi me buscar.

— *A merda está ficando séria* — ele disse, apontando para a

minha mão esquerda. — *Vou contar aos meninos em breve. Eu tenho que fazer isso.*

Os meninos Ryan. Meus irmãos.

Olhei para a porta, preparada apenas para lidar com uma situação de cada vez.

— Você está bem?

Percebi que Raff estava falando comigo.

— Por quê? — perguntei, com a voz grossa. — Pareço mal?

— Não. — Ele balançou sua cabeça. — Quero dizer. — Semicerrou os olhos para o meu pescoço. — Apenas corada.

Sim, porque ouvi passos do outro lado da porta. Ouvi-o pigarrear. Ouvi as palavras que vinham naquela linda cadência irlandesa que ele tinha. Sua voz era profunda e melodiosa, e me perguntei se ele sabia cantar. Se a voz dele era áspera quando o fazia, do tipo que dava arrepios.

— Esfrie seu sangue. Você parece mais forte do que a criatura do outro lado desta porta. — Raff riu e abriu.

— Kee — meu irmão disse, sua voz baixa, mas urgente.

— Estou bem — afirmei, embora estivesse mentindo descaradamente. — Vamos acabar logo com isso.

Harrison me pegou pelo braço dois passos adiante.

— Foi uma péssima ideia. Vamos.

Tarde demais. O saqueador fixou os olhos em mim, roubando cada grama da minha vontade de me mover, e antes que Harrison pudesse me virar, já havia ordenado a Raff para fechar a porta.

Com o clique da porta fechando, fui enlaçada e presa, uma flecha saindo da boca de um tigre. Flechas que se danem.



Mesmo depois de Cash Kelly sair de trás de sua mesa e estender a mão para meu irmão, demorei um minuto para me mexer. Depois que consegui desviar o olhar do dele, me concentrei direto na lateral de sua cabeça, que estava manchada de sangue escuro quase completamente seco. Algumas manchas ainda eram de tom rubi como sangue fresco.

Seu nariz havia sido quebrado. Também estava ensanguentado.

— Chefe — meu irmão disse. — Você quer que eu peça a Susan para...

— Ferimento superficial — Cash dispensou-o. — Qualquer golpe na cabeça faz parecer pior do que realmente é.

Huh. Ele era um especialista em feridas.

Ele parecia o tipo de homem que todos gostariam de matar. Ficou claro que se ele queria o que você tinha, era dele. Esse tipo de poder emanava dele em ondas poderosas. Cheirava a sangue escorrendo de sua cabeça e nariz, exceto que provavelmente vinha de homens que tentavam ficar em seu caminho. Talvez até algumas mulheres. Seus corações. Ele roubou seus corações no sentido metafórico.

Naquele momento, não havia dúvida de que eu estava em apuros. Cash Kelly era o caos em uma garrafa de vidro, todo o caos vindo de seus pensamentos voltados diretamente para mim.

O que você está aprontando, saqueador? A tatuagem em seu pescoço, o tigre, nunca pareceu mais apropriada para descrever um homem antes. Não era de admirar que ele tivesse tatuado sobre a artéria em seu pescoço.

— Srta. Ryan — ele cumprimentou, sua voz me fazendo tremer um pouco. Era baixa, suave, mas com uma borda irregular que poderia cortar a maioria das defesas com suas intenções afiadas. — É um prazer vê-la novamente, querida.

Ainda bem que minhas defesas mais altas estavam erguidas. Ele podia reduzir outras mulheres a poças com seu charme, mas morreria prendendo a respiração antes que eu caísse aos seus pés.

— Por que estou aqui? — as palavras saíram bruscas, embora meu coração estivesse batendo muito rápido e meu estômago continuasse subindo apenas para continuar despencando. Minha respiração estava caótica, e eu esperava que ele não notasse como meu peito arfava.

— Você fica cada vez mais baixinha toda vez que te vejo. — Cash balançou a cabeça. Então, acenou com a cabeça em direção ao meu irmão. Eu não tinha notado até então que Harrison não havia se sentado. Ele também não estava à vontade. — Sente-se, Harry Boy. Temos negócios a discutir. — Cash sentou-se em seu trono de

saqueador. Ele provavelmente roubou a cadeira de aparência real de alguém mais importante do que ele. — Sente-se — ele disse ao meu irmão. Harrison olhou para ele por um momento e então o obedeceu.

Depois que ele o fez, Cash me olhou com expectativa.

— Se você espera que eu me sente, terá que responder a uma pergunta primeiro.

— Ela é sempre tão raivosa assim?

Meu irmão balançou a cabeça, mas não foi para negar a observação estúpida de Cash. Não parecia querer entreter conversa fiada.

— Cada vez mais baixa, querida — Cash falou e então suspirou. — Normalmente, depois de um tempo separados, a maioria das pessoas cresce, seja em altura ou em maturidade. Sua maturidade sempre parece encolher cada vez que nos encontramos.

— Isso é porque você aflora o pior de mim.

— Por que isso? — Ele se acomodou em seu assento, ficando confortável. Como se não ligasse para nada no mundo. *Despreocupado*. Eu poderia ser como qualquer outro cantor irlandês do mundo. Exceto que seria um grave erro acreditar nisso sobre este homem.

— Diga-me por que estou aqui para que eu possa ir. Tenho coisas melhores para fazer e pessoas melhores com quem passar meu tempo. Pessoas que não me fazem sentir vontade de cometer assassinato. Aparentemente, não sou a única que se sente assim. — Apontei para a cabeça dele, que ainda sangrava. Também notei que sua camisa branca estava manchada. Ele era um animal perigoso vestido com um terno caro.

— Você vai se casar comigo.

Segundos. Minutos. Horas. Eu não tinha ideia de quanto tempo fiquei ali olhando para ele e ele olhando para mim.

O quê?

Que. Porra. Ele. Acabou. De. Dizer?

Você vai se casar comigo.

Queria rir. Rir e rir e rir, como meu irmão, porque ele pensou que isso era uma piada. Eu sabia que era melhor ficar imóvel, assim como os músculos ao redor da minha boca.

— Eu vou te matar primeiro — o tom da minha voz fez meu irmão olhar entre mim e Cash. Harrison levantou-se abruptamente

quando percebeu o quão sério era o pedido.

— Sr. Kelly — meu irmão falou. Era ridículo ouvi-lo chamar Cash de Sr. Kelly, porque eles tinham mais ou menos a mesma idade, mas não havia como negar o respeito no tom que encobria o choque. Ou foi um desafio? — Você está brincando.

— Nem um pouco.

Tudo fez sentido naquele momento. Foi por isso que Raff nos checkou em busca de armas. Ele sabia que um de nós iria matá-lo depois disso. E ainda dava tempo. O dia estava só começando. De jeito nenhum eu iria me casar com esse animal saqueador. Este... este... gângster de Nova York! Eu estava noiva — não estava? — de um homem da lei!

— Você me mata — Cash disse, casualmente —, e acaba condenando seus irmãos. Para início de conversa. Cada atentado à minha vida custará a você um deles.

Harrison veio para ficar ao meu lado. Ele colocou a mão no meu ombro.

— Chefe. Podemos falar sobre isso? Por que minha irmã? Ela não é...

Mal ouvi as palavras da boca do meu irmão quando a minha se abriu. Eu sabia que Harrison sentia que era seu dever me proteger, e eu poderia dizer que ele estava tentando fazer isso através do raciocínio, mas isso era entre mim e Cash agora.

— Não haverá tentativas. Plural. Quando miro para atirar, nunca erro meu alvo.

— Não fique com raiva tão rápido, querida. Pense nisso. Seja racional.

— Já pensei. Não suporto ficar na mesma sala que você, muito menos ser sua esposa. — Percebi então o quão mortal minha voz havia se tornado. Baixa. Suave. Mas com poder suficiente para atingi-lo em seu coração e fazê-lo parar... se ele tivesse um.

Ele se inclinou para frente, juntando os dedos, levando-me um pouco mais a sério agora.

— Deixe-me ser honesto. Isso não é pessoal. Você se encontra aqui porque tem um coração que eu quero. Não vou parar por nada para tê-lo. Na verdade. Já considero meu. Você, querida, é minha. Fim da história.

— Eu — respirei fundo, soltando o ar silenciosamente, forçando

minha voz a sair uniforme — nunca vou me casar com você. E se você pensar em machucar meu...

Antes que as palavras terminassem, Cash sacou uma arma debaixo de sua mesa e, com uma explosão que soou como uma bomba explodindo dentro do meu coração, atirou em meu irmão. Ele se chocou contra a parede e deslizou para baixo. Caí de joelhos ao lado dele, arrastando minhas mãos ao longo de seu corpo.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus — sussurrei, sentindo freneticamente o pulso do meu irmão.

— Estou bem, Kee — ele disse, com a voz tensa. — Meu ombro. Ele acertou no meu ombro.

— Então por que você caiu?

Harrison estreitou os olhos para mim.

— Fui atingido por uma bala, Kee. Do nada.

Balancei a cabeça, aplicando pressão em seu braço. Mesmo que ele tenha me garantido que era apenas seu ombro, ele era meu irmão mais velho, e seu ferimento me machucava tanto quanto a ele. Olhei para os olhos claros que perfuravam a escuridão que se instalara ao meu redor.

— Vá se foder! — cuspi.

— Mais tarde, depois de ouvir seus votos. — Cash sorriu para mim.

— Kee — a voz de Harrison me trouxe de volta para ele. — Diga não. Os meninos gostariam que você fizesse o mesmo. Diga não. Fuja.

— Por quê? — perguntei a Cash, sentindo a coisa mais próxima de fraqueza que já senti. O sangue do meu irmão manchava minhas mãos. — Por que eu?

— Não é pessoal — ele respondeu, com indiferença. — Não tem nada a ver diretamente com você. Não quero seu corpo. Estou tomando *você*.

— Me roubando — sussurrei. — Por quê?

— Porque eu posso.

Havia algo em seus olhos — percepção. Ele sabia. Sabia que só depois de nos encontrarmos duas vezes, sem contar desta vez, ele tinha ficado entranhado em minha mente.

— Não! — Harrison rugiu, prestes a se levantar.

Enfiei o dedo na ferida de Harrison, fazendo-o ficar parado,

porque o animal havia cheirado sangue e estava pronto para derramar mais. Harrison rosnou de novo, a dor fazendo com que toda a cor se esvaísse de seu rosto, e eu encarei o saqueador.

— Vou te matar de qualquer maneira.

— Pode me matar. — Cash deu de ombros. — Meu irmão continuará a matar sua família.

Nossos olhares se encontraram e algo me disse que ele estava blefando, mas não podia arriscar. Ele atirou em meu irmão como se não fosse nada, como se fosse algo que ele fazia todos os dias, e talvez ele fizesse. Eu sabia que ele mataria meu irmão na minha frente, e quanto mais problemas eu criasse, quanto mais fugisse e me escondesse, mais ele sairia em uma farra e mataria as pessoas que eu mais amava.

Não tive muito tempo para descobrir isso, porque não confiava nele o suficiente para não atirar em meu irmão no outro ombro, esperando que eu concordasse com o que ele queria de mim. Ele disse que eu já era dele, ele já decidiu, mas a pergunta continuou me apunhalando. *Por quê?*

Por que eu?

Ele não queria meu corpo. Duvidava muito que ele quisesse meu amor. O que mais?

O que ele poderia querer? Algo sobre um coração.

Meu coração?

Como alguém pode roubar um coração e não esperar amor?

Quase rosnei de frustração. *Pense, Kee. Pense!*

Não conseguia.

Ele me encarava, e medo era a única coisa que eu sentia. Não por mim, mas pela minha família. Meu irmão continuava sangrando.

— Ok — concordei, balançando a cabeça. — Sou sua. O que você quiser.

— Kee — meu irmão falou, e meu nome em seus lábios quase me fez desmoronar.

O saqueador se ajoelhou ao lado do meu irmão, dando-lhe um tapinha no ombro. Ele entregou a ele um copo de uísque antes de colocar um lenço sobre a ferida, sobre minha mão, ajudando-me a estancar o sangramento. Quase me afastei de seu toque, mas me recusei. Não ia deixá-lo me abalar. Ou permitir que ele visse isso.

Ele pensava que poderia roubar meu coração?

Encontrei seus olhos verdes e sorri. *Vamos jogar, seu maldito.* Havia mais de uma palavra para vingança, e se vingar soava igualmente doce.



Não tinha certeza de como isso aconteceu, mas o pior dia da minha vida também se tornou o meu melhor.

Depois que Cash levou meu irmão para o pronto-socorro, onde contamos uma mentira sobre um roubo que deu errado, e eles cuidaram dele, recebi uma ligação sobre um papel na Broadway que eu estava procurando. O nome do espetáculo era *The Blood Queen*, e foi baseado em um roteiro que parecia assustadoramente com a minha própria vida.

Aquela frase sobre a arte imitar a vida nunca pareceu tão verdadeira.

Eu faria o papel de Joan McDougal, uma donzela escocesa que se recusou a se casar por causa da família e das obrigações. Ela queria se casar por amor, se é que algum dia se casou. Ela deu a seus pais uma escolha. Se casaria por amor ou sangraria o coração com uma flecha antes de se contentar com menos. Assim, se não houvesse outro jeito, o homem que a fizesse noiva por obrigação ganharia uma passa em vez de um coração.

Era melodramático? Claramente, mas meu estado de espírito atual não estava sendo racional. Estava sendo forçada a me casar por um predador que não se importava comigo.

Estudei seu rosto enquanto ele nos levava do hospital para casa. Esse homem tinha um motivo para cada um de seus passos, e eu sabia que não passava de uma conquista que iria de alguma forma movimentar sua jornada. Eu ainda não conseguia juntar as peças, no entanto.

Odiava soar como a porra de um disco quebrado, *mas por que eu?*

Cash contratar meu irmão não foi acidente ou coincidência. O cemitério. Aparecendo na feira sob o pretexto de que queria me

conhecer.

Esse plano dele já estava em jogo há algum tempo, com base na linha do tempo, mas ele havia acabado de decidir agir de acordo. O que mudou?

Por que eu?

POR QUE EU?

Ao estacionar no carro de Harrison do lado de fora de seu prédio, ele disse que queria falar comigo a sós. Harrison se recusou a sair do carro no início, mas depois que eu disse a ele para ir ou eu enfiaria meu dedo em sua ferida novamente, ele saiu e esperou em seu carro.

Cash ficou sentado por um segundo, olhando pelo para-brisa.

— Ninguém sabe disso ainda. Vou deixar você saber a hora e o local, mas comece a arrumar suas coisas. Diga a amigos e familiares que Harrison lhe deu o dinheiro para um apartamento melhor. Conte à sua família que conseguiu o papel no espetáculo. Faremos uma festa na nova casa do seu irmão para a família e amigos. Incluindo o homem que lhe deu aquele anel.

— Aquele anel?

Ele acenou para a minha mão esquerda. O anel de Scott. Eu tinha esquecido totalmente de Scott em tudo isso. O coração de esmeralda estava coberto de sangue. Como eu iria contar a ele? *Ei, sobre nosso relacionamento? Estou trocando você por um criminoso. Você sabe, os caras que você costuma perseguir.* É, isso não ia acabar bem. Pode até começar uma guerra.

— Não diga nada a ele ainda. Fui claro?

— Como quiser. — Sorri docemente para ele, mas a bile queimou o fundo da garganta. Ele estreitou os olhos para mim.

— Prefiro o seu chicote de língua. Doçura não combina com você, querida.

— Espere — eu disse, apenas percebendo algo. Tantas coisas estavam vindo para mim ao mesmo tempo. — Como você sabe sobre o meu papel na peça? Eu nem tinha contado a Harrison. Minha sorte e meu azar do caralho estavam em guerra um com o outro, cada um tentando disputar o maior choque da minha vida.

— Estas são as minhas ruas. Eu sei de tudo — ele respondeu. — Assim como sei que Armino Scarpone não vai te incomodar.

— Você me deu o papel! Você tem dedo nisso, não é?

Ele me lançou um olhar de soslaio.

— Minha esposa sempre consegue o que quer.

— Mas eu NUNCA saberei se mereço isso agora! E eu não sou sua ESPOSA!

— Ainda. Você ainda não é minha esposa — comentou. — E você merece. Você é boa. Eu observei antes de interferir. Foi entre você e outra garota que não sabia atuar, mas o tio dela era um idiota que mexeu alguns pauzinhos. Eu tenho um bolso mais profundo, conexões mais profundas e, claro, o pau maior, então você conseguiu o papel.

— Espera, espera. — Belisquei a ponte do meu nariz, tentando conter a dor de cabeça que estava prestes a me mandar para o pronto-socorro. — A nova casa do meu irmão?

— Fale com Harrison. — Ele acenou com a cabeça em direção à porta. — Entrarei em contato.

— Uau! — exclamei, fingindo empolgação. — Você é tão encantador! Cara, que vencedor eu escolhi para me casar! Ah, espere, estou sendo forçada.

— Keely.

— Sim?

— Saia da porra do meu carro.

— Claro — afirmei —, mas deixe-me dizer uma coisa antes de fazer isso. Posso estar me casando com você, mas o que você está realmente fazendo é se vincular a mim. Você roubou meu coração, e o seu não será capaz de viver sem o meu. É como um feitiço. Aquele que o lança está sempre conectado àquele que está sob o efeito do feitiço. Estar conectada a você nesta vida, desta forma, é o suficiente. Não preciso de você me acompanhando para sempre. — Abri a porra da porta do carro dele e a bati.

Marchei até Harrison depois, que estava encostado em seu carro, esperando por mim.

— O que é isso sobre um novo lugar?

— Keely.

— Acabei de trocar minha vida pela sua, Harrison. A verdade.

Ele enxugou uma gota de suor do lábio superior. Eu poderia dizer que ele estava com dor, e não apenas fisicamente.

— Comprei para a Mari, tá? Comprei a porra da casa que ela

ama em Staten Island! Aquela ao lado da antiga casa de nossos pais. Aquela em que ela cresceu. Aquela que ela ainda visita quando sua vida fica difícil. Eu quero que ela se sinta segura. Para... não sei. Sinta-se amada uma vez na vida! E eu quero dar algo a ela sem que ela sinta que me deve sua alma! Quero me casar com ela, Kee.

— Tudo bem — eu disse, minha voz mais baixa do que eu esperava. Estendi a mão, meu irmão colocou a dele sobre a minha, e eu sorri. — Dê-me suas chaves, Romeu. Vou levá-lo para casa e cuidar de você por um tempo.

Ele se recusou a soltar minha mão. Ele tremia.

— Não faça isso, Keely. Fuja. Os meninos e eu...

Apertei sua mão com força.

— Isso é entre mim e você, Harrison. Me dê sua palavra. Se você contar a eles, ou a qualquer um, incluindo Mari, e um deles morrer por minha causa, eu não poderia viver com isso. Roisin...

— Não foi sua culpa.

— Diga isso para o meu eu de cinco anos, ok? Não se intrometa nisso. Vou sair dessa. Mais cedo ou mais tarde, eu vou. Ele realmente não me quer. Isso não é sobre mim. Acredito nele quando ele diz isso. Então, vamos descobrir o ângulo dele. Farei minha parte e, assim que terminar, ele não terá utilidade para mim.

— Stone?

Soltei um suspiro longo.

— Isto não é sobre ele. Ele vai ter que entender. Minha família vem em primeiro lugar. Fim da história.

— Eu fiz isso com você. Nunca poderei...

— Cala a boca, Zangado Jones. Eu já te perdoei. Mas só por causa de uma coisa.

— Zangado Jones? — Acenei para ele com minha mão livre. Ele ainda não tinha deixado a outra ir.

— Estou te perdoadando porque você fez isso por amor. E se alguém merece amor, é Mari. Se ela decidir que também ama você, é melhor você dar o meu nome a uma criança!

Harrison sorriu.

— Vou contar a ela em breve, Kee. Está na hora.

— Concordo — murmurei, puxando minha mão da dele. Abri a palma da mão e ele colocou as chaves nela. Então, ele caminhou para o

outro lado e entrou.

Eu tinha esquecido totalmente a mensagem que enviei para Mari na mesma noite em que Sierra foi morta, dizendo a ela como eu achava que Harrison estava apaixonado por ela, até aquele momento. O que me preocupava, além dos meus próprios problemas, era o fato de ela não ter respondido nada.

Se Harrison estivesse errado sobre mamãe e suas folhas de chá? Onde isso me deixava? Fodida.

Eu estava verdadeira e totalmente fodida.

Harrison não acreditava na verdade das folhas, mas eu, sim.



CAPÍTULO 9

Keely

Tinha sido um mês infernal. Ainda nem chegamos ao fim, e foi mais ou menos assim: meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo, mas, ao mesmo tempo, estava tentando se endireitar como nunca antes.

Com a ajuda de Mari, comecei a arrumar meu velho apartamento caindo aos pedaços, mas Cash não me disse para onde eu estava indo, então isso ainda era um mistério.

Com toda a honestidade, mal podia esperar para sair do meu antigo apartamento e entrar em algo novo. Sierra de alguma forma permanecia ali, e eu senti que, pela primeira vez na vida, aquele espaço era todo dela. Ela vinha até mim em sonhos às vezes, e eu acordava coberta de suor, meu coração prestes a pular do peito. Mas era apenas porque ela parecia querer este lugar para si e tudo o que havia nele.

Até admiti para a Mari que depois que a Sierra faleceu, me senti mais leve. Como se todas as coisas boas esperando não só por mim, mas por Mari, começassem a acontecer. Foi a pior coisa que já senti, mas lá estava.

Essas coisas boas que eu sentia estavam chegando? Elas pareciam reais pela primeira vez na minha vida. E isso significava algo,

já que teria que me casar com um saqueador em breve.

Havia também algo que eu não podia ignorar, porém, que era certo para Mari, mas errado para Harrison.

Na noite em que Sierra foi assassinada, quando Mari me disse que estava saindo um pouco, ela conheceu um cara chamado Mac, dono de um dos clubes mais prestigiosos da cidade, e ela se apaixonou por ele. Intensamente. Ele a pediu em casamento pouco tempo depois. Ela disse sim. “*Você sabe quando sabe*”, foi o que ele disse a ela. Eles iriam se casar na Itália no verão.

Sierra havia mencionado Mac mais de uma vez, quando trabalhava em seu clube. Ela queria se casar com ele. Ter seus bebês. Ela disse que ele era o melhor homem que ela já tinha visto e um dos solteiros mais cobiçados de Nova York.

Eu disse a ela que teria que ver esse homem pessoalmente e, quando tentei procurá-lo no computador, não apareceu NADA. Ele era um dos homens mais ricos e sujos do mundo. Por sujo, quis dizer gângster. E não consegui encontrar a porra de uma foto dele on-line. O que mais me incomodava, porém, era saber que logo teria de contar ao meu irmão.

No mesmo dia em que contei a Mari sobre meus sentimentos por Sierra, ela me disse que nunca sentiu nada além de um amor de irmã por Harrison. E depois que Mari me disse que gostaria de trazer o homem que ela chamava de Capo — todos o chamavam de Mac — para a festa na casa de Harrison no meu recesso de ensaios, eu sabia que ele havia perdido a chance. Nunca tinha visto Mari tão apaixonada por nada ou ninguém em sua vida. Mesmo que eu estivesse feliz por ela, tudo o que Harrison tinha feito por ela parecia um desperdício de seu amor.

De muitas maneiras, mamãe estava certa. A decisão de Mari de se casar com Mac estava causando um efeito cascata. Mas eu não poderia culpar Mari por seguir seu coração. Também não poderia culpar Harrison por fazer o que seu coração mandava. Ele construiu uma vida para Mari, esperando que uma vez que ele colocasse sua vida em ordem, as coisas aconteceriam naturalmente. Algo me dizia que ele iria confessar tudo na festa, porém, eu teria que contar a ele antes disso.

A única coisa que me manteve sã em um momento tão caótico foi a peça, mas, mesmo assim, não me vi totalmente envolvida. Estava

tendo problemas para me concentrar, embora tenha estudado minhas falas várias vezes e as conhecesse tão bem quanto sabia meu nome.

Keely Ry...

Keely Kelly.

Keelly Kelly.

Keelly Kelly.

Sim, tente dizer isso três vezes rápido.

Eu gemi, e Mari olhou para mim.

Ela estava com pressa para se preparar para a festa que Harrison estava dando em sua casa. Aquela que Cash insistiu que tivéssemos. Ainda não havia contado a ela sobre a casa em Staten Island e, como ela acabou de me contar a notícia do casamento, só tive um tempinho para contar a Harrison. Não podia deixar Mari e Mac aparecerem juntos, e meu irmão ser pego desprevenido.

— Kee?

— Sim?

Mari olhou em volta.

— Tudo embalado. Apenas as coisas que você precisa foram deixadas de fora. — Ela acenou com uma escova de cabelo para mim.

Assenti com a cabeça.

— Estou feliz que tenha sido feito. Não que eu tivesse muito.

Mari me estudou por um momento.

— O que está acontecendo, Kee? É a peça?

Respirei fundo e soltei.

— Não. A peça é ótima. É muita mudança de uma só vez.

Ela assentiu, mas percebi que não acreditou.

Alguém bateu à porta e ela correu para atender.

— Mac — eu disse, quando ele entrou atrás de Mari.

Tudo o que Sierra disse sobre ele era verdade. Mas, ela o havia minimizado. Ele era quase bonito demais para ser verdade. Cabelo preto. Pele bronzeada. Olhos azul-oceano que eram frios e muito inteligentes. Traços de modelo. Músculos em todos os lugares certos. E se o poder podia criar um campo de força ao redor de alguém, ele o fazia ao redor de Mac.

Ele me estudou com o que parecia ser indiferença, mas ao mesmo tempo, parecia estar se certificando de que eu era boa o suficiente para estar perto de Mari. Talvez fosse por isso que não

conseguia odiá-lo. Havia algo certo sobre os dois juntos. E em todos os anos que a conhecia, nunca ouvi ninguém a chamar pelo nome completo. *Mariposa*. Porque ela nunca permitiu. Ela parecia se iluminar quando ele o fazia.

Finalmente, ele acenou para mim e parou à porta. Era nítido que ele não era muito de falar. Mari passou voando.

— Vou tomar um banho rápido. Não vou demorar.

Levantei-me, limpando as mãos na calça jeans, e fui em direção ao meu quarto.

— Vou chegar um pouco mais cedo. Ajudar com os preparativos.

— Espere! — Mari me interrompeu. — Aonde vamos? Você nunca disse. É do seu tio...

— Não.

Balancei a cabeça, pensando se deveria contar a ela que a festa seria em Staten Island. Dado o fato de que eu tinha que lidar com meu irmão primeiro, decidi não dizer nada. Se ela soubesse o que Harrison tinha feito, talvez nem fosse. Talvez se Harrison pegasse Mari desprevenida, ela consideraria seus sentimentos sem Mac por perto. Foi um tiro no escuro, porque eu podia sentir o quanto Mac e Mari cuidavam um do outro, mesmo que seus sentimentos tivessem se desenvolvido rapidamente, mas um tiro era um tiro.

— Vou dar as instruções para Mac. Apresse-se no chuveiro para não se atrasar.

— Não vou demorar! — ela disse, novamente, enquanto se movia em direção ao banheiro.

Mac e eu olhamos um para o outro por mais um momento antes de eu pigarrear de leve. Quando lhe dei o endereço, ele franziu as sobrancelhas.

— A casa do velho Gianelli — ele afirmou.

— Isso mesmo. — Balancei a cabeça. — Você sabe disso?

— Sim — confirmou, e sua voz refletiu seus olhos. Frio. — Onde a Mariposa cresceu.

— Éramos vizinhas de porta. Foi assim que nos tornamos melhores amigas, irmãs. — Ele assentiu, mas não disse mais nada. Talvez Mari já tivesse contado tudo isso. Depois que peguei minha bolsa, parei ao lado dele. — Escuta. Você e eu não tivemos muito tempo para conversar. Mas só quero te dizer uma coisa. Se você a machucar, eu

vou machucar você. Entendido?

— Seu irmão está apaixonado por minha esposa.

Ele me analisou por um segundo, mas eu esperava ter jogado bem. Aquele campo de força ao redor dele poderia tirar uma freira do curso.

— Noiva. Ela ainda não fez nenhuma promessa a você.

Pouco antes de eu abrir a porta para sair, foi a vez de ele pigarrear. Às vezes, sua voz soava irregular.

— Você já fez alguma promessa para Kelly?

Apertei a maçaneta da porta com tanta força que minha palma ficou marcada.

— Eu conheço você — falei, minha saiu voz baixa. — Conheço homens como você. Sierra e eu conversamos. Não me surpreende que você saiba tudo. Que controle tudo. E como você conhece as intenções de Cash Kelly, seria do interesse de Mari não a envolver em minha vida agora.

O olhar de Mac parecia gelo derretendo nas minhas costas.

— Kelly sabe que não deve chegar perto de mim ou dos meus. Mas não tenho nenhum problema com ele, desde que ele permaneça na área dele. — Pigarreou mais uma vez. — Mari considera você uma boa amiga. Uma irmã, como você diz. É por isso que vou deixar você e ela com isso. Seus segredos são seus, contanto que não a machuquem.

Um arrepio me percorreu antes que eu fechasse a porta, colocando alguma distância entre nós. Nem mesmo uma porta parecia suficiente, no entanto. Esses homens, do tipo que de repente me vi perto, não eram comuns. Eles eram fodidos animais cruéis em ternos feitos sob medida, disfarçados para parecerem cavalheiros. Tinha que chegar ao meu irmão antes que ele fizesse algo que provavelmente lhe custaria a vida. Como dizer a Mari que a amava.



Fiquei sentada dentro do carro, olhando para a casa do meu irmão em Staten Island. Ele já havia começado a torná-la sua, mas dava para dizer que esperava ter a opinião de Mari, uma vez que ele dissesse

a ela como se sentia e então a pediu em casamento. Eu sabia como a mente do meu irmão funcionava. Mesmo que ele não tenha dito muita coisa, ele estava fazendo planos aqui — para uma esposa, para uma família, para um futuro.

Uma onda de náusea tomou conta de mim, temendo a conversa que estávamos prestes a ter.

Meu telefone tocou e ergui a cabeça do volante. O nome de Scott apareceu na tela. Estávamos conversando ultimamente, mas graças à agenda dele e da minha, não nos víamos muito. O máximo que ficamos juntos foram cinco minutos e, sem fazer caso disso, tentei me distanciar dele. Queria tornar isso o mais fácil possível, mas Cash me disse para não dizer nada. Foi uma ordem específica.

“Vou te dizer quando for a hora certa.”

Scott aceitou minha oferta para vir a esta festa. Ele parecia ansioso quando percebeu que minha família estaria lá. Mari tinha mencionado isso na frente dele. Ele teve que fazer outra viagem para minha casa quando seu senhorio pervertido foi assassinado.

Assim que eu disse “Oi”, um carro caro parou na garagem de Harrison. Um segundo depois, Cash Kelly saiu, vestindo uma camiseta preta que abraçava seu corpo musculoso, jeans escuro e botas. Óculos de sol caros cobriam seus olhos, mas seu olhar se fixou no meu imediatamente e se recusou a se mover.

— *Kee? Você está aí?*

— Sim. — Pigarreei. — Estou aqui.

— *Escuta.* — Scott parecia sem fôlego. — *Achei que conseguiria, mas aquele político ainda está desaparecido.*

Ele me disse no dia anterior que achava que não conseguiria ir à festa, porque toda a mão de obra havia sido requisitada, mas depois me disse que achava que talvez pudesse. Essa era a vida dele. Fazendo planos para quebrá-los por seu trabalho.

— Parece loucura — eu disse, e a monotonia da minha voz não passou despercebida.

Scott ficou quieto por um momento.

— *Esta é a minha vida, Kee. Sei que é difícil lidar com isso no começo, mas aqui está um acordo que estou disposto a fazer: posso não estar por perto o tempo todo, mas quando estiver em casa, sou seu. Não vou nem pensar em um cadáver.*

— Que fofo — murmurei.

Cash encostou-se ao carro, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Lá estava aquela atitude despreocupada. E lá estava eu, todo o meu mundo desabando ao meu redor. Desgraçado.

Scott suspirou.

— *Vou compensar você, eu juro. Levaremos sua mãe e seu pai para jantar. Talvez seja melhor eu conhecer os meninos um de cada vez. Eles podem me chutar se eu simplesmente aparecer.* — Ouvi alguém chamá-lo e então ele me disse que tinha que ir. — *Kee* — ele me parou antes que eu desligasse —, *vou ver se consigo mais tarde. Eu te amo, amor.*

Forçando meu olhar para longe do saqueador, olhei para o meu telefone, a mão trêmula. Minhas mãos tremiam desde o dia em que ele me disse que eu tinha que me casar com ele. Isso me pegou desprevenida porque, às vezes, eu nem percebia esse detalhe.

Scott havia desligado, mas meu coração estava na garganta.

Tenho que contar a ele. Tenho que contar a ele. Tenho que contar a ele.

Uma olhada em Cash Kelly e eu sabia que não poderia.

Ele bateu à minha janela e usei a manivela para abri-la.

— Posso ajudar?

— Quem era ao telefone?

— Não é da sua conta.

— Ah, é aí que você está errada, querida. Você é da minha conta agora.

— Scott Stone. Ele não pode vir.

Seus olhos se estreitaram e, embora seu rosto não refletisse uma mudança específica, algo nele estava diferente, algo que eu podia sentir em vez de ver.

— Você parece um pouco desapontado que nem todo mundo pode vir... — Foi quando isso me atingiu como um golpe no estômago. *Scott*. O que isso tinha a ver com ele? Eles se conheciam? Scott foi desonesto e enganou Kelly? Não queria que Cash captasse minha reação, então relaxei as feições, ou tentei.

Cash se inclinou um pouco mais perto. Sua colônia cheirava a algo caro, mas amadeirado. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria lambido os lábios e até revirado os quadris se estivesse na pista de

dança.

— O gato comeu sua língua, querida? — Então, abriu a porta do meu carro. — Esta festa não é para Scott Stone. É para você.

— Você quer dizer para nós.

Saí e, mesmo com saltos, tive que erguer o rosto para olhar para ele. Scott nunca gostava quando eu os usava, porque tínhamos a mesma altura. Às vezes eu ficava mais alta, dependendo do sapato e os evitava totalmente. De jeito nenhum eu alcançaria a altura do saqueador a menos que usasse salto plataforma.

Passei a mão pela minha blusa de seda verde, alisando qualquer amassado.

— Não estamos anunciando nosso noivado hoje à noite?

— Vamos ver.

— Sempre tão enigmático.

Ele seguiu atrás de mim até a porta da frente, e eu podia sentir seus olhos na minha bunda. Eu os senti no dia da feira também, e fiz questão de rebolar um pouco os quadris para dar a ele uma visão completa.

— O que ele fez? — Casualmente perguntei por cima do ombro enquanto continuava andando.

Antes que eu pudesse bater e entrar, Cash me pegou pelo braço e me girou como uma dama em um velho filme em preto e branco. Uma das minhas mãos estava pressionada contra seu peito para afastá-lo, mas não conseguia me mexer. Seu coração batia constantemente sob a palma da minha mão. Seu corpo inteiro estava retesado e me manteve no lugar.

Meus olhos estavam nivelados com sua boca, e inspirei baixinho. Maldito seja. Ele tinha os lábios perfeitos. Queria morder o inferior com força suficiente para fazê-lo sangrar e prender a respiração com a dor.

Scott tinha lábios macios. Nem um pouco firmes.

Por que estou comparando? Se eu ao menos soubesse...

Meus olhos fizeram uma viagem lenta até os dele, e foi quando ele me cativou novamente.

— Você é um pouco psicopata na cama, não é, Srta. Ryan?

— Eu? Um pouco? — Uma gargalhada ruidosa trovejou da minha boca.

Ele fez questão de olhar para mim, provando que eu era menor

do que ele. Nenhum homem jamais me fez sentir assim antes. Também não era totalmente físico, e isso me deixou desconfortável. Finalmente encontrei meu par. Se eu dissesse a ele para ir para o inferno, ele provavelmente me convidaria, porque já esteve lá antes.

Em vez do inferno, talvez fosse hora de convidá-lo para o céu. Inclinei-me para mais perto, colocando meus lábios perto de seu pescoço, bem sobre seu ponto de pulsação. Certifiquei-me de que minha voz estava ofegante, então o ar quente soprou sobre sua pele.

— Você não gostaria de saber como eu sou na cama, *Saqueador*.

Ele sorriu e então soltou uma risada. Inspirei e expirei automaticamente. Recusei-me a levá-lo para dentro dos meus pulmões. Ele não era meu ar; ele era meu sufocamento.

— Já sei tudo sobre você, querida. Sei como Scott Stone fode você contra a parede ao luar. Essa sua bunda... minha... perfeita deslizando para cima e para baixo na vidraça. Já sei que ele tenta reivindicar o que é *meu*, mas ele não sabe como manter satisfeita uma mulher que pertence a um homem como eu. E já sei que *meus* olhos, *meu* céu, reviram em sua cabeça, e não de prazer, mas de tédio quando ele faz isso. — Sua mão livre deslizou ao longo do meu corpo, e puta merda... eu estremeci com o calor. Seria um jogo feroz de cabo de guerra com meu coração, mas meu corpo já havia se rendido à causa do inimigo. Sofria para ele me reivindicar. — Quando eu te foder, você vai enlouquecer, arqueira. Sua mente vai enlouquecer por mim. Sua pele vai queimar por mim. Essas unhas vão me arranhar até deixar marcas. Essa boca vai me morder até eu sangrar. Você vai exigir para me marcar. Será *meu* paraíso possuir todo esse seu corpo.

— Você quer dizer meu coração? — perguntei. — Você vai tentar roubar meu coração para fazer Scott sofrer. Seu céu será o inferno dele. O que ele fez? Eu mereço saber disso, já que não passo de um peão nesse seu jogo.

— Ele roubou de mim primeiro, e ninguém rouba de mim.

— Você está se vingando.

— Você é a única pessoa que ele realmente amou, além de sua família.

— Ele roubou *seu* coração — falei.

— Não tenho um desses — Cash disse. — Ainda assim, ele roubou algo vital.

Então, se Scott não estivesse apaixonado por mim, teria sido difícil trocar Keely Ryan por Cash Kelly. Ele não teria me dado uma segunda olhada, mas desde que Scott estava apaixonado por mim, verdadeiramente apaixonado, eu era tão boa quanto Kelly. Mesmo que fosse sobre vingança e nada mais, ele ainda não podia negar a atração. Seu pau estava pressionando com força em minha barriga, e mal tínhamos nos tocado.

Eu também não podia negar a luxúria, e o odiei ainda mais por isso. Quando ele olhou para mim, o calor subiu pelo meu pescoço. Só sentia isso quando estava com raiva ou chateada, mas nunca quando um homem olhava para mim. E quando ele me tocou? Fogo contra papel.

Havia algo entre nós que parecia selvagem, instintivo, quase... certo.

— Depois que você se vingar? — Minha voz saiu suave. — Depois que você roubar o coração dele, *eu*, o que acontecerá, Saqueador? Onde isso me deixa?

Seus olhos eram duros nos meus.

— Comigo para sempre. Enquanto eu viver, ele nunca mais tocará no que é meu. O que ele tem certeza de que é dele. O amor não desaparece simplesmente, querida. Podemos seguir em frente e respirar, mas esse amor nos marca para sempre. O que estou roubando dele o marcará para sempre, pois o que ele fez comigo deixou cicatrizes eternas. Há dias em que a dor é tão grande que não consigo respirar. Não há volta para homens como nós.

— Para homens como você — afirmei.

— Há uma linha tênue entre o bem e o mal. Scott Stone anda na linha todos os dias, assim como eu. Nós apenas escolhemos caminhos diferentes regularmente.

— Tão poético — eu sussurrei.

Meus olhos estavam voltados para os dele, e eu queria encará-lo, mas em vez disso continuei piscando, pronta para fechar as pálpebras, esperando que seus lábios encontrassem os meus. *Me beija. Me beija. Me beija. Roube esse beijo, Saqueador.* Porque eu sabia que assim que ele o fizesse, ele perceberia o quão forte era a atração entre nós, e que ele não iria sair disso sem mais algumas chicotadas, ou talvez até mesmo cicatrizes.

Ele nos moveu até que minhas costas batessem na parede da casa de Harrison. Olhou para mim com olhos que eram lindos demais para uma alma como a dele. Todo o seu ser era bom demais para o que ele era, mas de alguma forma, isso o tornava mais atraente. Um homem que todas as garotas queriam domar.

Como mulher, me transformaria em seu tipo selvagem antes de esperar que ele mudasse. Porque um tigre nunca muda suas listras.

— Você acha que não sei o que está fazendo, arqueira? — Sua respiração se espalhou contra meus lábios. — Você quer que eu te beije, reivindique sua boca, então você pode me marcar, como eu já marquei você.

— Ah — o barulho era para ser um latido, mas saiu ofegante. — Você não tem ideia de com quem está lidando. Posso querer te beijar, mas serei amaldiçoada se deixar *você* me beijar. Não vou lhe dar o que você sem dúvida tentará roubar de qualquer maneira. Chama-se trabalho, Kelly. Aprenda o significado.

Ele se moveu devagar, oh, tão devagar, e foi colocar seus lábios nos meus, mas eu virei meu rosto. Seu sorriso veio languidamente.

— Veremos. — Solto-me, ficando mais perto da porta, onde Harrison estava nos observando.

Há quanto tempo ele estava lá? Não importava. Meu corpo inteiro estava pegando fogo e eu gostaria de poder me jogar no oceano para apagá-lo. Não tinha certeza se isso funcionaria, no entanto. Este fogo parecia mais quente, profundo — em algum lugar dentro dos meus ossos — do que qualquer coisa que já senti antes. Era uma mistura de luxúria e rebeldia.

Harrison deu um passo para trás para deixar o predador passar pela porta, mas antes que Kelly entrasse, ele parou.

— Um segredo para você. A diferença real entre mim e Stone? Eu sei quando você está atuando, querida. Ele nunca soube. Lembre-se disso. — Então piscou para mim e depois entrou.

Levei um minuto para me recompor, para prestar atenção em Harrison, que havia chamado meu nome.

— O que você está fazendo aqui tão cedo? — meu irmão perguntou.

Afastando meu encontro com Kelly, aprumei a postura e caminhei em direção à varanda, olhando para a rua.

— Precisamos conversar, Harrison.



CAPÍTULO 10

Cash

Levaria tempo para obter a aprovação de sua família. Ela era a única menina — além da irmã, morta aos cinco anos — em uma família com quatro meninos. Portanto, era o trabalho deles me darem o inferno antes que eu ganhasse o paraíso de sua irmã. Mas em comparação com os animais com quem corria, seu nível de inferno servia água gelada para a sobremesa.

Mesmo que seus irmãos fossem um pouco de boa, a maioria de sua família suspeitava que ela estava namorando alguém. A mãe dela acenou para mim em aprovação, o que fez a arqueira franzir a testa. O pai dela me olhou de cima a baixo. Silencioso na maior parte. Ele seria mesmo. Ele conhecia meu pai, e quando sua filha foi morta, ele pediu um favor a Ronan Kelly.

Chegaríamos a isso mais tarde, depois que eu terminasse de lidar com outra situação.

Mac “Capo” Macchiavello.

Mari o trouxe com ela, e após as apresentações, Keely disse que Mari era a única que o chamava de Capo. Ele era o homem de quem Mari estava noiva. Mac era a razão de Harry Boy estar bebendo mais

doses de uísque, encarando o homem com ódio em seus olhos. Se Harry Boy tivesse algum bom senso, porém, ele manteria distância do homem que Mari chamava de Capo.

Animais perigosos sentem quando outros animais perigosos estão em seus territórios. Mac Macchiavello era um caçador e estava pisando no meu.

Chame de palpite, mas senti que esse Mac era o mesmo Mac que Rocco havia mencionado em meu escritório. Ele era italiano. Parte desse mundo de alguma forma. A tatuagem de um lobo em sua mão servia de símbolo. Ou um aviso. Ele era ou tinha sido um Scarpone.

Teria rolado uma guerra no quintal de Harry Boy se Mac fosse qualquer outra pessoa daquela família, mas algo nele me deixou curioso. Rocco me trouxe seu cartão por um motivo, e se foi Mac quem iniciou as guerras entre todas as famílias e me envolveu, eu descobriria o porquê.

A curiosidade, às vezes, matava o gatinho, mas não esse grande gato do caralho. Eu era esperto demais para uma armadilha.

Se esse Mac acabou sendo tão inteligente quanto eu suspeitava, ele sabia disso e o estava usando para seu próprio ganho pessoal.

Ele não era apenas um animal selvagem. Era um animal selvagem inteligente.

Seus olhos azuis avaliativos estavam fixos em mim enquanto uma mulher na festa segurava a mão de sua noiva até o nariz enquanto ela silenciosamente julgava o anel em seu terceiro dedo. Na escuridão, os olhos de Mac quase brilhavam em azul, combinando com os olhos do lobo negro em sua mão.

Ele sussurrou algo no ouvido de Mari, levantou-se e jogou sua garrafa de cerveja vazia em uma lata de lixo. Agarrando outra, ele veio para ficar ao meu lado como se tivéssemos sido amigos a vida toda.

Ele não disse nada.

Não, ele não faria isso. Ele tinha vindo até mim. Era a minha vez.

Bebi um gole da minha própria cerveja.

— Recebi seu cartão. — Tradução: *Mensagem recebida. Te devo uma.*

Ele assentiu, seus olhos em Mari, observando todos que interagiam com ela.

— Harry Boy. Ele é valioso para você.

Meus olhos se moveram entre o homem parado ao meu lado e o homem sentado do outro lado do quintal. Harry Boy observava Mari com uma intensidade que não deixava espaço para questionar suas intenções. Ele queria pegá-la a sós. Se todas as peças se encaixassem como eu as havia colocado, Harry Boy estava reservando esta noite para confessar seu amor eterno por Mari. E se Mac estava trazendo o problema para mim, Harry Boy havia se tornado *meu* problema.

Quase balancei a cabeça em aborrecimento, mas não o fiz. Se Rocco se importou o suficiente para me trazer o cartão de Mac, não havia dúvida de sua posição na família Fausti. Alta. Minhas ruas tinham prioridade máxima. Uma guerra com os Fausti só levaria à morte certa.

Ainda assim. Se algo acontecesse com Harry Boy, Macchiavello iria bagunçar meu esquema.

— Pode-se dizer que sim.

Mac tomou um gole lento de sua cerveja.

— Você deu a ele um tiro misericordioso. Se eu apontar a arma, vou acertar no coração dele.

Ah. Harry Boy estava fodendo com o coração de Mac. Portanto, o coração de Harry Boy pertenceria a Macchiavello se ele continuasse assim. Ameaças à parte, havia algo em Macchiavello que imediatamente respeitei. Então, eu acabaria com a paixonite de Harry Boy antes que arruinasse meus planos. Nada de bom sairia dessa situação. Porque quando homens como Mac começavam a captar sentimentos, isso ia direto para a cabeça deles.

— Anotado — eu disse.

Mac reivindicou seu assento ao lado de Mari novamente, e meus olhos foram diretamente para Harry Boy, que estava olhando para a garota com tanta intensidade que era patético. Suspirei, balançando a cabeça. De todas as mulheres no mundo para ele se apaixonar, teria que ser uma reivindicada por um maldito animal selvagem. O perfume dela estava em Mac — cheirava como a palavra “meu”.

Sentindo os olhos em mim, virei meus olhos minimamente, encontrando a arqueira. Ela estava sentada em uma das cadeiras espalhadas pelo pátio. Nossos olhos se encontraram e se mantiveram conectados. Incapaz de segurar meu olhar, ela voltou seus olhos para Harry Boy. Em seguida, ela encarou Mari e Mac e fez uma careta.

Mari olhou para cima quando Keely se levantou abruptamente e

entrou na casa. Ela sussurrou algo no ouvido de Mac e então seguiu Keely. Harry Boy seguiu os passos de Mari. Antes que ele pudesse chegar até ela, ou muito longe dentro da casa, puxei-o para trás pela gola da camisa.

Ele tentou me acertar, mas parou quando percebeu que era eu. Ele tinha pouco a dizer para mim ultimamente.

— Você gostou de levar um tiro, Harry Boy?

Seus olhos se estreitaram.

— Não posso dizer que sim.

Dei um passo mais perto dele, e ele se manteve firme.

— Então sugiro que você esqueça a amiga de sua irmã. Ela está se casando com um *homem feito*. Sabe o que isso significa? — Ele assentiu, e eu continuei: — Ele é mais animal do que homem. Você entendeu? Sua espécie não tem ideia do que significa a palavra misericórdia. Não importa qual seja o nome dele, tudo o que você precisa lembrar é *Fausti*.

— Seu tipo.

— Você sabia que tipo de homem eu era quando começou a trabalhar para mim. — Levantei as mãos. — Você queria dinheiro rápido, conseguiu e aceitou, com manchas de sangue e tudo.

— Minha família, minha irmã, nunca fizeram parte do nosso acordo — ele declarou, com a voz baixa e mesclada ao uísque.

— Isto não é sobre sua irmã. Isso é um negócio feito. Isso é sobre Mari. Fique bem longe dela. O homem dela tem o cheiro do seu sangue memorizado. Não há nada que eu possa fazer para mudar a situação, entendeu?

Uma visão vermelha de fogo com olhos azuis pacíficos emergiu da escuridão do corredor.

— Preciso falar com você, Kelly. — Ela suspirou. — Em particular.

Meus olhos se moveram entre Harry Boy e sua irmã.

— Não vou tentar te matar — continuou, sua voz exasperada. — Não esta noite.

Encontrei os olhos de Harry Boy novamente.

— Sua irmã acha que sou enganado facilmente. Ela está tentando dar a você algum tempo com a garota de Macchiavello. Você tem cinco minutos para não dizer nada sobre amor ou qualquer outra

besteira para ela. Seus sentimentos não são mais relevantes no que diz respeito a ela. Ela está fora dos limites. Fui claro o suficiente?

— Isso é um problema — disse Keely, assumindo a liderança depois que nos afastamos de Harry Boy. — Ele está bêbado, e sempre que Harrison fica bêbado, ele deixa suas emoções o dominarem. — Peguei seu braço e a forcei a parar quando subimos alguns degraus.

— Isso não seria bom para a saúde dele, querida.

Seus olhos se voltaram para a cozinha, onde Harry Boy havia desaparecido, e então de volta para mim.

— Cinco minutos — ela sussurrou. — Ele mereceu.

— Ele mereceu uma bala no peito?

— Você vai colocar uma lá por causa da Mari? — Sua sobrelancelha arqueou.

— Você está longe de ser estúpida, mulher. Você sabe que o homem com sua amiga não é alguém para se foder.

— Como você.

— Como eu. — Ela assentiu uma vez, o medo era uma coisa real em seus olhos agora. Ela passou por mim no degrau, mas antes que se afastasse demais, peguei seu braço novamente, parando-a. — O que você queria comigo, querida? Além de me tirar do caminho de seu irmão. — Sua mandíbula se apertou quando eu a chamei assim: querida.

— Descobrir quando você vai anunciar nosso noivado.

— Você faz isso soar como uma farsa. — Sorri.

— É uma bobagem.

Antes que eu pudesse responder, seus olhos se afastaram dos meus muito rapidamente, e os meus seguiram os dela. Macchiavello tinha parado na porta da cozinha. Harry Boy estava na frente dele.

— Merda! — Keely voou por mim descendo as escadas. Lachlan, outro de seus irmãos, veio para ficar atrás de Harry Boy ao mesmo tempo em que ela chegou até ele. Os dois pareciam acalmar a situação, antes que saísse do controle.

Antes que Keely pudesse voltar para fora, Mari a deteve. Ela sussurrou algo, apertou sua mão e então se virou para sair com Macchiavello. Ele me olhou nos olhos ao sair.

Disse o suficiente.

A arqueira observou enquanto eles saíam e então se enfiou na

cozinha.

Ela estava em pé de guerra. Abrindo e fechando armários, batendo quando não encontrava o que procurava. Nem se deu ao trabalho de ligar o interruptor novamente. A única luz vinha de fora — onde havia lâmpadas penduradas — através de uma janela da cozinha.

— Com a quantidade que Harry Boy bebeu esta noite, provavelmente acabou — eu disse, de pé com as costas contra a parede.

Não era com uma garota de cerveja ou vinho que eu estava lidando. Keely Ryan tinha uísque escrito em cima dela. Sua mão parou no meio de outro armário e ela virou a cabeça um pouco para olhar para mim.

— Você não sabe nada — falou, quase sibilando para mim. — Sobre qualquer coisa. Muito menos sobre mim.

— Ah... — murmurei, aprumando a postura. — Já ouvi falar desse jogo antes. Chama-se: Culpe o Cash. É aqui que você começa a me culpar por todos os problemas do mundo. Coloquei pesos muito mais pesados lá, querida. Um pouco mais não vai me incomodar. — Dei de ombros. — Muitos já tentaram antes. Todos falharam. Eu não quebro.

— Isto é culpa sua! Tudo isso. — Ela bateu a porta do armário e me encarou. — Desde que você apareceu, só tenho problemas!

Eu ri e seu pescoço ficou vermelho como fogo.

— Você gosta de se alimentar de mentiras, querida? Isso faz você se sentir melhor? Como se culpar Macchiavello por todos os seus problemas fizesse Harry Boy se sentir melhor. Diga-me. Este é um traço de família que eu deveria estar ciente?

— Você está insinuando que meu irmão é covarde?

— Não estou insinuando. Estou dizendo. Ele é um covarde. Nenhum homem que tem um par de bolas fica sentado por anos esperando o momento certo para tornar uma mulher dele. Ela é dele. Fim da história. Aquele carro lá fora. — Inclinei a cabeça em direção à frente da casa. — Esta casa. — Olhei em volta. — Quem se importa? Você conhece sua amiga melhor do que ninguém. A merda material importa para ela? — Sua boca se fechou em um piscar de olhos. Ela não podia argumentar. O vermelho em seu pescoço subiu até suas bochechas.

— Ele estava tentando dar a ela uma vida melhor! Algo sobre o qual você não saberia nada. — Dei de ombros. Seu rosto esquentou

ainda mais. — Qual é o seu jogo, hein? — Ela deu um passo para mais perto de mim, e notei suas mãos quando ela fez isso. Tremendo, no entanto, ela flexionou os dedos, como se estivesse se aquecendo. Preparando-se para o ataque. — Como você tem tanta certeza de que vai conseguir roubar meu coração? A última vez que verifiquei, era meu para dar.

— É aí que você está errada. Eu sou a porra do tigre saqueador. — Levantei a camisa, mostrando a ela minhas listras, cicatrizes que ganhei na batalha. — Seu coração é tão bom quanto o meu. Você já está se apaixonando por mim. — Baixando o tecido da camisa, olhei para sua blusa de seda, o material fino, seus mamilos pressionando contra o tecido. — Seu corpo já está abatido com o memorando. É a sua cabeça que está fazendo você tropeçar.

— Papo furado. — Ela tentou me atacar, mas sua voz saiu como um sussurro: — Tudo o que você vomita são mentiras. Mentiras dessa língua bifurcada do diabo.

— Não é que você esteja lutando contra isso porque não quer — eu disse, dando um passo em sua direção. — Você está lutando contra isso porque não quer ceder tão facilmente. O orgulho é um pecado mortal, querida; cuidado com isso. Não negue sua boceta para irritar seu coração.

— Seu presunçoso filho da puta!

Em um piscar de olhos, ela estava em mim, toda a sua agressividade reprimida saindo por suas mãos. Ela estava tentando me bater. Tive que me controlar para não rir dela, de como estava sendo fofa. Era um desperdício chamar essa mulher guerreira de fofa, mas ela ainda era uma mulher e não conseguia quebrar minha armadura. Subjugando seus pulsos em minhas mãos, eu a movi em direção à parede, quase a jogando contra ela.

Sua respiração saiu ofegante, e porra, eu a inspirei. Respirei a paixão que ela tentou disfarçar de puro ódio. Seu coração batia contra o meu peito, tentando entrar em guerra com ele. Ela queria reivindicar o meu para poder sair do jogo de cabo de guerra com o dela.

Ela não tinha ideia. Eu nasci sem um.

Olhei para ela e meu sorriso se abriu lentamente. Seus olhos se estreitaram em fendas, mas vi a verdade que ela não podia negar neles.

— Vamos ver o quanto você odeia esta língua bifurcada do

diabo quando ela estiver fazendo você falar em línguas que nunca soube que existia.

— Foder não é igual a amor — ela disse, com os dentes entrecerrados. — Você pode ter meu corpo, mas o resto, você vai ter que sangrar. O amor mora no coração, Saqueador.

— Não há dúvida sobre isso, querida — concordei —, mas já sangrei por muito menos.

— Um coração é um lugar brilhante. Cheio de sol e arco-íris. Um verdadeiro paraíso. Mal posso esperar para ver você tentar roubar o amor disso. — Um sorriso zombeteiro surgiu em seu rosto. Era infantil, algo que eu nunca tinha visto antes nela. — Você fala de orgulho. Então, deve saber que o amor não lida com o orgulho. Isso o anula. Você, seu bastardo presunçoso, dirá “por favor” e “obrigado” depois que o amor tomar conta de você, e não haverá porra nenhuma que você possa fazer sobre isso.

— Ah, mas nem todos os corações são iguais, querida. Não acho que o seu seja feito de sol e arco-íris. Princesa é uma ova, não foi isso que você disse na feira? Eu sei que o seu é exatamente o oposto. O seu é uma fortaleza. Um que precisa ser disputado. Sangrar para merecer. Uma vez lá dentro, pertence a quem foi presunçoso o suficiente para acreditar que poderia passar pelos portões. — Soltei um de seus pulsos, minha mão livre afastando uma mecha de cabelo de seu rosto. Ela tremeu, e algo dentro de mim ecoou a reação. Ela fechou os olhos, soltando um leve suspiro. — Então esses olhos, esses olhos celestiais, pertencem somente a *mim* — afirmei.

Seus olhos se abriram, encontrando os meus, e antes que eu pudesse me mover, seus lábios se chocaram contra os meus. O calor de seu corpo era como o inferno, e todas as minhas defesas eram feitas de papel enterrado na neve.

Ela emitiu gemidos selvagens enquanto nossas línguas guerreavam por mais, enquanto sua mão procurava em meu corpo a pele nua para tocar. Quando minha mão deslizou por baixo da seda de sua blusa, deslizando entre seus seios, ela engoliu o suspiro que sibilou de minha boca. O mesmo ponto que toquei nela, no centro de seu peito, estava me queimando, como se ela tivesse ateado fogo. Ela se afastou de mim no que parecia uma explosão para acabar com tudo. Não só suas mãos tremiam, mas todo o seu corpo. Deu passos lentos para trás,

mantendo os olhos em mim o tempo todo, até se recostar em uma parede.

— Onde... — pigarreou. — O que acontece depois? Quero dizer, minha família. Esta festa. Scott.

Dei um passo para mais perto dela, sentindo uma gota de suor escorrer da minha têmpora até o pescoço. Ela tentou recuar, mas não havia como fazer isso. Em um movimento muito rápido para ela protestar, agarrei sua mão esquerda, enfiei a mão no bolso e deslizei em seu dedo o anel que Raff buscou na joalheria.

— O suficiente — foi a minha vez de pigarrear de leve — foi dito.

— Ninguém nunca vai acreditar nisso — ela disse, não olhando para o anel, mas para mim. — Ninguém. Muito menos Scott.

— Kee. — Um minuto depois, voltei meus olhos para Harry Boy, que estava parado na porta da cozinha. Levou ainda mais tempo para Keely olhar para ele.

O olhar entrecerrado dele intercalou entre nós, o semblante fechado.

— Se eu não soubesse... — Balançou a cabeça, sem terminar o pensamento. — Tem gente à porta. Para você.

— Quem é? — Sua voz soou baixa, quase atordoada.

— Stone — ele respondeu.

Senti a reação de seu estômago, um tremor como se tivesse dado um mergulho profundo.

— Mantenha-o lá na frente — ela pediu. — Vou recebê-lo em um minuto.

Harry Boy assentiu e saiu.

Ela deu um passo para longe de mim, arrumando o cabelo, e então passou a mão gelada pelo pescoço, que estava em chamas.

— Ele não vai... — ela falou, a voz agora mais resistente. — Ele não vai acreditar nisso! O que eu digo? O que faço? Não quero que você mate meu irmão se eu estragar tudo!

Segurei sua mão, levando-a em direção à porta da frente.

— A verdade: você é minha, e nada mais, querida. Nada mais.



CAPÍTULO 11

Keely

Não sentia satisfação em ferir outras pessoas, não como o saqueador, mas éramos parecidos de uma forma que eu odiava admitir. Sempre senti satisfação em me vingar de pessoas que me machucaram ou aos meus.

Isso fazia de mim uma pessoa má? Não tinha ideia.

Assim como não tinha ideia de quão profunda era essa briga entre Cash e Scott. Eu descobriria depois que abríssimos a porta da frente da casa do meu irmão e Scott visse nós dois juntos. De mãos dadas. Um enorme anel de noivado de esmeralda no dedo anelar da mão esquerda. Aquele com a veia que corria direto para o meu coração.

Scott nunca iria acreditar que Kelly e eu estávamos juntos. Não no sentido real. Nunca iria acreditar que eu era esse tipo de mulher. Do tipo que trazia dois homens para minha cama ao mesmo tempo, enganando um deles. Ele tinha que acreditar, ou eu não tinha ideia do que o saqueador faria.

Cash parou logo antes de abrir a porta, virando-se para meus irmãos, que tinham decidido nos seguir.

Meu irmão, Lachlan, pigarreou antes de dizer:

— Vamos descobrir mais sobre o anel em seu dedo em um minuto, mas Harrison nos informou sobre o detetive. Você estava saindo com ele também, Kee? Ao mesmo tempo que Cash?

— Sim — eu disse, com a voz ofegante. Harrison balançou a cabeça e encostou-se à parede. — Simplesmente aconteceu.

Para um bando de homens que me conheciam a vida inteira, nenhum deles sequer piscou para mim. Diante da mentira. Normalmente um deles fazia isso se eu estivesse mentindo, mas geralmente era eu que os criticava por causa de suas besteiras. Talvez eu estivesse me tornando uma atriz melhor.

— Keely Kelly, Keely Kelly, Keely Kelly — meu irmão Owen disse, bem rápido, mas embaralhou as palavras que representavam meu futuro nome na terceira vez que o disse. — Urgh! — soltou, quando Declan lhe deu uma cotovelada nas costelas.

Lachlan deu de ombros.

— Não importa. Você tem o direito de amar quem você quiser. Mas talvez devesse ter sido honesta com o detetive antes que ele aparecesse. — Lachlan encarou Cash, ambos na mesma altura. — Isso vai se tornar um problema para minha irmã? Para meu irmão? Já que esta é a casa dele?

Eu olhei para Cash, que olhou para meus irmãos como se eles fossem, coletivamente, nada além de um jantar fácil. Ele sorriu.

— Nenhum problema.

Lachlan assentiu.

— Vamos ver o que ele quer.

Merda! Como eu poderia dizer a eles que o convidei?

Cash tentou abrir a boca, mas eu me adiantei:

— Não — falei. — Prefiro manter isso entre mim e Scott.

— Nós três — Cash disse, com seu sotaque carregado. — É melhor que o homem saiba onde estou. E onde ele está.

— E onde *eu* estou — falei, minha voz mais firme do que as mãos e os joelhos.

Harrison aprumou a postura.

— Vamos esperar aqui então.

Ele apertou o ombro de Lachlan.

Respirei fundo, mas não ajudou a me acalmar quando abri a porta. Scott estava olhando para o telefone, e percebi o quão cansado

devia estar pela expressão de seu rosto. Assim que olhou para mim, o olhar pareceu derreter, e um enorme sorriso floresceu em seu rosto.

— Amor — ele disse —, você é um colírio para os olhos. Espero... — as palavras morreram quando a força atrás de mim deslizou uma mão em volta da minha cintura, nos guiando ao mesmo tempo para a varanda, para mais perto de Scott.

Scott. Eu. O Saqueador.

Claro.

Naquele momento, eu era oficialmente o centro dessa rixa entre inimigos.

— É muito gentil da sua parte se juntar a nós, detetive — Cash disse, às minhas costas, seu hálito quente fluindo sobre minha pele, fazendo-me tremer. Não por atração desta vez, mas pela frieza em seu tom. — Mas um pouco tarde para a festa.

O olhar de Scott alternou entre nós, e não consegui decifrar a expressão em seu rosto. Não até um segundo depois, quando ele sacou a arma ordenou que Cash me soltasse, ou ele levaria um tiro.

Cash riu, o som baixo e profundo em sua garganta.

— Estou forçando você, querida?

Harrison. Harrison. Harrison.

Estava fazendo isso pelo meu irmão! Não estava? Mesmo que eu odiasse machucar Scott, porque ele nunca tinha feito nada para mim, pessoalmente, uma parte minha — uma parte profunda e decadente — realmente admirava a maneira como Cash estava lidando com esse plano de vingança. Foi inteligente.

Assim como dizia o velho ditado: “alimente um homem e ele comerá por um dia, mas ensine-o a pescar e ele comerá por toda a vida”. Bem, o lance de Cash parecia ser mais ou menos assim: “Mate um homem e acabou, mas se o ferir em um lugar que não tem capacidade de curar ele sofre pelo resto de sua vida”.

No entanto, fui eu quem, por fim, tive que o machucar, e me matava ter que fazer isso. Scott era um cara decente, além de sua atitude em relação aos indivíduos do crime organizado. Cash apertou minha cintura um pouco, e eu respirei fundo antes de expirar bem devagar.

— Não — eu disse, minha voz firme. — Ele não está. — Inspirei fundo novamente. — Esperava que você tivesse vindo antes. Precisava

falar com você sobre isso. — Deslizei a mão sobre a de Cash e os olhos de Scott se estreitaram. Então, ele abaixou a arma e colocou-a no coldre. — Sinto muito, Scott. De verdade. Você nunca saberá o quanto. Mas não posso fazer isso... nós. Conheci Cash e...

Estava esperando que Scott me interrompesse, para me chamar de mentirosa, mas ele não o fez. Ele acreditou em mim. Ele realmente acreditou em mim. Essa *farsa*, como Cash a chamara. Talvez Cash estivesse certo. Scott não sabia a diferença entre a atriz e o meu verdadeiro eu.

— E você se apaixonou pelo bastardo! — Scott rugiu, e me encolhi um pouco no abraço de Cash. Scott não percebeu; seu olhar nunca se desviou do de Cash, mas foi o suficiente para que Cash sentisse. Ele me segurou um pouco mais forte.

— Eu... — Eu estava prestes a dizer *o quê?* Mas então talvez ele suspeitasse que algo estava acontecendo. Entretanto, como ele não percebeu que eu estava *atuando*? Que a única coisa que eu sentia por aquele homem que me abraçava era um misto de desdém e curiosidade?

Ok, e luxúria. Eu não poderia ser culpada, no entanto. O homem era muito bonito com uma boa dose de virilidade. Eu me dei uma folga por causa da atração, porque meu coração batia forte e o sangue corria quente em minhas veias.

— Porra, Keely! — Scott gritou, finalmente olhando para mim. — Você tem alguma ideia de quem está tocando em você agora? Quem é ele?

— O Saqueador.

O ar parecia parado, e a única coisa que parecia se mover era o movimento frenético do peito de Scott.

— Então você sabe. Você sabe que tipo de animal tem as mãos em você. — Quando Scott olhou para a mão de Cash, ele notou a minha, a luz da casa fazendo a esmeralda brilhar ainda mais na noite.

Vasculhei o bolso traseiro, querendo acabar com isso o mais rápido possível, e tirei o anel que Scott havia me dado. Saí do agarre de Cash e dei um passo à frente, esperando que Scott pudesse ver o remorso em meus olhos. Doeu terminar assim.

Este foi apenas o começo — para nós três. Cash anunciou o grito de guerra, e Scott respondeu.

— Aqui. — Peguei sua mão e coloquei a aliança sobre a palma aberta, tentando firmar minha própria mão... que tremia. — Você merece ser feliz — sussurrei. — Outra mulher, alguém diferente, merece usar esse anel.

Scott arrancou sua mão da minha como se eu tivesse lepra, com um olhar enojado em seu rosto, antes de cerrar o punho com a mão que segurava o anel.

— Você se apaixonou por um selvagem. A porra de um animal que mata por dinheiro. Você se apaixonou pelo meu pior inimigo. E ele brincou com você como o diabo joga com os fracos. Nunca te considerei fraca, mas acho que me enganei. Sobre um monte de coisas. — Ele olhou para Cash. — Ainda não terminamos, Kelly. Você roubou meu coração, agora vou roubar sua alma. *Hell's Kitchen*. Nunca pertenceu a seu pai. Nunca pertencerá a você, enquanto eu estiver vivo para impedi-lo.

Qualquer homem razoável teria dado uma olhada no rosto de Scott e cancelado a dívida, mas uma olhada em Cash e eu sabia que nunca seria o suficiente. Ele nunca ficaria satisfeito até que Scott Stone chorasse lágrimas de sangue. Eu sabia que era o mesmo para Scott Stone.

Não me ocorreu até aquele momento o quão insanamente perigosa essa situação era. O ódio e a raiva de ambos os homens eram como duas sepulturas abertas. O jogo era uma corrida para ver quem cairia primeiro pela mão do outro.

— Kee.

Levei um momento para perceber que Harrison estava falando comigo. Estava aérea ultimamente. Cash nos virou e toda a minha família ficou de frente para nós.

— Você tem algo a dizer à sua mãe e ao seu pai? — Minha mãe olhou para minha mão antes de encontrar meus olhos, então arqueou uma sobrancelha, severa.

— Vamos nos casar — Cash respondeu.

Alguns segundos depois, a porta do carro de Scott bateu. Os pneus cantaram quando ele saiu do meio-fio, deixando para trás o cheiro de borracha queimada e fumaça.

E isso... selou tudo.



CAPÍTULO 12

Keely

Minha substituta me odiava. Durante toda a prática, ela fez pequenos comentários sarcásticos em voz baixa.

— *Ela só conseguiu esse papel por causa do namorado... ou quem quer que ele seja para ela. Ela não sabe cantar e nem atuar.*

Embora eu soubesse que ela estava sendo uma vadia porque seu tio não conseguiu garantir esse papel para ela, seu último comentário era a verdade. Bem, para aquele dia em particular.

Não conseguia me concentrar o suficiente para entrar na cabeça da minha personagem. Minha atenção estava no predador.

Fazia três dias desde que nos beijamos na cozinha. Três dias desde que ele me deu o enorme anel de noivado que estava em meu dedo. Mesmo que eu devesse estar me concentrando em Scott e no que fiz com ele, tudo em que conseguia pensar era no meu casamento iminente e naquele beijo.

Aquele beijo.

Detestei e amei.

Aquilo me gelou até os ossos.

Aquecia meu sangue e fazia meu estômago revirar, como se meu

coração fosse um pássaro e tivesse fugido com todo o bom senso, deixando para trás penas soltas que esvoaçavam toda vez que eu pensava nele.

Aquele beijo.

Queria rejeitá-lo.

Queria mantê-lo enquanto eu vivesse.

Porque... aquele beijo? Aquilo me cegou. Nunca beijei um homem e tive o mundo inteiro desaparecendo, e dentro da escuridão, éramos apenas ele e eu. Ninguém mais parecia existir. E não importava o que aquele bastardo mentiroso tivesse a dizer sobre isso ou não, ele também foi tocado por isso.

Eu senti. Como *ele* sentiu. Naquele momento, estávamos conectados, e tudo o que parecia se mover através dele, se movia através de mim, como um relâmpago.

Que monte de besteira!

Ele estava fazendo exatamente o que pretendia fazer — roubar meu coração! E eu estava deixando. *Deixando sem lutar*. Provavelmente fui a presa mais fácil que ele já teve na vida.

Fui o encontro que não fez o homem se esforçar para merecer o beijo, basicamente.

Aquilo não era eu. De forma alguma. Eu controlava a quem dava meu coração. Ninguém mais, muito menos ele.

— Isso mesmo! — gritei.

O palco ficou excepcionalmente silencioso. Todos os olhos estavam em mim.

— Fiquei emocionada com essa última fala.

Comecei a bater palmas e, como ninguém mais queria parecer rude, todo mundo também o fez. Minha irmã no espetáculo estava defendendo minha personagem, afirmando que nenhum homem seria meu dono — não sem antes derramar sangue.

No entanto, aquele grito impulsivo provou quanta tensão eu estava sofrendo. Estava prestes a explodir. Precisava voltar a ter controle da minha vida. Eu me recusava a permitir que Kelly tivesse tudo — *de jeito nenhum*. Estava me casando com ele. Por ordem *dele*. O mínimo, o *mínimo* mesmo que ele poderia fazer era alinhar comigo a respeito de alguns pontos que significavam algo para mim.

Fiz anotações mentais de todas as coisas que queria discutir

com ele a caminho do camarim. Terminei o dia, de qualquer maneira. Não estava fazendo nenhum favor ao meu personagem, e gritar pensamentos que se recusaram a silenciar também não favorecia em nada os meus colegas de elenco.

Toda essa situação foi o motivo pelo qual estipulei uma regra para mim anos atrás. *Nunca se case com alguém por quem você se apaixona logo de cara.* Esses relacionamentos, os caóticos, deviam acabar em uma velocidade enlouquecedora, deixando-me com o coração partido, porém mais sábio. Era o tipo de situação que deveria me ensinar tudo sobre o que não fazer no amor.

Scott Stone não era esse tipo de homem. Ele era o tipo de homem com quem você se casa.

Eu tinha sentimentos superficiais por ele, sem dúvida, mas ao longo dos anos, aprendi a amá-lo mais profundamente. Ele teria aprendido a me amar. E eu teria dado a ele meu coração. Ele era minha tartaruga, ganhando a corrida da vida em um ritmo razoável comigo. Não um gato perspicaz e astuto que entrou, tentou roubar meu coração e depois nos colocou em um ritmo miserável até que nós dois terminássemos. Tudo por vingança.

Ok, então talvez eu não devesse ter reclamado mentalmente sobre Scott quando estávamos juntos. Eu acabei me amaldiçoando desse jeito.

Olhei para a minha bolsa-carteiro, enfiando algumas coisas dentro.

Ok, então talvez Scott não fosse o cara com quem eu teria acabado, mas ele tinha potencial, não é? Se não Scott, alguém como ele.

Pare de dar desculpas, Keely. Ouça o seu coração.

Eu me recusava a isso. Meu coração havia me traído por já sentir algo pelo saqueador. Principalmente depois daquele beijo.

— Ok, Kee, precisamos de um plano pra ontem. Você não vai sair dessa, ou se vingar, se não começar a estabelecer algumas regras básicas agora. Mesmo que você faça isso sem que ele perceba.

Minha mãe sempre dizia que o truque com meu pai era fazê-lo *pensar* que era o chefe da casa. *“A mente não é nada sem pensamentos”*, ela sempre dizia.

— Eu sou os pensamentos. Pensamentos que levam a ideias inteligentes são muito importantes — disse a mim mesma, enfiando

alguns papéis na bolsa.

— Sem dúvida.

— Aah! — Girei, jogando quatro ou cinco papéis no homem que entrou no meu camarim.

Raff desviou e começou a rir. Então, se abaixou e os pegou, entregando-os de volta para mim.

— Me diga logo agora se esse é um traço familiar ao qual devo me acostumar. — Enfie os papéis lá dentro. — Você me assusta. Seu primo *constantemente* me assusta. Quero dizer, vocês dois são homens grandes. Por que andam como fantasmas?

— Não sabia que fantasmas andavam — ele disse, sentando-se no pequeno sofá. Em seguida, sorriu para mim, descansando o pé no joelho.

Acenei com a mão.

— Você sabe o que quero dizer.

— Sinta o que você diz e diga o que sente.

Seu sorriso se tornou ainda mais largo.

— O que você está fazendo aqui tão cedo?

Cash nomeou Raff como minha sombra depois da festa na casa de Harrison. Contudo, ele geralmente vinha mais tarde para me buscar. Parei mais cedo do que o normal por causa do meu dia de merda.

— Cash me enviou para levar você para casa.

Ele estava me vigiando, mas não foi isso que fez um nó se formar na minha garganta, bloqueando o fluxo de ar para os meus pulmões. Foi uma palavra. *Casa*. A casa do saqueador.

Raff tinha supervisionado a mudança do meu antigo apartamento para o armazém transformado um loft palaciano de Kelly em *Hell's Kitchen*. Depois que Kelly orquestrou aquela cena dramática na frente da casa de Harrison, ele me disse que eu tinha três dias para arrumar minhas coisas para me mudar para a casa dele. Na verdade, ele usou a palavra “nossa” — como dele e minha.

Se aquele beijo não tivesse sido o suficiente para me derrubar, morar com ele varreu a banquetta debaixo de mim.

Olhei para Raff por um segundo, talvez mais, porque ele arqueou as sobrancelhas para mim. Eu estava perdida em pensamentos.

No tempo que levei para caminhar até meu camarim e arrumar algumas das minhas coisas, pensei em um plano que poderia abalar um

pouco Cash Kelly. Seria preciso coragem para ir até o fim, no entanto. Respirei fundo e disse:

— A igreja da família de Cash, aquela sobre a qual ele estava me falando...?

Cash disse que íamos nos casar lá, já que o padre era amigo da família há anos

Nenhuma data foi marcada, mas ele mencionou isso para minha mãe e meu pai depois da cena com Scott. Meus pais conheciam a igreja, então minha mãe aprovou. Não que Kelly parecesse se importar de uma forma ou de outra, mas era um ponto para ele.

— O que tem? — Raff perguntou.

— Gostaria de passar por lá antes de ir para casa.

Raff assentiu.

— Sim, acho que tudo bem.

Balancei a cabeça, mais para mim, pegando a bolsa da penteadeira de frente ao espelho. O reflexo iluminado por lâmpadas de *megawatt* mostrava uma mulher em guerra consigo mesma, mas eu já havia me decidido.

— Tenho mais uma parada antes de ir à igreja. Não vai demorar.

Raff estreitou os olhos para mim, mas aceitou sem protestar.



O pequeno escritório dentro da enorme igreja estava escuro, já que o sol estava começando a se pôr. Raff foi procurar o padre Flanagan e me deixou sozinha com meus pensamentos e minhas malas.

A princípio, Raff havia me direcionado ao confessionário, mas balancei a cabeça e disse que precisava falar com o padre em outro lugar — um lugar onde pudéssemos levar minhas malas e onde eu pudesse mantê-las por perto.

Raff parecia ter uma ideia do que eu estava fazendo, mas em vez de me xingar, o sorriso em seu rosto me disse que ele iria manter meu segredo. Ele pareceu gostar da ideia de eu derrotar Kelly. Talvez porque muitas pessoas não conseguiram fazer isso.

Duas cadeiras estavam em frente a uma mesa simples no

escritório do padre. Sentei-me em uma, suspirando enquanto o fazia, e então olhei para a bolsa pendurada sobre a segunda.

Meu coração deu um salto e respirei fundo para tentar normalizá-lo. Estava fazendo aquelas penas vibrarem novamente na boca do meu estômago. Meus dedos tamborilaram contra a madeira, e meu pé teve um desejo insano de bater no chão.

Cinco minutos se passaram e, pouco antes de eu me levantar, nervosa demais para ficar sentada, a porta se abriu e um homem mais velho entrou.

— Padre Flanagan? — indaguei, virando-me no meu lugar.

— O dia todo — ele respondeu. — Raff disse que você gostaria de falar comigo.

Levantei-me, e ele parou — seus olhos me varreram da minha cabeça às minhas mãos. Eu estava esfregando as palmas das mãos na calça jeans.

— Meu nome é Keely Ryan — comecei, estendendo a mão. — Me disseram que você é um amigo da família Kelly.

Ele pegou minha mão, mas em vez de apertar, colocou a mão livre em cima dela.

— Considero Cashel Fallon e Killian Patrick tão próximos quanto o sangue. — Ele fez uma pausa. — Você está em algum tipo de problema, Keely?

— Problema. — Balancei a cabeça. Não adiantaria contar a esse homem sobre o tipo de problema que Cash Kelly era, porque ele provavelmente já sabia. — Não, essa não é a palavra certa para isso. Mas estou feliz que você considere Cashel Fallon como alguém da família. O ramo se estende até mim? Já que ele me escolheu para sua noiva? — Dei um sorriso astuto, como minha mãe o chamava.

Os olhos do padre Flanagan desviaram-se dos meus para a bolsa pendurada sobre a cadeira e depois de volta para eles novamente. Eles eram azuis brilhantes para combinar com o que provavelmente já foi uma cabeça cheia de cabelos ruivos.

— Sente-se. — Ele acenou com a cabeça para a cadeira em que eu estava sentada. — Vamos ouvir seus planos.

O sorriso que ele me deu combinava com o de Raff, e o sorriso com que retribuí desta vez era verdadeiro.



A esmeralda rodeada por diamantes em meu dedo esquerdo refletiu as luzes suaves do escritório. Mesmo que estivesse no meu dedo desde que Kelly a colocou lá, nunca parei para admirar o quão bonita era.

Talvez porque admitir isso para mim mesma fosse como ceder um pouco. Eu estava tendo dificuldade em fazer isso no geral.

O que eu estava prestes a fazer, no entanto? Parecia libertador.

Um pingo de controle fez minha vida parecer um pouco menos caótica, então me permiti admirar o anel pelo que era. Apenas um anel que parecia excepcionalmente bonito sob esta luz e no meu dedo. Era uma joia que me fazia sentir feminina. Eu realmente odiava admitir que qualquer coisa que Kelly fizesse valeria a pena, mas o anel era deslumbrante e provava que se ele realmente o tivesse escolhido, ele tinha bom gosto.

— Claro — sussurrei para mim mesma. — Ele escolheu você, não foi?

Então ri de mim mesma, porque eu não era a escolha dele. Destino. O destino voando nas asas da vingança me escolheu para ser sua noiva. Eu deveria ter acabado com um homem que era o oposto de Cashel Fallon Kelly. Um homem que trabalhou duro para ganhar cada centavo honesto. Um homem previsível e confiável. Um homem cujo toque não me queimava profundamente e me deixava à vontade ao mesmo tempo. Um homem que me trouxe paz, não caos.

Mesmo o papel na Broadway não deveria ter sido meu.

Essas coisas — o homem que parecia maior que a vida e o papel no palco —, deveriam ter pertencido à minha irmã. Ela estava destinada a grandes coisas. Coisas que mamãe dizia sobre ser uma estrela.

Então a vida que eu estava vivendo? Parecia uma grande mentira.

Antes que eu pudesse me empolgar demais com a linha de pensamento de autocomiseração, vozes soaram do lado de fora do escritório do padre Flanagan. Não me incomodei em me levantar da cadeira desta vez, porque já estava de pé. Eu me recusei a enrugar

qualquer coisa.

A porta se abriu e Raff entrou primeiro, mas parou na hora. Kelly, que estava com a cabeça voltada para o padre Flanagan, empurrou-o para dentro do escritório, sem perceber que eu estava ali.

Talvez fosse o silêncio dos outros dois homens, mas o que quer que fosse, Kelly finalmente notou minha presença na sala.

— Precisamos conversar — falei, não dando a ele uma chance de se recuperar. Este era o meu momento. Eu seria amaldiçoada se ele roubasse isso também.

Ele não disse nada, mas seus olhos estavam fixos nos meus. Eles estavam, até que uma leve risada escapou do padre Flanagan, que estava saindo da sala, seguido por Raff. Kelly estreitou os olhos para mim, mas um segundo depois, eles encontraram o padre e seu primo. Sua ira era dirigida a eles, não a mim.

— Ah, mas que teia emaranhada nós tecemos, Cashel Fallon Kelly! — padre Flanagan exclamou, antes de fechar a porta e nos deixar sozinhos. Risos ecoaram pelo corredor até que tudo ficou completamente silencioso, deixando nós dois de frente um para o outro.

Quando sua atenção voltou a ser minha, seus olhos observaram o véu em minha cabeça e o vestido de noiva em meu corpo.

Eu tinha ido com Mari a uma de suas provas — ela se casaria na Itália em junho —, e enquanto ela fazia o que tinha que fazer, comecei a dar uma olhada na loja. Mari havia contratado um designer conhecido, mas resolvi vasculhar as prateleiras. Uma vendedora apareceu do nada e me disse que tinha o vestido perfeito para mim. Era para alguém com a meu porte físico.

Mari saiu enquanto a garota discutia comigo sobre experimentá-lo. Juntas, elas me persuadiram a fazer isso. Mas só fiz, porque o vestido não tinha babados e eu sabia que em algum momento teria que enfrentar esse destino — fosse sozinha ou com minha mãe e minhas tias.

Decidi compartilhar o momento com Mari, já que não havia compartilhado com minha amiga o que estava acontecendo. De uma forma secreta, pude aproveitar a experiência com ela, mesmo que minhas circunstâncias e as dela fossem incomparáveis. Mari estava se casando por amor. Meu irmão, que por acaso estava apaixonado por ela, tinha uma bala pairando sobre o peito se eu não me casasse por

vingança.

O vestido que acabei escolhendo era sensual, o que a vendedora chamava de segunda pele, e me abraçava em todos os lugares certos. Tinha um decote curto, mangas longas e detalhes intrincados nas laterais em crepe, apliques de renda e tule bordado em fio com pedrarias. Os padrões me lembraram dos redemoinhos dentro das penas do pavão. Eram estritamente nas laterais, e as costas ficavam expostas em um V. Não tinha muito tecido, mas o véu compensava.

No dia seguinte ao horário de Mari, voltei e acrescentei detalhes ao vestido, véu e um par de saltos que a atendente de noiva me convenceu a usar. Exigi sigilo da garota alegre que havia me ajudado, dizendo a ela que estava convidando a família para uma festa, mas que iria surpreendê-los com nosso casamento secreto.

Se ela soubesse...

Acontece que era uma verdade parcial. Em vez de convidar a família para nosso casamento secreto, eu estava convidando o noivo. Ele ficou do outro lado da sala, diante de mim. Olhando-me fixamente. Eu não tinha dúvidas de que ele estaria de terno — ele sempre usava quando “trabalhava”... um gângster tão cavalheiro — e não me decepcionou.

Uma coisa permaneceu consistente com Kelly desde o primeiro dia em que nos conhecemos: ele era tão bonito quanto implacável. Eu sabia que ele sempre seria.

Finalmente, depois que percebi que ele não responderia até que eu continuasse, pigarreei de leve antes de falar:

— Você se casa comigo aqui e agora. — Levantei um dedo. — Estou salvando meus pais dessa farsa de casamento. Sou a única filha viva deles, então é importante para mim que o que eles testemunham seja verdade. Direi a eles que estamos tão apaixonados que mal posso esperar um dia a mais. — Revirei os olhos. — E Mari. Não quero contar a ela ainda. Quero mantê-la fora disso, por enquanto.

Kelly não disse nada enquanto estava ali, olhando para mim. Isso estava me deixando desconfortável. Coloquei a mão úmida contra meu pescoço, para aliviar um pouco a queimação. Um ou dois minutos se passaram antes que ele se movesse em minha direção. Tentei dar um passo para trás, porque ele sempre parecia confinar meu espaço, mas bati na mesa. Mesmo que eu exigisse que fosse meu direito, ele ainda

estava me encurralando.

— Você não está salvando seus pais de nada, querida — ele disse, sua voz fria e confiante. — Nós dois sabemos disso. E nós dois sabemos que não é sábio mentir em uma igreja. — Olhou para cima por um segundo antes de seus ferozes olhos verdes colidirem com os meus. — Falar mentiras aqui é o equivalente a mentir para si mesma. Nada além de uma perda de tempo.

— Não estou mentindo — rebati, com os dentes cerrados.

— Você faria mal a si mesma só para me contrariar.

Ele avaliou meu rosto por um segundo antes de tomá-lo entre as mãos, inclinando-o para cima. Sua cabeça baixou um pouco antes de se mover para ainda mais perto, seu nariz tocando meu pescoço antes de deslizar até minha orelha. Seu hálito quente soprava sobre minha pele, e o cheiro de sua exuberante e caríssima colônia pairava no ar. Cheirava tão bem que eu gostaria que tivesse um sabor para poder prová-lo. Lamber direto de seu corpo.

— Você está fazendo isso por controle, o que está bom para mim, querida. Você merece isso. Vai acontecer hoje. Agora. Você nesse vestido, e eu aqui quase sem fala por causa disso. Mas não vou aceitar mentiras. Aqui não. Agora não. Portanto, sejamos sinceros. Você não quer fazer votos na frente de sua família e amigos, porque isso não é uma farsa para você. Você vai tornar isso tão real quanto eu. Porque está tentando se vingar de mim.

Ele ficou imóvel, e minha pele formigou para que seus lábios acabassem com a distância entre nós e fizessem a conexão.

— Se eu não levar isso a sério, você vai. Para me fazer sofrer. Para fazer com que eu me apaixone por você tanto quanto você está se apaixonando por mim. Você não quer que ninguém que te conhece ou perceba isso. A verdade você me dará na frente daquele altar. — Cheirou meu pescoço. — Posso sentir o cheiro do medo em você, arqueira. Temo que você fale esses votos com a verdade, porém eu não farei o mesmo.

Cada palavra era sussurrada em meu ouvido com aquela cadência suave e, apesar de todos os meus esforços, um calafrio sacudiu meu corpo.

Kelly sacudiu o globo de neve que era minha vida, reorganizando todas as peças, e eu não tinha certeza de como elas iriam

se acomodar ao meu redor.

— Você não vai — falei, fechando os olhos. Eu era uma mulher forte e sabia disso, mas também era humana. E essa situação me jogou dentro de um lugar que nunca tinha estado antes. O casamento era um compromisso sério, que sempre esperei honrar e respeitar. — Vou fazer o mesmo.

— Ah. — Ele respirou suavemente. — Agora estamos chegando a algum lugar.

— Isso não é real para você. Como pode ser? Isso é vingança.

Não tinha certeza de porque era tão importante para mim descobrir seus sentimentos sobre isso, mas era. Ele poderia estar me usando como um peão, e eu ainda estava determinada a infernizar a vida dele por isso, mas não aceitaria mentiras no altar. Ele diria seus votos com significado, ou... O que eu poderia fazer?

Nada.

Minhas palmas ficaram úmidas de repente, como se eu estivesse olhando de um prédio altíssimo para um mundo cheio de caos, prestes a pular nele. Esfreguei as mãos no vestido, esperando encontrar ali uma rede de segurança.

— Isso é real para você? — Ele se moveu para trás para me olhar nos olhos novamente.

— Sim — afirmei. — Você quis isso. Então, agora vai ficar real. Tudo bem — refleti o mesmo tom que ele havia usado — ... para você, Saqueador?

Ele olhou para mim por tanto tempo que me perguntei sealaria alguma coisa. Então, sorriu, e eu esperava que ele não pudesse ouvir meus joelhos bambos.

— Imponente — ele disse, sua voz um pouco rouca. — Apenas. Imponente.

— Espere! — Estendi a mão quando ele foi embora. — Aonde você está indo?

— Minha noiva quer se casar. — Ele deu de ombros, todo despreocupado. — Vou esperar no altar. Estarei lá quando você estiver pronta.



Eu *nunca* estaria pronta para isso.

Para ele.

Pronta ou não, porém, vinte minutos depois, abri a porta do escritório, dando uma última olhada no espelho que padre Flanagan havia trazido para eu usar. Um último olhar para a mulher solteira que estava saindo desta sala. Sempre que voltasse, estaria casada com o homem conhecido como um saqueador.

O ladrão de corações.

Dei um passo para fora e bati contra uma parede sólida de músculos. Quando olhei para cima, minha boca se abriu. Então, se fechou.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrei para Harrison.

— O que estou fazendo aqui? — rebateu no mesmo tom. — Deveria estar te perguntando a mesma coisa! Você perdeu a cabeça? Você está escolhendo fazer isso, Kee?

— Uaaaau! — exclamei, prolongando a palavra. — Kelly tem uma boca grande.

Ele balançou sua cabeça.

— Estávamos no meio de uma reunião de negócios quando Raff ligou e disse a Kelly que precisava vir imediatamente. Kelly me fez caminhar com ele para que pudéssemos terminar de conversar. Ele me disse há um minuto para vir ver como você está. Agora, vejo isso. Você. Vestida assim. E como estamos em uma igreja, não é difícil deduzir qualquer coisa.

Ah. *Eu* tinha uma boca grande então. Deveria ter prestado mais atenção em Harrison antes de revelar meu segredo.

Estreitei os olhos para o meu irmão.

— Você não pode me julgar sobre isso, Harrison! Você não. Farei o que for preciso para sobreviver a isso. — Fiz menção de me afastar, mas ele agarrou meu braço.

— Kee — ele disse. — Não estou te julgando. Mas ouça, apenas ouça! Pelo menos uma vez! — Respirei fundo antes de me virar para encará-lo. — O que quer que você esteja pensando, esqueça — afirmou.

— O que quer que você esteja planejando, esqueça. Não vai fazer diferença. Não com ele. É tarde demais.

— O que você quer dizer? — inquiri, devagar. — Tarde demais?

— Kee. — Ele balançou sua cabeça. — Toda a família acredita que você se apaixonou por Kelly.

— E? Não é nisso que eles deveriam acreditar?

— Nós crescemos com você, Kee.

— E...?

— E... quanto mais claro você precisa que eu seja? Você está se apaixonando por ele. É por isso que você o odeia. Você sabe que é isso, e não quer. Então você está lutando contra ele, porque é a única escolha que você tem. Se eu sei, Kelly sabe.

— Que tipo de mulher isso faz de mim, Harrison? — sussurrei, agarrando as laterais do vestido com tanta força que meus dedos ficaram brancos. — Que meu coração... está... não está em guerra com isso. Está em guerra com a ideia disso. Ele me intimidando.

— Talvez seja apenas atração. Apenas físico. Vai passar. E... — Harrison balançou a cabeça, passando a mão pelo cabelo, fazendo-o ficar espetado. — Não sei, Kee. Não faço ideia. — Então, meu irmão me puxou para o calor de seus braços e minha cabeça repousou em seu peito. Ele me beijou na testa. — Você não precisa fazer isso... Ele teve sua vingança. É o suficiente.

— Não é — murmurei. — Nós dois sabemos disso.

— Sim, mas minha vida não vale isso. Você está pagando pelos meus pecados.

Aprumei a postura na mesma hora. Tive meu momento de vitimização. Era hora de seguir em frente.

— Vale a pena sofrer por sua vida, Harrison. Porque não estou fazendo isso para pagar pelos seus pecados. Estou fazendo isso para dar valor ao seu amor. A verdade sobre Mari foi um golpe, mas nós dois sabemos que ela não é o tipo de pessoa que machuca alguém de propósito. Então, você sabe o que isso quer dizer? Seu grande amor ainda está por aí. Você apenas esteve muito focado em Mari para ver isso.

Harrison ergueu a mão, ajeitando meu véu.

— Você é minha irmãzinha, e eu nunca disse nada assim para você antes. Você sempre foi tão durona quanto um dos meninos, é capaz

que até mais. — Ele sorriu, mas somente por causa das lembranças. — Talvez isso não seja o suficiente, mas você é linda, Kee. Cash Kelly merece que os batimentos do coração dele parem quando te vir. Ele não merece você.

Eu sorri.

— Já chega, Harry Boy. — Dei-lhe o braço, e ele aceitou. — Então, você vai me acompanhar?

— Diretamente porta afora — respondeu, baixinho. — Porque se Kelly não me matar, nossa mãe o fará.

— Vou deixar você fora disso — afirmei. — A honra da irmã.

— Não. — Ele colocou a mão sobre a minha. — Deixe-me levá-la.

— Honestamente? Prefiro me casar com Kelly cem vezes do que enfrentar minha mãe uma vez.

— Estou surpreso que ela não tenha visto isso em suas folhas de chá, a traição!

Nós dois sorrimos, e então nossos pés estacaram. A igreja inteira estava cheia de velas, todas acesas e queimando, fazendo o homem que esperava no final do corredor brilhar. Não sabia dizer se estava no céu ou no inferno.

— Eu não pedi isso — sussurrei.

— Não, foi Kelly — meu irmão comentou.

Eu balancei a cabeça.

— Vamos acabar logo com isso.

Meu irmão colocou a mão sobre a minha, enquanto me conduzia até o altar. O tom verde nos olhos de Kelly parecia irreal quando me aproximei dele e, como o anel em meu dedo, desejei poder apreciar a cor sem sentir que estava enganando meus princípios. Eu queria admirar seus olhos, me perder neles, acreditar que o olhar que ele estava me dando — todo sério e abrasador — era de verdade.

Queria que ele me quisesse, e não apenas por vingança.

Se fosse esse o caso, porém, não estaríamos onde estávamos, prestes a fazer promessas construídas sobre algo brutal e sanguinário.

Meu irmão me beijou na bochecha antes de me entregar a Kelly. Harrison e Raff estavam por perto como testemunhas. Eu não tinha uma dama de honra, e isso realmente não importava. Minha irmã estava morta e minha alma gêmea não precisava se envolver nisso. Ela merecia

acreditar que tudo estava bem no mundo e que eu não estava vendendo amor para salvar a vida do meu irmão.

A mão de Kelly estava quente na minha enquanto estávamos diante do padre Flanagan e nos viramos um para o outro. Repeti os votos que deveria, mas não conseguia ouvir minhas palavras, não como se pudesse senti-las: pesadas, com um compromisso vitalício. Uma vez que Cash Kelly fez seus votos para mim, foi isso. Nós dois estávamos presos um ao outro.

Para sempre foram apenas algumas palavras curtas daquele momento.

— Eu agora os declaro marido e mulher — padre Flanagan anunciou, depois que Kelly fez suas promessas. Meu irmão fez um ruído baixo e desesperado com a garganta, mas não importava. Não adiantava protestar. Estava feito. — Você pode beijar sua noiva, Cashel Fallon Kelly.

Kelly me encarou por um momento afastar meu véu para o lado. Eu levantei o olhar, desafiando-o a me beijar novamente. A expressão em seu rosto depois do nosso beijo na cozinha de Harrison ficaria para sempre gravada em minha memória. Ele era um peão nisso, para qualquer atração que existisse entre nós, assim como eu era.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele sorriu para mim, e então sua mão deslizou em meu cabelo e puxou meu rosto para mais perto dele.

— Esse é o semblante realmente desafiador, querida, e algo que você deveria saber sobre mim: eu nunca escolho a verdade.

Então me beijou.

Nem percebi que alguém havia invadido a igreja, abrindo as portas de supetão. Que ele estava gritando. Que eu tinha uma mão trêmula pressionada contra meus lábios. Que meu coração parecia totalmente selvagem, a alma completamente perdida, a mente travada na batalha com o resto de mim. Não até que Kelly se afastou de mim, com um sorriso no rosto, para enfrentar um enfurecido Scott Stone, que, um segundo depois, tinha meu novo marido algemado.



CAPÍTULO 13

Keely

Cashel Kelly era um masoquista do caralho, se é que eu já conheci um.

Ele não resistiu às algemas. Nem parou de sorrir enquanto Scott lia seus direitos.

O tempo todo fiquei ao lado do padre Flanagan, enquanto meu irmão exigia saber do que se tratavam as acusações contra seu cliente, imaginando se essa seria a minha vida.

Choque de realidade. *Sim.*

Eu deveria saber que nosso primeiro encontro direcionou nosso relacionamento. Quantas pessoas se encontram em um cemitério?

— Não é tarde demais para desistir — padre Flanagan me disse, não olhando para mim, mas para a cena à sua frente. — Nenhum documento foi assinado.

Ele havia me perguntado isso antes, durante nosso encontro, se eu queria uma saída. Ele disse que conhecia Cash a vida toda, desde que ele era um bebê, e como ele podia ser persuasivo quando definia algo em sua mente. Parecia que o padre Flanagan sabia mais sobre essa situação do que gostaria de admitir. No entanto, não havia saída para

mim.

— Não — neguei. — Os papéis não foram assinados, mas este é um negócio fechado. Fiz votos que pretendo cumprir. Eles significam algo para mim, independentemente das circunstâncias.

— Ah — padre Flanagan suspirou, e havia algo quase engraçado na maneira como ele fez isso.

Virei-me para olhar para o sacerdote e um enorme sorriso iluminou seu rosto.

— O quê? — questionei.

— Ah, nada — respondeu, com a mesma atitude indiferente que Kelly exibia. — Eu... estou encantado! Diria para você infernizá-lo, mas prefiro que você dê a ele um gostinho do paraíso, já que...

Levantei meu vestido, preparando-me para ir com Harrison até a delegacia.

— O inferno é mais o estilo dele.

— Algo assim. — Ele colocou a mão no meu ombro e apertou. — Vá com vigor e graça, minha criança. Você vai precisar de ambos.

Encontrei Harrison do lado de fora quando eles abaixaram a cabeça de Cash, empurrando-o para dentro de uma viatura ali à espera.

Eram cinco carros, cada um com dois policiais, para *um* homem.

— Por que eles o estão prendendo? — perguntei ao meu irmão.

Harrison balançou a cabeça.

— Assassinato.

Virei-me e realmente olhei para ele. Ele deu de ombros, como se a acusação não fosse nada demais.

— Ele fez isso? — indaguei.

— Tire suas próprias conclusões, mas eles nunca têm provas suficientes para condená-lo.

Assimilei as palavras por um momento. *Eles nunca têm provas suficientes.*

— Mais de uma vez?

Harrison suspirou.

— Houve dois assassinatos não muito tempo atrás. Eles estão tentando colocar os dois nas costas dele, quando os fatos mostram que quem matou os dois caras — meu irmão fez uma pausa e me lançou um olhar de “preste atenção nas entrelinhas” — fez isso em legítima defesa.

— Vamos — chamei, indo em direção ao prédio de Kelly, onde

presumi que o carro de Harrison estava estacionado.

Harrison colocou a mão no meu braço para me impedir.

— Nós podemos parar com isso, Kee. Nenhum dos papéis foi assinado. Você só disse seus votos.

— O que você sugere?

— Stone está na cola dele. Ele não vai descansar. Não vai parar até que Kelly esteja trancado em uma cela para sempre, ou que esteja a dois metros de profundidade. Se eu cometer um erro, no julgamento, quero dizer, talvez eu possa cuidar da primeira questão e você estará livre.

— E o irmão de Kelly?

— Duvido que ele vá forçá-la a se casar com ele também.

— Não — eu disse. *De novo*. — Embora nenhum papel tenha sido assinado, sou casada com Kelly. Está feito.

— Você não pode mudá-lo, Keely Shea! Estou te dando uma saída, e você não está aceitando! Ele nunca foi inocentado por completo. Nunca. Você não vai mudá-lo.

Dei um passo para mais perto do meu irmão, esperando que meus olhos transmitissem o quão sério eu estava falando.

— Você erra de propósito e ele saberá. Faça o seu trabalho, Harrison, e faça direito. Tire meu marido da prisão e da encrenca em que está metido.

— Seu marido. — Ele respirou fundo e balançou a cabeça. — Este não é um gato selvagem que você pode tentar domar. Alimentá-lo não vai funcionar. Acolhê-lo não vai funcionar. Nem a compaixão. Alguns homens nascem mais animais do que homens. Cash Kelly é um animal selvagem. — Eu estava indo embora quando suas próximas palavras me pararam. — Ele não vai preencher o vazio que Roisin deixou para trás, Keely. — Fiquei imóvel por um segundo, meu temperamento explodiu até mesmo para responder. — Se Mari não pode fazer isso...

Avancei para meu irmão, meu véu balançando ao vento, flutuando atrás de mim como uma bandeira. Deveria estar manchado de vermelho por causa da minha raiva.

— Ninguém jamais substituirá Roisin em minha vida. Você não tem ideia do que está falando.

— É mesmo? — Ele deu um passo para mais perto de mim, e eu

cerrei as mãos em punhos. — E a Broadway, Kee? Eu sei que você gosta, mas você ama? Ou você está apenas tentando agradar nossa mãe?

— O que isso tem a ver com Kelly?

Meu irmão ignorou meu tom venenoso e seguiu adiante:

— Não sei — deu de ombros —, mas de alguma forma eu sei que está conectado. Você nunca teve ajuda para lidar com a perda. Mamãe estava muito cega dentro de sua própria dor para estender a mão para você. Todas as esperanças e sonhos de Roisin foram colocados em você, porque mamãe também não pôde preencher o vazio.

— Nada disso está relacionado — rebati. *Não estava*, embora eu soubesse que suas palavras eram verdade. Contudo, isso tinha a ver com Kelly e os votos que acabei de fazer. De jeito nenhum eu deixaria Stone se vingar quando era meu coração que estava em jogo. Se alguém se vingaria ali, seria eu, e eu não poderia fazer isso com meu marido, um animal selvagem em uma gaiola. — Não importa como você se sinta sobre isso, é o que é. Agora me leve para a delegacia e faça o maldito trabalho pelo qual Kelly paga você.

Comecei a caminhar em direção ao prédio e, ao fazê-lo, ouvi meu irmão resmungar:

— Sim, Sra. Keely Kelly. Como preferir. Sra. Keely Kelly, lhe cai bem, Keely Kelly.

Mostrei-lhe o dedo do meio.



Depois de algumas horas, eles tiveram que liberar meu marido. Não havia provas suficientes para condená-lo.

Kelly saiu com um sorriso no rosto, e quando ele viu o meu, arqueou a sobrancelha, perdendo o sorriso arrogante na mesma hora. Não estava sorrindo porque eles o deixaram ir, mesmo que eu estivesse ficando cansada de esperar, em meu vestido de noiva, mas porque eu tinha ouvido dois policiais falando sobre meu irmão, dizendo que ele era fodão.

— O quê? — Levantei-me, arrumando meu vestido. — Não

confia no meu sorriso, Kelly?

— Não apenas o seu sorriso, querida. “Acordei hoje para arruinar a vida de um homem” está estampado em seu rosto.

Revirei os olhos.

— Não pensei que você fosse dramático. Mas aqui estamos nós. — Começamos a sair juntos e, de repente, parei. — E eu não estava sorrindo porque eles te soltaram também. Só para constar.

— Observado. — Ele acenou com a cabeça em direção à frente do prédio, pronto para andar. Um segundo depois, pigarreou de leve. — Você não se importa com todas essas pessoas?

— O que tem eles? — questionei.

— Eles estão olhando para você.

Provavelmente porque eu estava com um vestido de noiva em uma delegacia de polícia, mas de qualquer forma, dei de ombros.

— Devem gostar do que veem, já que continuam olhando.

Kelly sorriu e depois riu.

Assim como o anel em meu dedo esquerdo, nunca havia prestado atenção nele, até que me tirou o fôlego. O sorriso dele? Um dente da frente se projetava um pouquinho a mais do que o outro, e a imperfeição o deixava ainda mais sexy. Sua risada? Era profunda e melódica, como o som de sua voz.

— Bons fundamentos — ele disse, e eu não tinha ideia do que estava falando.

— Vejo você na próxima vez, Cash — uma policial baixinha falou de seu lugar na recepção.

O que havia nesse cara que fazia as pessoas o amarem ou odiá-lo? Não havia meio-termo.

A pequena mulher atrás da mesa parecia adorá-lo. Seus olhos se tornaram suaves quando ele passou por ela.

— Ela acha você tão charmoso — disse. — E daí... — Girei meu dedo indicador no ar.

— Eu sou — concordou.

— Nem no seu melhor dia. Não para mim.

— Você tem uma língua feita de pecado, querida. Se ao menos eu fosse enganado pelas mentiras.

— Nós realmente vamos brigar no dia do nosso casamento? — Fingi estar chateada, pousando uma mão sobre o meu coração.

— Considerando que eu estava preso por parte disso? — Ele encolheu os ombros. — Eu diria que uma discussão foi...

— Ótimo — interrompi, imitando seu sotaque irlandês. — Simplesmente ótimo.

Depois de alguns passos, ele disse:

— Ninguém é indiferente a mim.

— Sem falar em enigmas — pedi, exigindo entender desta vez.

— Amor e ódio são movidos por sentimentos. Eu faço algo para fazer outro homem me odiar. — Dei de ombros. — Eu defendi minhas crenças, desafiando as dele. Uma mulher bonita se apaixona por mim — ele sorriu —, significa que usei meus encantos persuasivos para reivindicar o que é meu, mesmo que ela tivesse que me odiar primeiro.

Ele abriu a porta da delegacia para mim, e eu saí à sua frente, esperando enquanto ele segurava a porta para outra mulher antes de me encontrar novamente. Partimos em direção ao carro de Harrison.

— Reivindicar? — Parei de andar. — Ou roubar?

Ele me estudou por um minuto.

— Corações são roubados a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, a cada dia, querida. Duvido que alguém abriria mão de algo tão sagrado de bom grado.

— Eu... — retruquei. — Eu estava preparada para dar o meu.

— Para Stone.

Dei de ombros.

— Quem quer que seja.

— Explique a diferença entre dar e roubar quando se trata de um coração.

— Dar significa entregar menos poder. Eu estou dando, então algum controle ainda é meu. Roubá-lo é consumir. Se... quem puder roubar meu coração, quem puder roubar tudo o que significa algo para mim. Não estou de acordo com isso.

— Ah... — As luzes dos prédios iluminaram o brilho travesso em seus olhos verdes. — O caminho seguro. Um relacionamento construído sobre algo diferente da atração animalesca. Ou talvez você chame isso de paixão.

— Sexo é sexo — eu disse. — É bom ou não é. Sentimentos? Esses devem aumentar com o tempo, porque se ficarem muito quentes, muito rápido, queimam tudo ao seu redor.

— Sexo é sexo — ele repetiu.

A expressão de seu rosto ecoou o olhar que ele me deu na igreja, quando o desafiei para me beijar. Foi uma mudança física sutil, mas não parecia importar. Eu podia sentir as mudanças nele em vez de vê-las.

Balancei a cabeça, confusa sobre tudo isso, e me virei para me afastar dele. Dei alguns passos antes de alguém chamar meu nome. Suspirei, virando-me.

Scott estava do outro lado de Kelly, como se não houvesse rivalidade entre eles. Exceto quando você olhava do meu ponto de vista, eu era o centro. Cada um deles estava em um lado diferente de mim.

Meus olhos se conectaram com os de Scott antes que ele me olhasse da cabeça aos pés. Achei que veria mágoa, mas só encontrei nojo. Ele se aproximou após o julgamento, parando quando estava ao meu lado.

— Casar com ele é uma coisa — ele disse, sua voz um sussurro quente —, mas vir aqui para apoiar um assassino? Quem. Caralhos. É. Você?

Não respondi, porém me recusei a desviar o olhar. Ele me encarou por mais um minuto, o desgosto ainda mais intenso, antes de sair furioso.



Kelly me ajudou a entrar no carro de Harrison, tomando cuidado para tirar meu véu do assento e colocá-lo na janela atrás de nós, e então deslizou ao meu lado.

Olhei para meu marido novinho em folha enquanto meu irmão ligava o carro, indo em direção a *Hell's Kitchen*.

— Scott está enojado comigo — eu disse. — Ele me odeia.

Kelly riu um pouco, e Harrison olhou para ele pelo espelho retrovisor.

— Como isso é engraçado, se vai arruinar seus planos?

— Não é engraçado — respondeu, balançando a cabeça. — É divertido.

— Divertido. Engraçado. A mesma maldita coisa.

— Harry Boy — Kelly chamou, batendo no assento do meu irmão. — É nojo que você sente por Mari quando a vê com Macchiavello? Ou é puro ódio pelo que você mais deseja e não pode ter?

Encontrei os olhos do meu irmão no espelho. Ele não disse nada.

— Aí está a sua resposta — Kelly falou, recostando-se e relaxando em seu assento. — Nenhuma resposta ainda é uma resposta. O amor faz coisas estranhas com as pessoas, querida. É como uma doença, afeta cada pessoa de maneira diferente.

Verdade, então decidi não discutir.

Todos nós ficamos quietos enquanto percorríamos as ruas de *Hell's Kitchen*. Minha nova casa. Porém, quanto mais perto chegávamos da casa de Kelly, mais densa a multidão se tornava. A música soava do lado de fora. Mesas foram arrumadas, repletas de comida. Grupos de pessoas conversavam e riam. As crianças corriam como se fosse quatro de julho.

A multidão era diversa, composta de muitos rostos diferentes, todos reunidos para festejar.

Meu irmão, agindo como um motorista, estacionou o carro em frente ao escritório de Kelly e, depois de sair, abriu a porta do lado do passageiro para me ajudar. Kelly deslizou atrás de mim e colocou a mão na parte inferior das minhas costas, incitando-me a avançar.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Uma festa. — Kelly acenou com a cabeça para um homem que passava enquanto nos aproximávamos da parte mais abarrotada da multidão.

— Sim, posso ver isso. Para que isto?

— Nós — respondeu.

Aaah, havia algo em seu rosto. Não era gratidão e nem humildade, algo que parecia com ambos, mas na verdade nenhum deles. Mostrava algo que nunca pensei, seria orgulho? Orgulho, mas não por si mesmo.

— Você encara o diabo por longos períodos, querida, e isso distorce a sua expressão — ele disse.

Eu ri um pouco.

— Não é que estou olhando para você porque gosto do que vejo, Saqueador. Estou olhando para você porque não fazia ideia de que

tantas pessoas gostavam de você.

— Gostar é uma palavra forte. Eu chamaria de respeito e depois encerraria o dia.

— Senhor Kelly! — Um homem que não parecia muito mais jovem que Cash, segurando um bebê no colo, veio até nós. Uma mulher estava ao lado dele, segurando uma garotinha pela mão. Presumi que era sua esposa e os dois filhos eram deles.

O homem e Kelly apertaram as mãos, e então ele me apresentou como sua esposa, nome completo e tudo. O homem trabalhava para Kelly, embora eu não tivesse certeza em que função. Ele não parecia ser do tipo bandido, então talvez ele legitimamente trabalhasse para ele. Harrison me disse que Kelly possuía negócios legítimos.

Sorri para a garotinha, que estava olhando para mim. Eu não dava a mínima se os adultos olhavam para mim, mas fazia uma distinção para as crianças. A maioria delas era bonita demais para ser ignorada.

— Oi — disse a ela.

— Oi — ela respondeu, e então começou a balançar a mão da mãe para frente e para trás enquanto cantava: — Keely Kelly. Keely Kelly. Aaah. Keely Kelly.

Sua mãe lhe disse para ficar quieta, mas ela continuou. Harrison ficou perto e começou a rir tanto que teve que se desculpar da conversa em que estava. Raff fez o mesmo.

Idiotas.

Depois de algum tempo e de ter conhecido mais pessoas do que consigo lembrar, decidi pegar uma bebida e me sentar. Esta era a festa de Kelly, todo mundo querendo interagir com ele, então me sentei e observei tudo se desenrolar.

Quero dizer, apesar de ele ser um bastardo saqueador, essas pessoas o estavam tratando como a porra do Robin Hood. Eu não poderia afirmar que ele era amigo deles, mas havia algo nele enquanto estava perto desse pessoal que me fez observá-lo ainda mais de perto.

Cash Kelly havia encontrado um propósito nessas pessoas?

Harrison também me alertou sobre a guerra que estava acontecendo em *Hell's Kitchen* — além da outra que Kelly começou com Scott —, porque ele queria que eu tomasse cuidado. Mas aqui? Entre essas pessoas? Não parecia existir conflitos. Eles estavam se divertindo

muito. Até os homens mais velhos do grupo se reuniram e começaram a cantar velhas canções irlandesas para se divertir.

Se eu colocasse essa cena ao lado daquela que Kelly sempre pintou na minha cabeça, não faria sentido.

Ou talvez essas pessoas estivessem com muito medo dele para não vir comemorar? Ele estava decidido a governar essas ruas novamente, então talvez tenha feito o que fosse necessário para levar essas pessoas à guerra por ele?

— Sente-se aqui, Connolly. A vovó vai se sentar bem ali.

Estava sentada em uma cadeira de praia e me virei para encontrar uma mulher mais velha sentada na cadeira mais próxima da minha. Uma garotinha estava sentada ao lado dela.

A senhora mais velha encontrou meu olhar.

— Parabéns — ela disse, inclinando a cabeça para mim. Ela não era o tipo usual de “avó”. Não consegui encontrar nada de meigo nela. Ela parecia dura como pregos. — Tenho que dizer, o Sr. Kelly escolheu uma boa noiva. Você parece forte o suficiente para enfrentar um homem como ele. Também não estou falando fisicamente.

Não encontrei nenhuma ofensa em suas palavras. Até quis sorrir, mas me contive por uma questão de respeito.

— Espero que seja verdade, senhora...?

— Maureen — respondeu. Ela acenou com a cabeça em direção à garotinha. — Esta é minha neta. Connolly.

Mesmo que sua avó falasse com ela, ela desviou o olhar, e não para a multidão. Olhou para um ponto no prédio, onde não havia ninguém para bloquear sua visão.

— Que nome lindo — falei, e estava sendo sincera. Combinava com ela. Ela não respondeu, então tentei novamente depois de um minuto. — Você está se divertindo?

Crianças da idade dela estavam por toda parte, mas ela nem se importava em olhar para elas também.

— Connolly prefere ficar em silêncio — Maureen falou.

Olhei para Maureen, esperando que meu rosto transmitisse a pergunta. *Prefere ficar em silêncio?*

Maureen pôs as mãos na cadeira e então gemeu enquanto se forçava a se levantar.

— Você se importaria de ficar de olho nela? Vou ver se ela come

se eu fizer um prato para ela.

Sem se dar ao trabalho de esperar pela minha resposta, a avó de Connolly foi em direção às mesas abarrotadas de comida. Talvez fosse minha imaginação, mas ela parecia quase aliviada por ter ido embora.

Relaxe em meu assento, contudo, estava determinada a tentar falar com a menina, mesmo que ela apenas ouvisse. Os velhos cantavam uma canção que me fez sorrir.

— Eu tinha uma irmã — disse a ela. — Minha gêmea. O nome dela era Roisin. Que é perto de Connolly — ela me lançou um olhar — ... mais ou menos. — Sorri e seus olhos se estreitaram, mas consegui que ela olhasse para mim, pelo menos. — Ela adorava essa música. Ela até dançava.

Depois de um segundo, ela se isolou de mim novamente.

Comecei a cantarolar junto com a música, movendo meus pés contra o cimento em um ritmo constante.

— Você conhece alguma canção irlandesa antiga?

Nada. Nem um aceno. Nem um olhar. Seus olhos estavam grudados no espaço morto.

— Talvez um dia, se quiser aprendê-las, ou como dançá-las, eu possa te ensinar.

Silêncio. Nenhum movimento.

— Sim, quem gosta de música antiga de qualquer maneira? — continuei. — Você tem que se acostumar com os tempos, certo?

Ela suspirou e, por um segundo, me perguntei se a estava incomodando. Então, me perguntei se ela simplesmente não se importava com conversas casuais.

— Eu entendo — ofereci, com a voz baixa. — Depois da minha irmã... eu também não queria falar. Isso machuca. Não sabia o que dizer para fazer desaparecer. — Por que eu estava dizendo isso a essa criança? Não tinha ideia, mas as palavras continuavam vindo. — Então, meu irmão — balancei a cabeça em direção a ele, embora ela não pudesse vê-lo —, me disse que eu não precisava falar. Ele disse que podia ler as nuvens em meus olhos. Elas criaram todas as palavras que eu não conseguia dizer. Talvez um dia, se você sentir vontade de sair, eu também possa ler as nuvens em seus olhos em um dia ensolarado. Ou meu irmão pode. Ele é o melhor nisso.

Foi sutil, e, ainda assim, tão maduro, mas seus pequenos ombros

cederam. Como se ela liberasse uma pressão dentro dela que a estava segurando. Engoli a bola de emoções que estava presa na garganta, porque percebi uma coisa. Talvez ela não tivesse nuvens nos olhos, mas eu podia entender seu silêncio, não importava o que o tivesse causado.

Mamãe me disse uma vez que o dinheiro sempre atrai dinheiro, e que espíritos afins sempre encontram espíritos afins. Estávamos todos perdidos, mas outras pessoas passando pelas mesmas lutas poderiam nos encontrar. Ou podíamos encontrá-los.

— Arqueira — Kelly disse, aparecendo, de repente, ao meu lado, estendendo a mão. Há quanto tempo ele estava parado ali? Pensando bem, depois que Maureen e Connolly chegaram, parei de observá-lo e comecei a me concentrar nelas. Seus olhos verdes eram ilegíveis, mas o olhar continuou intercalando entre nós duas.

Não consegui responder, então segurei sua mão e me levantei.

Maureen voltou, colocando um prato de bolo ao lado da garotinha. Ela nem olhou. Com um suspiro semelhante ao de Connolly, Maureen sentou-se, equilibrando o prato na mão.

— Tchau, Connolly — eu disse. — Talvez eu te veja mais tarde.

Eu ia sair, mas antes disso, um puxão no meu vestido me conteve.

Virei-me e no mesmo instante em que o prato de Maureen caiu de suas mãos e um pedaço de carne de sua boca. Kelly olhou entre mim e Connolly novamente, sua testa franzida.

O punho de Connolly agarrava meu vestido. Seus olhos estavam fixos nos meus, como se ela quisesse que eu dissesse alguma coisa.

— Esqueci alguma coisa? — perguntei.

Ela assentiu.

— Ok. — Estudei seus olhos. — A música sobre a qual conversamos?

Ela balançou a cabeça. *Não*.

Respirei fundo.

— Minha irmã?

Connolly assentiu.

— Você quer saber mais sobre ela?

— *Era...* — ela mal conseguiu dizer. Sua voz soou baixa e áspera.

Ah. Eu disse “o nome dela *era*” quando estava falando sobre Roisin. No tempo passado. Connolly notou e queria saber o que havia

acontecido com ela, não sobre ela.

— Ela... — hesitei, mas decidi ser honesta. — Ela faleceu.

Connolly não disse nada, apenas se afastou de mim e ocupou seu lugar, olhando para a parede novamente.



A festa acabou e meus pés doíam. Tirei os sapatos enquanto Kelly abria a porta de seu enorme armazém, convidando-me a entrar. Era espaçoso e tinha sido reformado para parecer uma casa. Era todo de tijolo bege e madeira marrom-escuro. O chão estava frio contra meus pés cheios de bolhas, e senti as plantas relaxando com a sensação enquanto adentrávamos no imóvel.

— Onde estão minhas coisas? — perguntei.

Ele colocou as chaves no balcão da cozinha e, quando me virei, as janelas atrás dele não mostravam nada além de um vazio escuro.

— No seu quarto — respondeu.

— Esse é o seu quarto?

Não havíamos discutido essa parte do acordo. Onde eu dormiria. Ou o que aconteceria a partir desse ponto.

Eu não era virgem, então não estava nervosa com isso, mas queria saber o que ele esperava de mim. Ele me daria uma escolha ou não? O “não” me deixava ansiosa. Cash parecia disposto a roubar meu coração, mas o que mais? Aquelas malditas penas começaram a flutuar no meu estômago, fazendo meu coração bater mais rápido. Era uma sensação estranha desejá-lo sexualmente enquanto o odiava por princípio.

Suspeitei que Cash Kelly sabia que essa seria meu conflito pessoal muito antes de mim.

— Por aqui — ele instruiu, e eu me virei, encontrando-o parado na parte inferior da escada de metal que subia em caracol.

Ele havia se livrado do paletó depois da delegacia, deixando-o no carro de Harrison, e no caminho entre a cozinha e a escada, afrouxou a gravata e arregaçou as mangas. Seu corpo era como um daqueles boxeadores de Boston, mas com as cicatrizes profusas de um gângster.

E sua colônia, ou o que quer que fosse?

Todo o armazém, com milhares de metros quadrados, parecia guardar o cheiro de seu perfume. Respirei fundo, mas imediatamente exalei antes de obrigar meus pés a se moverem. Assim que o fiz, ele começou a subir as escadas e eu o segui. Todo o nível superior parecia ter mais janelas do que o inferior. Na verdade, exceto pelos tijolos que separavam os cômodos, parecia ser todo de vidro nos fundos.

Ele estendeu a mão em algumas direções enquanto passávamos — quarto, banheiro, blá, blá, blá —, como se estivesse checando as anotações de sua lista. Então, disse algo que me fez parar:

— Biblioteca. — Acenou com a mão para a porta.

Ele continuou adiante, mas entrei na sala, querendo ver que tipo de biblioteca um saqueador como ele tinha. Era fantástica pra caralho. Havia sofás de couro colocados estrategicamente ao redor da sala, todos na frente das vidraças alongadas, e o teto era feito de vários tons de madeira. As paredes? Eram estantes.

Arrastei a mão ao longo de uma, sentindo as lombadas de tantas experiências contra a palma.

— Aquele ali — Kelly disse, atrás de mim. — Você pode gostar.

Depois de afastar a mão da parede, virei-me para encará-lo.

Ele acenou com a cabeça em direção a uma área que havia sido criada para se assemelhar a uma cafeteria. Ainda tinha um laptop na bancada. Eu me aproximei e peguei o livro. *Daphne du Maurier*. Meu pai era um homem caladão, mas me ensinou duas coisas: a ler e a atirar com arco e flecha. Ele disse que ambos me dariam um poder que nenhum homem poderia roubar.

Ler era algo que eu não fazia há algum tempo, desde que me mudei para morar sozinha e passei a ter responsabilidades.

Passei a mão pela capa do livro, sabendo que Mari adoraria esse lugar também. Às vezes, quando eu costumava passear com ela na cidade, quando ela tentava se esconder depois de deixar a casa dos pais adotivos, passávamos um tempo juntas na biblioteca.

— Por que você é um saqueador? — perguntei, testando-o.

Embora eu não tenha desviado os olhos do livro, pude sentir seu sorriso.

— Por que você atira flechas?

Ah, ele não era apenas um gângster implacável com somente

vingança em mente. Ele leu o livro.

— Por causa do perigo, por causa da velocidade, porque posso errar — eu disse, mudando a citação um pouco. — Não pensei que você fosse um leitor.

— Você não pensa muitas coisas de mim, apenas uma.

— É difícil saber qualquer outra coisa quando tudo que o rodeia é o caos.

Alguns minutos se passaram e, quando olhei para cima, Kelly estava ao meu lado, com um colar pendurado em sua mão.

— Você diz que um coração não pode ser roubado, querida, mas eu discordo.

Fiz menção de pegá-lo, mas ele o afastou um pouco, sorrindo. Desta vez, quando aproximou novamente o colar, impedi que balançasse para frente e para trás como um pêndulo e o estudei. O pingente no final da corrente de ouro tinha a forma de um coração — um coração literal, veias e artérias incluídas — e parecia ser um medalhão. Tinha um pequeno buraco de fechadura na parte inferior.

— O que tem dentro? — perguntei, segurando o pingente entre os dedos, estudando todos os sulcos. Ele ficou quieto por tanto tempo que olhei para cima outra vez.

— Você verá quando encontrar o caminho para o interior — respondeu. — Apenas se lembre: só porque parece de uma certa maneira não significa que seja de uma certa maneira. Há mais de um caminho dentro de um coração.

Peguei o colar dele e coloquei no meu pescoço. Assentou-se contra o meu coração e me perguntei se iria roubar as batidas, já que seu mestre era um ladrão.

— Se você acha que coisas — mostrei o caro anel de noivado e depois o pingente para ele — podem me comprar, você está errado, Kelly.

— Raramente — concordou, deslizando o polegar lentamente da minha bochecha para o meu pescoço. — Você queima por mim quando eu te toco — ele sussurrou as palavras, mas queria que eu ouvisse.

Odiava que ele estivesse certo. Eu queimava por ele além do alívio. Seu toque foi uma carícia, quase imperceptível, mas parecia cera quente escorrendo pela minha pele. Não havia como esconder minha

atração por ele, não quando o calor subiu pelo meu pescoço e o desejo manchou a pele de vermelho.

— Estou atraída por você. — Tive que respirar fundo, porque a pele não era a única traidora. Sabia que ele podia sentir o cheiro do desejo em mim. Suas narinas continuavam dilatadas, como se ele estivesse farejando o ar ao meu redor, lendo sinais que eu ainda não havia identificado. — Mas isso não significa nada. Se acha que vou transar com você porque me forçou a isso, é melhor pensar duas vezes. Essa decisão é *minha*.

— Vamos esclarecer algumas coisas. — Pela primeira vez desde que o conheci, suas feições endureceram e pude realmente sentir o assassino nele. Ele desfez a atitude blasé para deixar o animal livre de sua jaula. — Você passa um tempo comigo enquanto nós dois estamos aqui. Ou não. — Deu de ombros. — Sua escolha. Este lugar é grande o suficiente para nós dois. Você dorme na minha cama. Você não dorme. — Deu de ombros novamente. — Sua escolha. Gosto do meu espaço. Você transa comigo. Ou não. Essa é sua escolha. Essa é a única coisa que eu nunca roubaria. — Ele levou um segundo, me encarando, antes de falar novamente: — Não tenho coração, o que significa que não tenho sentimentos, mas tenho cérebro. O mesmo que uso para ler todos esses livros. Sei a diferença entre querer ou não. O “não” é uma palavra que não deixa um homem de verdade de pau duro, querida. — Ele me soltou da força de seu olhar, prestes a sair, quando parou e se virou para mim. — Há uma escolha que você não tem. Você vai jantar comigo. Toda noite.

— Jantar com você — repeti. Mas como deixei escapar.

— Toda noite.

— Às vezes os ensaios atrasam.

— Vou esperar.

Então, me deixou sozinha na biblioteca com um coração de metal.



CAPÍTULO 14

Keely

Levei um segundo para perceber que estava sozinha na biblioteca, uma das mãos segurando o vestido e a outra apertando o coração de metal.

O que diabos deu nele?

Jantar comigo. Toda noite.

De todas as coisas...

Jantar.

Parecia tão caseiro. Ele esperava que eu cozinhasse também? Balancei a cabeça, tentando me livrar de alguns pensamentos caóticos. Era exaustivo tentar acompanhá-lo, mas de uma coisa eu tinha certeza.

Ele alegou que não tinha coração. Que não possuía sentimentos. Eu ia mudar isso.

Não ele, mas o fato de se achar invencível. Que era imune a captar sentimentos. Ele sabia que minha atração por ele era uma ferramenta fácil para roubar meu coração. Esse dispositivo funcionava nos dois sentidos.

Sua óbvia atração por mim era uma maneira de eu entrar em sua cabeça e, pela primeira vez na vida, uma oportunidade de fazê-lo

perceber que tinha um coração. Que não era intocável.

A festa do quarteirão era a prova de que ele não era tão insensível quanto afirmava ser. Depois de passar um tempo com “sua” comunidade, entendi por que Scott ameaçou destruir sua alma. *Hell’s Kitchen*. Era a única coisa que Kelly dizia ser dele. Talvez até amasse.

Por que isso importava tanto para ele? O que a tornava tão especial?

Encontrando meu caminho para fora da biblioteca e para o quarto que tinha todas as minhas coisas, tirei o vestido de noiva e decidi tomar um banho.

Minha noite com Cash Kelly ainda não havia acabado, no entanto.

Depois que a água esfriou e os rituais noturnos habituais terminaram, vesti um roupão de seda esmeralda e fui procurá-lo. Nem me incomodei em bater quando cheguei à porta do quarto.

Como era de se esperar, o cômodo era enorme, mas com poucos móveis ou até bugigangas. Havia uma fotografia em uma moldura de aparência mais antiga. Presumi que o homem na foto fosse seu pai. Conheci a viúva dele, Molly, na festa do quarteirão.

— Vazio — sussurrei, olhando em volta mais uma vez. A maior coisa no quarto de Kelly era sua cama. Parecia confortável e larga o suficiente para dois. — Assim como o coração que ele afirma não ter.

Um cheiro característico pairava no ar, diferente do dele, e o segui até as portas de vidro que davam para a escada de incêndio. Era mais como uma varanda com vista para Nova York. Kelly estava sentado em uma poltrona de couro, de costas para mim, com os pés apoiados no corrimão. Ele estava soprando anéis de fumaça pela boca.

— Não é assim que começa? — inquiri, invadindo seu espaço pessoal. Quando estava ao lado dele, ele olhou para mim, e acenei para o charuto em sua mão, recheado com algo diferente de tabaco.

— Estamos falando em enigmas agora, querida?

— Vícios — eu disse. — É assim que começam os vícios.

Ele desviou o olhar de mim.

— Nada neste mundo tem poder sobre mim. Sou viciado em nada ou em ninguém.

Veremos isso, Kelly. Internamente, a cadela vilã dentro de mim sorriu.

Externamente, ele retribuía o sorriso igual ao meu, o bastardo vilão dentro dele parecendo ler minha mente.

Perfeito pra caralho. *Escuta, Saqueador. Eu também nunca escolho a verdade. E estou tentando provar que você está errado, pela primeira vez na vida.*

Ele inclinou a cabeça para trás e soprou um anel de fumaça em direção ao céu.

— É medicinal. Isso me ajuda a relaxar. — Solto um círculo mais largo. — Tenho dores de cabeça terríveis. Também facilita isso.

— Nem vinte e quatro horas de casado e você já está precisando de algo para te ajudar a relaxar da dor de cabeça. Eu teria dito para beber... — Acenei com a cabeça para o copo vazio na mesinha ao lado, que continha restos de uísque no fundo. — Mas sei que não. Homens como você nunca se afogam na garrafa. Guelras em vez de pulmões.

Ele sorriu abertamente, e algo sobre a imperfeição dele o tornou cem vezes mais atraente. Isso enviou meu estômago até os pés e de volta ao peito, como numa montanha-russa. Passei por ele, decidindo não me sentar ao seu lado, e me inclinei contra o corrimão, com as mãos apoiadas.

Depois de alguns minutos, ele pigarreou de leve.

— Excesso de compensação — ele disse. — É uma coisa real.

Toda vez que ele dizia alguma coisa com “r”, seu sotaque se tornava mais evidente.

— Estamos falando em enigmas agora, querido? — copiei suas palavras, assim como seu sotaque. Cresci em Nova York, mas também cresci em uma casa com um pai irlandês e uma mãe escocesa.

Mesmo não podendo vê-lo, senti-o avançar, e aquele cheiro único ficou ainda mais intenso depois que ouvi a respiração sair de sua boca.

— As vozes mais altas do lado de fora são as que sussurram mais baixo atrás de portas fechadas. Significando que: aqueles com algo a provar geralmente têm mais a esconder.

— Rimas e enigmas — eu disse. — A essência irlandesa é forte neste indivíduo.

— Duro. Duro. Mais duro. Isso é o que você grita mais alto.

Apertei o corrimão, as juntas doendo.

— O que estou sussurrando, então?

— Você me quer, mas seu orgulho está no caminho.

— Não é meu orgulho — falei. — São os meus princípios. — Então, me virei para ele e desamarrei o cinto do roupão, deixando-o cair no chão. — Mas já que esta é minha escolha, eu escolho agora mandar tudo à merda. Eu quero você. Quero que você me foda. — Dei a ele aquele olhar, um olhar que o desafiava a aceitar tudo ou nada.

Ele se levantou da poltrona de couro, sem pressa. Mas quando finalmente chegou até mim, a tensão entre seu corpo e o meu era tão intensa quanto um arco prestes a lançar uma flecha. Seu corpo estava perto, apenas um pequeno espaço entre nós, mas seu calor parecia um fogo violento contra a minha pele.

Ele olhou para mim ao mesmo tempo que dava uma tragada em seu charuto. Prendeu a respiração e então, lentamente, se inclinou, colocando a boca perto do meu nariz. Sua respiração saiu em expirações lentas, um pouco de fumaça saindo a cada liberação, até que ele chegou à minha boca. Fechei os olhos, mas entreabri meus lábios, inspirando, inalando-o como a droga saindo de sua boca, até que ele atingiu meus pulmões e correu para minha corrente sanguínea.

Eu já podia senti-lo dentro de mim, a onda me fazendo sentir como se eu pudesse voar.

Cada vez que ele compartilhava sua respiração e eu a respirava, a sensação só ficava mais forte. Meus membros não pesavam nada e minha cabeça nadava nas nuvens. Mal senti quando ele virou o rosto para longe de mim, mas quando voltou com a boca cheia de fumaça e eu inspirei fundo, sua língua invadiu minha boca. Suas mãos se fecharam em meu cabelo, ásperas em comparação com o ritmo lento e delicioso de nossas línguas se movendo. Lembrando que eu tinha mãos, usei-as para abrir sua camisa em um puxão brusco. Minhas palmas acariciaram seu peito, os ombros largos, até que empurrei o tecido da camisa pelos braços musculosos. Minhas mãos estavam de volta sobre ele, as unhas cravando em sua pele, prontas para tirar sangue. Embora eu me sentisse tão volúvel quanto um pássaro, havia essa energia louca correndo dentro de mim, esperando o momento certo para dominar minhas mãos e espancá-lo.

O beijo foi interrompido, mas sua boca não parou de se mover. No meu queixo. Meu pescoço. Meus ombros. Indo e voltando. Beijos longos, lentos e deliciosos. Meu peito. Quando sua boca se fechou sobre

meu mamilo, respirei fundo, as unhas afundando em suas costas, mas não o suficiente para ferir a pele. Apenas o suficiente para recobrar algum equilíbrio. Minhas pernas estavam bambas, como se não pertencessem ao meu corpo, mas ao redor dele.

Um ruído baixo escapou da minha boca, e não soou como eu. Eu nunca fui barulhenta durante o sexo. Estava muito ciente de cada movimento errado do meu parceiro, de todos os problemas que existiam no meu mundo, de como nunca ficaria verdadeiramente satisfeita depois.

O mesmo barulho ecoou quando sua boca se moveu ainda mais para baixo, a língua arrastando ao longo da minha barriga, até que ele estava cara a cara com meus quadris, as grandes mãos de cada lado, me mantendo no lugar. Sua respiração era quente quando sua boca se aproximou ainda mais. Estremeci, o calor colidindo com o frio que tentava deixar meu corpo — não por nervosismo, e, sim por expectativa.

Quando sua boca se acomodou entre minhas pernas, a língua me provando, eu o soltei e agarrei o metal da escada de incêndio, com medo de perder todo o equilíbrio. Uma queda livre no céu ou no inferno. Meus olhos reviraram e um longo e baixo miado deixou minha boca. Eu estava esparramada contra a grade como uma virgem em sacrifício.

— Porra. Isso. — Suspirei. Nunca tive um homem me provando assim. Como se tivesse todo o tempo do mundo, mas ao mesmo tempo, faminto demais para saborear.

O orgasmo que se alastrou pelo meu corpo foi tão brutal quanto lindo. Eu gritei, o ruído ecoando ao redor e, pela primeira vez na minha vida, me perguntei se era assim que uma flecha se sentia quando o arco a disparava. O prazer que dominava meu corpo não cessou mesmo depois que ele o fez. Demorou pra caralho, e eu queria outro. Minhas bochechas ficaram ainda mais quentes, porque isso aconteceu muito rápido.

Ele se levantou e lambeu os lábios antes de prender meu corpo contra a grade.

— Língua traiçoeira, querida.

Ele estava certo. Essa língua traiçoeira foi feita para o pecado.

Antes que ele dissesse outra palavra, puxei sua boca para a

minha, como se minha ganância não fosse tão pecaminosa quanto sua língua. Ele me levantou como se eu não pesasse nada, me colocando na beirada da grade.

— Você — arfei entre beijos que eram mais selvagens do que algumas transas que tive antes dele —, vai passar o resto da vida atrás das grades se me deixar cair.

— Ah, minha querida — ele disse, sua voz lenta e baixa, combinando com seus olhos semicerrados. — Nunca deixaria você cair. Essa bunda é linda demais para machucar.

O mundo temia esse saqueador. Eu não me importava com a porra do mundo quando ele estava tão perto de mim. Talvez tenha sido a coisa mais estúpida que já fiz, ou a mais brilhante, mas acreditei que ele não me deixaria cair. Acreditei quando ele disse que minha bunda era bonita demais para se machucar.

Estávamos conectados de uma maneira difícil de descrever, exceto por isso: o que aconteceu comigo, aconteceu com ele e vice-versa. Era o preço que ambos pagaríamos por ele ter roubado meu coração.

Nossas bocas pararam apenas tempo suficiente para nós dois sorrirmos com seu comentário. Nossos dentes fizeram contato antes de sua língua invadir minha boca novamente e minhas mãos começarem a trabalhar em sua calça. Uma vez livre, ele me deitou um pouco, me posicionando, e então me penetrou devagar. Seus olhos intensos focados nos meus.

O som que saiu de sua boca quando ele estava completamente enterrado dentro de mim, um gemido profundo, me deu mais prazer do que seu pau — e isso foi o bastante para me manter satisfeita. Isso combinava com seu porte físico. Combinava com tudo nele. Então, ele começou a se mover. Fechei os olhos, a intensidade entre nós era demais para assimilar. Quanto mais ele se movia, mais eu sentia a pressão aumentando e aumentando. Estava prestes a gozar novamente.

Ele continuou acertando um ponto que enviou ondas de choque por todo o meu corpo. Então, estocou com tanta força que sibilei. Doeu pra caralho.

Ele soltou um grunhido semelhante quando minhas unhas afundaram profundamente em sua carne.

— É isso, minha querida — gemeu. — Solte-se e me marque.

Eu o arranhei de uma ponta à outra, querendo que sua língua fosse ainda mais fundo em minha boca, para que ele acertasse aquele ponto novamente e me machucasse, para que a dor amarga tornasse o prazer ainda mais doce. Não foi um castigo. Foi uma recompensa.

— Porra! — exclamou, levantando-me da grade, me levando para o quarto. — Você está queimando por mim.

Cash me colocou na cama, e antes que ele pudesse me alcançar, tomei sua boca com voracidade. Nossas línguas estavam em guerra, como se minha mente estivesse em uma batalha para manter meu coração.

Nós nos beijamos até que eu não conseguisse mais respirar.

Nossos corpos estavam tão enlouquecidos quanto nossas línguas. Rolamos na cama, o corpo dele contra o meu, o meu contra o dele, como se estivéssemos querendo matar um ao outro.

Precisando respirar, mas também morrendo de fome para ter minha boca em sua pele, coloquei meus lábios em seu queixo, seu pescoço, ao longo de seu peito, sobre os músculos de seu estômago, usando a língua para fazer uma trilha molhada por seu corpo. Os músculos de seu abdômen ficaram rígidos quando o tomei com a boca, provando nada além de puro homem, antes de lambe-los e montá-lo, levando-o para dentro até o talo.

Eu não seguia um ritmo punitivo. Eu me movia lentamente, meu cabelo balançando contra minhas costas como um leque, rebolando os quadris em redemoinhos doces e lânguidos contra ele. Espalmei as mãos contra seu peito largo, coçando a pele em vez de arranhar, usando-o como base para me levantar antes de me abaixar novamente.

Enquanto me movia, abaixei a cabeça, inclinando-a para beijá-lo. O beijo foi tão lânguido quanto meus movimentos.

Seus olhos se abriram e encontraram os meus. Assim como aquele tigre feroz de olhos verdes em seu pescoço, sobre o ponto de pulsação, o animal selvagem nele parecia ganhar vida.

Com uma lufada de ar, ele me virou de costas, e colocando minhas pernas ao redor de sua cintura, arremeteu com vontade. Seus olhos estavam duros nos meus, tão duros quanto ele estava me fodendo. Ele era um selvagem, mas no controle. Não havia nada de descuidado sobre ele. O estocar implacável continuou, como um animal selvagem, até que ele se retirou, e então me penetrou ainda mais forte

do que antes.

— Cash! — gritei. E, todo o meu corpo, o maldito traidor, disparou como uma flecha do meu arco.

A pressão me liberou e eu estava voando em seu território, prestes a pousar. O meu alvo? Seu coração.

Um segundo depois, ele gozou dentro de mim, com uma expressão em seu rosto que eu nunca esqueceria. Foi a coisa mais selvagem que já vi. Era uma expressão que uma mulher poderia se viciar.

A única euforia restante em meu corpo era Cash Kelly.

Assim que consegui recuperar o fôlego, um sorriso interno me iluminou. Eu mexi com ele. Ele me arremessou para longe e me fodeu como nenhum homem jamais tinha me fodido antes. Ele sentiu algo.

Eu senti isso também. Uma conexão que era mais forte do que apenas atração selvagem entre nós.

Se eu fosse uma mulher de apostas, apostaria meu dinheiro no fato de Kelly estar de mau humor ou sumir no dia seguinte. Não o conhecia há muito tempo, mas o que eu sabia era que ele não ia gostar do que acabou de acontecer. Não que eu gostasse da parte dos sentimentos também, mas eu queria me vingar, o que significava que estava disposta a fazer sacrifícios pela minha causa.

Ele pairou acima do meu corpo, ainda duro dentro de mim, e eu pisquei antes de meus olhos se abrirem por completo para encontrar os dele.

— Você me chamou de Cash — ele disse, com o peito arfando. Não pensei que fosse pelo esforço. Ele mal suou. Eu estava toda molhada.

— A menos que você tenha mentido — falei, minha voz áspera —, esse é o seu nome.

— Sim, suponho que seja — comentou, mas seus olhos estavam entrecerrados.

Ele saiu de dentro de mim, estendendo a mão e me ajudando a levantar. Aquele olhar ousado voltou aos seus olhos, e aquele animal ainda estava com fome, ou querendo provar alguma coisa — que ele não havia sentido o que pensava que sentiu.

Não havia como eu estar imaginando isso. Parecia muito real. Era como chegar muito perto de um incêndio violento e depois ignorar

as queimaduras.

— Aonde estamos indo? — perguntei, mal conseguindo andar.
Nenhum homem jamais tinha me fodido assim antes.

Dormir. Eu ansiava por isso.

— Chuveiro, querida. A noite é uma criança, e você também.



CAPÍTULO 15

Keely

Mal consegui sair da cama na manhã seguinte. Cash Kelly tinha devassado meu corpo como nenhum homem jamais tinha feito. A lembrança do que ele fez permaneceu firme nos músculos e ossos doloridos. Suas marcas estavam por todo o meu corpo, surgindo em hematomas azuis e roxos na minha pele. Para ser justa, sim, marcas apareciam em mim com facilidade, mas, ainda assim, ele foi intenso.

Ele me deu experiências que eu nunca esqueceria. O filho da puta era mais viciante do que o que ele tinha fumado na noite anterior. Não havia dúvida — nem um pinga — de que ele sabia disso tão bem quanto eu.

Depois de fazer as coisas necessárias no banheiro, entrei no armário fundo de seu quarto, peguei uma de suas camisas brancas de botão e a vesti. Era melhor do que ter que procurar minhas coisas no outro quarto. Eu ia levar minhas caixas para o quarto de Kelly por decisão própria.

Ele me queria aqui. Ele me teria. Bagagem e tudo.

Antes de descer as escadas, parei e admirei a vista da biblioteca. O sol estava nascendo, começando a iluminar *Hell's Kitchen*, e a vista de

Nova York me mantinha cativa no lugar. Pela primeira vez em muito tempo, tirei um segundo para apreciar o início de um novo dia. Tudo tinha a ver com meu novo ponto de vista.

Era diferente, e nesta cidade superlotada, algo novo.

No instante em que o sol nasceu por completo, eu segui adiante, procurando por Kelly. Encontrei-o na cozinha tomando café da manhã. Ele estava vestido de terno, sentado à mesa, lendo o jornal no celular. Ele o largou quando me ouviu vasculhando os armários. Eu comia cereais todas as manhãs no café da manhã. Tudo o que o saqueador tinha era aveia.

Suspirando, senti que tinha cinco anos de novo e era obrigada a comer algo que eu odiava a textura, então comecei a procurar itens para fazer mingau de aveia. Se eu fosse fazer isso, seria açúcarado. Bananas. Canela. Nozes. Açúcar mascavo.

— Você não tem açúcar — eu disse, procurando mais fundo na despensa. — Você não é um desses tipos de pessoas, é?

— Não preciso disso — retrucou, e notei a maneira como seus olhos passaram pela camisa no meu corpo.

Balancei a cabeça, decidindo que compraria alguma coisa para comer quando saísse. Eu tinha uma prova para um dos meus figurinos, e depois estaria livre. Eu me aconchegaria e me sentiria à vontade no quarto de Kelly depois.

Ele se levantou, arrumando a gravata, e então pegou a tigela e o copo da mesa, levando-os para a pia. Eu me virei e o observei.

— Trabalho? — indaguei.

— Diariamente.

— Deve ser divertido ser você — eu disse.

— Um bocado.

Foi uma atitude irritadiça que detectei em Cash Kelly? Minha aposta ainda era forte da noite anterior — ele daria um sumiço ou não agiria com a indiferença de costume. Desde que ele estava ao meu lado, sua atitude despreocupada havia sofrido um pequeno golpe.

Ele se virou para mim, mas não disse nada. Apenas me olhou. Eu não era uma mulher que se importava com atenção, mas ficamos perto, e ele me encarou como se tivesse algo em mente.

— O que é esse olhar? — perguntei, finalmente rompendo a tensão.

Ele olhou ao redor.

— Não há espelho aqui, querida. O único rosto que vejo é o seu.

— Seus pensamentos estão aparecendo em seu rosto. Combina com o ódio que sinto vindo de você.

Sem perder o ritmo, ele disse:

— Talvez eu sinta. E te odeie um pouco.

Sorri, não me ofendendo. O ódio era uma emoção, e considerei uma pequena vitória por eu o ter irritado um pouco.

— Não é divertido quando alguém magicamente desliza sobre suas paredes e trava uma guerra contra seu coração, Saqueador. Estou certa?

Ele estreitou os olhos para mim de uma maneira desafiante.

— Não tenho ninguém com quem lutar. — Ele ajeitou a gravata novamente. — Esteja pronta às cinco em ponto. Passarei para buscá-la. — Ele puxou a carteira e colocou um cartão de crédito no balcão. — Compre algo novo e caro.

— Aonde iremos?

— Jantar e depois para uma coisa política.

— Formal?

Ele assentiu. Então, olhou para mim novamente.

Depois de alguns segundos, acabei com o silêncio:

— Você não tem um lugar para estar, Kelly?

— Quando eu estiver pronto.

Ele colocou uma mão em cada lado meu, uma em cada lado da minha cintura, seus braços fortes me prendendo contra o balcão. Levantei uma sobrancelha, desafiando-o a dizer ou fazer o que quer que estivesse em sua mente.

Desafio por desafio.

Depois de um ou dois minutos, ele sorriu e saiu sem dizer mais nada.



Como sempre, Kelly mandou Raff comigo.

Tomamos café da manhã na rua da casa de Kelly, dois bagels e

dois chás, antes de voltarmos, indo para o carro de Raff. Ele ia me levar para a prova e depois para escolher um vestido para a coisa política de Kelly naquela noite.

— Sra. Kelly!

Raff me cutucou, e eu o cutuquei de volta.

— Mantenha suas mãos para si mesmo — avisei. Ele parou de andar e acenou com a cabeça atrás dele.

— Sra. O'Connell.

— Sra. O'Connell? — questionei o nome ao mesmo tempo que me virei. A mulher da festa do quarteirão, Maureen, correu em minha direção. Connolly manteve o passo, mas bem devagar.

— Sim — Raff respondeu, estreitando os olhos para elas. — Ela ligou para você duas vezes.

— Sra. Kelly — ela chamou quando estava perto o suficiente. — Preciso pedir um favor a você.

Ela parecia sem fôlego, mas não achei que fosse por causa da caminhada. Eu poderia dizer que ela era uma velha resistente, mas algo nela parecia quase desesperado. Era algo sobre o tom de sua voz quando ela disse meu nome.

Vou ter que me acostumar com as pessoas me chamando por esse nome. O nome que me liga a ele. Sem minha resposta, Maureen foi direto ao assunto:

— Preciso que você fique com Connolly por um tempo. Só até as três horas mais ou menos.

Ela pegou a garotinha pelo ombro e a puxou para mais perto de mim.

Connolly olhou para mim e eu olhei para ela. Eu sorri, mas ela não correspondeu.

— Tenho uma prova de figurino para o meu trabalho. — Não que eu me importasse em levá-la conosco, mas ela mal me conhecia. Não queria que ela se sentisse estranha. — Talvez possamos planejar um tempo para...

Maureen balançou a cabeça e empurrou Connolly ainda mais para perto de mim.

— Sra. Kelly... — ela disse, e seus olhos sérios estavam focados nos meus. — Preciso que você faça isso.

Olhei para ela por um momento, tentando entender. Nada ficou

claro para mim, porém, exceto por uma coisa... Maureen estava desesperada.

— Ok. — Balancei a cabeça. — Connolly pode passar o dia comigo.

Uma respiração audível escapou da boca de Maureen. Ela tocou na cabeça de Connolly e então correu na direção oposta.

— Parece que somos nós três — falei a Connolly. — Você se importa de ir trabalhar comigo por um tempo?

Nos encaramos e parecia que ela queria dizer alguma coisa, mas não conseguia fazer isso.

Abaixei-me, tentando nivelar nossos olhares.

— As nuvens estão claras hoje — eu disse, esperando que ela se lembrasse da nossa conversa na festa. — Eu sei que você não se importa de vir comigo. E depois, faremos umas comprinhas. Uma garota tem que ter um vestido bonito. Mimo do Sr. Kelly. — Sorri para ela e então me levantei, oferecendo-lhe minha mão. Não tinha certeza se ela aceitaria, mas depois de alguns segundos ela colocou sua mãozinha na minha e meu coração se encheu instantaneamente.

A emoção desapareceu com a mesma rapidez quando um toque familiar soou e o rosto da minha mãe apareceu na tela do meu celular.

— Merda — murmurei. Como não havia tempo melhor do que o agora atendi.

— *Keely* — ela disse, como se tivesse que ter certeza de que era eu.

— Mãe — devolvi.

Ela continuou com as coisas de sempre enquanto todos nós começamos a caminhar juntos. Depois de alguns minutos, quando chegamos ao carro de Raff, ela chegou ao motivo pelo qual ligou:

— O casamento — repeti, depois dela, sabendo que não havia alternativa — ... não há necessidade de planejar nada agora, mãe. Veja... A questão é — respirei profundamente — que estamos casados. Nós nos casamos em uma igreja! — disparei, para que ela não tivesse um ataque cardíaco ou entrasse em combustão na hora. — Não podíamos esperar. Talvez possamos fazer uma recepção mais tarde. Celebrar.

— *Você está casada* — ela repetiu. Ela me ouviu, mas queria que eu repetisse de novo. Para me torturar.

— Estou casada — afirmei. — Pra valer mesmo. Mas estamos

mantendo isso em segredo agora.

— *De Mari?* — indagou, sua voz ao mesmo tempo suspeita e letal. Nenhum dos dois me incomodou. Era a viagem de culpa à qual ela me levaria que eu temia.

— Sim — concordei. — Especialmente da Mari.

Odiava como ela sempre trazia Mari primeiro. Para ter certeza de que Mari não sabia mais do que ela. Eu não queria que Mari soubesse, por minhas próprias razões, então era melhor se minha mãe pensasse que ela tinha vantagem. Eu contaria a Mari quando estivesse pronta.

— *Minha única filha viva. Casada sem a mãe dela presente para ver.* — Ela fungou, e eu me resignei com as palavras infames que viriam a seguir. As mesmas que me comiam como ácido. Murmurei as palavras enquanto ela as dizia: — *Roisin não teria feito isso comigo.* — Um segundo depois, ela desligou.

Olhei para o telefone por um segundo antes de enfiá-lo no bolso. Senti uma leve pressão na outra mão e percebi que Connolly estava me observando e segurando meus dedos com um pouco mais de força.



Depois da minha prova, decidi ir a uma boutique de grife em Manhattan para encontrar um vestido para o evento. Nunca tinha pisado em um lugar tão exclusivo, mas assim que o fiz, uma das vendedoras correu para me ajudar.

— Tenho um evento esta noite — eu disse a ela, enquanto a mulher me olhava da cabeça aos pés, provavelmente tentando adivinhar meu tamanho. — Formal. Algo em verde.

Então, disse o número que eu vestia. Não tinha tempo para joguinhos. Ou eles tinham algo ali que me coubesse ou não. Se não tivessem, eu iria a uma loja que atendesse a todos os formatos de corpos possíveis e gastaria um bom dinheiro.

A vendedora assentiu e disse:

— Tenho exatamente o seu número.

Senti os olhos de Connolly em mim, olhei para ela e pisquei.

Mesmo que a culpa da minha mãe me consumisse, ter Connolly por perto de alguma forma parecia um amortecedor. Estava ansiosa para que ela ficasse mais à vontade na minha presença. Talvez para que ela voltasse a falar. Ela não parecia tão rígida quanto na festa. Parecia relaxada, embora ainda quieta. Ela revirou os olhos para Raff algumas vezes, o que me fez sorrir. Ele era um pouco pateta perto dela, fazendo piadas apropriadas para crianças.

Connolly ficou com Raff enquanto eu experimentava o vestido. Desde o momento em que o vesti, sabia que era aquele. Esmeralda, como eu havia pedido, e transparente, mas com uma camada de pedraria. O ajuste era um tanto pequeno e tinha uma fenda sexy até a coxa. Dizem que o vermelho deixa um homem morto, mas com este vestido, eu podia jurar que daria uma arritmia naquele coração que Kelly supostamente não tinha.

Os olhos de Connolly brilharam quando saí e mostrei a ela, então foi isso.

Conforme eu vasculhava as prateleiras em busca de um par de saltos que combinassem, Connolly sentou-se em uma cadeira, enquanto Raff ficou ao meu lado. Suas costas estavam recostadas contra a parede, os braços cruzados, seus olhos me acompanhando para todo lado.

— Você está tentando matar meu primo com esse vestido. — Olhei para ele, antes de pegar um par de saltos dourados. — Ou roubar seu coração, no mínimo. — Ele riu. — Molly e eu fizemos uma aposta.

— Sim. — Coloquei os saltos na prateleira. — Espero que sua aposta seja em mim, ou você estará do lado perdedor.

— É por isso que aposto em você — comentou. — Você é louca o suficiente para pensar que pode, então provavelmente vai, Jessica Rabbit.

Arqueei a sobrancelha para ele.

Ele acenou para a minha cabeça.

— Seu cabelo. É vermelho.

— Jura? — Fingi estar chocada. — Alguém me dê um espelho! Quando isto aconteceu?

Ele riu e nós dois nos viramos para olhar para Connolly, para ver como ela estava. Em vez de nos observar, ela estava observando as vendedoras que andavam apressadas pela loja.

Balancei a cabeça em direção à garotinha.

— Qual é a história?

Raff olhou para ela por um momento antes de se virar para mim.

— O pai dela foi morto vendendo drogas para as pessoas erradas. A mãe morreu depois de dar à luz ao meio-irmão dela, que está na UTI Neonatal agora. Ele nasceu prematuro muito cedo e está em período de desintoxicação. Maureen concordou em adotá-lo para que eles sempre estivessem juntos. — Ele apontou o queixo para Connolly. — Prometeram as estrelas a essa garotinha, a pequena Connolly O’Connell, mas tudo o que ela recebeu foi escuridão.

Percebi quando seus olhos encontraram os meus que eu estava olhando para ela. Lágrimas turvaram meu mundo, mas me virei sem que ela visse. Enxuguei os olhos antes que as gotas caíssem.

— Connolly O’Connell — repeti.

— A mãe dela estava muito chapada para inventar algo diferente para o primeiro nome dela. — Ele balançou sua cabeça. — Disse que parecia poético. Tipo, Connolly, O’ my Connell!, depois que ela já tinha registrado no cartório. Seus pais não eram pessoas ruins... Só acabaram se tornando escravos das drogas. Isso vinha antes de tudo.

Sua atenção ao meu nome “Keely Kelly” fazia sentido. Nós duas compartilhamos muitas das mesmas letras em nossos nomes.

Não me importando mais com os saltos, eu disse a uma das vendedoras para adicionar um par dourado à minha conta. Então fui e fiquei na frente de Connolly, tentando esconder o fato de que meu coração sangrava por ela.

— Ei — chamei. — É hora de dar o fora desse lugar chique e comer alguma coisa. Talvez até comecemos com a sobremesa primeiro. — Entrecerrei um pouco os olhos, movendo a cabeça da esquerda para a direita, como se estivesse tentando ler algo que não estava claro em seu rosto. Então, arregalei os olhos e arfei. — Ah! Vejo que concorda! Está tão claro nas nuvens hoje! — Ela não queria sorrir, mas um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — Vamos de doce, então! — Levantei a mão para um *high-five*. Ela colocou sua mão timidamente contra a minha, e fechei a minha sobre a dela, apertando um pouco.

— Almoço, é? — uma voz familiar disse atrás de mim. Por que isso me emocionou tanto?

A mão de Cash deslizou sobre meu ombro, apertando um pouco.

Olhei para ele, todo vestido com seu traje de cavalheiro. Ele se parecia com um velho gângster de uma época das antigas. O homem usava o terno, e não o contrário.

Não eram apenas as roupas dele.

Era a atitude de “eu não dou a mínima para quem você é ou o que faz” que ele ostentava como uma boa colônia. Permanecia no ar ao seu redor. Sutil, mas poderoso.

Perguntei-me quantos homens haviam saído de seu caminho porque sentiram o cheiro da carnificina nele, e quantas mulheres se colocaram de propósito em seu caminho por causa de seu charme hipnotizante.

Ele ergueu a mão para a vendedora.

— Embale tudo. Meu homem lá fora vai levar para casa, para minha esposa.

— Imediatamente, Sr. Kelly — a vendedora disse. Ela era boa, pois já havia memorizado o nome no cartão de crédito.

— Não se preocupe, querida — ele comentou, quando me pegou observando enquanto as vendedoras o examinavam. Mais de uma vez. — Estes olhos pertencem a você, mesmo que tenham calhado de estar no meu rosto.

— Esperto — falei, segurando a mão de Connolly. — Se você quiser mantê-los aí.

Achei ter ouvido Connolly rir, mas não pude ter certeza porque o som da risada incontrolável de Raff sobressaiu no ambiente.



CAPÍTULO 16

Keely

Kelly foi embora para onde ele estava indo depois de nos levar para almoçar. Ele ficou quieto durante a refeição, observando-me com Connolly, e me perguntei o que ele estava pensando. Não conseguia ler os pensamentos que se moviam por trás de seus olhos.

Não tive muito tempo para descobrir isso, no entanto. Depois que voltamos para a casa de Kelly, eu precisava me preparar para o evento. Ao definir tudo, conversei com Connolly como se ela estivesse respondendo, esperando que eu respondesse a seus pensamentos. Ou chegando perto.

Maureen veio buscá-la antes de eu tomar banho. A mulher parecia exausta e eu entendi o porquê. Ela havia perdido a filha, a mãe de seus netos, e agora tinha duas crianças pequenas para cuidar. Uma das crianças, um bebê inocente, estava lutando por sua vida. Quando Maureen notou a expressão em meu rosto, ela assentiu, e eu acenei de volta.

Nenhuma outra palavra foi necessária. Um olhar selou nosso entendimento.

Antes de chegarmos à casa de Kelly, paramos e compramos

algumas roupas e sapatos novos para Connolly. Os dela não eram surrados, mas também não eram do estilo atual. Eles já viram dias melhores. Ela não escolheu nada, mas eu a vi olhando algumas coisas e apenas as peguei.

Disse a Maureen que os levaria até o carro dela, mas ela balançou a cabeça.

— Guarde-os para quando ela vier aqui. Você planeja passar um tempo com ela? — O olhar que ela me lançou foi direto até a alma, porque Connolly o ecoou.

Maureen estava me testando. Connolly também. Os planos em seu mundo provavelmente eram quebrados com constância, como um estalo doloroso do osso uma e outra vez, até que ela ficava paralisada e não conseguia falar de dor.

— Quando ela quiser. — Pisquei para ela. — Vou colocar as coisas novas de Cee Cee no quarto dela; ela pode ficar com elas sempre que vier.

Eu colocaria as coisas dela no quarto que Kelly designou para mim, já que iria dividir o espaço com ele.

— Cee Cee? — a voz de Connolly era baixa e áspera, talvez por não a usar com frequência.

— Suas iniciais. — Parei. — Bem, mais ou menos. Se você tirar o “O” de Connell. — Então, fui em uma direção diferente. — Às vezes, minha melhor amiga me chama de Kee Kee. É meio que Cee Cee também.

O rosto de Maureen suavizou por um breve segundo antes que ela endurecesse suas feições mais uma vez.

— Não me importo com o que eles dizem sobre você, Sra. Kelly. Eu acho que você é uma boa mulher. As pessoas odeiam até aprender a amar algo novo.

Com isso, ela agarrou a mão de Connolly e a puxou em direção à rua.

Connolly O’Connell me observou o tempo todo até não poder mais.

Fechei a porta, balançando a cabeça.

— *Dizem sobre mim?* — refleti comigo mesma. — Que porra estão dizendo sobre mim por aqui?

Kelly parecia ser o rei de um pequeno bando de desajustados

em *Hell's Kitchen*, no meio da batalha, lutando por um reino a ser recuperado. Todos olhavam para ele como se ele fosse algum tipo de anti-herói para admirar. E eles não pareciam pessoas más, o que me disse que eles viram algo nele digno de admiração.

Por que o julgamento severo para mim, então? *Ele* me fez mal.

Ah, bem. Foda-se. Minha felicidade não dependia da opinião dos outros.

A menos que seja minha mãe.

Recusei-me a pensar na culpa que o telefonema havia causado, então me ocupei em me arrumar.

O banheiro de Kelly era digno de um Spa, e seria bom tomar um banho quente — e demorado — antes de ir a um evento chique como aquele. Eu usava um cronômetro no banheiro do meu último apartamento para não congelar meus peitos. Eu tinha exatamente três minutos para lavar meu cabelo e corpo antes que a água ficasse gelada. Era como nadar e depois correr pelado em uma nevasca durante os invernos de Nova York.

Às cinco horas em ponto, eu estava esperando à mesa da cozinha, saboreando um copo de uísque sofisticado, quando Kelly entrou. Ele deve ter tomado banho e se vestido no trabalho. Harrison me disse que o lugar tinha uma academia. Uma vantagem. O corpo tonificado de Kelly era uma prova disso.

Ele parou de andar quando me notou sentada à mesa, com o vestido, meu cabelo penteado para cima e maquiagem no rosto. Ele se recuperou sem problemas, no entanto. Assim como eu tinha feito quando o notei em seu terno. Era preto e branco e feito para um cavalheiro. Um cavalheiro que era tudo isso, menos atrás de portas fechadas.

— Você está pronta — ele disse.

— Você me deu um horário. — Dei de ombros. — Aqui estou. Na hora. Pronta. — Tomei um gole do meu uísque e o coloquei na mesa. — Eu te disse, Kelly. Não sou uma princesa. Estou acostumada a trabalhar duro por necessidades básicas, então, quando me dão um horário a cumprir, eu dou um jeito.

Ele olhou para a mesa, para o copo de uísque que eu havia servido para ele.

— E você dá mesmo. — Ele pegou o copo. Parou quando estava

perto de sua boca. — Se eu tivesse um coração, teria parado ao ver você nesse vestido.

Fiquei de pé na mesma hora, certificando-me de que a fenda sexy fosse notada quando me aproximasse dele. Talvez alguns até chamem isso de perigoso. Minhas pernas eram longas, então eu as usei a meu favor. Quando o alcancei, meus olhos se voltaram para encontrar seus verdes intensos.

Um tigre. Ele tinha os olhos de um tigre.

— Ah. — Respirei. — Agora penso que você sabe que tem um coração, e está batendo, querido. Não preciso de um vestido vermelho para te deixar de joelhos. Não. — Passei a mão pela lapela do seu paletó. — Não importa a cor. É a minha confiança que o excita, Sr. Kelly. — Dei um tapinha no local onde minha mão parou e fiz menção de me afastar.

Ele agarrou minha mão e a levou à boca, depositando um beijo suave em meus dedos. Com suavidade, afastei a mão da dele, mas poderia ter feito isso com brusquidão se quisesse. Ele notou como aquele ato enviou uma descarga elétrica direto para o meu braço. Isso fez minhas mãos tremerem por um motivo diferente da ansiedade.

Ele sorriu por trás da borda de seu copo e ingeriu a bebida em um gole só.

— Há tanto em você que me excita, minha querida, mas nada deixa meu pau tão duro quanto o cheiro em seu corpo. É uma fantasia sexual. É a porra da confiança. Permanece na sala muito depois de você ter saído dela, Sra. Kelly. — Ele acenou para a porta, para que eu fosse à frente.

Parei quando saí da cozinha.

— Você vai me observar sair daqui, não é, Kelly?

— Uma bunda assim... — Seus olhos se moveram sobre mim lentamente. — Seria um pecado desperdiçar tal bênção.

— Aproveite a vista — disse, jogando as palavras por cima do meu ombro. — E tente não se apaixonar.

Pisquei para ele antes de me dirigir à porta da frente.



Um Rolls-Royce Phantom esperava por nós do lado de fora. Um motorista de terno elegante completo, com chapéu, abriu as portas de abertura reversa no instante em que Kelly colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me empurrou para frente. Estaquei em meus passos na mesma hora. Minha bunda nunca tinha se acomodado em um assento tão caro antes.

Passei a mão pelo couro macio.

— Isso é sofisticado — eu disse.

Kelly se sentou à minha frente, arrumando o terno, antes que o motorista fechasse a porta e começasse a se dirigir para o outro lado do carro.

— Rocco Fausti possui uma frota deles. Eu os uso de vez em quando.

O motorista se acomodou ao volante, olhando pelo espelho retrovisor para Kelly, e depois que Kelly deu um aceno de cabeça, o vidro de privacidade foi acionado.

Tínhamos nossa própria suíte no carro. O teto parecia feito de estrelas. O carro se movia suavemente, como se estivéssemos planando no ar. Uma voz sedutora saiu dos alto-falantes um segundo depois: “Billie Holiday, George Gershwin, Ira Gershwin. O Essencial George Gershwin.” Então, ela anunciou: “O homem que eu amo”. Uma música de jazz começou a tocar, algo que definitivamente era anterior ao nosso tempo.

— Sem champanhe? — perguntei, sarcasticamente.

Kelly virou-se para a divisória entre nós e apertou um botão. Um console desceu com dois vidros ocultos dentro. Escondida ainda mais ao fundo estava uma garrafa de champanhe de aparência realmente cara.

— Mágica. — Eu sorri um pouco.

Kelly me entregou uma taça e abriu a tampa. Ele me serviu e depois pegou uma para si. Nós brindamos e, em silêncio, tomamos um gole. O líquido deslizou pela minha garganta como mel borbulhante.

— Não é mágica, querida — ele disse, colocando a taça no suporte. — Os Fausti. O ouro corre em suas veias.

— Eu sei. — Tomei outro gole. — Eu os conheço, quero dizer. — Ele assentiu.

— Macchiavello está conectado.

— As esposas têm noites só das garotas. Mari me convidou. — Virei-me um pouco para ele. — Há rumores de que eles são realmente poderosos. A maioria deles, homens perigosos.

Kelly sorriu.

— Depende do ponto de vista.

— Qual é o seu ponto de vista?

Ele suspirou, dando-me toda a sua atenção.

— Geralmente ficamos do mesmo lado, aquele com a mesma visão. Não tenho nenhum problema com os Fausti. Se eu tivesse — ele deu de ombros — eles me varreriam do mapa, mas eu morreria lutando.

— *Hell's Kitchen* é realmente tão importante para você?

— Estou disposto a morrer por isso — ele disse, e virou o rosto para frente.

As coisas que valem a alma de um homem — fé, direitos, amor de uma mulher, esse tipo de coisa — pareciam dizer muito sobre aquele homem. Eu não tinha certeza do que isso dizia sobre Cash Kelly ainda. Ele estava disposto a morrer pelo poder de governá-lo? Ou pelo dinheiro? Pelas duas coisas? Ou por uma causa mais digna?

Não falamos mais nada enquanto o carro estacionava em frente ao *Macchiavello's*. O noivo de Mari era o proprietário, e aquele lugar era um dos restaurantes mais chiques de Nova York. Eu disse a ela que estávamos indo, e ela estava animada, falando sem parar sobre algum prato de massa para experimentar. Ela disse que depois do casamento deles na Itália, nos encontraríamos lá para almoçar.

O motorista abriu a porta de Kelly primeiro. Kelly saiu, arrumando o terno e a gravata, e então veio até mim. Minha porta se abriu e sua mão estava estendida e à espera da minha. Aceitei a oferta, a fenda no meu vestido subindo enquanto eu pisava na calçada. Um fluxo de carros caros fazia fila logo atrás, para parar em frente ao restaurante. As pessoas na calçada pararam e apontaram para alguns deles. Inclusive o nosso.

O restaurante era o esperado. *Romântico*.

A luz de velas fazia todo o lugar brilhar, havia rosas em todas as mesas, uma banda de jazz tocava na seção do bar e o cheiro era incrível.

Kelly entregou um cartão ao homem na porta e fomos conduzidos a uma sala privada. Era tão isolado que parecia que só nós

dois existíamos no mundo. A comida? Como nada que já provei antes.

Antes que eu estivesse realmente pronta, partimos para o evento. Estava sendo realizado em um museu e, novamente, estávamos enfileirados com outro fluxo de carros caros. Enquanto esperávamos nossa vez e os convidados saíam, comecei a reconhecer rostos. Governador. Prefeito. Líderes sindicais — um que reconheci de nossa “recepção” de casamento, o chefe do sindicato dos estivadores. O tipo de gente incluída em cadernetas de pessoas importantes.

Rocco Fausti e sua esposa, Rosaria, saíram em seguida. Então, nós.

Assim que entramos, Kelly começou a apertar as mãos e me apresentar. A festa era um zoológico de pessoas poderosas, mas Kelly se manteve com os políticos locais. Eu sabia o quão charmoso ele podia ser, e ele estava usando seu charme potente em todos com quem falava. Ele não estava puxando saco, no entanto. Kelly era um daqueles homens que exalavam apelo sem forçar.

Cansada de toda aquela ladainha, e sem querer me dar ao trabalho de falar com Rosaria, me esquivei da conversa de Kelly e me dirigi ao bar. Pedi um copo de uísque puro e depois me virei para observar a mulher cantando ao piano.

Um homem se aproximou, pediu seu uísque e depois se virou para ficar exatamente como eu.

— Ela é boa — ele disse, tomando um gole. Seus olhos estavam prontos para flertar, mesmo que sua boca nunca tenha dito uma palavra sugestiva.

— Ela é. — Mantive os olhos para frente, mas eu já tinha dado uma boa olhada nele. Ele provavelmente tinha a idade de Kelly, mas fora isso, não havia mais nada para comparar. O cheiro de Kelly estava ao meu redor, mesmo que ele não estivesse perto de mim. Isso aniquilava até o pensamento de outro homem na minha cama. Eu ainda não tinha esquecido a dor latejante que ele deixou entre minhas pernas.

— Como Kelly conseguiu isso? — Ele tomou um gole de seu copo, e o gelo dançou em âmbar.

— Desculpe? — questionei.

— Kelly. — Acenou com a cabeça em direção a ele. — Como ele conseguiu uma mulher tão bonita e disposta, eu estou supondo?

Tomei outro gole do meu uísque.

— Acho que não nos conhecemos — falei, virando-me para ele.
Ele me olhou de cima a baixo.

— Lee Grady.

— Ke...

— Keely Kelly — interrompeu-me. — Ouvi o nome uma ou duas vezes.

Balancei a cabeça.

— Você faz parte do grupinho de fofoca do bairro.

— Eu ouço tudo. — Ele sorriu.

— Você quer dizer que *sabe* tudo.

— Pequena distinção. — Ele se virou para o bar, pedindo outro uísque para mim.

Coloquei a mão por cima, balançando a cabeça.

— Para mim já chega.

Lee assentiu e dispensou o garçom. Deixando o uísque na mesa, ele se encostou ao balcão.

— Você não tem conexões influentes. — Virou os olhos para a direita, me avaliando. — Não pode ser amor, porque o safado é incapaz disso. Então, estou tendo dificuldade em entender por que você se casaria com alguém como ele.

— Alguém como ele?

— Um bastardo saqueador que sempre vai atrás do que não lhe pertence.

— Talvez ele sinta que pertence, sim.

— Talvez sim... — ele disse, tomando outro gole. — Mas sentimentos e realidade são duas coisas diferentes, docinho.

— Não há nada de doce em mim. — Sorri para ele. — Não presumo.

Bebendo o resto do meu uísque sem gelo, fiz menção de me afastar dele, mas ele segurou meu braço. Seus dedos cravaram em minha pele, e quando fui me mover, ele me agarrou com mais força ainda.

— Eu governo *Hell's Kitchen* — falou, a voz baixa e venenosa. — O que entra e sai dali. Vou torná-la viúva em breve, Sra. Kelly. Espero que você tenha feito uma apólice de seguro bem gorda para aquele bastardo.

O aperto de Lee afrouxou antes que eu ouvisse o estalo de uma

língua.

— Tsc, tsc... Você pode olhar, mas ninguém toca em minha esposa além de mim.

Virei-me a tempo de ver Kelly agarrar três dedos de Lee e estalá-los de volta. Ele soltou um grunhido de dor, fazendo com que as pessoas na área se virassem para olhar. Kelly não parecia dar a mínima. Ele se inclinou para cochichar perto da orelha de Lee:

— Discutimos isso várias vezes, Grady. Você tem que aprender a reconhecer o que pertence a você e o que não pertence. Tocar na esposa de outro homem é o equivalente a reivindicar sua propriedade. É desrespeitoso.

Kelly soltou a mão retorcida de Lee, revirou seus ombros e então me ofereceu seu braço. Deslizei a mão, ciente de que as pessoas estavam olhando, sussurrando, mas foi um grupo de homens no canto que realmente chamou minha atenção. O ódio emanava deles em ondas quentes, e o fogo central? Destinado a Kelly.

— Aqueles homens... — eu disse, tentando não parecer óbvia quando olhei para eles. — Eles estão com Grady?

Kelly levantou minha mão e deu um beijo em meus dedos, assim como ele tinha feito antes de sairmos, mas desta vez, foi para deixar algo claro. Ele estava apostando sua reivindicação.

— Esqueça-os, querida — falou, suavemente. — Você nunca mais os verá.

Isso foi enigmático pra cacete.

— Você é amigo de todas essas pessoas da política?

— Metade deles me prendeu uma ou duas vezes. — Ele sorriu. — A outra metade me contratou.

Suspirando, ergui o queixo, mantendo os olhos à frente enquanto nos movíamos no meio da multidão. As pessoas ainda estavam olhando, mas por uma razão principal.

Cash Kelly fez seu retorno.



O quarto estava tão escura que meus olhos não conseguiam ver

qualquer coisa além. Não conseguia distinguir formas ou mesmo ver minha mão na frente do rosto. A temperatura ali estava um grau acima de zero. Uma coisa que aprendi sobre Kelly imediatamente: ele mantinha sua casa fria. Quando reclamei, ele disse: “*O frio ajuda a respirar e a dormir melhor*”. Não via como meus dentes batendo a noite toda me ajudariam a respirar ou dormir melhor — e meu sangue era meio quente.

Talvez ele mantivesse seu lugar tão frio porque se alguém o matasse durante o sono, ele se conservaria melhor.

Olhando em sua direção, suspirei. Pelo menos ele me deu todas as cobertas. Eu as chutei e fui para o banheiro. O frio se agarrou à minha pele, mas o suor também. Meu cabelo estava emaranhado na cabeça e a camisa de Kelly grudada no meu corpo.

Abri a torneira de água fria e, depois de jogar água no rosto, inclinei-me sobre a pia, deixando a água cair de volta no ralo.

Talvez eu fosse vomitar.

Senti o movimento pouco depois. Meu coração disparou contra o peito, embora eu não tenha pulado de susto.

— Você é muito silencioso, porra — resmunguei, com a mandíbula cerrada.

Kelly encostou-se na porta do banheiro, sem camisa, apenas com uma calça de moletom cinza, me observando. Seus olhos brilhavam com a luz pequena e suave que acendia à noite sempre que você entrava no banheiro.

— Algo não lhe caiu bem, querida?

— Pode-se dizer que sim.

Desliguei a torneira da pia e peguei uma toalha para secar o rosto. Depois de pendurá-la de volta, fui passar por ele, mas Cash segurou meu braço e eu parei, olhando para ele.

— Deve ter sido uma comida muito ruim. Você está mais pálida que a porra de um fantasma.

— Não foi para o meu estômago — falei. — Subiu para a cabeça.

Seus olhos se moveram, como se ele estivesse tentando entender meu enigma.

— Pesadelo.

As emoções na boca do estômago chegaram à garganta. Eu não tinha certeza se poderia responder. Então, assenti com a cabeça.

Ele tirou com o dedo uma mecha de cabelo que estava grudada no meu rosto e, pegando minha mão, me levou de volta ao quarto. Ele não parou por aí, no entanto. Caminhou pela casa escura, como se pudesse ver através dela, e então acendeu as luzes quando chegamos à cozinha.

Depois de soltar minha mão, ele me levantou pelos braços e me colocou sentada no balcão. Então, foi até a geladeira, a luz interna iluminando seu rosto e corpo, e pegou um pote de sopa. Ele a colocou na mesa antes de ir buscar uma panela.

Enquanto mexia a sopa, ele interrompeu o silêncio.

— Toda a bebida.

— O quê?

— Meu pai costumava dizer que muita bebida chama o diabo. Você bebeu demais esta noite.

— Já bebi mais. — Dei de ombros, embora ele estivesse de costas para mim. — Sua casa é nova para mim. Está sempre escuro e frio, e sempre que estou passando por muita coisa, ela vem até mim.

Nunca admiti isso para ninguém e não tinha certeza do porquê havia admitido para ele. Talvez porque ele tivesse um irmão gêmeo e pudesse entender o que a distância fazia com a alma do outro.

Todavia, havia uma coisa que me recusei a admitir para ele: o quanto as palavras de Lee Grady no evento me incomodaram. *Fazer de você uma viúva, Sra. Kelly*. Se alguém ia matar Cash Kelly, seria eu. Não algum aspirante a marginal da porra da rua.

Ele assentiu.

— Você teve um sonho com sua irmã.

— Sim. — Levei um ou dois minutos para acalmar meu coração. Sempre que eu pensava nela, meu coração doía. E por alguma razão, quando pensei em Kelly sendo morto por causa de seus negócios, algo dentro de mim se retorceu. Talvez fosse o lugar onde meu coração deveria estar. — Ela nunca é jovem. Nos sonhos. Não como era quando a vi pela última vez. Ela é sempre mais velha. Adulta. Eu posso senti-la. Senti-la de verdade. Você tem sonhos com seu irmão? Sei que ele não está morto, mas qualquer distância é difícil.

— Não — respondeu, sua voz distante. — Meu pai. Ele me mantém acordado à noite.

Observei-o por um minuto. Ele tinha costas bonitas. Quando se

moveu, seus músculos ondularam. Sua pele era lisa, exceto por todas as cicatrizes que ganhou em batalha.

— Isso teria algo a ver com seu hábito medicinal?

— Tem tudo a ver — disse. — Não é um hábito, no entanto. É algo que escolho fazer ou não.

— E as dores de cabeça, essas vêm do seu pai também?

— Você lembrou.

— Me lembro de tudo — declarei. — Sobre você. Você deve sempre conhecer seus inimigos melhor do que seus amigos.

Ele não disse nada enquanto despejava a sopa da panela em duas tigelas. Eu não tinha certeza do porquê notei, mas ele tinha me servido uma dose maior.

Colocou a tigela perto de mim e então me entregou uma colher. Ele tomou a sua em silêncio.

Comemos sem conversar e, depois que terminamos, eu estava aquecida e com a sensação de que poderia respirar novamente. Também não achei que fosse por causa da sopa. Era ele. Minha resistência a ele, a isso, foi cansativa por causa do meu coração, mas minha mente manteve o cabo de guerra.

Depois de descer do balcão, pude sentir seus olhos em mim enquanto me movia em direção ao sistema de som na sala da frente. Notei todos os discos de vinil antigos que ele tinha depois que Maureen saiu com Connolly. Eu tinha ouvido alguns deles enquanto me preparava para sair à noite.

Encontrei um dos favoritos do meu pai e coloquei para tocar antes de levar a tigela dele e a minha para a pia. Quando comecei a lavar, pude sentir que ele ainda estava me observando. Seu olhar golpeava minhas costas como uma pedra contra o vidro. Perguntei-me que pedaço de mim ele roubaria desta vez?

Meus olhos se fecharam quando seus braços me envolveram. Minha cabeça se inclinou para trás e me recostei nele, pela primeira vez em muito tempo, dando a outra pessoa meus fardos para compartilhar. Talvez ele os estivesse roubando também, porque me senti leve como uma pena. Mais embriagada do que quando ele estava soprando aquela fumaça inebriante na minha boca para que eu a respirasse.

— Há uma coisa, querida, que pode ter poder sobre mim — ele sussurrou, seu sotaque suave me embalando ainda mais na segurança

de seus braços. Um braço me soltou, enquanto o outro me manteve firmemente grudada a ele, e sua mão livre se aventurou contra o meu corpo. Na minha bunda, no meu quadril, ao redor da minha coxa e depois entre as pernas. Respirei fundo, exalando em um fluxo lento, enquanto seu hálito quente soprava no meu ouvido. — Eu nunca esqueço. Você me faz esquecer. Quando meu pau está enterrado dentro de você, não sei a porra do meu nome, ou quem sou, ou o que o mundo vê quando olha para mim. Sou apenas um homem dentro de uma mulher, uma mulher que tem o poder de me fazer esquecer tudo.

— Tome cuidado. — Minha respiração estava ofegante enquanto seus dedos se aventuravam cada vez mais alto até o limiar do desejo. — Essa é uma direção perigosa. Pode levar à perda de um órgão vital.

Minhas unhas afundaram em seu braço conforme a pressão aumentava, quando ele começou a se mover mais rápido, enquanto seu nariz roçava meu pescoço, a boca sugando minha pele.

— Já roubei seu coração, minha querida. Não há mais nada a perder. Tudo o que resta é você ceder. — Suas palavras eram lentas, baixas e sedutoras. — Ceda a mim, Keely Shea Kelly. Você está perdendo seu tempo tentando manter o que já é meu.

Deixei escapar um gemido estrangulado quando seu braço me soltou e sua mão livre veio para cima, abrindo os botões de sua camisa — aquela que cobria meu corpo. Ele começou a provocar meu mamilo.

— Nós dois sabemos — gemi ainda mais alto — ... que resistir a você é minha maior fraqueza e minha maior força.

— Você será amaldiçoada se tornar as coisas fáceis para mim.

— É assim mesmo, sim. Aaaah. — Respirei fundo quando sua provocação se tornou áspera.

Ele sorriu contra o meu pescoço até que movi a bunda contra sua virilha e ele soltou um suspiro. Eu usaria todas as armas do meu arsenal — meus olhos, meus lábios, minhas pernas, minha feminilidade, meu coração — para me entranhar em seus pensamentos. Eu ia fazê-lo esquecer que não tinha coração até que se lembrasse de que tinha. A situação entre nós era tão feia que eu estava começando a achar bonita. Bonita mesmo.

Ele roubou *meu* coração. Agora estava decidida a tê-lo inteirinho para mim.

Comecei a tremer, cedendo, e então gozei numa explosão que

pareceu ecoar pela cozinha.

Ele me virou para encará-lo, e depois de me olhar nos olhos por um momento, me colocou de volta no balcão, enfiando-se entre as minhas pernas. Tirei sua camisa do meu corpo, jogando-a para o lado, completamente nua para ele. Usei meus pés para empurrar sua calça de moletom para baixo, e depois que ele se livrou da peça de roupa, me penetrou em um impulso que abalou meu mundo inteiro. Ele entrou e saiu, como um ladrão na noite, encontrando mais e mais de mim para roubar.

Nossos olhos se conectaram em um intenso confronto visual. Meu coração estava em guerra com o espaço onde o dele deveria estar. Estava lutando por isso, apesar dos protestos da minha mente. Meu coração martelaria com vontade até que ele decidisse me deixar entrar.

Ele rosnou para mim. *Rosnou para mim, porra.* Como um animal. Um ruído ecoou da minha garganta, algo muito semelhante ao dele. Meu corpo estava surtando, querendo se desfazer, pronto para as estrelas dispararem por trás das pálpebras, mas eu me continha com todo o meu ser, me recusando a ceder tão facilmente desta vez.

Eu estava encharcada de suor. Ele também.

Agarrei suas costas, arranhando a pele, e ele bombeou em mim ainda mais forte, mas com um controle perfeitamente executado a cada golpe. Eu me contraí ao redor dele, uma, duas vezes, e então nós dois gozamos ao mesmo tempo. O som era alto e medonho, e nos deixou fracos. Foder com ele era como ir para a batalha para manter um pouco de mim no lugar, antes que caísse em suas mãos. Ele era o tipo de homem que facilmente consumia tudo o que tocava.

Ficamos assim por um tempo — ele entre minhas pernas, eu ainda no balcão, ambos respirando com dificuldade. Quando ele saiu, pulei do balcão, perdendo o equilíbrio. Ele me agarrou e me firmou no lugar. Meus joelhos estavam fracos.

Olhei para o rosto dele. Suas peças se encaixavam perfeitamente, mesmo que fossem reunidas algumas vezes, e era impossível não admirar a imagem inteira pelo que era. Arte.

— Não sou como água cristalina, querida — ele disse. — Pare de tentar ver dentro da minha alma.

Não, e ele também não era turvo como águas agitadas. Meu pai sempre disse que as águas tranquilas são profundas. Uma expressão de

Cash Kelly, se é que alguma vez existiu. Isso significava que as pessoas silenciosas eram mais perigosas do que as barulhentas.

— Eu não ousaria — devolvi.

Há mais de uma maneira de invadir uma zona onde a entrada é proibida, porém — e eu já encontrei uma maneira de adentrar na dele. Através de sua pele... de seus pensamentos.

Deslizei a mão por seu braço, bem devagar, e seus olhos baixaram.

— A noite toda — sussurrei. — Vamos esquecer a noite toda.

Ele segurou minha mão e me levou de volta para o quarto.



CAPÍTULO 17

Cash

Não fumava desde aquela noite na escada de incêndio. Foi algo que fiz para aliviar a minha mente, porque, senão, lutaria contra a insônia. Ou contra intensas dores de cabeça. Não estava mentindo para a arqueira quando disse a ela que meu pai me perseguia. Não era seu fantasma, mas o que ele havia deixado para trás. Uma responsabilidade para continuar seu legado.

As únicas opiniões que honrei foram as do meu pai. Eu respeitava meu irmão, mas nossas perspectivas sempre estiveram alinhadas de forma diferente. Ele sempre teve a necessidade de fazer perguntas. Eu fui confiando que nosso velho jamais nos desviaria do caminho.

Ele lutou e reivindicou uma das áreas mais cruéis de Nova York para administrar. Ganhou a confiança e o respeito de sua comunidade, mesmo sendo temido.

Diferente de Lee Grady e sua família, que se mancomunou com os Scarpone para distribuir drogas em sua própria comunidade. Seu tráfico de drogas arruinou casamentos, famílias, carreiras. Arruinou vidas. Levou tudo pelo que meu pai trabalhou a maior parte de sua vida

— até morreu para proteger —, e enterrou sob o pó.

Minha mente se recusava a aceitar. Então, isso me mantinha acordado noite após noite. Mesmo na prisão, porque eu era um animal enjaulado sem saída.

Pensei em Grady sem parar. Como ele armou para meu pai ser massacrado. Pensava nos Scarpone sem parar. Em como eles fizeram parte disso por ganância.

Pensei em Scott Stone sem cessar. Em como ele havia algemado meu pai e feito dele um alvo fácil. Nada me fazia parar de salivar pelo dia em que as ruas de *Hell's Kitchen* seriam minhas.

Mesmo que o resto do mundo estivesse tomado por drogas, minha área não estaria. Celebraríamos os casamentos, honraríamos as famílias e daríamos a todos os homens e mulheres a chance de uma carreira — de uma vida melhor.

Roubar um coração por vingança estava em desacordo com a celebração do casamento, mas eu tinha toda a intenção de honrar todos os votos que fiz a Keely Kelly no altar.

Parei de andar por um minuto, pensando em algo diferente de vingança ou caos no que parecia ser a primeira vez em toda a minha vida.

Por mais que odiasse isso, porque sabia que ela o usaria como munição, a arqueira me colocou para dormir como uma canção de ninar. Transei com ela a noite toda, e logo antes do sol nascer caí duro naquele espaço onde nada existia. Nenhum ruído. Sem visão. Sem interrupções.

A arqueira poderia ter me matado durante o sono, e eu não teria a menor ideia. Ela era pior que uma droga. Ela era o vício.

— O poder da boceta — murmurei para mim mesmo, abrindo a porta do meu prédio de escritórios. — É só isso, Kelly.

— Sr. Kelly! — Susan, minha secretária, surgiu de trás de sua mesa. Ela estreitou os olhos para mim depois de realmente me cumprimentar. — Você está atrasado.

— Seu relógio está adiantado — eu disse, checando o meu, percebendo que estava.

Ela acenou com a mão.

— Seu café está em seu escritório. Mas provavelmente está frio agora. — Ela se sentou, desabando na cadeira, e cruzou os braços sobre

o peito. Não era segredo que ela era a chefe do clube que não gostava da minha esposa. Susan e seus discípulos achavam que minha esposa era orgulhosa demais.

Sorri internamente, sabendo que as únicas pessoas que eu já tinha visto tirarem a arqueira do eixo eram sua família e sua amiga, Mari. E eu.

— Sr. Kelly.

Parei no saguão.

Maureen O'Connell se levantou de seu assento.

— Não tenho hora marcada — ela disse —, mas preciso falar com você.

Nunca tinha visto a mulher tão cansada. E ela tinha razões suficientes para estar. Ela trabalhou duro a vida inteira para sobreviver depois que seu marido morreu ainda muito jovem. Quando seu filho se meteu em alguns problemas e lutou contra o vício, morrendo por conta do tráfico de drogas — que acabou dando errado —, e sua nora teve um destino semelhante, sua vida se tornou ainda mais difícil. Ela ficou com duas crianças para criar e recusou a ajuda que a maioria das mulheres ofereceu.

Rumores e fofocas infundadas nunca agradaram Maureen. Ela havia dito que as mulheres intrometidas só queriam entrar em sua casa para saber o que estava acontecendo. *“Quando as pessoas sabem que você está no chão”,* ela disse. *“Eles vão chutar você quando ninguém estiver olhando só para mantê-lo caído.”*

Maureen O'Connell me lembrou minha esposa. Ela era determinada e se recusava a deixar outras pessoas irritá-la facilmente.

Assenti.

— Tenho tempo.

Uma vez que estávamos dentro do escritório, fiz sinal para ela se sentar. Depois que nos sentamos, ficamos olhando um para o outro até Susan trazer dois cafés. Maureen se levantou e fechou a porta depois.

— Velha intrometida — Maureen murmurou. Então, voltou a se sentar, mas não tocou no café. Também nunca o fiz. Eu tinha uma planta no canto com vício em cafeína. — Vou direto ao ponto, Cashel. Meu neto está voltando para casa em um ou dois dias. Ele não tem nome.

Ela chamou o garotinho de neto, embora ele não fosse, não de sangue. O garotinho foi o resultado de sua mãe pagando por drogas com

seu corpo. Um respeito louco por Maureen O'Connell era o mínimo.

Um ou dois minutos se passaram, e eu abri e fechei as mãos, incitando-a a continuar:

— Você vai dar um nome a ele. Um nome do qual se orgulhar.

— Esse não é o meu lugar.

Eu tinha ouvido rumores aqui e ali de que Maureen estava doente, mas nunca perguntei por que ela falava quando queria. Talvez o que ela tinha estava afetando seu juízo.

Ela puxou o suéter para a frente e tirou um pedaço de papel do bolso. Sentei-me no meu lugar, já sabendo o que era antes mesmo de ela deslizá-lo para mim. Meu pai dava algo parecido com um recibo, um pedaço de papel com sua assinatura, sempre que alguém lhe fazia um favor. Ele os coletava e os guardava, anotando o nome de quem quer que fosse como dívida paga, uma vez que estivesse bem com eles.

O recibo de Maureen era velho e esfarrapado.

— Eu o acolhi uma vez e o escondi — ela disse. — Seu pai. Da polícia. Não queria agradecimentos por isso, mas ele insistiu.

— Não precisa dizer mais nada — falei, observando-a cuidadosamente. — Ele vai ter o sobrenome O'Connell?

— A menos que você possa pensar em um melhor? — Ela levantou uma sobrancelha afiada para mim.

Estreitei meus olhos, tentando decifrar suas intenções, mas o tempo estava passando. Eu tinha uma reunião.

— Ryan — eu disse.

— Boa escolha. — Ela assentiu e então se levantou. Caminhou até a porta e então parou. — Sua esposa, ela é uma boa mulher, Cashel Fallon Kelly. Certifique-se de tratá-la bem.

A porta se fechou atrás dela e, depois de vê-la sair, peguei o papel e abri. A caligrafia do meu pai estava rabiscada na página puída. Parecia que Maureen havia aberto e fechado algumas vezes, talvez debatendo se deveria ou não o usar quando sentiu que mais precisava.

Abrindo a gaveta da minha mesa, peguei uma caneta e escrevi “dívida paga”, a data e acrescentei o nome Ryan.



Na hora exata em que esperava Raff, ele bateu à minha porta e entrou ao meu comando. Ele se sentou à minha frente, acomodando-se como de costume.

— Os carregamentos deles estão ficando maiores — ele comentou.

Balancei a cabeça.

— Grady quer ser o principal distribuidor e, com o apoio dos Scarpone, ele está conseguindo o que quer.

— Há um problema com os Scarpone — Raff disse. — Eles estão em uma briga com as outras famílias agora. As coisas estão tensas. As remessas continuam sendo roubadas. Grady está ficando cauteloso com eles. E eles estão ficando cautelosos com Grady.

— Sim — afirmei, me recostando à poltrona e colocando as mãos atrás da cabeça, enquanto sorria. — Ele acha que eles estão mentindo sobre o roubo dos carregamentos. Que estão escondendo dele. O mesmo vale para os Scarpone. Eles não têm certeza em quem confiar, já que não podem confiar nem em si mesmos.

— É o que parece. — Raff parou por um segundo. — O que diabos está acontecendo com as famílias? É o caos total.

— Tenho uma ideia sobre isso — eu disse.

Lembrei-me de Mari, amiga de Keely, e seu noivo, Macchiavello. Eles deveriam se casar em breve e, com ele na Itália, eu me perguntava se haveria uma pausa para os Scarpone e seus bens.

Alguém estava roubando suas merdas bem debaixo de seus narizes.

Eu não poderia ter feito um trabalho melhor sozinho. Ultimamente, vinha conseguindo roubar pequenas remessas, mas nada que realmente prejudicasse o fluxo. Se Mac era a pessoa que eu suspeitava que fosse, ele tinha todo o direito de destruí-los. No entanto, aqui estava o problema — ele era um fantasma.

Vittorio Scarpone, conhecido na época como o Lindo Príncipe de Nova York, havia sido assassinado. Garganta cortada e corpo jogado no Hudson como banquete dos peixes. O golpe foi ordenado pelo próprio pai.

Nunca conheci Vittorio, apenas ouvi histórias sobre como ele era implacável e, quando tentei fazer algumas pesquisas, parecia que a única coisa que restava dele eram especulações. Nem mesmo uma

fotografia. Entrei em contato com os homens mais velhos da vizinhança que estavam conectados ao mesmo tempo, para obter uma imagem clara do homem, não do fantasma.

“*Não é um homem com quem se deve sacanear*” era o consenso geral.

Fazia sentido se foi ele quem matou o velho de Lee Grady, Cormick. Lee ficaria desconfiado de quem tinha feito isso. Ele não suspeitaria dos Scarpone, a princípio, mas se os carregamentos continuassem desaparecendo, ele começaria a se perguntar o porquê.

Seu pai se foi.

Seus carregamentos se foram.

Com quem ele estava trabalhando com tanta proximidade? Os Scarpone.

Se os Scarpone eliminassem Lee Grady em seguida, isso daria a eles cem por cento do lucro e uma chance de reivindicar *Hell's Kitchen* como parte de seu território.

Os relacionamentos estavam sob grande tensão por causa da agitação atual, e foi por isso que Lee Grady ficou um pouco irritado com minha esposa no evento político.

Levantei um dedo para Raff, pois Susan estava na linha.

— Ligue para minha esposa — eu disse, assim que ela atendeu. Susan bufou, mas me conectou. Alguns segundos depois, a arqueira atendeu. Ela parecia sem fôlego. — Querida — chamei.

— *Aguenta aí.* — Ouvi coisas batendo no fundo. — *O que foi?*

Raff riu de seu tom. Abri a gaveta, enfiei a mão e, um segundo depois, puxei-a para fora, dando-lhe o dedo.

— Almoço — falei. — Você e eu. *Sullivan's*.

— *Não posso* — respondeu. — *Estou ocupada. E, além disso, você tem que trabalhar. Em um domingo.*

— Nós comemos juntos — eu disse, lembrando a ela.

— *Nem todas as refeições. Jantar.*

— Mudei de ideia.

— *Tarde demais. Tenho que ir.*

— Keely — chamei, atraindo sua atenção um segundo antes que ela desligasse. — O que você está fazendo, querida?

— *Você não gostaria de saber.* — Então desligou na minha cara.

Raff riu com vontade.

— Jessica Rabbit é a porra de uma fera. Gosto da ousadia da raposa.

— Jessica Rabbit? — indaguei, olhando para ele.

— Sua garota. Ela tem cabelo ruivo e um corpo que poderia matar, então...

O peso de papel que costumava ficar na mesa do meu pai estava na minha agora. Muito rápido para ele se esquivar, eu joguei na cabeça de Raff. Sua cabeça pendeu para trás com o impacto e o peso caiu no chão com um estrondo. Acertou-o bem no meio dos olhos.

— Da próxima vez que o corpo da minha esposa vier à sua mente, lembre-se disso te nocauteando.

O que diabos havia de errado com esse cara? Melhor ainda, o que diabos havia de errado comigo? Eu tinha acabado de bater no meu primo com um peso de metal porque ele estava pensando na minha esposa.

— Você é um babaca, Cash — disse, esfregando o local. Já estava inchando. — De volta aos negócios. Nossa comunidade está crescendo a cada segundo.

Muito bom. O golpe tinha colocado algum juízo nele. Ele estava de volta aos trilhos. Quando ele disse “nossa comunidade”, ele quis dizer os homens que decidiram se juntar a nós.

— O filho de John Gerald está dentro? — perguntei. — Martin?

— Limpo agora. — Raff assentiu. — E trabalhando para você.

— Grady vai começar a nos atingir ainda mais forte, já que estamos crescendo.

— Você está desencadeando esse temperamento.

— Certifique-se de que todos estejam em guarda.

— Você — ele disse. — Certifique-se de que nenhuma dessas merdas de beco aconteça novamente. Lee corta sua cabeça, é o fim para todos nós. De vez.

Cormick Grady era conhecido como o Açougueiro. Lee tinha o mesmo traço horrível, mas guardou o massacre para ofensas pessoais.

— Mas pelo menos os Scarpone não estão se envolvendo com nossa rixa — Raff continuou. — Isso nos poupa alguns problemas.

— Por enquanto — eu disse. — Eles estão muito ocupados tentando descobrir quem está fodendo com eles.

— Está bom para nós. — Ele encolheu os ombros.

O silêncio encheu a sala, mas nossos pensamentos soavam altos. Nós dois sabíamos que precisávamos fazer uma grande jogada. Eu era o saqueador, roubar era minha especialidade, mas tinha que jogar direito. Atingir pequenas remessas feriu e levou a fermentos maiores com o tempo. Mas eu queria aleijá-los de uma só vez — e rápido.

Grady estava cansado de trabalhar com pequenas cargas. Ele estava pronto para crescer, já que havia montado isso ao longo dos anos com os Scarpone.

Seu primeiro grande carregamento, o trabalho de sua vida, eu já havia reivindicado como meu. A menos que o fantasma, que eu tinha a sensação de que era Macchiavello, tenha chegado primeiro.

Alguém bateu à porta, e Raff e eu nos viramos para olhar. Susan entrou um segundo depois, segurando um envelope simples.

— Urgente — ela disse, colocando-o na minha frente. — Do Sr. Fausti.

— Ah — murmurei, abrindo-o, reconhecendo na hora a marca de Rocco. Dentro havia uma conta falsa de seus serviços jurídicos. Eu sabia a diferença entre as faturas verdadeiras e as que eles usavam como fachada. Qualquer um que trabalhou para eles sabia. Era uma forma de ele se comunicar. Esta conta? Eu devia pagamento a Macchiavello. Ele decidiu cobrar a dívida; matar Cormick Grady.

Rocco acrescentou uma nota em seu papel personalizado:

*Precisamos nos atualizar. Ouvi dizer que o Sullivan's tem um bom rosbife.
Jantar. Por volta das 7 horas.*

Ele me deu a data, que seria na época do casamento de Macchiavello na Itália. Então, assinou com sua maldita caligrafia real.

Rocco Fausti.

Um lento sorriso surgiu em meu rosto e olhei para o papel por alguns segundos antes de encontrar o olhar ansioso de Raff.

— O que é? — Seu joelho saltava para cima e para baixo.

— Carne assada — eu disse. Daria ordens a Raff para manter os olhos e ouvidos abertos, mas o que acontecia entre mim e os Fausti ficava entre nós. Ninguém mais sabia os detalhes.

Regra número um nesta vida: nunca confie em ninguém cem por cento.

De volta à carne assada.

Não foi a palavra que Rocco usou, mas o que ele transmitiu por meio da mensagem. As famílias italianas, especialmente os Fausti, eram conhecidas por falar em código como ninguém. Sendo fluente em sua língua, entendi de imediato. Rocco estava me dando uma hora e um lugar por um motivo.

O fato de isso acontecer durante uma época em que Mac iria se casar foi significativo. Porque significava que ele não estaria em Nova York.

Meu instinto me disse que tinha algo a ver com a grande remessa e, se eu captasse o que precisava saber, eu tinha meu alvo. Eu sabia que isso aconteceria em breve, e Rocco apareceu bem a tempo.

Não havia dúvida, porém, de que Mac estava me dando isso por um preço. Eu acertaria a entrega, mas ele receberia a mercadoria. Eu não estava familiarizado com o seu negócio, mas desta vez, eu teria que deixar isso para lá. Podia fazer o que quisesse com as pequenas cargas, botar fogo como de costume, mas ele tinha o direito de fazer o que quisesse com esta.

Então minha dívida estaria paga.

No fim das contas, era um bom negócio para nós dois, se fosse uma grande remessa. Não importa qual fosse a situação, porém, se Rocco mandasse uma mensagem, tinha que ser algo bom.

Eu podia sentir o gosto de carne assada na minha boca agora.

Raff estava prestes a falar de novo quando um estrondo ecoou em meu escritório. Harrison estava passando voando pelas janelas, seu punho acertando outro vidro ao fazê-lo. Eu estava diante de Raff, me perguntando por que diabos ele estava destruindo as minhas coisas. Ele estava agindo como um filho da puta irritadiço depois que sua garota decidiu se casar com Macchiavello e depois que forcei sua irmã a se casar comigo.

— Minha irmã — ele começou, depois de abrir minha porta — acabou de ser presa.



Passei por entre a multidão que esperava do lado de fora de nossa casa enquanto Stone conduzia minha esposa para porta afora, com as mãos algemadas às costas.

Ela não estava facilitando as coisas para ele. Estava zombando dele, dizendo-lhe que a única maneira de controlar uma mulher como ela era algemá-la. Seu pescoço estava em chamas com manchas vermelhas, assim como a pele da mandíbula. Também estava manchada com tinta roxa.

Estreitei os olhos. O cabelo dela estava todo sujo também.

As emoções nunca transpareciam no meu rosto, mas eu tinha que me certificar de me controlar para que Stone não pudesse ver a porra da fúria queimando um buraco no meu peito.

Harry Boy se aproximou, exigindo saber quais eram as acusações.

— Resistência à prisão — Stone disse.

— Estou resistindo aos seus avanços patéticos — minha esposa comentou, quando Stone passou por mim com um sorriso presunçoso no rosto.

Ele abaixou a cabeça dela antes de fazê-la entrar na viatura. Em seguida fechou a porta e bateu no teto duas vezes para sinalizar ao patrulheiro que estava pronto para ir. Um segundo depois, ela foi levada, luzes piscando e sirenes tocando.

— O tratamento digno da realeza — eu disse a ele, quando parou na minha frente, certificando-me de manter a voz calma. Um grama de emoção e ele sentiria isso em mim... o desejo de machucá-lo fisicamente. No entanto, nenhuma quantidade de dor física equivalia ao desespero que vi em seus olhos, e isso estava alimentando minha necessidade de violência.

— Exatamente o que uma rainha dos ladrões merece.

Ficamos nos encarando até que Raff se postou ao meu lado, me dando uma cotovelada nas costelas. Stone olhou para a casa primeiro, e então eu o fiz — a polícia estava se reunindo ao redor, nos observando, pronta para agir se eu o fizesse.

Harry Boy passou por eles, vindo conversar diretamente com Stone.

— Onde está o mandado, Stone?

Stone tirou o documento do bolso e o entregou a Harry Boy.

Seus olhos examinaram a folha e não perdi o nome do juiz que havia assinado. Tínhamos uma relação trêmula. Ele havia me condenado por dez anos.

Finalmente, Harry Boy olhou para Stone.

— Drogas. Você tem motivos para acreditar que meu cliente tem drogas escondidas em casa.

— Ele tem — Stone afirmou.

— Onde estão as provas? — Harry Boy exigiu, com aquele ar de advogado. Ele era um maldito tubarão no tribunal.

Stone acenou para outro policial, que veio com um saquinho verde, mostrando para Harry Boy.

— Isso? — Harry Boy acenou com a cabeça em direção a ele. — Meu cliente tem uma receita para isso. Prescrita pelo Dr. Tito Sala.

— Estávamos procurando um carregamento maior de drogas — Stone disse, com voz fria. — Estes não foram encontrados no local, mas isso foi. Assim que recebermos a receita, Kelly estará livre. — Ele balançou a cabeça, rindo um pouco. — Tito Sala. Por que não estou surpreso?

Tito Sala era o médico que cuidava pessoalmente dos Fausti. Sua esposa era irmã de um dos líderes mais notórios que a Itália já viu — Marzio Fausti, avô de Rocco. Não havia melhor médico do que Tito Sala. Se ele não pudesse salvá-lo, você já estaria morto. Meu pai era amigo dele e o doutor ia me ver às vezes, quando eu estava preso. Depois que saí da prisão, ele jantou comigo. E passou a receita para que eu pudesse dormir, sugerindo que eu fizesse um exame de vista o mais rápido possível, por causa das dores de cabeça.

Eu odiava ir ao médico tanto quanto odiava ouvir as pessoas mastigarem. Tito Sala impunha sua experiência em mim, geralmente.

— Minha irmã, seu idiota — Harry Boy disse, perdendo o profissionalismo que costumava empregar e chamando minha atenção. Eu estava olhando para Stone, embora meus pensamentos estivessem à deriva.

— Tenha cuidado — Stone falou. — Tenho uma viatura extra a postos.

— Me leve — Harry Boy declarou, abrindo os braços. — Vou contar a todos no tribunal como ela rejeitou você por Kelly. Como você tornou isso pessoal.

— Melhor ir pagar a fiança de sua irmã. — Stone sorriu e então deu um tapa no ombro de Harry Boy. A mandíbula do advogado se contraiu na hora. — Pensei que ela era uma mulher determinada. Acontece que era apenas uma camaleoa. As cores dela mudam rápido, então é melhor você pegá-la antes que fique verde. Pura maldade.

Stone me encarou e foi pego de surpresa com um murro bem dado.

Foi assim que acabei tendo que pagar fiança para tirar minha esposa e meu advogado da prisão.



CAPÍTULO 18

Keely

Ser presa não foi um momento brilhante na minha vida. Fui até chamada de “*moll*” pela policial que me enfiou em uma cela fria com os assentos mais duros que já senti na vida.

Moll. Ela quis dizer Mob Moll — uma mulher que protegia e era companheira de um homem na máfia.

Eu não estava protegendo Kelly. Fui pega de surpresa. Em um minuto eles estavam batendo à porta, e no próximo, estavam invadindo-a.

O maldito caos se seguiu.

Eles estavam fazendo merda, me ignorando quando eu ficava pedindo para que explicassem o que estava acontecendo. Drogas, drogas, drogas — era isso que eles diziam.

— O que tem isso? — exigi, tentando empregar aquela atitude de controle que Kelly sempre teve.

Foi quando eu o vi. Scott. Ele estava me observando, um sorriso presunçoso no rosto. Como era ilegal colocar minhas mãos nele, lancei um olhar mortal em sua direção e voltei para o piso superior. Eu estava pintando o quarto de Cee Cee para ela. Roxo, porque Maureen disse que

quando ela coloria, ela usava mais esta cor. Lembrei-me de Mari fazendo a mesma coisa com a cor azul e borboletas.

Quando cheguei ao quarto de Cee Cee, toda a tinta havia caído no chão. Eles estavam vasculhando as gavetas e o armário, jogando coisas de um lado para o outro, e algumas de suas roupas novas estavam lá, manchadas e arruinadas.

Aí eu surtei. Não com o policial fazendo a busca, mas com Stone quando ele entrou no quarto e chamou meu nome.

Foi culpa dele. Ele havia emitido o mandado propositalmente e teve prazer em estar lá enquanto isso acontecia. Para provocar Kelly e me magoar, como eu o magoei.

Outro policial me disse para “baixar o tom de voz” depois que comecei a gritar com ele. Quando não o fiz, eles me subjugaram, mas, naquela altura do campeonato, minha cabeça estava vazia de qualquer pensamento razoável. Então eles me algemaram e leram meus direitos.

Resistência à prisão.

A vizinhança inteira, incluindo meu irmão, marido e Raff, observaram a cena enquanto eles me enfiavam em um carro e me levavam embora. “Saíram me exibindo como a porra de um desfile” era mais adequado. Eles mantiveram as sirenes por todo o caminho.

Então, não, minha briga não foi por Kelly. Foi por Cee Cee, que não merecia que seu quarto e suas roupas fossem arruinados por algum esquema de vingança que não tinha nada a ver com ela.

Ok. Talvez um pouco por Kelly, porque era um mandado de merda. Uma hora depois, a mesma policial apareceu para me buscar.

— Kelly — ela chamou. — Sua fiança foi paga.

Harrison estava encostado na parede, esperando por mim, e parecia abatido.

— O quê? — Olhei em volta. — Kelly nem teve a decência de pagar a fiança de sua esposa?

— Ele pagou a fiança de nós dois.

Estaquei em meus passos, mas ele me puxou pelo braço. Só continuei porque não queria ficar na delegacia.

— O que você quer dizer? — Esfreguei os pulsos, onde as algemas deixaram a pele machucada.

— Longa história — ele disse. — Te conto depois. Agora, temos que ir a um lugar.

“Um lugar” era a área da delegacia que pertencia aos homicídios. Harrison me levou a uma sala que tinha uma janela dupla. Eu podia ver, mas quem estava na outra sala não podia me ver.

Kelly sentou-se à mesa do outro lado com uma xícara à sua frente. Ele estava sozinho. O detetive Paul Marinetti estava parado perto da janela, observando. Ele se virou quando nos ouviu. Acenou com a cabeça para o meu irmão.

— Ryan. — Então, acenou para mim. — Sra. Kelly.

— Do que se trata tudo isso? — Meu olhar alternou entre meu irmão e o velho detetive, desconfiada. Harrison fez algo para prender Kelly?

— Kee — meu irmão disse, vindo para ficar ao meu lado. — O detetive Marinetti veio até mim e Kelly com um acordo. Ele retiraria as acusações contra nós dois se Kelly concordasse em conversar com Stone.

— Scott queria isso? — o choque era evidente em minha voz.

— Não — o detetive Marinetti respondeu. — *Eu* queria. Meu parceiro não tem sido ele mesmo ultimamente. Ele é um bom garoto e está indo em uma direção que estou tentando mudar. Não quero que ele perca o emprego. Talvez expor suas queixas deixe sua mente em ordem.

— Scott tornou isso pessoal — falei.

O detetive não disse nada, nem confirmando nem negando, mas não precisava. O que Kelly fez, casando-se comigo, levou Scott ao limite. Lembrei-me de nosso tempo juntos, como ele ficava obcecado com seus casos referentes ao crime organizado. Acrescente isso ao fato de Kelly ser um de seus maiores inimigos e isso resultou em algo perigoso — entre os dois.

— Parece que Stone tem pisado em calos poderosos ultimamente — meu irmão disse. — Não só nos de Kelly. Os dos Fausti também.

Eu me aproximei um pouco mais do vidro, observando Kelly. Ele não demonstrava um grama de nervosismo. A atitude blasé estava com força total.

— O que você fez com ele, garota?

Levei um momento para perceber que o detetive Marinetti estava falando comigo.

— Não queria machucá-lo — respondi. — Eu até gostava dele,

mas simplesmente não deu certo.

O detetive Marinetti balançou a cabeça.

— Não estou falando do Scott, e, sim, de Cash Kelly. Ele concordou com isso na mesma hora. Em todos os meus anos, nunca o vi se submeter a ninguém — fez uma pausa —, ninguém além de você.

Cruzei os braços sobre o peito, sentindo um calafrio repentino.

— Sou a esposa dele.

— Isso é perceptível — detetive Marinetti declarou. — Ainda assim, é um espetáculo a ser observado. Como um homem andando na lua.

— Ele queria que você saísse — Harrison disse, estreitando os olhos para mim. — E não queria que as acusações ficassem no seu registro.

Balancei a cabeça, mas meu irmão continuou olhando para mim. Finalmente, eu murmurei “*o quê?*”, e ele balançou a cabeça e se virou para a janela.

Um segundo depois, Scott entrou. Ele ficou diante de Kelly, encarando-o com raiva.

— Que bom que você finalmente conseguiu — Kelly disse, relaxando ainda mais em seu assento.

— Só estou fazendo isso por um motivo — Scott comentou, com a mandíbula cerrada. — Meu parceiro.

— Marinetti. — Kelly assentiu. — Está aí um homem que sabe fazer seu trabalho e depois desliga tudo no final do turno.

— Você não sabe nada sobre a porra do trabalho dele.

— Você não é nada sem mim — Kelly falou, abrindo e fechando as mãos em volta do copo. — Eu sempre soube disso. Você sabe disso. É por isso que você me despreza.

— Nada sem você... — Scott debochou.

— Se eu não existisse... — Ele apontou para o peito. Então, apontou para Scott. — Você não existiria.

— Sabe o que não existiria? Seu casamento. — Scott colocou as duas mãos sobre a mesa, estreitando os olhos para Kelly. — Meu. Você foi atrás do que era meu. Você a manipulou para se casar com você.

Kelly deu de ombros.

— No começo, mas nós dois sabemos que se transformou em outra coisa.

— E o que seria isso?

— Isso é entre mim e minha esposa. — O sorriso de Kelly se alastrou devagar. — Mas você tem olhos. E consegue ver por si mesmo. Até sentir...

A sala inteira pareceu congelar enquanto Kelly e Stone se encaravam em lados opostos da mesa. Então, Scott se inclinou um pouco para mais perto, um sorriso igual ao de Kelly em seu rosto.

— Você não tem ideia de quem Ronan Kelly realmente era. *Maraigh* — Scott pronunciou a palavra como MA-RAH. Eu tinha ouvido alguns dos homens que trabalhavam para Kelly chamar seu pai da mesma coisa. — Você anda nesta terra como se tivesse um propósito. Como se o que você faz significasse alguma coisa. Porque significava algo para o seu pai. Volte para casa por um tempo, Kelly, e pergunte à sua mãe se ela tem a mesma adoração de herói pelo homem que arruinou sua vida.

Fiquei tão chocada com o que Scott disse que levei um minuto para olhar para Harrison, que estava me encarando. A mãe de Cash Kelly estava morta. Ela morreu antes de ele deixar a Irlanda com Ronan. O padre Flanagan havia me contado.

Kelly se levantou e aprumou a postura, e mesmo que ele não tivesse perdido a calma, eu poderia dizer que o tigre em seu pescoço tinha alcançado seus olhos.

— Você já contou à minha esposa a conexão que você tinha com o homem que matou a irmã dela? — Kelly fez uma pausa e parecia que todo o oxigênio havia sido sugado de meus pulmões. — Bert Langster era o melhor amigo de seu pai. Ele estava tendo problemas conjugais, se bem me lembro, e estava perseguindo sua esposa em outro carro, se tornou imprudente em sua raiva e matou uma criança inocente e seus avós a caminho de um show da Broadway. Milagrosamente, as acusações foram retiradas.

— Então, para retribuir um favor que devia, *Maraigh* mandou matar Bert Langster — não foi Kelly ou Scott quem falou essas palavras, mas meu irmão. Bert Langster foi o homem que matou Roisin e nossos avós. Um ano depois de terem sido mortos, eles o encontraram em seu carro, morto por envenenamento por monóxido de carbono. Ele deixou o carro rodando na garagem por muito tempo. Ou foi isso que ouvi minha mãe dizendo a uma de minhas tias.

— O que você está dizendo? — as palavras quase não saíram da minha boca.

— Nosso pai — Harrison disse. — Ronan Kelly costumava comprar em sua loja em *Hell's Kitchen*. — Então ele olhou para o detetive Marinetti; ele não queria dizer mais nada.

Nosso pai abriu uma vidraçaria importada quando éramos pequenos. Ele só vendia coisas que você poderia encontrar na Irlanda e na Escócia. Ele deve ter procurado Ronan Kelly depois que minha irmã foi morta, buscando justiça por meios ilícitos.

Meu pai.

O homem que raramente falava — todos nós brincávamos que minha mãe havia roubado todas as suas palavras — tinha mandado matar outro homem, um homem que havia se livrado de um crime que roubou minha outra metade.

Perguntei-me se foi Ronan Kelly ou seu filho, meu marido, quem matou Bert Langster.

Como eu tinha feito todos aqueles anos atrás, devo ter prendido a respiração por muito tempo, ou todo o oxigênio havia sido sugado na sala com Kelly e Stone, porque todas as estrelas se apagaram e eu desfaleci.



CAPÍTULO 19

Keely

Era difícil não ouvir a voz de Scott ecoando dentro da minha cabeça durante os momentos de silêncio.

“Não tivemos nada a ver com ele sendo solto! Keely, você tem de acreditar em mim. Meu pai nem manteve contato com ele depois que ele foi preso!”

Essas palavras pareciam presas em um túnel e, como no dia em que desmaiei naquela sala com espelho de observação de duas vias, quanto mais me afastava da lembrança, menos trêmulas minhas mãos se moviam.

De qualquer maneira, o homem que matou minha irmã e meus avós era um amigo próximo da família de Stone, e isso foi algo que Scott se esqueceu de me contar. Depois que ele descobriu quem eu era, foi a primeira coisa que ele deveria ter confessado.

Talvez sua família tenha algo a ver com o homem se livrando da cadeia. Talvez não. Mas eu merecia saber, especialmente considerando o fato de que minha mãe e meu pai teriam reconhecido seu nome assim que eu os apresentasse.

Minha mãe e meu pai sabiam exatamente quem era Cash Kelly

quando o apresentei. Eu deveria ter contado a ela sobre meu casamento, mas ela, definitivamente, deveria ter me contado sobre nossa história com a família Kelly.

Depois de colocar meu batom no balcão do banheiro, calcei meu par de saltos dourados. Kelly e eu tínhamos outro evento chique para participar e escolhi outro vestido verde para usar. Era a minha cor.

A cor de seus olhos.

Em vez de esperar por ele em casa, decidi encontrá-lo no *Sullivan's*. Não era uma caminhada longa e o tempo estava bom o dia todo. E eu queria falar com ele em um ambiente mais privado. Depois que Scott insinuou que a mãe de Kelly ainda estava viva, ele ficou calado e presumi que ele estava pensando na possibilidade.

Mas por que alguém mentiria sobre isso? Seu próprio pai? Padre Flanagan também? O que seu irmão gêmeo tinha a dizer sobre tudo isso?

Segui o som de vozes até a cozinha. Maureen e as crianças estavam morando conosco desde o dia do mandado de prisão. Ela veio naquela noite com apenas duas malas para os três.

Pouco antes da minha prisão, eu estava do lado de fora, tirando outra lata de tinta do meu carro quando a vi andando. Ela me disse que ia pegar Ryan, e eu sugeri que ela e as crianças viessem morar conosco por um tempo, só até que Ryan estivesse completamente fora de perigo.

Maureen parecia uma mulher que se recusava a pedir ajuda, porque ela sempre era forte o suficiente para fazer isso sozinha, mas eu me preocupava com o seu cansaço evidente. E eu adorava ter as crianças por perto. Então fiquei feliz quando ela cedeu.

Cash e eu partiríamos no dia seguinte para o casamento de Mari e Mac na Itália. Eu sentiria uma falta absurda dos três. Mesmo em tão pouco tempo, eles encheram a casa com algo que parecia quente. Quando pensei em me separar deles, algo em mim esfriou.

Pela primeira vez desde que vim morar com Kelly, a casa estava começando a parecer minha também. Maureen estava perto do fogão, mexendo em algo que cheirava a repolho, e quando ela me viu assobiou.

— Malandra!

— Você é Jessica Rabbit em verde — Raff comentou. Ele se sentou à mesa com Cee Cee, colorindo.

Cee Cee deu uma risadinha, e nós três, à nossa maneira,

reparamos nisso sem fazer grande alarde. Foi a mesma reação que ela teve quando viu seu quarto pela primeira vez — não demorou muito para o choque se transformar em pura felicidade. O tipo que todas as crianças deveriam ter.

Fui dar uma olhada em Ryan, que estava dormindo no bercinho que mantínhamos na cozinha. Bastou que meus olhos pousassem nele quando Maureen o trouxe para casa e meu coração inchou no peito.

Tudo estava bem em nossa casa, então eu disse a eles que os veria mais tarde e fui embora. Raff me impediu de sair por um instante.

— Onde está Cash?

— Disse a ele que o encontraria no *Sullivan's*. Por quê?

— Eu acompanho você — ele afirmou, então se virou para Cee Cee. — Não pinte o cabelo dela. Essa é a minha parte favorita!

Ela pegou uma tinta roxa escura e colocou entre as páginas do livro dele, sabendo que ele dava cores legais para o cabelo das princesas.

Conversamos sobre livros durante todo o caminho até o restaurante e, uma vez lá, ele me observou entrar e depois voltou para nossa casa. Sentei-me no bar e pedi dois uísques puros.

— Gostaria de algo para comer, Sra. Kelly? — o velho barman me perguntou.

— Não — respondi. — Ainda não. Estou esperando Cash. Faremos o pedido juntos. — Ele acenou com a cabeça e foi atender um cara sentado a duas cadeiras de mim.

Sullivan's estava no bairro há anos e anos. Era um lugar que ainda mantinha seu charme do velho mundo. Lembrei-me de ter visto uma foto da minha mãe e do meu pai sentados no bar com um grupo de amigos. Mentalmente, examinei todos os rostos e, alguns segundos depois, me dei conta de que um deles era Ronan Kelly.

Ao pensar no pai de Cash, meu olhar acabou sendo atraído para algo à minha esquerda. Molly, a viúva de Ronan, e Brian Grady, que ouvi dizer que era o tio de Lee, estavam sentados juntos à mesa. Eles eram um casal, o que meio que me surpreendeu, porque pelo que entendi, a briga entre os Kelly e os Grady era a matéria-prima de todas as lendas que giravam ao redor.

Nunca tive curiosidade suficiente para saber mais sobre Molly, ou para me esforçar em conhecê-la, mas Brian era... diferente. Por

exemplo, ele estava segurando um dardo e, em vez de arremessá-lo, estava tentando espetar a ponta do dedo indicador, para romper a pele. Como se o dardo fosse uma agulha.

Ele também não tinha o dedo do meio da mão direita.

O bar estava barulhento o suficiente com as conversas e a banda tocando, então, me virei para o cara dois assentos ao lado.

— Há quanto tempo você mora aqui? — Ele tinha mais ou menos a idade de Kelly, se não um pouco mais.

Ele olhou para a direita e depois para mim quando não encontrou ninguém sentado do outro lado dele. Ou ele sabia e estava apenas tentando dar uma de engraçadinho. Ele apontou para o peito.

— Falou comigo?

— Não estou falando sozinha.

— Moro aqui a vida toda — respondeu, e virou o rosto para frente novamente.

Percebi que o barman olhou entre nós antes de voltar a servir as bebidas.

— Não estou tentando dar em cima de você — falei. — Tenho uma pergunta.

— Ele reorganizaria meu rosto, ou pior, por muito menos. — Tomou um gole de sua cerveja.

— O quê? — Talvez ele estivesse bêbado.

— Seu marido. Há uma razão pela qual os homens aqui mantêm distância de você. Eu estava sentado lá. — Acenou com a cabeça para o assento ao meu lado. — Vi você chegando e me mudei para cá por causa da minha saúde.

— Ah... — murmurei. — Por causa do tigre que dorme na minha cama.

— Ele é um tigre, e eu sou um bode. Posso sentir o cheiro dele ao seu redor, senhora.

Eu ri um pouco, e ele sorriu.

— Uma pergunta, já que você provavelmente sabe mais sobre a história deste bairro do que eu. — Apontei o queixo em direção a Brian e Molly. — O que aconteceu com o dedo do meio dele? Parece um dígito estranho a perder.

O cara que se chamava de bode olhou de novo para o barman. Muito sutil, o barman balançou a cabeça. O cara soltou um suspiro

profundo um minuto depois.

— Ah, que diabos? Não é um segredo. Os Grady e Kelly estão nessa há anos. Quando Ronan chegou, ele só tinha olhos para Molly. Ela se apaixonou por seu sotaque e charme irlandês. Ele também era mais velho e decidiu administrar *Hell's Kitchen* depois que se deu bem com um líder anterior que o queria de volta depois que os Grady o tiraram dele. Molly decidiu que queria Ronan e não Brian, e foi isso. Mas não antes de Ronan cortar o dedo do meio de Brian depois que ele o mostrou a Ronan.

— Ela está dormindo com o inimigo.

Ele tomou outro gole de sua cerveja e suspirou.

— Molly tem um temperamento perverso. Ela não perdoa, e não esquece. Ronan a engravidou duas vezes, mas nunca houve um bebê. Os rumores eram de que ela não podia tê-los. Então, Ronan traz para casa seus dois filhos, que estavam em idade de se lembrar da mãe. Molly não era ela. E ela não perdoou ou esqueceu isso.

“Ela fazia Ronan provar seu valor ao se distanciar dos filhos. Se ele lhes desse muita atenção, ela surtava e ameaçava ir embora, esse tipo de coisa. Kill piorou ainda mais as coisas. Ele não a suportava. Não era uma situação das melhores.”

Então, ele fez um som de deboche e se virou para frente.

Olhei para Molly e Brian, e seus olhos se estreitaram contra os meus. Que tipo de mulher fazia birra porque as crianças recebem muita atenção? Uma cadela.

Uma mão deslizou por trás da minha cintura e enrijei por um segundo, antes de reconhecer o toque.

— Você não fica tão nervosa perto de mim, minha querida — Kelly disse, seu hálito quente em meu ouvido.

— Meus ossos estavam ficando cansados de sacudir de susto sempre que você se aproximava de mim. — Eu sorri. — Você está no meu radar agora.

Embora eu achasse que nunca me acostumaria com ele... Quando ele aparecia, era como se eu estivesse presa em uma tempestade, e durante um raio, a forma de um enorme gato surgisse na escuridão. Seu poder era o choque disso, uma e outra vez.

— Bons ossos — ele murmurou contra a minha pele superaquecida, embora meus braços exibissem arrepios. Então, inalou.

— Esse perfume que você está usando perdura... A. Porra. Do. Dia. Todo.

Sim, porque é o seu e o meu, misturados.

Meu coração disparou e meu estômago revirou com o pensamento, e o som de sua voz me fez baixar o olhar. Eu poderia passar a eternidade ouvindo isso.

O aperto na minha cintura tornou-se mais apertado, constritor, e tive que lutar contra o desejo de me soltar.

— Outro homem estava respirando meu cheiro. Fazendo o que me pertence rir. Curtindo meu paraíso. — Ele estava enviando uma mensagem, eu sabia disso, porque ele geralmente enviava no quarto, quando estava me fodendo. Eu deveria estar com medo, mas isso me excitou. Uma latejar feroz se intensificou entre minhas pernas e um gemido ficou preso na garganta. — Se acontecer de novo — sua voz era fria como gelo —, ele estará no inferno.

A pressão diminuiu e eu respirei fundo.

O calor nas minhas costas se afastou quando ele me encarou. Uma arma estava escondida atrás de seu paletó.

— Você está com fome de algo especial? — Ele apontou casualmente para um cardápio no bar, como se não tivesse acabado de dizer aquelas palavras. Não consegui responder. Empurrei seu copo de uísque para ele e peguei o meu, tomando um longo gole. Sua boca se chocou contra a minha um segundo depois, e nossas línguas giraram, como se houvesse fogo entre elas. Quando nos separamos, ele disse: — Reserva especial de uísque só para mim. O melhor do mundo inteiro, porra.

Lambi meus lábios e, em seguida, apontei para o assento ao lado do meu.

— Quero falar com você em particular. — Ele olhou em volta e sorriu. Eu sorri, colocando um cacho rebelde atrás da minha orelha. — Não perto de todos na casa.

— É por isso que temos uma sala privada, querida.

— Apenas se sente, Kelly. — Gesticulei a cabeça em direção ao assento novamente. Isso tinha que ser feito em público, ou talvez eu não fosse capaz de dizer tudo o que precisava ser dito. Em nosso quarto “privado”, era difícil manter as mãos longe dele. Queria pular em seu colo assim que ele entrava na casa.

Ele acenou para o cara a duas cadeiras de mim, e depois que o cara acenou de volta, ele pegou sua cerveja e se mudou para uma mesa perto de uma das janelas. Kelly ocupou o lugar que ofereci depois que o homem saiu.

Nós nos encaramos.

Fui tomar outro gole do meu uísque, mas ele segurou minha mão.

— Fale o que está em sua mente.

Balancei a cabeça, e ajeitei o maldito cacho de novo.

— Quero pedir uma trégua.

Ele inclinou um pouco a cabeça.

— Com quem, querida?

Levei um segundo para esfriar meu temperamento. Minha briga com ele foi tão insignificante que ele nem percebeu?

— Ao contrário de você, Kelly, não tenho inimigos batendo na minha porta todos os dias. Uma trégua entre nós. — Acenei com a mão acenou entre nós dois, e ele a pegou, depositando um beijo no meu dedo anelar.

— Tudo bem. — Ele assentiu. — Uma trégua. Entre nós.

Observei seu rosto por um momento. Não mostrava nada além de uma beleza robusta que poucos possuíam e podiam exhibir.

— Você não tem ideia do que estou falando.

Percebi que ele nunca sentiu resistência de minha parte, porque comparado ao que ele enfrentava nas ruas, meu temperamento era insignificante.

— Até certo ponto. — Ele arrumou a gravata antes de me encarar. — Roubei seu coração sem o seu consentimento, e você queria se vingar. Agora você está vendo isso como algo que tem potencial para ser real entre nós e quer que demos ao nosso casamento o respeito que ele exige. A chance que ele merece.

Por qualquer maldita razão, suas palavras roubaram o fôlego dos meus pulmões.

— Sim — mal consegui concordar. — Você pegou a essência da coisa.

Ele bateu no centro de seu coração com o dedo médio uma vez.

— Sem coração. — Ele bateu na têmpora com o mesmo dedo uma vez. — Mas ainda estou ciente de cada coisa, querida.

Ladeando minha banquetta com os braços fortes, ele a puxou para frente como se eu não pesasse nada e se inclinou para mais perto. Sua boca estava a um beijo de distância, mas em vez disso, ele passou o nariz pela minha bochecha e colocou a boca perto do meu ouvido depois que meus olhos se fecharam.

— A verdade é que — ele suspirou — alguns corações devem ser dados. Não o seu, arqueira feroz. Tinha que ser roubado. Caso contrário, você não teria dado de bom grado. Não para Stone. Não para mim. Não para qualquer homem. É uma luta até a morte para ganhar o seu amor. Você é o encontro mais caro que já tive.

— E o seu? — eu sussurrei. — Seu coração?

— O que tem dentro? — Ele segurou o pingente que me deu, a corrente provavelmente descansando entre seus dedos. Eu podia sentir a atração disso enquanto ele se movia lentamente para trás.

Levei um minuto para abrir os olhos e, quando o fiz, seus olhos estavam em um verde ardente perigoso. Não achei que houvesse um pingo de ciúme em seu corpo, mas a cor de seus olhos foi feita para reivindicar e manter. *Dele.*

— Ainda não encontrei. — Entrelacei minha mão com a dele, a corrente entre nossos dedos. — A chave.

— Você não procurou com atenção o suficiente. — Ele sorriu para mim, mas não foi brincalhão; foi ousado. — Prove que estou errado.

Ah, acho que já o fiz, Kelly.

Usando a corrente, ele me puxou para ainda mais perto e colou seus lábios nos meus novamente. Quando nos afastamos, senti a mesma tontura de quando preendi a respiração. Estrelas dançaram atrás dos meus olhos, e eu agarrei a barra para me manter no chão.

— Vou cuidar de você, Keely Kelly — ele afirmou. — Não vou deixar você cair de novo. Nenhuma trégua é necessária.

Tentei me afastar, mas ele não deixou. Caí tantas vezes depois que minha irmã foi morta, de tanto prender a respiração, que meu pai colocou um capacete na minha cabeça para me impedir de danificar meu cérebro. Eu não sabia como viver sem minha outra metade.

Olhando para este homem que roubou meu coração de propósito, também não pensei que poderia viver sem ele. Ele de alguma forma entrou naquela sombra vazia e preencheu o vazio, roubando a

culpa e a dor. Não doía tanto quando ele estava por perto.

Encontrando seus olhos, balancei a cabeça uma vez.

— Escolho acreditar em você.

Ele repetiu meu aceno.

— *Sos* — concordou. — Trégua.

A palavra soava diferente, mas ele a disse daquele jeito que as pessoas fazem quando pronunciam uma palavra estrangeira.

— *Sos* — repeti, apertando sua mão.

Soltamos a corrente entre nós e ele se levantou de seu banquinho, estendendo a mão para mim. Eu a peguei, e ele me levou para o meio do restaurante, parando para me puxar para perto e me mover no ritmo de uma música lenta que a banda no canto estava tocando.

— Nunca consegui dançar com minha noiva — ele disse.

Eu ri em seu ouvido enquanto nos movíamos.

— Isso é o que acontece quando você rouba uma noiva.

— Você tem um coração — comentou — fantástico pra caralho.

Eu ri ainda mais alto quando ele me mergulhou.

Depois da nossa dança, comemos no bar, e eu não conseguia me lembrar da última vez que ri tanto. Kelly tinha um arsenal de piadas, que eu sabia que Mari iria gostar, e toda vez que ele sorria para mim, descobri que ele não precisava mais roubar meu tempo e atenção. Sem estratégias, jogos e barreiras — eu estava dando por vontade própria.



Passamos tanto tempo no *Sullivan's* que, quando saímos, já estava escuro e tarde demais para comparecer ao evento. Kelly não parecia se importar, nem eu.

Era uma noite linda para sair, não havia lugar para estar, e enquanto caminhávamos pela rua de mãos dadas, pensei em como seria bom passar algum tempo com Kelly fora de Nova York.

Ele estava sempre preocupado com seu “trabalho”. Ele até trabalhava aos domingos. Minha agenda era rigorosa e, com Maureen e as crianças, parecia que meus dias eram sempre preenchidos.

Não tinha certeza de como seria ter mais do que algumas horas para passar um com o outro.

Não seria uma viagem longa — eu tinha obrigações com o trabalho. Alguns dias, porém, sem distrações no trabalho, seriam uma mudança de ritmo.

Imaginei Kelly em uma praia em algum lugar da Sicília, sem camisa, e uma injeção de desejo percorreu minhas veias.

Ele assobiava enquanto caminhava, e eu sorri para mim mesma, gostando do som disso.

— Você sabe cantar? — Olhei para ele.

— Um pouco — respondeu.

— Mentira!

Então, respirei fundo e agarrei o pingente de coração quando três homens meio que se materializaram na escuridão, do nada. Um deu um passo bem na frente de Kelly, e os outros dois ficaram de cada lado dele. Três armas foram apontadas para nós.

Kelly acenou com a cabeça sutilmente, atrás dele, e entendi que ele queria que eu me colocasse às suas costas.

— Continuem andando, rapazes — ele disse. — Não aqui. Não agora.

— Maraigh poderia ter ignorado se o alvo estivesse com a família, mas você sabe como lidamos com as coisas, Kelly. E não é como o seu pai. É por isso que ele está morto e você está prestes a morrer.

— Vamos simplificar, Kelly — o outro disse. — As drogas. Você nos diz onde estão, e deixamos sua esposa ir.

Olhei entre Kelly e os três homens. Esta foi a primeira vez que ouvi algo sobre drogas. Eu sabia que Kelly era um ladrão, um dos melhores, mas drogas? Era isso que ele estava roubando e depois vendendo? Talvez o mandado de merda não fosse besteira.

— Parece que Kelly guarda segredos da patroa — o segundo cara falou, olhando para o meu rosto, rindo um pouco. — Você não sabia, Ruiva? Seu marido rouba drogas que não são dele e depois as vende na rua por um preço maior que o nosso. Ele é de alta classe, o tigre saqueador. — O cara dois atingiu o cara do meio no ombro. — Aí ele deixa os filhos dos pais para quem ele vendia drogas morarem na casa dele. O que acha disso como pagamento de dívida? Pelo menos o pai dele foi honesto sobre essa porra.

Meus pensamentos foram para Ryan, como ele era pequeno, como poderia ter que lidar com sequelas pelo resto da vida por causa do vício da mãe, e meu sangue gelou. Eu teria me afastado de Kelly, mas a gravidade da situação me manteve no lugar. Esses caras não estavam brincando.

Pela minha visão periférica, vi alguém se movendo atrás dos três homens. Alguém que eles não tinham notado. Maureen. Ela tinha um saco de lixo em uma das mãos e um cigarro na outra. Ela deve ter saído para fumar um cigarro, dando a desculpa de levar o lixo para fora. Seus olhos se conectaram com os meus antes que ela inclinasse a cabeça um pouco, talvez percebendo o que estava acontecendo.

Sem tentar ser muito óbvia, meu olhar se concentrou na cena que se desenrolava à frente, mas o cara dois havia notado. Ele virou a cabeça para trás, mas Maureen já tinha ido embora.

Talvez ela fosse chamar Raff.

O cara do meio estava exigindo as drogas novamente.

— Onde elas estão? — Ele começou a suar. Apontou a arma para a cabeça de Cash. — Onde diabos elas estão, Kelly? — Quando não obteve uma resposta, a arma passou a ser apontada para mim. — Você tem dois segundos, ou limpará o cérebro de sua esposa da rua que você tanto ama. Um.

Kelly fez um movimento sutil, que de qualquer maneira ele estava recebendo a bala, mas na contagem até o número dois, que o cara do meio fazia, Maureen balançou o saco de lixo com toda a força e acertou a cabeça dele em um baque doentio! Ela deve ter enchido com pedras ou algo assim. O estalo pareceu ecoar antes que o inferno começasse.

Kelly me empurrou para o chão. Ele pegou a arma que o cara do meio perdeu depois que ele caiu e atirou na cabeça do cara um à queima-roupa. O cara dois atirou no ombro de Kelly, mas um segundo depois, Kelly acertou mais dois tiros na cabeça — um para o cara dois e outro para o cara que levou uma surra de Maureen.

Nunca tinha visto ninguém se mover assim, tão rápido que era difícil acompanhar. *Bang. Bang. Bang.* Todos os três homens estavam deitados no concreto, sangue se espalhando pelo cimento.

Kelly ficou parado por um segundo, sua respiração normal, mas seus olhos eram tão perigosos que enviaram uma pontada de medo ao

meu peito. Era o tipo de olhar que um animal ostentava enquanto caçava. A pulsação em seu pescoço era frenética, mas parecia que pertencia ao tigre.

Continuei deitada na calçada, as palmas das mãos e os joelhos ardendo por conta da queda. Meu cotovelo estava sangrando. Meus ouvidos estavam zumbindo. O cheiro de sangue e pólvora encheu o ar da noite.

Kelly pareceu sair de seus pensamentos quando Maureen pegou o saco de lixo. Ele estendeu a mão.

— Eu levo — ele disse.

Ela entregou a ele sem uma palavra. Então, acenou para mim.

— Venha comigo, Keely. — Kelly se abaixou para me ajudar a levantar, mas dei um tapa nele.

— Não me toque — sibilei.

Seus olhos se estreitaram antes de olhar para o cara dois e depois de volta para mim. O cara que me contou a verdade sobre o negócio de Kelly.

Levantei sozinha e caminhei ao lado de Maureen enquanto voltávamos para casa. A alguns passos de distância, outro tiro ecoou no ar, e eu me virei, com medo de que um dos três caras tivesse se levantado para se vingar de Kelly. Mas era Cash quem segurava a arma... e havia feito outro buraco de bala no cara dois. Bem no coração.



CAPÍTULO 20

Cash

— Ah... — Pigarreei para falar, mas só vieram pensamentos. *Já faz muito tempo desde a minha última confissão, e depois que minha esposa saiu de nossa casa para voar para a Itália para o casamento de sua amiga, estou como um animal em uma jaula que não consegue parar de andar. Esta jaula parece pior do que a prisão.*

Não era esse o motivo de eu ter ido à igreja, mas eram as únicas palavras que pareciam continuar circulando em minha cabeça. Em vez de tentar de novo, saí do confessionário.

Padre Flanagan saiu um minuto depois.

— Qual é o problema?

— Cheguei a um ponto. Isto. — Acenei com a mão, o colar balançando em seu aperto balançando como um pêndulo. — É inútil. O que estou prestes a fazer é conhecido antes mesmo de eu saber que iria fazê-lo.

— Pelo meu entendimento, esse nunca foi o objetivo de você vir aqui. — Ele franziu os lábios para mim e então os abriu com um estalo. — Quantas vezes um homem tem que repetir a si mesmo, Cashel Fallon Kelly? Se eu disse isso uma vez, já disse um milhão de vezes. Talvez

nossas ações sejam conhecidas antes, mas isso não significa que estejam escritas em pedra. Podemos mudar de ideia. Podemos ter uma mudança de coração. Todos nós temos o direito de mudar nossos cursos enquanto estamos aqui, então não temos que responder por eles depois que partirmos.

Andei para cima e para baixo no corredor, meu aperto na corrente ainda mais forte. Dei a ela um coração de metal porque era mais forte que um de verdade. Uma substituição protética para o que não poderia ser desenvolvido no sentido natural.

— Minha esposa me deixou — eu disse. — Ela arrumou suas coisas e as levou para um quarto diferente. No dia seguinte, depois que ela partiu para a Itália, encontrei o colar que dei a ela em meu travesseiro.

Ele ficou quieto por tanto tempo que parei de me mexer. Nós nos encaramos.

— Ah — ele murmurou. — Sua discórdia vem de conflitos conjugais.

— Não pode haver conflito conjugal se sobrar apenas uma pessoa casada.

— Ela foi embora para sempre? Ou ela viajou para o casamento da amiga na Itália? O que eu acredito, se as fofocas nesta comunidade servem de alguma coisa, é que você deveria comparecer com ela.

— Os planos mudam — eu disse. — Ainda não está certo de que ela acreditou nas palavras da boca de outro homem sobre minhas ações.

— Ações — ele repetiu, como se estivesse pensando sobre o significado da palavra. — Será que ela sabe por que você luta tanto? — Ele ergueu a mão. — Ela sabe quem você é, Saqueador, mas ela conhece a situação que Ronan Kelly deixou para você? E por que você assumiu isso tão ferozmente? Ela vê uma comunidade que admira Cash Kelly, mas não há razão para isso. Certamente você fez algumas coisas sem sentido em sua vida, coisas que prefiro não discutir abertamente. Sem lógica ou explicação para isso. Mas a única coisa que parece ser a sua salvação, você não compartilhou com ela.

— Não havia nenhuma lógica ou explicação para você não me dizer que minha mãe não estava morta.

Os segundos se passaram. Ele abriu e fechou a boca, balançando

a cabeça.

— Ela morreu. Na Irlanda. Do que você está falando?

— Scott Stone deu a notícia.

— Ele é um mentiroso, e vou dizer isso aqui mesmo. — Ele bateu o pé. — Seu pai me contou.

Olhei para ele, e algo cintilou em seus olhos que ele tentou esconder antes que eu percebesse. *Dúvida*. Em vez de insistir no assunto, deixei rolar, decidindo acreditar que ele achava que minha mãe também estava morta. Ele nunca mentiu para mim antes.

— Vamos voltar à verdade — ele falou, mudando de assunto. — Algo que vale o nosso tempo.

Meu peito estava ofegante, embora eu não tivesse dado um passo. Enfie o colar de volta no bolso e peguei meu telefone. Encontrei o que queria e virei o telefone para ele.

Ele semicerrou os olhos para a tela e pegou os óculos de leitura, resmungando. Assim que os colocou, pegou o celular da minha mão e o segurou quase colado ao nariz.

— Uma foto da Sra. Kelly olhando para longe da câmera.

— Maureen tirou dela no aeroporto e mandou para mim.

Como minha esposa iria passar apenas alguns dias na Itália, enviei Maureen e Connolly com ela. O bebê, Ryan, estava sob os cuidados ininterruptos na casa de Maureen de enfermeiras que cuidaram dele no hospital e eram de confiança em nossa comunidade.

Ele ergueu os olhos da tela.

— Não estou entendendo.

Balancei a cabeça em direção a ele.

— Foi isso que Maureen enviou, a foto dela olhando para trás, junto com uma legenda que dizia: *a cada cinco segundos*.

A luz do telefone se apagou, mas seu rosto pareceu se iluminar. Ele devolveu o telefone e me deu um tapinha no ombro.

— A garota estava esperando que você fosse atrás dela, Kelly.

Virei-me para encarar suas costas conforme ele se afastava. A presunção que emanava dele era forte como incenso.

— Isso é um problema — eu disse.

De toda a minha experiência com mulheres, diante de Keely Kelly, nada disso importava. Eu poderia lidar com seus jogos, até mesmo com sua verdade, mas não tinha ideia de como lidar com seu

silêncio, ou a razão pela qual ela queria que eu fosse atrás dela, quando deixou claro que estava devolvendo o colar. Ir atrás da mulher era algo que um príncipe faria. Meu papel era o vilão neste conto.

— Acontece com os melhores de nós! — sua voz ecoou. — Não posso dizer que não avisei, rapaz!

Suas vestes se misturaram à escuridão da igreja, onde eu geralmente me sentia mais confortável, e então ele se foi, mas sua risada baixa pareceu persistir.



Enquanto eu caminhava da igreja para o bar *Sullivan's*, um assovio soou atrás de mim. Virei-me para encontrar Raff correndo para me alcançar. Parei e esperei por ele.

Ele balançou uma única chave na frente do meu rosto.

— Não estou com humor para malditas charadas — avisei. — Ou enigmas.

— Alguém quer um amendoim? — perguntou com um sotaque que não reconheci, e então sorriu para mim. Estreitei meus olhos para ele.

Ele inclinou um pouco a cabeça, dizendo o nome do filme. Quando não respondi, ele suspirou.

— Sua esposa adora esse.

Filmes. Livros. Broadway. Minha esposa parecia amar todas essas coisas. Filmes porque seus irmãos amavam.

Livros por causa de seu pai.

Broadway por causa de sua mãe e irmã.

Eu a observei enquanto ela lia, enquanto assistia a filmes, enquanto se apresentava no palco, e nenhuma dessas coisas a fez resplandecer como quando ela estava pintando o quarto que reivindicou como sendo de Connolly.

Depois que ela foi presa, ela voltou a trabalhar nisso. Até pintou um mural na parede. Ela me disse que a mãe adotiva de Mari, deixava a amiga escolher qualquer coisa que ela quisesse pintar na parede de sua casa. Mari tinha escolhido uma borboleta.

Keely pintou um dragão rosa e roxo, com um sorriso exagerado e cílios longos, porque sabia que significava algo para Connolly. Maureen disse a Keely que a mãe de Connolly lhe dera um dragão de brinquedo e a garotinha dormia com ele todas as noites.

O que quer que existisse entre minha esposa e Connolly era forte. Ninguém conseguiu se relacionar com a criança porque ela foi decepcionada pelos pais desde tenra idade.

Os pais de Connolly eram boas pessoas — ele tinha um emprego decente, ela cursava uma faculdade e eles estavam juntos desde o colégio. Aí ele começou a vender drogas para ganhar um dinheiro extra, se tornou viciado, e ela também. Um pouco aqui. Um pouco lá. Até que ele começou a vagabundear, e Maureen mal podia pagar suas contas.

Minha esposa, porém, era uma consertadora. Ela queria consertar todas as coisas que pareciam tortas. Só que ela estava evitando consertar a única coisa sobre a qual sentia não ter controle: a morte de sua irmã.

Quando descobriu sobre a morte do bastardo que matou sua gêmea e seus avós, eu sabia que ela havia deduzido que fui eu quem fez isso.

E foi.

Ela pediu uma trégua no *Sullivan's* por causa disso. Ganhei sua confiança e, mais ainda, tive seu coração sem o cabo de guerra — se eu quisesse sem lutar. Havia mais do que isso para mim, no entanto. Eu ainda tinha que sangrar para vencer, ou nunca estaríamos quites.

Seu coração valia a luta, o derramamento de sangue. Valia o meu sangue.

O que eu fiz pela família dela, matando aquele bastardo, foi o pagamento de uma dívida que meu pai tinha com ela. Isso — o que quer que fosse entre nós — era entre nós.

Uma coisa ainda me intrigava, no entanto. Ela nunca tentou me consertar — o filho da puta mais desonesto que existe. Talvez fosse porque eu não dava a mínima se ela amava filmes, ou livros, ou Broadway, ou mesmo pintura. Eu só me importava se ela estava infeliz. Eu me vi querendo matar qualquer coisa que fosse contra o que era melhor para ela.

— Kelly.

Quando pisquei, Raff empurrou a chave para mais perto do meu

rosto.

— Uma chave. — Ele sorriu. — Para um dos caminhões que vai transportar a carga. Vegetais. Eles vão escondê-los debaixo de um monte dos melhores produtos da terra.

A menos que Lee Grady tivesse mudado o local ou a hora no último minuto, as coisas aconteceram cedo demais.

Rocco havia me dado um horário e local específicos.

— Quem? — perguntei, pegando a chave.

— Colin. — Ele observou a expressão no meu rosto. — Ele estava no *Sullivan's*. Alguns dos Grady têm uma mesa. Ele os ouviu conversando sobre uma entrega cara de vegetais. Então entregaram uma chave a esse garoto. Alguns jovens entraram e saíram, parando na mesa e saindo com uma chave. Colin o seguiu até o banheiro e a tirou do bolso. Então ele o tropeçou e jogou a chave do apartamento de sua avó ao lado do garoto. Disse a ele que a chave caiu do bolso e entregou a ele. Duvido que o garoto saiba a diferença.

A avó de Colin era minha secretária, Susan.

— Ele tem hora e lugar?

— Não — respondeu. — Mas ele acha que ouviu algo sobre um lugar que distribui vegetais.

— Acontecerá em breve.

Ficamos ali, ambos pensando. Depois de alguns minutos, resolvi agir.

— Veja se você ouve alguma coisa na rua. Vou jantar no *Sullivan's*.

— Cuidado, Kelly — ele pediu.

Levantei a mão, reconhecendo o aviso.

Se eu pudesse descobrir quando esta entrega aconteceria, e estragar tudo, não só Grady viria atrás de mim, mas a família Scarpone também. Grady provavelmente estava espalhando por aí que eu andava roubando deles constantemente. Foi, mas só até certo ponto — eu só roubei as drogas.

Os Scarpone eram espertos o suficiente para saber que tinham um fantasma em busca de sangue. A merda deles começou a desaparecer enquanto eu estava preso. Grady nunca ligou os pontos, o que fez os Scarpone suspeitarem dele, mas como as coisas estavam malucas do lado deles com o fantasma, era difícil para eles

identificarem quem estava realmente causando o dano.

Parei e me virei antes de ir muito longe. Raff estava com o telefone na mão, olhando para a tela. Ele olhou para cima quando chamei seu nome.

— Colin — eu disse. — Fique longe dele até conversarmos de novo.

— Entendido, chefe. — Raff sorriu e então piscou para mim. Ele começou a andar na direção oposta.

O *Sullivan's* estava lotado com a correria do jantar. Era o lugar perfeito para os Grady lidarem com seus negócios. Era o lugar perfeito para qualquer um de nós. *Sullivan's* era considerado território neutro. Poderíamos falar de negócios, até mesmo usá-los como fachada de vez em quando, mas não instigar qualquer ato violento no local.

Se alguém estragasse tudo, nunca mais seria permitido voltar. Era a única regra que todos nós obedecíamos — isso e dar passagem aos homens da máfia que estivessem com suas mulheres e crianças.

Grady não iria quebrar a regra de Sullivan, mas ele já havia quebrado uma que se tornou minha principal prioridade. Depois de ver como minha esposa quase pagou pelos meus pecados, passei a ficar muito mais atento.

Ela estava segura na Itália com Macchiavello e sua família, e essa era a única coisa que acreditei ser o melhor. Seu comportamento confuso, no entanto? Ainda não tinha uma pista do caralho sequer.

O colar no meu bolso parecia ter um batimento cardíaco. Como se ela tivesse colocado um feitiço nele, fazendo-o acreditar que poderia ser real.

— Porra. — Passei a mão pelo rosto, esfregando um pouco. Peguei meu telefone e olhei para ele por um minuto. Então, disquei o número dela. Nenhuma resposta. Liguei para Maureen, minha agente infiltrada.

— *Ela está olhando para o telefone* — ela suspirou —, *mas a pobre garota está passando por uns maus bocados. Conheci algumas mães em minha vida, mas nunca uma que pudesse impor vergonha e culpa em seu filho como a dela.*

— Nunca ouvi você chamar uma garota de “pobre” — eu disse, sem esperar que Maureen suavizasse a voz.

— *Só outra mulher pode entender a culpa que uma mãe pode*

causar em sua filha — ela fez uma pausa —, *mas acho que os filhos também saberiam uma ou duas coisas sobre isso, quando se trata de pais.*

Depois que desliguei, olhei para o meu telefone novamente, mas então o enfiei de volta no bolso.

— Kelly, que bom vê-la aqui — padre Flanagan disse, aproximando-se. — Um jantar e uma bebida, meu rapaz? Pode ajudar a aliviar suas tristezas. Por minha conta.

— Vou deixar você com sua bebida hoje à noite — falei, apertando seu ombro e então empurrando-o em direção às portas. — Já que você está gostando tanto disso.

— A vida não seria vida sem um pouco de diversão! — Ele sacudiu as sobancelhas para mim.

Padre Flanagan abriu a porta quando um jovem saiu. A mão do cara estava enfiada no bolso, o olhar desviado para outro lugar. Ele nem me notou parado ali. Segui atrás dele, mantendo uma distância respeitosa, até chegarmos à entrada de entrega do *Sullivan's*. Recostei-me à parede, observando enquanto o cara pulava dentro de um caminhão.

“Vegetais frescos do Sal” estava plotado em tinta vermelha desbotada na lateral.

O caminhão ganhou vida com um resmungo, sacudindo um pouco, e então os faróis se acenderam. Em seguida, saiu rua afora, e quando freou para observar o tráfego, me postei logo atrás para memorizar os números da placa.

Não havia dúvida de que *“Vegetais frescos do Sal”* era uma empresa de fachada e valia a pena investigar. Ouvi outro resmungo e, assim que me virei para olhar, um caminhão veio correndo em minha direção. Seus freios guincharam antes de parar por completo.

Outro cara saltou, deixando a porta aberta.

— Que porra é essa, cara? — ele gritou. — O que você pensa que está fazendo?

— Você machucou a minha perna — eu disse, dando um tapinha na coxa. — Vou chamar a polícia.

Fingi que estava pegando o celular.

— Ei, cara! — Ele avançou em minha direção, os braços abertos em uma atitude irritada. — Você não vai me acusar dis...

Quando ele estava perto o suficiente, eu o agarrei pela gola da

camiseta e pressionei minha arma em sua têmpora enquanto o empurrava em direção à parede do *Sullivan's*.

— Você tem dois suspiros para considerar se esse trabalho vale a sua vida. Se depois desses dois suspiros você decidir que não vale, você tem apenas um para me dizer para onde tem que conduzir este caminhão.

Ele abriu a boca.

— Um.

Ouvi outro motor dando partida e seus olhos se desviaram para a direita por um segundo antes de ele inspirar profundamente e, então, me dizer o que diabos estava acontecendo. Ele recebeu uma chave com antecedência e foi instruído a voltar ao restaurante após as entregas normais para obter as últimas instruções. O cara revelou o endereço e o horário em que deveria comparecer. Sua palavra-código era “alho-poró”.

— Bom menino — eu disse, acariciando sua cabeça. — Agora, se manda daqui. Não para o restaurante, mas para casa, onde quer que seja. Porque você conhece os demônios naquela sala e o que eles farão com você, porém não vai querer saber o que *eu* sou capaz de fazer.

Assim que ele se foi, subi para dentro do caminhão, bem na hora que o outro vinha por trás. A buzina soou e eu coloquei a mão para fora da janela, sinalizando para ele me dar um segundo. Liguei para o padre Flanagan, porque sabia que o cara ia denunciar — mais vale um inimigo conhecido do que um estranho. Instruí o bom padre a impedi-lo de chegar à mesa de Grady.

Era contra tudo que ele jurou, sobre machucar alguém, mas ele colocaria a culpa depois. Ele provavelmente perguntaria se sua alma estava com problemas. Era o tipo de coisa que fodia ainda mais sua mente se ela já estivesse em desespero. Como um padre aparecendo em seu quarto de hospital pouco antes da cirurgia para proclamar seus últimos direitos — por engano.

Se isso não funcionasse, ele o trancaria no armário. Mesmo que o cara soubesse o que estava acontecendo com as entregas, sua vida seria poupada, porque eu não poderia matá-lo se o padre Flanagan participasse de sua captura. O padre e eu tínhamos feito um acordo há muito tempo sobre isso.

Coloquei a caminhonete em marcha e liguei para Raff enquanto me afastava.

— Vá para o *Sullivan's* — eu disse, todo o meu corpo se sacudindo com o trajeto esburacado.

— *Cheguei agora* — falou, e ouvi a conversa ao fundo quando ele abriu a porta.

— Há um menino que você precisa salvar do sermão do padre Flanagan, antes de levá-lo para um lugar seguro. Se ele não chegou até ele, você chega sem alarde. Boné de caminhoneiro cobrindo o cabelo loiro. Jaqueta xadrez. Jeans rasgados e botas. Então, quero que você ligue para Colin e certifique-se de que ele esteja conosco neste passeio. Diga a ele que encontramos o lugar, *Sal's*, mas nada mais.

— *Desejo inconcebível* — ele disse, citando o filme novamente.
— *Você encontrou uma maneira de entrar.*

— Legumes — eu disse. Então, desliguei.



Mais tarde naquela noite, Colin estava sentado no banco do carona de um carro. Sua perna saltava para cima e para baixo e ele roía as unhas. Ele continuou verificando o espelho retrovisor.

— Vamos repassar isso mais uma vez — eu disse. — Você sabe qual é o caminhão cujas chaves estão com Raff, e se as drogas já estão carregadas e esperando no *Sal's*?

— Estou supondo sobre a chave — respondeu, não olhando para mim enquanto falava comigo, mas para o espelho novamente. — Tem um número. E estou supondo que, como os caminhões que fingem entregar vegetais no *Sullivan's* têm “Sal” pintado na lateral, é onde estão as drogas. Ou eles têm algo a ver com Lee. Vale a pena dar uma olhada.

Não disse mais nada durante toda a viagem até Hoboken, e quando paramos em frente ao centro, eu sabia que estava certo. *Sal's* era o verdadeiro negócio. Era um negócio de fachada para os Scarpone ou Lee Grady. Os Scarpone tinham alguns deles, incluindo o Dolce, um dos restaurantes italianos mais populares da cidade.

— Onde estão os outros caras? — Colin perguntou, finalmente se virando para olhar para mim quando encontrei uma vaga para estacionar do outro lado da rua. Caminhões estavam alinhados no

estacionamento no quarteirão do *Sal's* — alguns que não estavam sendo usados. Todos idênticos aos que estavam “entregando” na *Sullivan's*. Depois que outro dos meus caras fez algumas pesquisas, ele descobriu que Sal na verdade entregava no *Sullivan's* regularmente.

Nada de suspeito nisso, até que os caminhões que transitavam para lá e para cá, naquele dia, somavam o número mágico sete. Ou Sullivan estava se preparando para um banquete feito de legumes, ou o caminhão que roubei iria pegar drogas no cais depois que o horário normal de entrega terminasse.

Bingo na teoria dois.

Saí do meu carro, indo para o lado do passageiro, esperando com as costas contra o capô. Alguns segundos depois, notei Raff parando no estacionamento, indo pegar instruções de onde ir a partir dali. Ele estava indo no lugar do cara que estava detido em um dos esconderijos que eu tinha na cidade.

Colin saiu. Ele olhou para a esquerda e depois para a direita.

— Como vamos fazer isso sozinhos, Kelly?

— Confiança, Colin McFirth — eu disse. — Você confia em mim?

Olhei-o diretamente nos olhos. Essas eram as palavras exatas que ele usou logo depois de me contar a história sobre a chave. Um segundo. Dois. Três. Ele engoliu em seco. Assentiu. Mas não disse nada.

Demorou mais de uma hora para o caminhão que Raff dirigia partir. Foi um dos últimos. Raff não passou na nossa frente, mas depois que ele saiu do estacionamento, parou alguns segundos depois. Eu não queria que Colin o visse.

Esperei mais dois minutos e bati no peito de Colin.

— Mais nenhum caminhão — eu disse. — Vamos verificar o lote na rua. Podemos ver se o número na chave corresponde a algum deles. Se isso acontecer, podemos usá-lo para seguir aquele. — Apontei para a caminhonete de Raff. — Precisamos nos apressar, no entanto. Se ele sair, não temos merda nenhuma.

— Sim — Colin concordou, sem fôlego. Ele não tinha dado dois passos.

Descemos a rua casualmente, como se estivéssemos dando um passeio, e entramos no estacionamento sem nenhum problema. O lote era iluminado por um pequeno poste que criava uma espécie de halo ao redor, mas não era o suficiente para realmente enxergar o local.

Eu podia ver o suficiente, no entanto.

Ergui a chave.

— Número 22. — Apontei para uma fileira em frente de onde estávamos. — Você verifica esse. Assobie se encontrar algo.

Cada um dos caminhões tinha um número pintado na lateral, na parte inferior, e parecia corresponder a um número gravado na chave e escrito em um chaveiro.

Colin assentiu e então correu para começar a procurar. Fiquei de costas para um dos caminhões, contando. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. Nove. Dez.

Um assobio baixo soou.

Dez malditos segundos para encontrar um caminhão entre tantos.

— Bingo — ele disse, quando o encontrei, apontando para o 22 desbotado no caminhão. Meu sorriso se alastrou devagar. Joguei a chave e ele a pegou.

— Você dirige.

— Não. — Ele jogou de volta, e eu peguei a chave com uma mão. — Nem trouxe minha carteira de motorista. E não temos que esperar que Raff entre no banco de trás? Onde ele está? — Ele olhou para trás, mas não encontrou ninguém.

A chave voou pelo ar novamente, desta vez com mais força, e bateu contra seu anel de prata quando ele a pegou.

— Não há tempo para esperar por ele — eu disse, então peguei minha arma e apontei para sua cabeça. — Entre na porra do caminhão e ligue. Agora.

— Kelly, não faça isso.

— Não faça o quê, Colin? Preparar você para ser massacrado? Raff também?

Ao mesmo tempo, Colin e Raff tinham sido próximos. Aparentemente, quando a lealdade muda, o mesmo acontece com o valor das amizades. Raff até levou um tiro por ele quando sua namorada na época tentou atirar em suas bolas depois que descobriu que ele a traiu.

Ele ergueu as mãos.

— Talvez eu tenha confundido sobre os caminhões.

Mentindo até o fim.

— É o que é, Colin. O caminhão ou a arma. Você sabe que se a punição não vier de mim, virá de Grady.

Nós nos encaramos por um segundo.

— Você pode pensar em correr — falei, lendo os pensamentos por trás de seus olhos —, mas não irá longe.

— Seu filho da puta!

— Ai. Isso feriu meus sentimentos. — Eu ri, e então o peguei pelo colarinho e o joguei contra o caminhão. — Você escolheu o lado errado.

Ele cuspiu na minha cara, e depois que limpei a porcaria no meu ombro, soltei sua camisa, pegando a chave de sua mão. Abri a porta do caminhão e fiz sinal para ele entrar.

Ele obedeceu, o semblante determinado, embora estivesse suando. Então, com um sorriso satisfeito, ele ligou o caminhão. Quando não explodiu, ele gritou em euforia, fechando a porta tão rápido que era como se estivesse se trancando ali dentro para se proteger de um monstro. Ele saiu do estacionamento, cantando pneus, o caminhão inteiro inclinando quando ele fez a curva para a rua. Então ele pisou no freio para evitar que o caminhão tombasse. Foi quando a coisa toda fez *boom*.

Balancei a cabeça, indo para o caminhão verdadeiro com o número 22 pintado na lateral. Eu colocaria um remendo para que ele presumisse que era o errado. O caminhão 22 teria explodido assim que deu a partida se eu não tivesse cuidado do assunto. O que Colin dirigiu foi manipulado por mim. Não explodiu até que fez a curva, porque eu fiz questão de que fosse assim.



CAPÍTULO 21

Keely

Nova York parecia um campo de batalha quando voltei da Itália.

Os telejornais noticiavam o tempo inteiro, sem parar, a explosão de sete caminhões de vegetais que saíam do cais. Homens mascarados pararam os veículos, fizeram os motoristas descerem e depois amarraram os caminhões com explosivos e os acionaram. Todos os caminhões pertenciam a uma empresa chamada *Sal's*, localizada em Hoboken.

O próprio Sal — que suava profusamente e constantemente enxugava a cabeça com um lenço enquanto estava diante das câmeras — não tinha ideia do porquê alguém iria querer explodir seus vegetais. Um de seus caminhões foi explodido com um motorista dentro.

O motorista do caminhão em Hoboken era Colin McFirth, um homem conhecido por trabalhar para meu marido, e ele era neto de Susan, a secretária de Kelly.

A pressão em torno do “negócio” de Kelly parecia estar se fechando por causa disso. Scott rondava por perto com mais frequência desde que a polícia estava envolvida, e ele não fez nada além de olhar para mim quando nos vimos. E eu odiava, odiava que ele pudesse ver

algo em mim que eu queria esconder — a verdade. Ele tinha razão em mandar revistar a casa.

Até avistei Scott na mercearia ou no quarteirão. Aquele mesmo olhar que ele tinha quando estava obcecado com um caso se voltou contra mim. Ele estava determinado a ver uma mudança em mim, mas não veria nada.

Meu tempo longe de Kelly só reforçou uma coisa. Eu amava o bastardo saqueador, embora odiasse suas ações.

Como eu poderia justificar amar alguém que vendeu a coisa que arruinou a vida de Cee Cee e Ryan? Realmente me apaixonei por aquelas crianças e, tanto quanto sentia falta de Kelly, sentia falta de Ryan também. Quando voltamos da Itália, senti que finalmente estava em casa, mas, novamente, foi difícil encarar meu marido, sem saber qual era a verdade.

Ele não se defendeu nem mencionou o que aconteceu depois que cheguei em casa. Fui para o meu quarto e ele foi para o dele, e em vez de um corredor nos separando, a distância parecia maior do que a que percorri até a Itália.

Eu não estava cedendo, nem ele.

A única coisa singela que ele fez foi deixar um bilhete no balcão, bem ao lado da minha xícara de chá favorita, que dizia:

Você não pode salvar as pessoas. Você só pode amá-las.

Eu não queria mudá-lo e não queria salvá-lo. Na verdade, me apaixonei por ele como era. Mas exigi um futuro melhor para crianças como Cee Cee e Ryan. Nunca acreditei que uma pessoa pudesse mudar o mundo, mas uma pessoa poderia fazer a diferença, mesmo que pequena.

Nosso silêncio se estendeu por semanas, e a tensão só aumentou.

Kelly voltava para casa com ferimentos com mais frequência, e Harrison estava mais ocupado do que nunca. Raff não ia mais comigo para os ensaios, ou onde quer que eu precisasse ir. Kelly enviava Harrison em seu lugar, e se meu irmão precisava estar em outro lugar, Harrison enviava Lachlan.

Nunca conheci o lado suspeito de Cash Kelly, mas depois que voltei da Itália para casa, ele parecia o gêmeo desaparecido de Kelly. Houve momentos em que ele ordenou a Harrison que levasse Maureen,

as crianças e eu para sua casa. Às vezes eu levava as crianças e Maureen voltava para o apartamento dela. Ela disse que, em todos os anos em que viveu em *Hell's Kitchen*, nunca fugiu de problemas e não ia começar agora — estava confortável em seu lugar. Outras vezes, íamos para uma casa completamente diferente na cidade.

O inverno chegou e era hora da minha estreia na Broadway. Foi uma exibição limitada, mas se as coisas corressem bem, eles estavam pensando em estender as datas. O pensamento não me emocionou como deveria. Depois de todos aqueles anos de audição após audição, trabalhando duro em bicos para me manter até conseguir o papel dos meus sonhos... a noite pareceu sem graça.

Nem me senti animada. Eu só queria que terminasse.

Minha mãe estava mais empolgada do que eu e, pela primeira vez desde que contei a ela sobre meu casamento com Kelly, ela olhou para mim com orgulho novamente. Costumava me emocionar quando ela olhava para mim daquele jeito, como se não me culpasse pelo que aconteceu com minha irmã. Mas... mais uma vez... a sensação foi sem graça.

Foi uma mudança sutil em mim, mas percebi isso depois de passar um tempo com Kelly. Ele nunca me julgou. Nunca me fez sentir como se eu tivesse que ir em uma direção ou outra para obter sua aprovação.

Até com Mari. Nunca mostrei a ela quem eu realmente era porque queria ser a melhor pessoa para ela. Uma irmã que ela poderia admirar. Da mesma forma que sempre presumi que admiraria minha irmã. Roisin parecia ter essa bússola moral impecável, mesmo em uma idade jovem. Ela acolheria pássaros feridos e eles confiariam nela imediatamente. Eu jogava pedras nos para-brisas dos carros para ver quantas seriam necessárias para quebrá-los.

Kelly parecia entender melhor do que a maioria que era impossível mudar alguém a menos que ela quisesse mudar. Ele me ensinou que eu não precisava ser consertada e que era hora de parar de tentar consertar outras pessoas.

Tínhamos um acordo mútuo silencioso — aceitar um ao outro sem mudar um ao outro — e era algo que eu nunca soube que precisava até que ele apareceu.

Nunca soube que precisava de alguém como ele até que ele

apareceu.

Seu caos abalou minha falsa sensação de paz, minha vida, e fez as peças caírem ao meu redor de maneira diferente. As peças nunca haviam caído tão perfeitamente antes.

Meus olhos se levantaram por um segundo, flagrando Kelly pelo espelho. Depois que toda a minha família foi procurar seus lugares, ele ficou de costas para a parede, observando-me.

— Suas mãos estão tremendo, querida — ele disse.

Elas estavam, mas não era de medo do palco. Era dele. Meu corpo estava altamente consciente dele o tempo todo. Minhas mãos só tremiam quando ele estava por perto. A princípio, foi pela força, pela ansiedade, pelo ódio. Agora elas tremiam de amor reprimido. Eu odiava o que ele fazia, mas não conseguiria odiá-lo mesmo que tentasse, o que às vezes me frustrava.

Dei a ele um olhar entrecerrado antes de voltar para a maquiagem na minha frente, ignorando-o como de costume.

Ele girou minha cadeira, ambos os braços me prendendo no lugar, e inclinou a cadeira para trás. Ergui o olhar para encontrar o dele em desafio, embora meu coração disparasse e meu estômago despencasse.

— Você emagreceu — falou, não olhando para o meu corpo, mas para os meus olhos.

— Você parece exausto — rebati.

— Alguém não está jantando.

— Alguém não tem dormido.

Ele procurou meus olhos antes de se inclinar para me beijar. Virei meu rosto, dando-lhe minha bochecha. Um rosnado baixo ecoou do fundo da sua garganta, e foi a primeira vez que eu o vi mostrar qualquer sinal externo de emoção.

Kelly estava chateado pra caralho.

Seus braços flexionaram enquanto ele segurava a cadeira no lugar.

— Faça isso esta noite. Ou não. Essa garotinha ficará muito feliz em ocupar o seu lugar. Mas a partir deste momento, você faz o que quer que faça seus olhos brilharem. É hora de parar de viver para um fantasma.

Ele soltou minha cadeira, e eu me levantei de um pulo antes que

ele me deixasse sozinha.

— Kelly! — eu disse.

Ele parou, com a mão na porta.

— Você primeiro.

A flecha atingiu o alvo. Seus ombros ficaram tensos e suas costas enrijeceram. As fibras musculares em seu pescoço estavam retesadas. Ele nunca mencionou o que Scott disse a ele naquele dia na sala de interrogatório, mas eu o peguei olhando para a foto de seu pai mais de uma vez. Eu sabia que ele estava se perguntando por que o homem mentiria para ele, se fosse verdade.

Por que escondê-lo de sua mãe?

Se a pergunta persistiu para mim, tinha que estar incomodando sua mente o tempo todo. Mas eu não ia permitir que ele me chamasse atenção quando se recusou a lidar com a sua própria merda. Nós dois tínhamos fantasmas para expulsar e, mais cedo ou mais tarde, Cash Kelly teria que respirar fundo e então encarar o dele.



CAPÍTULO 22

Cash

Ela me chamou para a realidade.

Era verdade. Eu não tinha lidado com meus problemas. Principalmente, meu pai mentiu para mim e, em caso afirmativo, onde estava a mulher a quem chamei de mãe?

Se. Se. Se. Porra de “se”. Isso estava provocando minha insônia.

Entre meu pai me atormentando à sua moda antiga, e minha esposa me atormentando em novas maneiras, eu tinha uma média de minutos de sono todas as noites. Isso quando conseguia dormir. Foi a coisa mais estranha que já experimentei na minha vida, porque não conseguia controlar. Isso fodeu comigo além do que me sentia confortável em admitir para qualquer um.

Eu tinha admitido isso para ela, no entanto, do meu jeito. Com exceção de Tito Sala, nunca havia contado a ninguém que a insônia se apoderava de mim como um aviso silencioso, noite e dia. Foi a única coisa que nunca fui capaz de submeter à minha vontade.

Até que ela entrou na minha vida.

Ela me deu algo que ninguém jamais teve antes: um poder que vai além deste mundo. Paz.

Então ela roubou de mim, o que foi pior do que nunca saber como era. Porque uma vez que eu passei a saber, isso me fodeu mais do que a insônia.

Não. Não era insônia. Era ela.

Estava fodendo comigo de maneiras que nunca tinha experimentado antes, e ela era astuta nisso. O adversário mais inteligente que já enfrentei.

Ela se recusou a me beijar.

Recusou-se a me beijar.

Virou o rosto e me ofereceu a bochecha, como se estivesse me dando a outra face depois de um golpe. Ela se recusou a dormir comigo, a transar comigo.

Se isso não fosse motivo suficiente para me levar ao limite, ela encontrou uma brecha em minha única exigência: a parte em que exige que sempre jantasse comigo.

Ela não comeu. Não de verdade.

Ela dava uma ou duas mordidas em sua comida e depois olhava para mim, os braços cruzados sobre o peito, como a porra de uma criança mimada. Ela estava perdendo peso, mas não era só pelo aspecto físico.

Como eu sabia disso? Não poderia te dizer, porra. Estávamos unidos por algo que eu não tinha uma palavra para definir. Era um sentimento. Algo que ia além de carne e osso.

Eu também não tinha olheiras profundas, e mesmo assim ela sabia disso.

Nós dois estávamos em guerra com um conflito em mente.

Sentar à nossa mesa, observá-la escolher a comida, enquanto todos — Maureen e a garotinha — comiam e conversavam como se nada estivesse errado me deu vontade de virar a mesa com tudo em cima. Eu já havia encontrado a paz no caos antes, sabia o significado disso e estava pronto para reivindicar a minha novamente.

Precisava dormir como um coração precisava de uma artéria.

Como se pudesse me ouvir, os olhos de minha esposa ergueram-se para encontrar os meus. Ela deixou cair o vegetal que acabara de pegar do prato cheio um segundo depois.

A tensão em meu queixo era intensa e evidente, enviando rajadas de choques elétricos quentes até minhas têmporas. Ela não

estava brincando, não nisso, e isso me perturbou ainda mais. O coração que roubei dela estava fazendo uma coisa perversa para se vingar — ele entrou em greve e se recusou a bater. E aquela batida era o que acalmava cada barulho que estava causando o caos no vazio para mim.

Peguei minha bebida, levando-a aos lábios, perguntando-me se o copo quebraria na minha mão. Algo macio deu um tapinha contra a pele antes que o líquido tocasse minha língua. Olhei para baixo e vi Connolly, que estava com a mão apoiada sobre a minha. Ela sorriu e então olhou para trás. Eu me virei para olhar. Maureen preparou uma torta.

— Você quer sobremesa? — o som da minha voz ecoou dentro do vidro. Coloquei a porra da coisa na mesa; sem beber. Olhei para o prato dela. — Você comeu toda a sua comida.

Meus olhos encontraram os de minha esposa novamente, mas desta vez ela os revirou para mim.

Connolly riu e balançou a cabeça, movendo a mãozinha quente em meu braço e se aproximando da minha orelha.

— Fe... liz — ela sussurrou, em voz baixa e áspera.

Estreitei os olhos para ela e ela retribuiu o gesto. Ela estava praticando bastante para mais tarde — seu homem também não saberia o que fazer com ela algum dia. Todas as conversas femininas faziam parte de uma porra de código.

Em vez de esperar que eu entendesse, ela se levantou de um pulo, indo pegar a torta no balcão. Keely a seguiu, para ajudar. Era a única vez que ela sorria, quando estava fazendo algo com uma das crianças.

Livros. Filmes. Broadway. Tiro com arco e flecha. Até pintando. Nada comparado à forma quando ela olhava para aquelas crianças.

O sorriso de Connolly se tornou ainda maior quando ela colocou o prato à minha frente e deu um tapinha na minha cabeça. Talvez ela pensasse que eu era um grande gato do caralho.

— Fe... liz — ela repetiu, olhando para mim. E continuou me encarando.

Olhei em volta. Todo mundo estava olhando para mim. Maureen estava tentando esconder o sorriso. Keely estava carrancuda, como se fosse melhor eu fazer alguma coisa ali mesmo ou ela iria jogar a torta na minha cara. Abri a boca para falar, mas me deparei com a boca cheia

de chantilly antes que pudesse.

Nunca tinha ouvido uma criança rir tanto. Connolly dobrou-se de tanto gargalhar, a colher ainda na mão, rindo tão alto que toda a mesa começou a fazer o mesmo.

Exceto eu.

Ela tinha acabado de me alimentar com uma colher, como tentava fazer com seu irmão mais novo.

Eu.

Um homem adulto.

Tentei ignorá-la, mas o riso de minha esposa se sobressaiu ao restante.

Um segundo depois, Connolly voltou com outra colherada e, desta vez, quando ela enfiou na minha boca, eu mordi, sem largar. Rosnei para ela, e ela rosnou de volta. A torta estava voando em todas as direções diferentes, e era uma bagunça açucarada, mas a criança estava rindo tanto que cheguei a me preocupar com seus pulmões.

Em suma, porém, ela finalmente estava aproveitando a vida. Estava à vontade nesta casa, conosco.

Olhei para cima antes que ela enfiasse outra colherada e encontrei o olhar de Keely. Ela ainda estava sorrindo, mas o brilho em olhos havia mudado. Agora seu olhar se encontrava em guerra com o resto de seu semblante. Ela não conseguia esconder a guerra interna que assolava.

— Ok! — ela disse, quando percebeu que eu tinha notado. Então pegou Ryan no colo, fazendo-o rir, e o colocou escarranchado em seu quadril como se ele tivesse sido feito para aquele lugar. — Hora do banho!

Connolly me deu mais um pedaço e então colocou um dedo em cada lado dos meus lábios, onde minha boca tinha uma covinha de tanto sorrir para ela.

— Fe... liz — ela disse, novamente, antes de correr atrás de Keely, seguindo-a escada acima.

Maureen apareceu ao meu lado, prestes a pegar meu prato vazio.

— Não é tão difícil — ela falou, dando um tapinha na minha cabeça. Sim, eu era a porra de um animal de estimação que precisava ser domesticado. — Se você quer entender nossa língua, é só prestar

atenção. Agora vá descansar. Porque eu também presto atenção. Não são apenas os fantasmas que andam por esses corredores à noite.

Segui os sons de risadas vindo do andar de cima. Keely e Connolly estavam preparando Ryan para o banho. Keely estava ajudando a garotinha a segurar Ryan.

— É isso, Cee Cee — ela disse, ajudando-a a estabilizá-lo em seu quadril. — Ele é pesado, mas você consegue, garota.

Connolly esticou o quadril, tentando distribuir um pouco do peso dele, com um grande sorriso no rosto. Enquanto controlava na torneira da banheira, com todo o banheiro cheirando a flores, Keely começou a cantar. Talvez ela pudesse ouvir. Talvez não pudesse. Mas a garotinha cantarolava junto com ela.

A mudança em Connolly era chocante. *Vida*. Ela tinha vida nela.

Keely se virou para tirar Ryan de sua irmã e me flagrou ali parado.

— Precisa de alguma coisa, Kelly? — sua voz soava monótona, mas ela continuou beijando os dedinhos do bebê enquanto ele tentava enfiá-los em sua boca.

— Nada além de uma boa-noite de sono, querida.

— Você sabe onde fica a cama — comentou, virando-se de costas. — E não é aqui.

Lá estava aquele toque novamente. Olhei para baixo. Connolly ergueu os olhos. Ela colocou a mão na minha. Puxou-me na direção do quarto principal e acenou com a cabeça em direção à cama. Sentei-me, imaginando o que ela faria depois que me deixasse sozinho. Um minuto depois, ela voltou com alguns livros da biblioteca.

— Você vai ler para mim, querida? — perguntei. Ela balançou a cabeça e apontou para o peito. — Ah, eu vou ler para você. — Connolly me deu um aceno firme.

Suspirei, olhando para ela por um minuto. Resignado, peguei os livros dela e acenei para a área de estar no canto do quarto. Keely a havia decorado com duas cadeiras.

— Escolha um lugar — instruí.

Ela pegou a da esquerda, suas pernas muito curtas para alcançar o chão, mas conseguiu se acomodar em uma posição confortável. Li quatro livros curtos para ela... e então percebi que meus olhos haviam se fechado e adormeci. Estava escuro lá fora quando

acordei, a insônia me atingindo com força naquele ponto onde normalmente acontecia. Porém, eu tinha dormido, mesmo que apenas por uma ou duas horas.

Um cobertor me cobria, e eu tinha certeza de que não estava lá antes.



No dia seguinte, verifiquei o relógio em meu painel. Meio-dia — almoço — em ponto. Estava indo encontrar um juiz aposentado que era amigo do meu pai.

O manobrista veio ao meu encontro, e joguei minhas chaves para ele ao sair do carro.

— Sr. Kelly — ele disse, pegando no ar. — Tenha um bom almoço, senhor.

Acenei, passando pela porta e respirando o ar fresco do clube de campo. Cheirava a fortuna de tempos antigos e a tudo o que havia de novo no cardápio. Talvez algum tipo de peixe caro.

Ignorei as pessoas na recepção. Eles sabiam que não deviam me impedir. Eu não tinha paciência para eles, nem boas maneiras, e me recusava a ser um peão no jogo de poder — eles sabiam que eu tinha um compromisso, então era isso.

O juiz McLean se levantou conforme me indicava sua mesa. Trocamos um aperto de mão quando eu estava perto o suficiente.

— Bom ver você — falou, apontando para o assento à frente. — Pedi uísque para você.

Empurrei o copo de volta para ele assim que me sentei.

— Aproveite — eu disse. — Estou dirigindo.

Ele sorriu para mim, ciente das regras. Havia apenas alguns lugares onde eu comia ou bebia, e seu clube de campo não era um deles. Muitos ratos na cozinha vestindo ternos e gravatas que queriam um gato grande como eu morto.

— Suponho que você já comeu?

Balancei a cabeça.

— Um bom café da manhã.

— Ah — ele disse, recostando-se quando seu prato de peixe foi entregue. Bem na hora. Eles sabiam quando ele queria sua comida e como ela deveria ser cozida. — Não que casamento tenha algo a ver com café da manhã, mas ouvi dizer que você se casou. Parabéns. — Ergueu o copo de uísque que devolvi para ele e bebeu. — Teria sido bom receber um convite para o casamento do ano, no entanto.

A recíproca é verdadeira, eu ia dizer, mas apenas balancei a cabeça e agradei as felicitações.

Ele não era um homem que evitava falar de negócios durante o almoço, então discutimos algumas coisas, e ele levantou a cabeça assim que disse algo que atraiu sua atenção.

— Adoção? — ele repetiu.

Assenti, pegando a faca de manteiga da mesa, levantando-a entre meus dedos.

— Conte-me sobre o processo.

Ele limpou a boca com o guardanapo e fez sinal para a garçonete. Ela se aproximou na mesma hora, pegando o prato dele, enquanto outra lhe entregava uma fatia de bolo.

— Depende — falou, depois que ela saiu. — Através do sistema regular? — Encolheu os ombros. — Pode demorar um pouco. Mas se você precisa disso de mim, depende de quem está pedindo.

Imaginei que ele diria isso. Suas mãos podiam estar sujas, mas ele cresceu como um órfão e era um grande defensor das crianças.

— Eu estou pedindo — declarei.

Seus olhos se estreitaram.

— Você está bêbado, Kelly?

Eu ri, balançando a cabeça.

— Não.

— Precisa se embebedar?

— Não neste minuto.

Nós dois nos encaramos. Finalmente suspirou e acenou com a cabeça.

— Conte-me sobre a situação.

Conversamos por mais uma hora sobre as coisas antes de eu sair. O mesmo cara trouxe meu carro e, depois que saí, meu pneu dianteiro começou a fazer barulho, então parei no acostamento. O clube de campo se localizava em uma área privada, separada do resto do

mundo por um bosque cerrado, fora do caminho comum. Não havia muito tráfego entrando ou saindo para me preocupar.

Comecei a arregaçar as mangas da camisa antes mesmo de sair, tendo uma ideia do que estava errado.

Sim, o filho da puta estava com o pneu furado.

Abri o porta-malas, em busca do macaco, a chave de roda e o estepe. Minha cabeça estava abaixada enquanto as mãos vasculhavam o bagageiro, procurando a ponta da tampa que cobria o pneu do estepe.

Ouvi passos e, antes que pudesse me virar, algo pesado chacoalhou meu crânio. Não foi o suficiente para me derrubar, mas me abalou um pouco. Mãos me empurraram por trás, tentando me obrigar a entrar no porta-malas.

Apoiando os joelhos contra o para-choque com a palma da mão espalmada contra o interior do porta-malas para que ele não pudesse me empurrar facilmente para dentro, peguei a chave de roda. Fiz um esforço sobrenatural para tentar me levantar. Ele me empurrava enquanto eu tentava me erguer. Sangue quente escorria da parte de trás da minha cabeça, onde ele havia me atingido com um cano ou algo parecido.

A chave de roda acabou na minha mão esquerda e, balançando cegamente sobre meu ombro direito, bati na testa do filho da puta. Ele cambaleou de leve para trás, me dando tempo suficiente para me virar e preparar para o ataque.

Ele partiu para cima de mim novamente um segundo depois, sangue escorrendo do topo de sua cabeça, descendo pelo nariz, até os olhos.

— Você vai pagar por isso, filho da puta — ele ameaçou, balançando uma vara de madeira na mão. Ele assobiou enquanto balançava no ar. Esquivei-me um segundo antes de me atingir no rosto.

Quem quer que fosse — eu não tinha a menor ideia —, ele não estava tentando me matar. Ele queria me nocautear para me colocar no porta-malas. Agi como se fosse jogar a chave de roda na cabeça dele, para me dar tempo de pegar a arma, mas ele foi muito rápido. A vara de madeira desceu com um baque contra o meu braço, enviando um choque para o meu peito quando ergui a mão.

Ele deve ter treinado com o bastão, pois aquela porra se movia como uma arma precisa.

Dancei com esse cara, sendo atingido aqui e ali, tentando usar a chave de roda para desviar o bastão. Meus dedos estavam fodidos pela quantidade de golpes recebidos ao me esquivar. De uma vez, encontrei seu bastão no ar e ele empurrou contra mim enquanto eu empurrava contra ele. De repente, ele me soltou, recuando um ou dois passos, e quando voltou para mim, dei um chute em seu joelho quando o bastão atingiu minhas costelas.

Fiquei sem fôlego, mas ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Mesmo com ele caído, não consegui me aproximar novamente. Eu sabia que ele usaria aquele bastão para me golpear se eu o fizesse. Era como uma cobra atacando constantemente.

Respirando fundo, inspirando o ar e depois exalando com uma dor absurda, peguei minha arma e apontei para ele.

— Você tem cinco segundos para me dizer quem te enviou.

Ele não estava com Grady e, definitivamente, não era um Scarpone. Eles teriam me batido e depois me cortado em pedacinhos. Ou me enterrado na floresta para apodrecer.

Ele levantou a cabeça, rindo um pouco.

— Vá para o inferno — ele disse, pouco antes de pegar algo dentro de sua jaqueta.

— Vejo você lá — retruquei, puxando o gatilho e o acertando no meio da testa.

Ele ficou completamente imóvel depois que a explosão ecoou ao nosso redor e sacudiu os pedaços soltos do meu crânio. Afastei a lapela de sua jaqueta para o lado e encontrei a arma que ele estava procurando. Ele deveria ter usado desde o início. Menos problemas.

Mais uma vez, porém, ele não me queria morto. O que era estranho pra caralho. Não querendo discutir comigo mesmo sobre isso, segurei um pé do cara e o arrastei pelo asfalto, deixando-o do outro lado do meu carro. Sua cabeça deixou um rastro úmido de sangue.

O que eu ia fazer com essa porra de manejador de bastões?

Olhei para cima quando um carro estava vindo da direção do clube de campo.

Era uma marca e modelo caros e, a julgar pela silhueta, uma mulher. Ela diminuiu a velocidade quando se aproximou, parando sobre a principal poça de sangue. E baixou a janela. A mulher era mais jovem do que eu esperava.

— Você precisa de ajuda?

— Não — eu disse. — Pneu furado.

Ela me encarou por um segundo antes de abaixar os óculos de grife.

— Tem certeza? — sua voz se tornou mais baixa, e seus olhos estavam fixos nos meus, tentando estabelecer a conexão.

Ela poderia dizer que eu era um problema e, em sua vida luxuosa, exatamente o que ela provavelmente estava procurando. Um tipo diferente de perigo daquele com quem ela devia ser casada. Era para mim que o marido dela ligava quando queria que alguém morresse.

— Siga seu caminho, moça — eu disse, inclinando-me para pegar a chave de roda. — Seu marido está esperando em casa que o jantar seja servido.

Ela bufou para mim enquanto se afastava.

Verifiquei meu relógio. Sim. Estava ficando tarde e eu tinha que chegar em casa para minha esposa. Mesmo que ela não se alimentasse, ela ainda tinha que se sentar à mesa comigo todas as noites enquanto eu comia.

Toquei minha cabeça e encarei meus dedos manchados de sangue fresco. Talvez Maureen fosse generosa o suficiente para me suturar.

Suspirando, peguei a porra do homem do bastão pela perna, arrastando-o em direção à parte singela de floresta. Teria mais tráfego por ali em breve, para aqueles que estivessem a caminho do clube. Essas eram figuras poderosas e nem todas pensavam tão bem de mim.

Essa foi a última coisa em minha mente, no entanto. Continuei pensando por que o cara não acabou comigo.

Ele me queria naquele porta-malas.

Não era sensato descartar ninguém, então, levando isso em consideração, pode ter sido Grady quem o enviou, ou um de seus homens, ou mesmo alguém que os Scarpone pagaram. Mas, novamente, não fazia sentido. Eles nunca teriam entrado daquele jeito, com a porra de um bastão e apenas um cara.

A conta não batia.

Eles teriam entrado com armas em punho — dentro e fora. E não por aqui. Muitas testemunhas em potencial em um lugar tão

importante. O que apoiou minha teoria sobre o portador do bastão querendo me enfiar no porta-malas. Ele não estava procurando causar uma cena ou uma bagunça.

Meu instinto me disse que era alguém novo no ramo. Alguém não relacionado — ou não.

Não era incomum ser testado e tentado. Sempre houve um homem, ou dois, que se achavam mais implacáveis, mais poderosos, mais astutos do que quem controlava o que eles queriam. Mas o *timing* foi perfeito demais. O homem sabia exatamente onde eu estaria na hora exata.

Isso fedia mais do que esse cara morto. Era o fedor de um rato traidor.

Parei por um segundo no meio da mata, olhando em volta. Eu o colocaria contra uma árvore e pronto. Nem me incomodaria em escondê-lo. Embora fizesse questão de deixar aquele bastão do caralho do lado dele. Talvez o filho da puta fosse precisar disso no inferno.



CAPÍTULO 23

Keely

Nada era o mesmo.

Depois da noite em que peguei Cee Cee cobrindo Cash com o cobertor, comecei a odiar ainda mais suas ações, embora, por outro lado, eu o amasse ainda mais. Especialmente quando ele chegou em casa sangrando e precisando de pontos. Eu queria ir até ele, cuidar dele, mas a parte rancorosa de mim queria que ele sofresse — uma representação física do que ele estava me fazendo passar emocionalmente.

Só que...

A culpa me rasgava por dentro quando me sentia assim.

Não havia vitória com Cash Kelly. Eu não poderia simplesmente escolher um lado e me ater a ele. Seu “negócio” era difícil para mim. E embora eu o amasse, não era o suficiente para cobrir suas transgressões.

Mas o que eu deveria fazer sobre isso agora?

Eu o havia aceitado por quem ele era, sem saber o que fazia, mas sempre que olhava para Cee Cee ou Ryan, a decepção aumentava. Então, me lembrava de como ele a fez rir quando ela enfiou a torta na boca

dele. Como ele rosnou para ela, e ela fez o mesmo. Como uma criança normal que não tinha problemas. Como se o mundo fosse amigável com ela, e um bom lugar para estar.

Estava em uma situação complicada e não sabia como sair dela, ou como torná-la melhor. Ele ainda não tinha dito uma palavra para mim de qualquer maneira. E me recusei a trazer isso à tona. Se ele admitisse isso diretamente para mim, eu não tinha certeza de como lidaria com isso, em viver com ele — um homem que distribuía vícios para pessoas que não podiam dizer não a eles, depois de agir como se sua comunidade valesse a pena morrer por isso.

Então, mantive distância dele.

Mesmo depois que *The Blood Queen* estava se aproximando do final da temporada, nosso contato foi limitado. Algo estava acontecendo que me deixava ansiosa.

Cash começou a agir diferente. Mais paranoico. Ele me mandava para a casa de Harrison regularmente, fazendo-me dormir por lá, ou em uma das outras casas — casas seguras — que ele possuía na cidade. Maureen vinha junto para que eu pudesse ficar perto das crianças. Eles me mantinham ocupada a maior parte do tempo, o que ajudava, porque, às vezes, eu sentia tanto a falta dele que doía fisicamente.

E quando ele não aparecia para jantar por algumas noites?

O aperto que eu tinha no controle remoto incomodou a palma da minha mão. Estava assistindo à porra de um filme romântico sentimental, e estava com raiva de mim mesma por ter feito isso. Suspirei, apoiando a cabeça no sofá e fechando os olhos.

Maureen tinha levado as crianças ao zoológico. Harrison estava no trabalho, mas eu iria encontrá-lo em casa em breve. E Raff? Não tinha certeza de onde ele estava, pois não o via muito ultimamente. Presumi que fosse porque seu chefe estava com mais problemas do que nunca e precisava de quatro olhos em vez de dois.

Sobrava apenas... eu. E o pensamento que sempre se voltava para o bastardo saqueador.

Peguei meu celular e o encarei. O que eu diria se ligasse para ele?

Odeio o que você faz, mas eu te amo mais. O que me faz querer te machucar como você está me machucando?

A tela do celular acendeu, interrompendo meus pensamentos, e

meu coração começou a bater mais rápido. Então, acalmou por um segundo.

— Oi — eu disse para Mari, descansando a cabeça contra o sofá novamente.

— *Vem pra cá* — ela disse. — *Tenho um pouco de bolo.*

— Bolo?

— *O melhor. Você tem que provar* — ela fez uma pausa — ... *trinta minutos?*

— Estarei aí.

Eu tinha que sair. O silêncio na casa “segura” começava a soar como uma torneira pingando.

Apenas pelo tom da voz de Mari, eu poderia dizer que algo estava acontecendo com ela também. Sabendo o que eu sabia sobre seu marido e seus negócios, não era surpresa que ela provavelmente também estivesse lidando com alguma merda.

Acionei o alarme do carro que Cash me deu. Ele me disse para considerar como um presente de casamento. Estava cansado de ver meu carro velho acumulando ferrugem na rua. Era um lindo Corvette *Stingray* verde-claro. Tinha vidros com película e seus aros pretos possuíam faixas verdes combinando no interior.

Era o carro mais bonito que eu já tinha visto, tirando o carro seguro para a família que ele comprou para Maureen e eu usarmos quando estávamos transportando as crianças.

Mas naquele momento, eu precisava de velocidade. Precisava de liberdade. Talvez até precisasse me sentir um pouco jovem.

Mari estava esperando do lado de fora quando parei na casa dela. Desliguei o carro, mas ela acenou com as mãos, sinalizando para eu não sair. Ela estava correndo para entrar do outro lado. Uma vez que ela entrou, decolei, mais rápido do que ela esperava. Ela recostou a cabeça com força no suporte do assento. Pelo menos desta vez, porém, poderíamos decolar. Com meu carro velho, poderíamos ultrapassá-lo a pé.

— Ok. — Olhei pelo espelho retrovisor, me certificando de que não estávamos sendo seguidas. — Por que estamos fugindo da sua casa?

— Preciso de um tempo. Não estou com vontade de estar cercada de homens hoje.

— Uuuuh. A lua de mel acabou. Que os jogos comecem!

— Não é um jogo, Keely. É casamento. — Ela acenou com a mão.
— Acabamos de brigar.

Tentei jogar um verde ali, um problema aleatório, mas ela não mordeu a isca. Eu sabia que havia mais coisas acontecendo do que apenas uma briga normal entre ela e Mac, mas não entendi. Ela podia sentir algo acontecendo comigo também, e eu não estava pronta para compartilhar. Portanto, ser neutra um para o outro era bom.

— Responda uma pergunta — eu disse, levando a conversa em uma direção diferente. — Nós o odiamos ou não?

— Não. — Ela se virou para mim. — Quem é Cashel Kelly?

Merda! Só o nome dele me deixou ansiosa. Perdi a aderência que tinha no volante por um segundo, e ele derrapou de leve. Mari olhou para o espelho, como se pensasse que talvez alguém estivesse nos seguindo.

— Cash — eu disse, baixinho. — Quase todo mundo o chama de Cash. E Stone lhe contou sobre ele.

— Não exatamente. Ele estava pescando informações na noite em que jantamos.

Jantamos no restaurante do marido dela depois que ela voltou da Itália. Foi um pouco tenso entre nós, apenas por causa da situação entre ela e Harrison, mas foi bom estarmos juntas novamente. Scott estava me seguindo naquele dia, no entanto. Ele me observou entrar no restaurante. Então, quando o garçom disse a Mari que Scott queria vê-la, eu saí. Ela não precisava se envolver na minha bagunça.

Balancei a cabeça.

— O que você disse para ele?

— O que eu poderia dizer, Kee? Não tenho ideia do que está acontecendo!

— Cash Kelly é o novo chefe de Harrison.

Simples. Fácil. Em um mundo perfeito. Ela esperou alguns minutos.

— E...?

— Ele não é tudo o que parece ser.

— Isso parece ser uma tendência ultimamente. Prossiga.

Virei-me para ela e estreitei os olhos, mas como estávamos sendo neutras, eu queria mudar de assunto novamente.

— Espere. Para onde estamos indo?

Ela me contou sobre essas estatuetas que queria, mas perguntou se poderíamos apenas passar por lá para ela anotar o nome da loja. Fiz um desvio, indo na direção certa.

— Você está apaixonada por Cash, Kee?

Era um inferno quando as pessoas realmente conheciam você. Mas amor?

O que eu sentia por Cash Kelly ia muito além do amor. Era uma área cinzenta.

Talvez porque, finalmente, cheguei à conclusão sobre meus sentimentos, inclinei a cabeça para trás e explodi em gargalhadas.

— Se Nova York fosse uma floresta selvagem de concreto, eu seria a arqueira, e ele seria meu alvo.

— Não gosto da imagem que você pintou em minha mente. Continuo vendo-o fugindo de você, com um alvo nas costas.

Eu sorri e então mudei de assunto, optando por insistir no lado positivo por um tempo. Alguns minutos depois, encontrei um lugar em frente à loja. Nós tínhamos algum tempo. Eu poderia correr e pegá-los para ela. A loja não ficava longe do Dolce, um dos restaurantes mais populares da região. Talvez pudéssemos até almoçar.

Mari balançou a cabeça.

— Só preciso do nome, Kee! Vamos. Vamos fazer compras em outro lugar.

Observei a expressão de seu rosto.

— Por que você está pálida? Você está com gotinhas de suor no lábio e está mais fria do que o ártico lá fora. Aconteceu alguma coisa com você aqui?

Ela mordeu o lábio, mexendo em sua bolsa.

— Sim. Comi um parmegiana de vitela ruim. Simplesmente horrível.

Meu mentirômetro explodiu.

— Mentirosa. — Apertei a mão dela, mas decidi que poderíamos almoçar em outra hora. — Você fica aqui quietinha. Mantenha as portas trancadas. Vou correr e ver se elas ainda estão lá. Obviamente significam muito para você.

Atravessei a rua para chegar à pequena loja antes que ela pudesse me impedir. Ela mencionou que na noite em que as encontrou,

eles estavam na vitrine. Todas se foram. O dono da loja foi legal o suficiente, mas ele disse que alguém tinha entrado antes de mim e comprado. Ele me deu o número de um lugar na França que podia ter mais das peças. Eram antiguidades.

Preparando-me para o frio, deixei a loja quente, passando por alguns homens saindo da Dolce. Não permiti que meus olhos se demorassem, mas não pude deixar de notar as tatuagens em todas as mãos.

Lobos.

A mesma tatuagem que o marido de Mari tinha na mão. Exceto que o lobo de Mac era preto com olhos azuis-claros.

Um dos caras, aquele com os olhos mais sérios, me observou enquanto eu atravessava a rua e entrava no meu carro. Ele ficou lá, encarando, como se fosse o dono do mundo inteiro.

— Keely. — Mari parecia ainda mais pálida. — Tire-nos daqui!

— Você os conhece? — Olhei na direção deles enquanto ligava o carro.

— Vai logo! — ela gritou.

— Tudo bem! Tudo bem! — Desviei no trânsito, quase colidindo com um táxi. O motorista mostrou o dedo ao passar zunindo. Então, ficou na nossa frente e continuou pisando no freio. — Aqueles são os Scarpone?

— Como você sabe disso? — Ela parecia realmente assustada; o tipo de medo que ela evitava enquanto estava na rua. Mas algo mais se movia por trás de seus olhos. Ódio por eles.

— Idiota! — Pressionei a buzina. O idiota estava determinado a me fazer bater na traseira dele, ou ficar nauseada com o constante vai e volta. Este carro era suave e rápido, e eu virei, dando a ele o dedo do meio ao passar por seu carro. Então, porque eu estava no limite, fiz a mesma coisa com ele. Entrei de supetão na frente e pisei no freio. — Eu ouvi coisas. Estava curiosa, então os procurei na internet. Não achei nada muito interessante, mas essas tatuagens significam alguma coisa, não é?

Mais uma vez, depois de suspeitar que Mac não era um homem comum, tentei fazer mais pesquisas sobre ele. Nunca consegui encontrar qualquer coisa que insinuasse alguma coisa. Nem uma pista do caralho. Até que perguntei a um velho gângster que morava em

nosso bairro se ele sabia o que significava a tatuagem do lobo.

— *Sim* — ele disse. — *Más notícias. Os Scarpone possuem essa tatuagem. O que significa que se deve ficar do lado oposto do mundo deles, se puder.*

— Não importa. — Mari ignorou a menção às tatuagens, claramente tentando minimizar o fato de que seu marido também tinha uma. — Eles ficaram nos encarando. Isso me assustou.

— Deveria assustar mesmo. Eles são loucos.

— Sim, captei isso.

Ela tinha sua merda para lidar. Eu também. Nenhuma de nós queria tocar no assunto. Talvez mais tarde, mas não era a hora certa. Sabia que meu marido estava com problemas, ele estava no meio de uma guerra, e mesmo que o marido dela estivesse no mesmo jogo que o meu, era melhor manter nossos segredos por enquanto.

— *Más notícias.* — Soltei um suspiro. — Não há mais estatuetas.

— O que aconteceu com elas?

— Alguém comprou tudo. — Verifiquei meu retrovisor interno e então segui um caminho diferente. — Talvez você possa encontrar outra loja que as tenha. Elas são francesas, como você imaginou. Antiguidades. O vendedor disse que são raras. Supercaras. Ele me disse para tentar um lugar em Paris e até anotou o nome. Está no meu bolso.

Disse a ela para perguntar à sua amiga Scarlett se ela conhecia o lugar. Scarlett era casada com Brando Fausti, irmão de Rocco Fausti. Scarlett já foi bailarina na França.

Depois de alguns minutos, Mari olhou ao redor.

— Para onde estamos indo, Kee?

— Para a casa do Harrison. Disse a ele que passaria lá mais tarde, mas então você ligou. Queria entregar a luva de beisebol que ele usava quando era pequeno. Quando saímos da casa de mamãe, de alguma forma a luva acabou ficando no meio das minhas coisas, e eu sempre dizia a ele que esquecia em casa toda vez que ele me pedia. A verdade é que a levei para a *Home Run* sem dizer a ele, e pedi a Caspar para emoldurá-la com sua camisa antiga. Queria fazer uma surpresa. Nunca comprei para ele um presente de inauguração da casa. E ele adotou um cachorrinho. Estou morrendo de vontade de ver.

A verdadeira razão pela qual eu queria ir, era porque queria que Mari e Harrison parassem de se evitar. Mesmo que não houvesse nada

romântico ali, eles ainda podiam ser amigos. Senti falta de todos nós estarmos juntos.

— Não acho que seja uma boa ideia, Kee. Eu deveria ir para casa.

— Qual é, Mari. Você ainda pode ser amiga dele. Não precisamos ficar muito tempo.

Ela assentiu com a cabeça, mas ficou calada durante o trajeto, verificando o retrovisor de vez em quando. Eu também, porque por algum motivo, depois que saímos, tive uma sensação muito ruim naquele ponto sensível na minha nuca. Como se algum animal selvagem estivesse prestes a dar uma mordida.



Houve um certo constrangimento entre Harrison e Mari quando chegamos à casa dele, mas eu sabia que depois de um tempo, tudo se resolveria e as coisas ficariam bem. Estaríamos estabelecendo um novo normal e talvez, com mais tempo, Mac pudesse até ser recebido em nosso grupo como família.

Harrison estava saindo com a prima de Mac, Gigi, desde o casamento de Mac e Mari. Gigi era uma grande atriz na Itália e, embora fizesse meu irmão sorrir mais do que eu jamais o vira sorrir — embora ele se recusasse a admitir —, eu não gostava dela. Ela tinha alguma coisa contra Mari por algum motivo, e isso não me agradou. Também não me agradou que Harrison parecesse estar usando Gigi para deixar Mari com ciúmes, mas isso era problema deles e, pela primeira vez, eu estava mantendo meu nariz fora disso.

Embora pelo bem do relacionamento que tivemos — meu irmão, Mari e eu —, eu queria que eles resolvessem isso. Eu sentia falta do meu irmão. Sentia falta da minha irmã. Esta merda precisava acabar.

Parecia uma boa ideia depois de vê-los juntos, mas então Mac apareceu depois que Mari pediu licença para usar o banheiro. Era como se ele tivesse cronometrado sua chegada para o segundo em que Mari entrava na casa.

Ele atravessou o gramado de Harrison, uma expressão em seu rosto que eu nunca esqueceria — um maldito marido ciumento em

busca de vingança —, e deu um soco no rosto de Harrison.

Meu irmão o viu chegando e aceitou o desafio.

Vivi com meninos durante toda a minha vida. Deixei que eles falassem por um tempo, porque geralmente, depois que eles se esmurravam, eles ficavam quites.

Foi um espetáculo muito bom também, já que os vizinhos decidiram trazer cadeiras e vê-los trocando socos como dois cachorros que foram soltos de uma jaula.

Perguntei-me o que Cash pensaria sobre isso, mas parei de pensar nele quando um carro deu uma ou duas voltas. Algo sobre isso não parecia certo para mim.

De novo. O formigamento.

Talvez eu estivesse saindo demais com gângsteres, ficando paranoica, mas algo me dizia para manter os olhos abertos. Não poderia fazer isso com os dois animais no gramado da frente, rolando na grama, começando a tirar mais sangue.

Casualmente, peguei a mangueira, acionei o jato mais forte e depois mirei no meu irmão e Mac. Os dois levaram um instante para perceber que eu estava jogando água fria neles. Harrison foi vítima de uma mangueirada ao longo dos anos, mas duvido que alguém já tenha tido a coragem de jogar água desse jeito em Mac.

Eu daria uma surra nele também, se ele enchesse o saco. Eu, definitivamente, não estava para gracinhas. Estava no meu limite.

Meu irmão se levantou primeiro, com as mãos em rendição. O sangue escorria de sua boca. Mac se levantou logo depois, e eu o acertei no peito com a água novamente, porque eu poderia dizer que a ira ensandecida ainda se mostrava com força naqueles olhos azuis frios.

— Chega! — gritei. — Vocês dois!

— Eu... — Meu irmão foi se defender, mas eu o acertei com o jato novamente, mirando sua boca.

— Harrison — manteve a voz baixa. — Pare com isso. Você sabe que não vou desistir até que pare com as desculpas. Agora entre logo dentro de casa antes que você pegue um resfriado!

— Cagão — Mac murmurou, enquanto Harrison se afastava. Harrison lhe mostrou o dedo do meio.

Atingi Mac com a mangueira novamente.

— Você! Vou pegar algumas roupas secas, mas só se você fechar

a boca!

Ele estreitou os olhos para mim, e eu estreitei de volta. Ele não ia me intimidar. Se ele fosse fazer parte desta família, seria tratado como todos os outros. Não pisaria em ovos perto dele só porque ele era um fodão. Ele poderia se juntar ao clube.

Os olhos de Mac se moveram dos meus para a varanda do meu irmão. Mari tinha saído, o cachorro logo atrás dela.

— O que você está fazendo aqui, *mio marito*? — ela perguntou.

Ele não respondeu, e tive a sensação de que ele estava esperando que eu lhes desse um pouco de privacidade.

Peguei a mangueira e comecei a enrolar, indo para a lateral da casa. Ainda ouvi sua resposta, no entanto.

— Vim buscar minha esposa. Ela fugiu de mim.

Sim, devia ser algo na porra da água ultimamente. Eu teria colocado a culpa na lua cheia, mas uma merda maluca parecia estar acontecendo noite e dia.

Enrolei a mangueira, ficando escorada na lateral, de costas para a casa de forma que pudesse observar a rua. Alguns minutos se passaram e o mesmo carro começou a se aproximar novamente. Não conseguia ver além das janelas, porque os vidros eram muito escuros.

— Você já viu aquele carro antes? — indaguei a eles, contornando a casa.

Mac e Mari olharam na mesma direção que eu. Ele estava de joelhos na frente dela. Depois que notou o carro, ele se levantou, mantendo Mari atrás dele.

— Não — Mari disse, movendo sua cabeça ao redor dele para ver melhor. — Nunca vi.

— Eu já — comentei. — Já passou algumas vezes.

— Abaixa! — Mac rugiu. Sua voz era geralmente irregular, mas saiu com clareza. Ele empurrou Mari para o chão, mas tudo que pude fazer foi assistir.

Meu corpo inteiro congelou, e tive o pensamento mais estranho quando isso aconteceu. Cash Kelly. Não era minha mente. Era o meu coração. Ele clamava pelo meu marido. Talvez porque soubesse que estava prestes a engolir algumas balas.

Então, eu estava no chão. O corpo de Mac pousou em cima do meu quando as balas atingiram a casa, bem onde eu estava. Soaram

como fogos de artifício explodindo ao meu redor durante o dia. *Pop. Pop. Pop. Pop. Pop.*

Não tinha certeza do que aconteceu quando o som de tiros desapareceu. Parecia que tudo aconteceu em um borrão de tempo, e eu estava presa no chão, ainda congelada. Mas conseguia ouvir. Consequia ouvir tão claramente as palavras se movendo ao meu redor. Eram tão altas quanto o tiroteio.

— Ligue para Kelly e informe-o — Mac disse. — Ele precisa saber disso. Não há como dizer com quem ele fodeu e irritou. Isso pode ser uma retribuição na forma de uma vida que ele considera importante para si.

— Como você sabia sobre...

— Ao trabalho, Harry Boy. Não é seguro conversar na rua.

As sirenes se aproximaram.

— Mac? — meu irmão chamou. — Você salvou minha irmã.

— Certifique-se de dizer a Kelly que ele me deve uma.

Hell's Kitchen estava oficialmente fervendo, e eu finalmente me queimei.



CAPÍTULO 24

Cash

Encerrei a ligação. Encarei a parede do meu escritório por um, dois, três segundos. No quarto, o estrondo explodiu dentro do meu crânio e me levantei, indo em direção à porta. Do lado de fora, destranquei o *Hellicat* preto fosco blindado que comprei de um cara que Rocco conhecia. Ele realmente conhecia um cara que conhecia um cara — ele era o melhor no ramo e só respondia a homens como Rocco. Se ele fez o pedido, você estava dentro.

Havia algum tráfego nas ruas, mas cheguei ao meu destino sem problemas. Estacionei, desliguei o carro e procurei no console a faca que havia escondido ali. Como meus ternos eram feitos sob medida, coloquei-os dentro do bolso que sempre mandava os alfaiates adicionarem na parte interna do paletó.

Entrei no prédio e subi dois lances de escada. Molly, a viúva do meu pai, abriu a porta na segunda batida.

Ela não disse nada e nem eu por um minuto ou dois.

Molly e eu sempre nos demos bem, mas depois da morte do meu pai, o que tínhamos em comum acabou. Eu a via às vezes, mas isso era tudo.

Minha paciência era lendária, então, com um suspiro, ela deu um passo para trás e abriu a porta.

Nada do meu pai permaneceu dentro do apartamento. Nem fotos. Não demorou muito para ela seguir em frente. Ao longo dos anos, eu ficava sabendo sobre os homens com quem ela ficava, mas ela estava há bastante tempo com o homem fumando no que costumava ser a escada de incêndio do meu pai. A janela estava aberta, e ele virou a cabeça, encontrando meus olhos.

— Cash Kelly. — Brian Grady deu uma tragada no cigarro e soltou em uma longa baforada. — Veio me dar um ultimato para sair daqui?

Brian Grady era o irmão mais novo de Cormick e tio de Lee. Ele era um cara decente que não se intrometia nos negócios da família, a menos que estivessem em apuros. Lee o admirava, porém, e eu sabia que quando ele precisava de um ouvido, era Brian quem o ouvia e o aconselhava.

— Você não faria isso! — irritante, Molly Linguaruda gritou atrás de mim.

Killian costumava chamá-la assim. Ele nunca gostou dela. Eu era morno, sem me importar com nada, como sempre fazia. Mas a razão pela qual ela, de repente, ficou tão interessada em minha vinda aqui foi porque meu pai deixou oitenta por cento do prédio para mim. Os outros vinte por cento eram dela.

Como eu tinha a maior fatia, se decidisse vender, ela teria que comprar a minha parte ou vender a dela. Molly morou aqui a maior parte de sua vida e se sentia confortável por não ter que pagar aluguel, vivendo com o que quer que meu pai tenha deixado para ela, então não queria problemas comigo. Mas sua configuração padrão quando ela estava chateada era gritar.

— Se manda daqui, Molly — eu disse, nem mesmo me virando para olhar para ela. — Esse temperamento não vai levar você a lugar nenhum comigo.

As coisas se acalmaram, mas pude decifrar sua reação pela expressão no rosto de Brian. Depois de um momento, ele deu outra tragada no cigarro e assentiu. Senti o ar se agitar quando ela saiu. Cinco segundos depois, bem na hora, a porta do quarto dela se fechou com um baque.

— Se eu quisesse você fora deste apartamento — eu disse — não precisaria ser dono da maior parte do prédio para fazer isso.

— Verdade — ele concordou, olhando para mim. Sua cabeça estava voltada na minha direção, mas seu corpo estava retesado. — Negócios, então.

— Pessoal. — Enfiei a mão dentro do terno, puxando a faca. — Você ou eu, mas de qualquer forma, você está entregando a mensagem.

Ele estreitou os olhos para mim.

— Você está fazendo isso por sua esposa?

— Faria muito pior por muito menos que fosse feito a ela.

— Eu disse a Lee — ele disse. — Disse a ele para não foder com sua mulher. Também o aconselhei a não se envolver com os Scarpone. O menino até dá ouvidos quando capta as palavras. No resto do tempo, ele só ouve cifrões. — Ele deu de ombros, virando-se para a frente, apagando o cigarro na escada de ferro fundido.

Levou mais um minuto ou dois, e então balançou a cabeça.

— Ele vai morrer de qualquer maneira — falou. — Mas eu entendo. Ele vai ficar puto o suficiente para encontrar você, se os Scarpone não chegarem até ele primeiro. — Suspirou, se levantando, então esticou os braços sobre a cabeça, mexendo os nove dedos que tinha, e usou a janela para entrar no apartamento.

O cheiro de fumaça permanecia em suas roupas enquanto ele vasculhava uma gaveta da cozinha por um minuto. Puxou uma faca, usada para cortar entre os ossos de um animal prestes a ser servido para o jantar. Brian sabia se virar em um açougue, já que seu irmão e seu avô haviam sido açougueiros.

Ele ergueu a faca para mim.

— Se importa se eu usar a minha própria?

— Prefiro manter a minha limpa.

— Contanto que isso sirva.

— Isso ou o seu coração?

— O dedo vale mais que um coração. Você pode fazer mais com isso.

— Não tenho nenhum problema em tomar seu coração, já que não vale nada.

Ele me encarou por um longo segundo antes de segurar a faca com mais firmeza, provando que suas palavras não passavam de balela.

Ele não queria morrer porque seu sobrinho era um maldito idiota.

Colocou a mão no bloco de cortar no balcão. Ainda tinha pedaços de cenoura. Ele estreitou os olhos por um segundo e, então, levantando a faca, desceu com um golpe forte. Seu dedo médio se desconectou de sua mão assim que a faca se conectou com o bloco. Ele se inclinou um pouco antes de se endireitar. A ponta da unha ainda tinha um hematoma de sangue onde ele deve ter acertado com um martelo.

Ele deve ter feito isso quando estava pendurando uma foto dele e Molly tirada no bar de Sullivan. Notei o martelo e os pregos em uma mesa logo abaixo de onde a foto estava pendurada quando caminhei pelo apartamento. Era o mesmo lugar onde ela tinha uma foto dela e do meu pai na época.

Entreguei a ele um pano de prato que estava pendurado na alça do forno. Ele aplicou pressão por um minuto antes de usá-la como torniquete. Ergueu as duas mãos, um sorriso no rosto.

— Pelo menos agora elas combinam.

Meu pai havia cortado o outro dedo do meio anos atrás, quando outra guerra estava acontecendo entre Cormick e meu pai.

— Considere seu nome agora como Peru Entalhado — eu disse. — Mais um movimento contra a minha esposa, e vou servir você para o seu sobrinho em uma maldita bandeja.

Ele acenou com a mão para mim, o sangue escorrendo pelo pano de prato, como o louco filho da puta que ele era.

— Vou me certificar de dizer a ele.

Brian era como um pai para Lee e, depois de perder o seu, não iria arriscar. Sempre que Lee estava em apuros, Brian o escondia ou o tirava de lá. Desta vez, porém, Brian sabia que o fim do jogo estava chegando — por meio dos Scarpone ou por mim. Brian pode não convencer Lee a desistir de todo o jogo, mas ele o convenceria a deixar minha esposa fora disso, ou ele pagaria o preço pelas decisões de seu sobrinho.

Ao fechar a porta do apartamento, ouvi Molly gritando lá dentro. O volume dos berros chacoalhou meu crânio até que eu estivesse a cerca de dez minutos de distância e consumido pelo meu próprio caos. A loucura aumentou um pouco depois que parei na casa de Harry Boy e a encontrei cercada por policiais.

Acenei para Harry Boy, que estava conversando com um detetive, enquanto me aproximava de sua porta. Minha esposa estava sentada na varanda e, quando me viu, ela se levantou. Seu rosto se tornou uma máscara, mas não antes que eu percebesse o alívio que surgiu em seus olhos antes que ela endurecesse sua determinação.

Ela poderia atuar em um palco da Broadway para milhares de pessoas, enganando cada um, mas não havia como me enganar. Ela me queria aqui, não importa o quanto desprezasse isso. Minha teoria foi comprovada quando a peguei pelo braço, levando-a em direção ao carro, e ela não resistiu.

Depois que abri a porta para ela, Keely me encarou, como se tivesse algo a dizer. Ou talvez esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Em vez disso, levantei a mão e, rocei com as pontas dos dedos a pele sedosa de seu rosto; em seguida, coloquei um cacho selvagem atrás de sua orelha. Seus olhos se fecharam, e sua mão rodeou meu pulso com um aperto firme. Ficamos assim por um minuto ou dois, até que ela abriu os olhos, balançou a cabeça e entrou no carro.

E fechou a porta com força antes que eu tivesse a chance de fazer isso.



CAPÍTULO 25

Cash

Rocco Fausti veio me ver um dia depois que a casa de Harry Boy foi alvejada e minha esposa quase foi crivada de balas.

Era exatamente o que deveria ter acontecido comigo se fosse Lee Grady ou os Scarpone no clube de campo.

Era difícil identificar quem ordenou o ataque, mas isso realmente não importava no fim das contas. Eles estavam juntos nessa guerra — até que se viraram um contra o outro. Alguém iria encontrar um morto em breve. Minhas apostas eram em Grady fluando primeiro.

A família Scarpone era conhecida por mastigar as próprias pernas para salvar seus corações, e seria preciso mais do que Grady para destruí-los.

Ah. Lee Grady. Esta foi a sua grande chance, e eu a vi explodir bem na frente dos meus olhos. Ele podia não mastigar toda a perna para salvar seu coração, mas arrastaria a perna destrocada, ainda tentando me acertar antes de seu último suspiro. Especialmente desde que Brian perdeu um dedo.

De qualquer maneira, entre mim e Macchiavello, quase

paralisamos ambas as operações.

Rocco me observou por um momento, tomando um gole de uísque, sorrindo.

— Não foi a noite que eu esperava, mas o fim é o fim, ah? Caminhões de *verdura*. — Ele balançou sua cabeça.

Inclinei-me um pouco para frente no meu assento, observando seu rosto.

— O que Macchiavello vai querer com isso? Foi muito dinheiro que pegou fogo.

Era quase impossível arrebentar a barreira que os Scarpone e Grady haviam erguido no cais. Havia muitos homens rastejando por ali, procurando qualquer desculpa para colocar uma bala em alguém, mesmo quando eles presumiram que fui eu quem perdi a vida naquela explosão em Hoboken quando o negócio foi fechado.

No entanto, os Scarpone e Lee Grady cometeram um grande erro — eles *presumiram*.

Em vez de vigiar os caminhões, eles colocaram toda a mão de obra no cais, não nos caminhões que saíam com milhões de dólares em drogas.

Mesmo que eles tivessem mais segurança nos caminhões, eu não os deixaria passar de um certo ponto. Então o impedi e os explodi, mas não sabia o que isso me custaria com Macchiavello.

Rocco tomou outro gole de uísque e colocou o copo na mesa. Ele ajeitou a gravata e se sentou com mais conforto.

— Nada. O trabalho está feito. No entanto... — Tirou outro cartão do bolso e o colocou sobre a mesa, empurrando-o para mais perto de mim.

Outro favor.

Devia minha vida a ele por salvar minha esposa, então peguei o cartão de imediato.

— Considere feito.

Ele assentiu.

— Você provou seu argumento aqui. Fez o que precisava ser feito. Embora Grady esteja retaliando, ele não é tão poderoso quanto costumava ser. Você comanda *Hell's Kitchen* agora, assim como seu pai. — Ele me observou por um minuto. — Entrarei em contato quando for a hora. — Acenou com a cabeça em direção ao cartão. — Será em breve.

Você precisará de alguns de seus melhores homens. Homens em quem confia o máximo que puder. Dê poucos detalhes, exceto isto: a vida deles estará em risco se eles não chegarem na hora exata e fizerem exatamente o que você disser. A vida de um homem dependerá deste exato momento... um homem que considero como se fosse do meu sangue.

— Vou cuidar disso...

Ele balançou a cabeça.

— Pegue sua esposa e vá para algum lugar. Você comanda isso agora. — Ele olhou ao redor. — E deve ficar o mais longe possível do caos que se seguirá depois. Se você provar ao mundo que tem homens competentes e perigosos que o seguem — ele deu de ombros —, você ganhará respeito do meu lado do mundo.

— Stone — eu disse. — Ele vai se envolver nisso tudo.

— Todo mundo que tem alguma relevância se envolverá no assunto, haverá uma reunião com as famílias depois que isso for feito. As coisas vão mudar. No entanto, Stone está fora de cena.

Entrecerrei os olhos. Embora eu entendesse sua linguagem sutil, às vezes, as coisas se perdiam na tradução.

— Ele foi suspenso do serviço. — Rocco tomou outro gole e se levantou. — Ninguém fode com a minha família e sai impune.

Balancei a cabeça, ficando de pé, e ofereci a ele minha mão. Nós nos cumprimentamos e ele apertou meu ombro.

— Conte-me sobre a outra ameaça — ele falou.

— Mesma merda, dia diferente. — Eu sorri. Não era nenhuma surpresa que ele soubesse sobre o clube de campo... o que quer que tenha sido aquilo. Ele também sabia que antes de resolver o problema, eu tinha que ter certeza de que meu dedo estava apontando na direção certa.

Rocco pareceu pensar por um minuto antes de assentir.

— Bem. — Ele apertou minha mão ainda mais forte e então foi para a porta. Ele parou antes de abrir e disse uma palavra: — *Dolce*.

Depois que ele se foi, recostei-me na cadeira, olhando para a parede.

Dolce.

O restaurante que os Scarpone usavam como fachada. Era seu orgulho e alegria pessoal. Um lugar que eles usavam para eventos

familiares e, em alguns domingos do mês, eles se reuniam para jantares em família.

O chefe da família Scarpone, Arturo, estava paranoico com muitas pessoas memorizando sua rotina depois que um homem chamado Corrado Palermo, um dos seus mais próximos, tentou cortar sua garganta. Arturo mudava de vez em quando para manter os inimigos na dúvida. Também tornava mais fácil identificar o traidor em sua família se outra tentativa fosse feita contra sua vida. Ele manteve seu círculo o mais fechado possível depois que a primeira tentativa falhou.

Assobieei longa e lentamente, então tomei um gole profundo do meu uísque. Desceu como mel e causou um belo fogo na boca do meu estômago.

Talvez não fosse o uísque fazendo a mágica; talvez fosse o que estava prestes a acontecer. Dolce só queria dizer uma coisa.

Macchiavello ia acabar com qualquer porra de vingança que ele tinha contra eles, e ele ia usar alguns dos meus homens no jogo. Depois que se espalhasse a notícia de que eu fazia parte disso, eu seria considerado o verdadeiro negócio para as famílias e para o meu próprio povo, mais forte do que meu pai.

Nesta vida, nada nunca era dado de graça. Tudo precisava ser conquistado.

Você queria respeito. Você teria que abrir mão de um pouco de sangue. E eu doeie bastante.



CAPÍTULO 26

Cash

Cerca de um mês depois, recebi a ligação de Rocco. O plano era simples, limpo e sem problemas, mas ele insistiu que eu precisava sair da cidade antes que o trabalho acabasse.

Decidi levar minha esposa para a Irlanda, junto com Maureen e as duas crianças. Keely insistiu, já que Ryan agora tinha idade para viajar.

Aluguei um avião particular e saímos de Nova York cinco minutos antes de meus homens invadirem Dolce com as armas em punho. As instruções eram claras — eliminar determinadas pessoas e apenas essas pessoas. O resto não era minha preocupação.

Rocco me ligou enquanto estávamos em algum lugar sobre o Atlântico.

— *Ouvi dizer que o tempo estava bom para um bom voo.* — Então, desligou.

Isso significava que qualquer dívida que eu tinha com Macchiavello havia sido paga integralmente... e estávamos quites.

Antes de voltarmos para Nova York, eu estava determinado a acertar as contas com a mulher que atirou punhais em mim enquanto

eu dirigia pelas ruas de Derry, na Irlanda do Norte. Fiz arranjos para que Maureen e as crianças passassem um tempo com uma prima que ela tinha em Dublin. Dali, eram três horas de carro, e a viagem havia sido quase silenciosa.

Minha esposa passou o tempo tirando fotos, apenas me pedindo para diminuir a velocidade na placa de Free Derry e, em seguida, olhando para a câmera depois de tirar algumas. Mesmo depois de chegarmos à casa em que passei alguns anos quando criança, mal trocamos uma palavra.

Ela parou no corredor depois que coloquei suas malas no chão.

— Este lugar pertence à sua família?

— A mim — eu disse, observando seu rosto.

Seu pescoço estava tingido de vermelho. Parecia que ela tinha muito a dizer para mim, mas se recusava. Seu temperamento estava subindo pelo pescoço, sem lugar para onde ir, já que ela se negava a dizer o que realmente pensava.

— Pertenceu aos meus avós antes.

— Onde vou dormir?

Balancei a cabeça em direção ao quarto principal.

— Comigo.

— Não — ela disse, indo pegar sua bolsa, mas estendi a mão para detê-la. Ela a deixou cair com um baque no chão.

— Estou apenas cumprindo minha parte no acordo. Eu janto com você. É isso, Kelly.

— Você não come — falei. — Só eu.

Ela estava magra pra caralho. Eu parecia tão cansado quanto o próprio diabo depois que ele tentou converter uma mulher teimosa. Nossas guerras internas finalmente vinham através do físico.

Que porra estávamos fazendo? Que porra *eu* estava fazendo?

Como cheguei aqui? A ponto de me importar se esta mulher comia ou não comigo. Importando-me se essa mulher transava comigo ou não.

Eu me importava, porque, de repente, ela parecia vital para mim. Como uma graça salvadora com olhos celestiais e uma língua perversa que tinha um poder perigoso sobre mim. Sua presença suavizava minhas defesas, como uma canção de ninar, mas sua coragem, seu caráter íntegro, me fizeram confiar.

Eu confiava nela. Completamente.

Mesmo que ela odiasse pensar em mim no momento. Confio nessa mulher, porra.

O que diabos fiz comigo mesmo?

Péssimo caráter, sem coração, ela me queria ainda assim. Ela odiava ter me aceitado. Odiava me amar sem expectativas. Ela me amava independentemente das coisas que achava que eu fiz de errado.

Seu amor subjugou o ódio, colocando-o de joelhos, fazendo-o gritar de raiva antes de perdoar e implorar por misericórdia.

Ela me ama.

Roubei seu coração, sem realmente entender as consequências de realmente reivindicar um coração como o dela.

O amor era como a morte nesse sentido. Não conseguimos decidir.

A percepção enviou um choque ao meu peito e me tirou dos meus pensamentos. Eu pisquei, percebendo o quão duro estava olhando para ela. Tive que me impedir de fazer isso de novo, de permitir que ela me consumisse completamente.

— Kelly — ela disse, me encarando. O calor subiu de seu pescoço, manchando suas bochechas. — O olhar em seu rosto.

— Você não pode ler meu rosto — eu disse, embora soubesse que ela podia. Que porra perigosa... nem mesmo meu pai poderia ler meu rosto. Meu gêmeo era o único que o fazia.

Ela semicerrou os olhos, apontando para os meus, movendo o dedo da esquerda para a direita.

— Eu o fiz. E não gosto do que senti depois. — Então, balançou o dedo para mim, como se eu estivesse sendo um filho da puta travesso.

— Esclareça os desorientados.

— Você se deu conta de alguma coisa.

— E se eu tiver me dado conta?

Ela levou a mão ao pescoço, provavelmente para esfriar a sensação ardente na pele.

— Sou madura o suficiente para admitir que sei o que isso significa, mas me recuso a falar sobre o assunto. Porque isso — ela fez um gesto entre nós — é o que é. Pensei que talvez tivesse uma chance de ir a algum lugar, mas eu estava errada. Errada pra caralho.

Apontei para trás dela, na direção do quarto principal.

— Seu quarto.
— *Não* vou dormir com você.
— Vou ficar com o outro aposento. — Ela ficou parada por um minuto, olhando para mim, esperando, então peguei a mala dela e a minha, passando por ela, deixando a que lhe pertencia na porta do quarto. — Esteja pronta às oito. Jantar.
— Estou cansada — ela disse.
— Vou esperar.



Ela estava pronta às oito em ponto.
Eu duvidava que ela estivesse com fome, apenas tentando provar que eu estava errado se deduzisse que ela me faria esperar até altas horas para jantar.
Keely olhou para mim, e eu olhei para ela.
Estava toda vestida de preto, e com a cor de seu cabelo, ela me lembrava de um incêndio no meio da noite. E aqueles olhos azuis celestiais, meu céu, estavam tingidos de vermelho.
— Não importa o quanto você me olhe assim, não vou me deixar influenciar por isso, Kelly. — Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, sua aliança de casamento refletindo a luz por um breve segundo. Ela usou o dedo indicador para limpar o canto do olho. Então, olhou para mim novamente. — Que desperdício.
— Eu... — comecei.
— Não. — Ela balançou a cabeça. — O que há entre nós, a esperança de que isso possa crescer. Eu aceito você. Isso. Para o que é. Porque acredite ou não, por um tempo, parecia perfeito. Como deveria ser. Mesmo com as circunstâncias fodidas que trouxeram você até mim. — Ela tocou seu pescoço, sobre seu pulso latejante. — Mas quando olho para Cee Cee e Ryan, em sã consciência, não posso aceitar adicionar veneno a nenhuma comunidade. Não assim. Não quando chega tão perto de casa.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ou ela pudesse ver a verdade em meu rosto novamente, ela passou por mim em um

redemoinho. Seu perfume ousado, habitual, havia mudado. Cheirava a metal. O cheiro de seu sangue. Ela abriu uma veia bem à minha frente, nem mesmo esperando que eu a costurasse, mas fez isso porque acreditava em uma causa que achava que eu estava fodendo.

Estava bem atrás dela enquanto ela se dirigia para o carro. Eu sabia que seria uma viagem tranquila, e foi. Ela virou o rosto, olhando pela janela. Nós estacionamos, e mesmo enquanto caminhávamos pelas ruas, ela manteve distância, mantendo-se ocupada com as vistas ao redor ao invés de mim.

Eu a encaminhei para o antigo pub perto de Waterloo e, quando entrei, o barulho pulsou dentro da minha cabeça depois de estar cercado por seu silêncio por tanto tempo. Peguei o casaco de minha esposa e coloquei sobre a cadeira no bar. O suéter preto que ela usava chegava ao seu umbigo, e sua calça preta cobria as longas pernas. Seu cabelo era uma tempestade selvagem de cachos ruivos, e seus olhos azuis brilhavam sob as luzes fracas, tornando as poucas sardas sobre o nariz mais pronunciadas.

Ela era perfeita pra cacete, e estava atraindo a atenção. Olhei para um maldito idiota até que seus olhos se desviaram da minha esposa para mim. Ele se virou um segundo depois, rindo com seu bando de amigos maricas.

Minha esposa me deu um tapinha na mão e, quando olhei para ela, ela tinha uma expressão de expectativa no rosto.

Ela acenou com a cabeça para a garçonete.

— Comida de bar é boa para você, Kelly?

Balancei a cabeça, virando-me para olhar a garçonete nos olhos.

— E uísque. Mantenha nossos copos cheios.

A garçonete ficou parada por um momento, olhando para mim como se tivesse visto um fantasma. Seu cabelo era preto e seus olhos eram azuis, mas não tinham o mesmo poder que os de minha esposa.

— Kelly — ela repetiu.

Sorri para ela, e sua respiração acelerou.

— Não é a primeira vez que você vê um homem que se parece comigo — comentei. — Diga-me onde ele está.

— Quem? — ela perguntou, mentindo descaradamente. Suas mãos tremiam contra o velho balcão. Sua mão esquerda tinha uma aliança lisa de ouro.

— Killian Kelly — respondi, sinalizando para o homem que trabalhava ao lado dela. — Dois copos. Uísque. — Então, olhei de volta para ela. — Você pode me dizer agora. — Dei de ombros. — Ou eu espero.

— Aviso justo — minha esposa murmurou, pegando o copo do barman. — Ele tem a paciência de um santo.

— Você vai esperar muito tempo — a garçonete disse, de repente em tom venenoso.

— Duvido. Assim que a música ao vivo começar.

Seus olhos se arregalaram.

— Ele não quer ver você.

Relaxe, colocando um braço atrás do assento da minha esposa, tomando um gole do meu uísque. Um homem veio da sala dos fundos segurando um violão, e a garçonete se esforçou para sair de trás do bar, abrindo caminho pela multidão.

Um homem que se parecia comigo conduziu sua cadeira de rodas em direção ao palco, a multidão deu tapinhas em suas costas, deixando-o passar, antes que ele subisse a rampa inclinada e ocupasse seu lugar na frente da luz.

A garçonete não foi rápida o suficiente. Sua entrada a impediu de alcançá-lo a tempo. Ela ficou na frente do palco, acenando para ele, mas ele apenas acenou de volta. Ele começou a cantar. Em vez de observá-lo, porém, meus olhos estavam em minha esposa. Seus olhos estavam grudados no palco e, quando ela finalmente se virou para mim, pegou seu uísque e o bebeu de uma só vez.

— Ele canta — comentou, sua respiração era como fogo direto que foi para meus pulmões.

Balancei a cabeça.

— Ele pode *realmente* cantar — ela completou. A ênfase de suas palavras era focada no fato de que ele cantava, não em sua cadeira de rodas.

— Parece que a música é uma coisa com gêmeos irlandeses — eu disse.

— Você sabe cantar?

— Só porque sei não significa que eu faço — observei.

— Isso não é realmente uma resposta.

— Se tem listras e dentes como um tigre — dei de ombros — é

um, querida.

Ela observou meu rosto, seu choque e curiosidade diminuindo quanto mais ela fazia, e então se voltou para o palco. Voltei-me para minha comida, comendo o que o barman havia trazido. De vez em quando ela dava uma mordida ou duas, mas quase não comia nada.

Ainda estava em greve.

Deixando meu guardanapo no prato, suspirei, voltando-me para o palco. Ele havia mudado para a merda lenta e comovente. Os ombros de minha esposa pareciam caídos. Lentamente, virando seu banquinho para mim, encontrei lágrimas escorrendo por seu rosto. Ela nem se incomodou em limpá-las.

— Esta música é para você — ela sussurrou, colocando a mão na garganta. Estava propositadamente controlando a respiração, tentando não perder a cabeça por causa da merda dele.

— Porra nenhuma — eu disse, virando outro copo de uísque. — Só existo em canções, em sonhos, para ele.

A música terminou sob aplausos e, após agradecer a multidão, ele seguiu para fora do palco, encontrando a garçonete. Ela se inclinou e, assim que o fez, ele agarrou seu rosto e a beijou. Quando se afastou, um sorriso esticou os cantos de sua boca, e era sempre estranho ver meu rosto com esse tipo de liberdade nele.

O sorriso fácil se desvaneceu assim que a boca dela se aproximou de seu ouvido. Seus olhos se estreitaram e ele começou a procurar. Não demorou muito para me encontrar.

Levantei a mão e sorri, mas não foi nada amigável. Eu estava contra a parede, uma versão de mim que amava mais do que a mim mesmo, e tive que endurecer minha determinação em relação à rejeição.

A multidão se abriu enquanto ele se movia em minha direção mais rápido do que poderia se suas pernas funcionassem.

Ele parou ao lado do meu banquinho.

— Quando isto aconteceu? — perguntei, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. — Até onde eu sei, em sua ocupação, beijar romanticamente é proibido. Você escreveu na carta para seu “Querido irmão” que estava voltando para a Irlanda para se tornar um padre.

— Vá embora — ele disse, apontando para a porta. Seu rosto estava corado por conta da apresentação e o suor cobria sua pele. Ele se

parecia comigo depois de um treino intenso para queimar um pouco de energia.

— Depois de conseguir o que quero — falei, forçando minha voz a relaxar. Seu sangue corria pelo meu, e a rejeição parecia um órgão vital negando seu corpo.

Seus olhos se encontraram com os meus, me conhecendo tão bem quanto eu o conhecia. Eu não me moveria até que ele o fizesse.

— O que você quer? — Sua voz era baixa, rouca, cheia de ressentimento.

— A verdade — respondi, me levantando. Agarrei a jaqueta de Keely e, depois que ela se levantou, eu a ajudei a vesti-la. — Amanhã. Me encontre em Gweedore. Leve-a com você.

Ele não estava olhando para mim, no entanto. Estava olhando para minha esposa.

Keely o encarava de volta. Então, sem avisar, ela estendeu a mão para a mulher de cabelo preto e olhos azuis, apresentando-se.

— Keely Kelly — ela disse, apertando a mão da mulher, mas olhando de soslaio para o meu irmão.

— Porra! — ele exclamou, seu olhar alternando entre mim e ela. — Você se casou, Cash. Seu bastardo egoísta.

Os músculos de seus braços se contraíram com a pressão que ele tinha sobre os aros de sua cadeira de rodas.

— Duvido que você precise do meu nome — a mulher ao lado de Killian disse, esfregando a mão na calça jeans, olhando para mim enquanto o fazia.

— Não, seu nome não importa — Keely disse. — Só queria que vocês dois soubessem quem *eu* sou.

Ela se aproximou de mim, não deixando o menor espaço entre seu corpo e o meu.

Ali, naquele momento, ela fez sua escolha, não importa quem eu fosse, e ela estava me reivindicando como eu a reivindiquei em nossa noite de núpcias. Os arranhões, aquelas marcas que ela fez nas minhas costas arderam diante da lembrança.

Coloquei minha mão na parte inferior das costas de minha esposa, prestes a guiá-la para longe.

— Amanhã — avisei ao meu irmão. — Ou nos veremos muito até que eu saiba a verdade.

— Ainda o mesmo bastardo saqueador — Killian resmungou. — Nada mudou.

— Porra nenhuma — falei e saí.



Caminhamos um ao lado do outro em silêncio, em meio à música dos pubs que se espalhavam pela rua, até chegarmos à Ponte da Paz.

Parei bem no meio, contemplando a água. Estava escuro, mas as luzes da ponte iluminavam algumas partes de sua estrutura. O vento assobiava de vez em quando, mas fora isso, a noite estava tranquila.

Keely fechou um pouco mais a jaqueta, seu cabelo esvoaçando quando uma rajada passou por nós como um velho fantasma.

— Talvez ele não goste de surpresas. — Ela deu de ombros.

Encostei-me no corrimão, com as mãos unidas, tentando ver além da superfície da água.

— Ele não gosta de *mim*, querida.

— Por causa da cadeira de rodas?

— Por causa da vida — eu disse. — Quem nós somos. Somos gêmeos, mas nascemos para ser diferentes.

— Ele ficou com a parte “homem” e você com a “animal”.

— *“Alguns homens nascem mais animais do que homens. É apenas quem eles são, o que está correndo em suas veias”* — citei as palavras do meu pai.

Ficamos em silêncio por alguns minutos antes de ela pigarrear de leve.

— Por que você se importa? A verdade, Kelly. Porque não vou me mexer até descobrir.

— No dia em que meu pai foi assassinado, meu irmão levou a bala que salvou minha vida, mas mudou a dele para sempre.

— Não. A verdade sobre o porquê você faz o que faz. Por que luta por uma comunidade apenas para arruiná-la. Não sou idiota. Conheço o jogo e como é jogado. As coisas que dão mais lucro são as mais poderosas, porque trazem mais dinheiro. As drogas estão no topo

dessa lista. Mas você não está tentando governar o mundo, Kelly. Você está comandando uma pequena área dele. Um rebelde com causa é mais forte do que um rebelde sem causa. Um rebelde com uma causa não só tem algo pelo que matar, mas também algo pelo qual morrer.

Um suspiro áspero deixou minha boca, e o ardência do uísque persistente em minha língua queimou o ar ao meu redor.

— Eu as roubo e depois as destruo. Instalo explosivos nos caminhões e os envio pelos ares. Comandar *Hell's Kitchen* não é apenas governar. É sobre manter as coisas ruins longe das pessoas. Dando-lhes uma vida melhor, se possível. Foi o que meu pai fez. Pelo que ele morreu.

— O que...

— Aquele mentiroso de merda disse?

— Sim. — Ela suspirou. — Ele queria...

— Ele os queria de volta para Grady, mas a menos que fosse capaz de lambê-los do chão, ele não os recuperaria.

— Foi assim que você os incapacitou. Porque eles querem você morto... pra ontem.

Bati na minha têmpora.

— Você está entendendo.

Ela ficou quieta por um tempo.

— Os vegetais. Os caminhões. Porque você não foi comigo para a Itália. Você...

— *Boom* — eu disse, juntando minhas mãos no que era para ser uma explosão, mas foi silencioso. — A maior carga. O máximo de dinheiro.

— Seu pai — ela falou e então hesitou. Virei a cabeça para ela. Seus olhos se estreitaram conforme pensava. — Ele te ensinou a fazer aqueles explosivos? Os que explodiram os caminhões de vegetais?

— Cada um deles — respondi, e então me virei para a água.

— As notícias... — ela começou, e então sua voz desvaneceu. — Você faz isso por causa dela. Por quê?

Dela. A mulher que eu pensei que estava morta. Minha mãe.

— Me disseram que ela morreu de overdose.

Lembrei-me de meu pai levando-a ao hospital, e depois disso, nunca mais a vi. Minhas lembranças eram falhas pra caralho, porque eu me lembrava pouquíssimo sobre ela. E eu deveria. Eu tinha dez anos.

Killian e eu moramos com nossos avós paternos por um tempo depois que nos disseram que nunca mais a veríamos, primeiro em Derry e depois em Gweedore, e então nosso velho nos levou para *Hell's Kitchen*.

Keely disse algo, mas demorei um minuto para olhar para ela.

— Eu estava errada — ela hesitou —, e talvez um pouco assustada. Não. — Ela balançou a cabeça. — Realmente. Eu estava realmente com medo. Estou apavorada agora.

— De quê, querida?

Ela respirou fundo, soltou o ar e então deu um passo, e outro, até diminuir a distância entre nós. Aprumei a postura, me virando para encará-la, e seus braços vieram sob os meus e sua cabeça repousou no meu peito.

Três palavras saíram de sua boca que eu nunca tinha ouvido antes:

— De perder você.

Ela poderia muito bem ter dito um “eu te amo”. Se ela o fizesse, eu estaria com muitos problemas, porque Keely Kelly foi a missão mais arriscada que já empreendi, e seu coração era a coisa mais valiosa que já roubei.



CAPÍTULO 27

Keely

Ele nunca tinha olhado para mim daquele jeito.

Nem mesmo na primeira vez que nos encontramos, no cemitério. Nem mesmo quando ele me viu caminhar até o altar.

Nem mesmo depois que me fodeu pela primeira vez. Ou um tempo depois.

Ou a qualquer momento desde então.

Nem mesmo quando me encontrou com um vestido da cor de seus olhos — um verde brilhante —, antes do primeiro evento político.

Nem mesmo quando pedi uma trégua no *Sullivan's*.

Ele olhou para mim sem arrogância, sem disfarce, sem se conter. Olhou para mim com os olhos cheios de verdade. Foi assim que ele olhou para mim no apartamento em Derry, mas não fechou os olhos novamente.

Se Cash Kelly não tinha coração, como afirmava, ele me consumiu e me reivindicou com algo ainda maior — sua alma.

Nunca me importei com a escuridão. Eu seria seu fogo até que ele encontrasse o caminho para casa. Para mim.

A mão dele passou por baixo do meu queixo e ele o ergueu com

as pontas dos dedos para que eu olhasse para ele. Então sussurrou algo em gaélico, com a voz áspera, até dizer claramente:

— Keely Kelly, você provou que eu estava errado, minha querida. Tão errado. Arranquei meu coração pela raiz e o coloquei a seus pés muito antes mesmo de saber; um coração que sempre conheceu e protegeu seu nome.

Ele se inclinou, colando os lábios aos meus, e nossas línguas se moveram em um beijo que entrelaçou nossas almas de uma forma que parecia irrevogável. Ele se afastou primeiro, olhando para mim, antes de segurar minha mão e me levar para fora da Ponte da Paz.



Nós voltamos para o apartamento em Derry num piscar de olhos, e ele me instruiu a fazer as malas.

— Acabamos de chegar — eu disse, mas já obedecendo as instruções.

— Não ficaremos aqui a viagem inteira — falou, pegando minha mala depois que enfiei tudo lá dentro. Eu não tinha tirado muitas peças da bagagem, e nem ele, ao que parecia, já que voltou para o quarto principal em menos de um minuto.

Ele acenou com a mão em direção à cozinha e me disse para empacotar o que pudesse dos armários. Alguém os havia abastecido antes de chegarmos aqui — Kelly disse que tinha alguém que cuidava do lugar para ele. Encontrei sacolas reutilizáveis e as enchi com o máximo de alimentos não perecíveis que pude.

Então saímos.

Ele se inclinou sobre o assento do Land Rover, seu braço roçando em minha coxa, e uma saudade dolorosa me atingiu direto entre as pernas. Tive que controlar a respiração em uma liberação lenta. Ele usava uma boina e os traços fortes estavam em perfeita exibição a noite toda. Recusei-me a tocá-lo antes, mas minha determinação se desfez na ponte, e tudo o que estava enjaulado foi libertado.

Quando ele voltou com um mapa, sua mão se demorou em mim,

e eu sabia que ele estava fazendo isso de propósito. Arrastei minha mão por seu braço até encontrar sua mão — carne contra carne — e peguei o mapa dele.

— Para onde estamos indo, querido? — sussurrei.

— Para o paraíso — respondeu.

— Se pudermos encontrá-lo, você quer dizer? — Meu sorriso surgiu devagar no rosto.

Ele me olhou nos olhos.

— Já sei a direção, querida. Você apenas terá que me orientar em algumas das curvas.

Nós aceleramos por Derry, os murais retratando a agitação política ainda se destacando mesmo à noite, e não pela primeira vez, Ronan Kelly veio à mente. Eu não tinha ligado os pontos até chegarmos à ponte.

Quando voltei para Nova York e a notícia da explosão dos caminhões de vegetais estava espalhada em todas as televisões e impressa em todos os jornais, algumas das informações diziam que os explosivos usados lembravam às autoridades uma bomba que havia sido usada anos atrás na guerra política no exterior. As autoridades no exterior ainda não sabiam quem havia feito isso, mas culpavam os radicais.

Tive a sensação de que se o gêmeo de Cash aparecesse com a mãe no dia seguinte, a vida de Ronan Kelly, a vida real dele, seria notícia de primeira página, pela primeira vez, para seu filho.

Derry desapareceu com a noite e Kelly me disse para abrir o mapa. Ele apontou nosso destino e me disse para orientá-lo.

— O que é isso? — Levantei o mapa. — E como faço para ler?

Eu estava brincando, mas só um pouco. Se precisávamos de um mapa, isso significava que o serviço de celular provavelmente seria uma merda, e isso significava apenas uma coisa: estávamos indo para um terreno acidentado.

Ele sorriu.

— Chama-se mapa, querida, e se você não sabe como usar um, é melhor começar agora. Afundar ou nadar. Uma curva errada e não há como dizer onde vamos parar.

Eu o ajudei ao longo do caminho e, entre minhas instruções, conversamos. Foi a primeira vez que o tive assim, só para mim, por um

período de tempo. Isso refletia a noite em que estávamos no *Sullivan's*, quando ofereci a trégua. Queria que esta noite terminasse de forma diferente.

Quando nos aproximamos de um lugar chamado Poisoned Glen, ele o descreveu. Não conseguia vê-lo na escuridão, então tive que confiar que o que ele me disse sobre a beleza do lugar pela manhã seria verdade.

Ele disse que havia um boato de que, em vez de o lugar ser chamado de “Heavenly Glen”, como pretendido, algo se perdeu na tradução do irlandês para o inglês, e foi chamado de “Poisoned Glen”.

— A palavra irlandesa para paraíso é “neamh” e a palavra para veneno é “neimhe”, disse ele.

— Paraíso e inferno — eu disse. — Separados por duas vogais simples.

— Essa simples diferença não conta de verdade, já que um passo em falso pode levá-lo a um lugar ou outro.

— Me conte a história sobre este lugar — pedi, olhando para seu semblante na escuridão.

— Pode não haver uma.

Eu sorri.

— Sempre tem uma.

Sua risada rouca ecoou baixinho.

— Balor, o rei de Tory, tinha uma filha linda que ele trancou em uma torre para que nenhum homem pudesse vê-la. Diz a lenda que ela tinha o cabelo ruivo, olhos azuis da cor do céu, cinco sardas no nariz e a língua mais ferina da face da terra.

— Parece familiar — comentei, sorrindo ainda mais.

— Ela era uma coisinha selvagem — ele afirmou, enfatizando “coisinha”. — E como toda coisa selvagem, sua beleza não podia ser enjaulada, então a notícia se espalhou por todo o lugar. Ela foi sequestrada...

Coloquei a mão no meu coração, agindo como boba.

— *Roubada?* Quem faria uma coisa dessas?

— Um bastardo saqueador — respondeu. — Alguém como eu.

— Definitivamente, alguém como você — eu disse. — Continue.

Ele olhou para mim.

— Sim, chefe. — Então, pigarreou. — Ela foi sequestrada e

levada para Magheroarty, mas seu pai estava atrás dela desde o início. Balor matou o saqueador com uma pedra gigante. Uma pedra gigante que ainda se encontra na entrada de Poisoned Glen, e dizem que é o olho venenoso do rei de Tory.

— É isso? O saqueador foi derrotado por uma pedra?

— Uma pedra *gigante*.

— Onde está a ação? Quero dizer, onde está a história? O sequestrador amava esta mulher? Como ela se sentia sobre tudo isso? Ela se apaixonou pelo sequestrador? Ela queria ficar com ele em vez de ir com o pai?

— Não é o tipo de mulher de conto de fadas, não foi isso que você disse?

Ele me lançou um olhar aguçado.

— O quê? — indaguei, estreitando meus olhos.

— Não sou o herói — ele respondeu. — Sou o vilão nesta história. Já que, de repente, gostamos de contos de fadas.

— Quem disse que me sinto atraída por heróis? — Arqueei a sobrancelha para ele. — Eu acho o vilão sexy pra cacete. Aparentemente.

— Você queria que eu fosse atrás de você — ele disse. — Depois que viajou para a Itália.

Torci meu cabelo em um coque bagunçado, deixando alguns dos cachos caírem em volta do meu rosto.

— Sim. Achei que você iria... digo, eu esperava que você tivesse isso.

— E quando não fui?

— Doe — respondi, sendo honesta —, mas eu realmente não quero o conto de fadas, Kelly.

— Diga-me o que você quer então.

Abri e fechei as mãos.

— Acho que o que a maioria das mulheres deseja no fundo é ser desejada. Ser necessária. Protegida.

Ele não disse nada, mas seus olhos se tornaram mais sérios e Cash se calou. A viagem prosseguiu dessa forma conforme percorríamos o terreno acidentado, passando por uma área tão imersa em breu que nem mesmo as formas eram visíveis a olho nu. Os faróis do carro se moviam para cima e para baixo, expondo vislumbres de um

antigo vilarejo, incluindo chalés em ruínas.

Olhei para o mapa e depois para Kelly.

— Estamos perdidos?

Seus olhos se estreitaram na estrada e ele levou um momento para responder:

— Você não se perde na Irlanda. Você encontra.

— Nós encontramos então? Porque...

No último minuto, ele virou à direita em uma rudimentar pista feita de pedregulhos. O Land Rover passou por cima de tudo, os pneus devastando as pedras da estrada conforme seguíamos por um caminho aparentemente perdido na porra do mapa.

Um rasgo irregular se bifurcava no céu escuro antes que outro raio iluminasse tudo ao nosso redor. Diante do brilho momentâneo do relâmpago, vislumbrei a vastidão do terreno. A água se estendia até o horizonte à esquerda. À direita, uma grande extensão de terra de plantios que provavelmente ostentavam um tom verdejante irreal pela manhã, com casinhas espalhadas aqui e ali. Havia algumas propriedades maiores ao meio, provavelmente fazendas. No entanto, as casas ficavam a vários hectares de distância umas das outras. Uma enseada se projetava atrás da aldeia, separando-a de outro trecho de terra.

Depois de mais ou menos um minuto, Kelly acessou uma entrada de veículos, de chão batido, e a seguiu até parar diante de uma casa de fazenda.

— Foi aqui que você cresceu? — Inclinei-me para a frente, tentando dar uma boa olhada ao redor sob a luz dos faróis. Era tudo meio decadente, *mas este era o charme da Irlanda*.

— Nasci em Derry — ele disse. — Depois da minha... depois que ela morreu, fomos trazidos para cá, para morar com os pais do meu pai.

— Pensei que eles fossem os donos da casa em Derry?

— É verdade, mas foi para viver aqui que nos trouxeram.

Eu não disse nada, mas se precisasse de um lugar para me esconder, ou um lugar para esconder pessoas, este era um lugar privilegiado. Duvidava que alguém que não conhecesse esse lugar pudesse encontrá-lo. Eu teria virado para outro canto quarenta e cinco minutos atrás.

Kelly ficou sentado por um minuto, olhando para o local, o olhar

severo.

— Você voltou desde que saiu? — sussurrei.

— Uma vez. Pouco antes de meu pai morrer.

— Você se sente perdido ou... encontrado aqui?

Eu me sentia completamente *encontrada*, porque ele estava sentado ao meu lado.

— Perdidoo. — Ele pigarreou. — Eu estava... perdido pra caralho. Até que encontrei você.

Então, seus olhos colidiram com os meus.

O ar que inspirei ficou retido na garganta. Meu coração começou a bater mais rápido e o frio se alastrou pela barriga.

Seus olhos se recusaram a se desviar dos meus quando sua mão me agarrou pela nuca, me puxando para perto. O fluxo de ar de sua boca acariciou meus lábios, e eu respirei fundo, querendo inspirar sua essência para meus pulmões.

— Estou apaixonada por você, Cashel Fallon Kelly — eu disse, meus olhos tão inabaláveis quanto os dele. — Tão apaixonada. Por você.

O aperto que ele tinha em meu pescoço intensificou, e eu podia sentir o tremor em seus dedos.

— Diga o que quer dizer e faça o que você diz — declarou, com a voz ríspida.

— Nunca vou retirar essas palavras — eu disse, movendo meu nariz contra o dele, meus lábios contra sua pele. — Não posso. Essas palavras estavam dentro do meu coração quando você o roubou.

— Vou sangrar para gravar essas palavras em pedra — comentou, falando em enigmas, pouco antes de seus lábios se aproximarem dos meus em um beijo que me roubou o fôlego.

Minhas mãos agarravam um punhado de sua camisa, recusando-se a soltá-lo, mas o fiz quando ele se afastou para sair do carro. Assim que ele saiu, outro raio iluminou o céu. Um segundo depois, uma gota de chuva atingiu o para-brisa, e depois outra, até que não consegui mais vislumbrar a casa da fazenda.

Kelly abriu minha porta, a chuva pingando de sua boina. Ele me virou para encará-lo, seu toque áspero, o brilho em seus olhos tão ardente quanto uma chama. Cada respiração que eu dava era para ele. Cada batida do meu coração era dele. Todos os dias da minha vida. Para o resto da minha vida. Eu era dele e ele era meu.

Minhas mãos estavam de volta ao seu peito, meus dedos agarrando sua camisa, e eu o puxava para mim enquanto ele me puxava contra si. Nossos lábios se encontraram sob a chuva, o sabor doce entre nossas línguas, e mal percebi que estávamos nos movendo, até que minhas costas se chocaram contra a pedra.

Sua boca se movia para baixo, para o meu pescoço, seu beijo quente contra a minha pele, o completo oposto da tempestade ao nosso redor.

— Você se tornou a coisa mais perigosa do mundo para mim — ele sussurrou em meu ouvido. Sua mão deslizou por baixo da minha camisa, seus dedos traçando uma linha reta entre meus seios, até parar sobre meu coração. — Está prestes a sair direto do seu peito — continuou. — Bem na palma da minha mão, minha querida.

— Roubo fácil, Saqueador — eu disse, sem fôlego. A chuva se acumulava nos meus cílios e nos dele. Os dele eram negros como as asas de um corvo, fazendo seus olhos verdes parecerem ainda mais verdes. Eles quase brilhavam na escuridão, realçados pelo brilho dos faróis do carro. E exigi me perder no caos que causaram, porque ele me fazia sentir viva. Perfeitamente viva em uma vida que era minha. — Porque eu entreguei... por livre e espontânea vontade agora.

— Perigosa pra caralho — ele murmurou, antes de levantar minha camisa sobre meus braços, lambendo a chuva da pele nua. O calor de seu corpo e o vento frio da tempestade enviaram um calafrio intenso, e meus pelos se arrepiaram.

Especialmente depois que seus olhos observaram o corselete que eu usava por baixo da roupa. Era transparente, com acabamento em veludo preto.

Ele me pegou no colo e eu enlacei sua cintura com as pernas, beijando-o enquanto ele me carregava até a porta. Ele deve ter aberto depois de sair do carro, porque girou a maçaneta e entrou no interior da casa. Cash me colocou sentado em cima de uma longa mesa de madeira na cozinha.

Acendeu um fósforo e algumas velas de tamanhos diferentes no balcão. Uma velha lareira, imunda por anos de uso, estava em frente à mesa. Ela também foi acesa.

Suas roupas pingavam água por todo o chão, gotas escorrendo por seu rosto, e quando ele se posicionou entre minhas pernas, uma

delas pousou no meu peito, brilhando como um diamante sob a luz das chamas suaves. Meu pescoço queimou — meu coração em chamas — pelo desejo em minhas veias.

Ele arrastou um dedo pelo meu braço, por cima do meu ombro, ao longo do meu pescoço e depois pelo vale entre os meus seios, antes de circular meus mamilos, observando o tempo todo.

— Você queima por mim em todos os lugares em que te toco — ele sussurrou.

Estendi a mão para ele, levantando a camisa encharcada sobre seus braços, sobre a boina, e então a joguei no chão. Ele tirou as botas e desabotoou a calça. Usando meus pés, empurrei o jeans por suas pernas, observando enquanto ele se postava diante de mim usando nada além da boina.

— Me foda — implorei. — Por favor.

— Primeiro — ele estendeu a mão e arrancou minha calça. Seus bíceps se contraíram e os músculos das costas ondularam quando ele se virou para jogar a peça de roupa na pilha ao chão — ... jantar.

— Não estou com fome — retruquei. Não de comida. Seus ombros eram largos, fortes, e eu queria afundar meus dentes profundamente em sua pele.

— *Eu* estou morrendo de fome — falou, e com a mão no meu peito, me empurrou de volta para a mesa.

Seus dedos percorreram minha perna esquerda, e eu me movi um pouco para que ele pudesse desabotoar o corselete. Antes disso, ele deslizou os dedos para frente e para trás, para frente e para trás, em uma deliciosa provocação. Meu corpo inteiro estava tenso, pronto para explodir, e quase o fiz quando ouvi o som de um estalo sendo liberado e senti uma lufada de ar fresco entre minhas pernas.

— Encharcada — ele disse, sua voz baixa e áspera.

Seus dedos se moveram, em uma carícia, e então deslizaram entre minhas dobras. Minha respiração acelerou, os tremores intensificando. Minhas pernas se abriram ainda mais quando um dedo deslizou para dentro e sua boca veio contra mim. Minhas costas arquearam para fora da mesa, minha bunda deslizando ainda mais para baixo, querendo estar o mais perto possível de sua língua.

Ele me devorou como um homem que não comia há muito tempo, e gozei como uma mulher que não sentia seu toque há muito

tempo.

— Cash! — gritei, minhas coxas se fechando quando meu orgasmo se alastrou por dentro, ainda mais selvagem do que a tempestade lá fora.

O vento uivava e a chuva caía. De vez em quando a casa era iluminada por um relâmpago, e eu podia ver o puro desejo nos olhos do meu tigre. Quando um trovão sacudia as paredes, parecia ecoar o som de seu coração batendo, como se ele estivesse caçando.

Esqueça como ele era. Era assim que ele parecia para mim — um animal perigoso.

Ainda estava no clímax quando ele me penetrou em uma estocada tão brutal que meus olhos se abriram, um silvo escapou de meus lábios e minhas garras saíram, afundando profundamente em suas costas.

— Aí está ela — ele falou, me encarando com os olhos semicerrados. — Marque-me ainda mais fundo.

Rasguei sua pele enquanto me levantava, encontrando-o a cada impulso, seu membro avantajado esticando minhas paredes até que o prazer colidiu com a dor.

— Ah, porra! — gritei. — Porra! Isso!

Passei meus braços em volta do pescoço dele, e ele me levantou, nossos corpos se movendo juntos conforme ele nos levava para outra sala. Suas costas bateram na parede primeiro, e então ele nos virou, de modo que a face da pedra fria tocou minha pele. A parede era irregular, e quando ele bombeou em mim, mais rápido, mais forte, deixou arranhões ardidos nas minhas costas.

Ele estava me fodendo com tanta força que meus seios saltaram para fora do corselete, balançando com os impulsos toda vez que seu pau fazia a conexão completa.

Então senti que estávamos nos movendo novamente e, depois que ele abriu uma porta no andar de baixo, ele me colocou sobre a cama do quarto. Ele tateou ao redor até atingir algo sólido. Ouvi uma gaveta se abrir, um palito de fósforo riscar até que uma pequena chama surgiu da escuridão, iluminando seu rosto. Ele acendeu uma vela comprida e apagou o palito de fósforo.

Seus olhos percorreram meu corpo enquanto a chama me iluminava. Seus olhos quase cerraram por completo quando o olhar

colidiu com o meu. Ele parecia mais chapado do que naquela noite na escada de incêndio.

— Minha tigresa — ele disse. — Toda *minha*. — Com um grunhido que parecia vir do fundo de sua garganta, ele arrancou o corselete do meu corpo antes de me penetrar novamente.

Ele inverteu nossas posições na cama um segundo depois. Minhas palmas estavam firmes em seu peitoral sólido, meu cabelo pingando as gotas da chuva em sua pele, e meu olhar se fixou ao dele enquanto eu subia lentamente por seu eixo. Eu me movi ainda mais devagar quando me retraí. Suas mãos espalmaram a minha bunda, os dedos cravando em minha pele, e agarrando meus quadris. Eu podia sentir seu anseio, seu desejo, como se fosse meu. Ele queria que eu o rasgasse, montasse com voracidade, em uma transa avassaladora.

Hora e lugar.

Eu queria reviver nossa noite de núpcias. Exigi ir mais fundo do que a pele. Eu deslizava em sua corrente sanguínea, deixando-o chapado com meus beijos. Faria seu coração trovejar em seu peito com meu toque. Eu o faria sentir um choque em suas bolas quando ele gozasse dentro de mim.

Não causaria nada além de caos absoluto em seu corpo, para que ele pudesse sentir paz em sua alma quando eu o alcançasse. Todo aquele desejo reprimido seria liberado de sua jaula e libertado com o meu. Minhas mãos deslizaram por seu peito, seu pescoço, sobre a tatuagem, onde seu pulso batia contra meus dedos. Minha língua deslizou por seu queixo, saboreando o gosto salgado de sua pele, até que minha boca encontrou a dele. eu o beijei devagar, meus quadris se movendo no mesmo ritmo, e um som que nunca tinha ouvido antes escapou de seus lábios. Foi um profundo gemido de satisfação. Quando me sentei com tudo, tomando-o até o âmago, não consegui conter o eco do mesmo som que saiu da minha boca.

Nunca tinha experimentado nada assim antes. Ele. A conexão. Era tão profundo quanto seu membro dentro do meu corpo.

— Ah! — gritei quando ele impulsionou os quadris com tanta força que perdi o fôlego. Ele me virou tão rápido que não tive chance de reagir. Levantou minha perna, posicionando-se de uma forma que eu sabia que ele estava prestes a ir mais fundo.

Ele ia me rasgar novamente, me foder como o animal que ele

achava que era, porque não sabia como deixar o homem comandar isso.

Uma lágrima escorregou pelo meu rosto. Eu o deixei ver a gota escorrendo pela minha bochecha até pingar no travesseiro. Seu peito arfava e seus dedos cravaram em minha perna. Seus músculos tensionaram. Era como se sua ereção estivesse prestes a rasgar sua pele.

Fechei os olhos quando ele se moveu, esperando a brutalidade usual de sua trepada, mas em vez de arremeter contra mim, ele lambeu o rastro da lágrima da minha bochecha até o canto do meu olho. Então começou a se mover no mesmo ritmo que eu estabeleci — lento, mas com uma potência tão contida que eu podia sentir profundamente.

Um animal sempre agia como um animal por instinto, mas ao invés de tentar destruir meu coração, minha vontade, minha natureza teimosa, ele estava me aceitando como eu era, porque eu não lutava mais para manter o que era dele fora de seu alcance.

Nós dois chegamos a um momento que pareceu abalar a casa com mais força do que o trovão sacudindo as vidraças. Meus olhos estavam fechados, mas depois de um minuto, pude senti-lo me observando. Abri os olhos lentamente para encontrar os dele, e depois de avaliar meu rosto por mais um minuto, ele saiu de mim e se sentou ao meu lado na cama.

A súbita perda do seu calor me fez estremecer, e me enrolei em mim mesma. Ele suspirou, e o som disso me fez tremer ainda mais. Ele se moveu devagar na cama, chegando um pouco mais perto, até que, por fim, enlaçou meu corpo com o braço e depositou um beijo na minha orelha. Estendendo a mão vazia, ele puxou a colcha da cama sobre nós e repousou a cabeça perto da minha. Estávamos pressionados pele a pele.

— Quando começou a tempestade? — sua voz era áspera. Comecei a rir, bem baixinho, tremendo em seus braços.

Ele sorriu contra a minha bochecha, seus lábios demorando onde outra lágrima correu do meu olho novamente. Ele quebrou algo em mim que ninguém mais tinha antes. Um canal lacrimal.

— Estava falando sério, minha querida — ele disse —, quando disse que você era a coisa mais perigosa para mim.

— Eu sei — mal consegui dizer — que você me ama, Cash Kelly. Tanto quanto eu te amo.

— Ótimo — ele sussurrou em meu ouvido. — Simplesmente

ótimo.

Entrelacei nossos dedos, segurando firme.

— Keely Kelly — ele disse.

— Sim?

— Eu preciso de você mais do que um coração precisa de sangue. — Ele passou a mão em volta do meu pulso, aplicando uma pressão ali. — O único vício que já teve poder sobre mim. A única alma que conquistou minha alma caótica com total paz.

Nós dois olhamos para o vidro embaçado das janelas, a condensação criando padrões estranhos conforme escorria pelas vidraças, fragmentos da tempestade fluindo por caminhos livres. Adormeci envolta em seus braços sem perceber; as batidas de seu coração nas minhas costas eram como uma melodia, acalmando o caos que nos cercava.



CAPÍTULO 28

Keely

Pisquei diante da claridade que se infiltrava pelas janelas. O sol estava a pino, depois da noite em que dormimos profundamente, e o quarto ficou abafado e úmido por causa da tempestade.

Minha pele ainda se encontrava contra a pele dele.

Seu braço me envolvia, e seu nariz estava perto da minha orelha. Ele estava roncando. Um sorriso lento e satisfatório se alastrou pelo meu rosto ao ouvir o som fraco.

Ele mal dormia e, quando dormia, era um sono leve. As noites devem tê-lo afetado, como minhas noites sem jantar cobraram o preço no meu corpo. Ele precisava dormir tanto quanto eu precisava de comida. Meu estômago fez um barulho desagradável com o pensamento. Contudo, eu tinha outras necessidades que pareciam mais importantes.

Ele estava duro, e depois que rocei minha bunda contra sua virilha, ele se empurrou para dentro de mim e gemeu profundamente.

— Não estava com fome de comida, Kelly — eu disse, sem fôlego. — Estava morrendo de fome por isso.

A conexão.

— Quando fecho meus olhos, sonho com isso — falou, afundando-se ainda mais em mim. — Você fode meu corpo e acalma minha mente.

Ele manuseou meu corpo com vontade — ofegante, escorregadio de suor, com as marcas de suas mãos na minha pele —, antes de nos submetermos um ao outro.

Depois, senti como se tivesse caído do céu. Afundei ainda mais no colchão, no travesseiro e fechei os olhos.

Sua respiração soprou sobre minha orelha quando ele riu.

— Não há tempo para dormir, minha querida.

— Sempre há tempo para dormir, meu ladrão de horas — eu disse. Talvez eu tenha cochilado por um segundo, mas quando acordei, foi com um solavanco. Alguém tinha batido com o punho na porta da frente e eu a ouvi abrir com um rangido.

Cash sentou-se, esfregando o rosto, e então foi até a porta do quarto. A luz dourada que entrava pela janela iluminava seu corpo nu, cada ângulo espetacular dele. Ele olhou em volta por um segundo e, depois de não encontrar o que queria, saiu do quarto.

— Que porra é essa, Cashel? — ouvi a voz dizer. Era parecida com a de Cash, mas estava saindo da boca de outro homem. Seu irmão, Killian. — Não quero ver suas coisas antes mesmo de comer meu mingau. Argh!

— Melhor bater e esperar que alguém abra a porta então — Cash disse, sua voz baixa. Ele deve ter pegado suas roupas. Um minuto depois, ouvi a porta da frente novamente e, em seguida, mais um ou dois minutos, ele voltou ao quarto com nossas malas e todas as minhas roupas da noite passada. — Vista-se.

Assenti e me apressei. Tomei um banho rápido e coloquei um vestido largo preto e comprido. Uma fileira de botões descia pela frente do vestido, que estava aberto dos joelhos para baixo. Completei o look com um cinto com estampa de tigre.

Meu cabelo estava bagunçado, uma tempestade selvagem de vermelho, e nem me incomodei em tentar domá-lo, mas fiz uma maquiagem leve para disfarçar o cansaço. Então inspirei por um momento, conferindo meu visual. Não sabia por que, mas queria causar uma boa impressão ao seu irmão.

Fui tocar no colar, no pingente de coração e, como sempre, senti

um vazio quando percebi que não o usava. Quando o tirei e deixei em seu travesseiro, quase senti como se tivesse roubado um pedaço de mim de volta. Eu odiava tanto, como se ele tivesse tirado um pedaço de si mesmo de mim.

Amor deveria ter sido escrito com as mesmas letras soletradas de I.N.S.A.N.I.D.A.D.E.

Devo ter ficado quieta quando entrei na cozinha, porque o irmão dele não me ouviu. Ele estava sentado em sua cadeira de rodas, na porta da cozinha, observando algo acontecendo lá fora. Uma velha canção tocava baixinho em um toca-discos no canto.

Quando parei na frente da pia e olhei pela janela, minha visão era a mesma de Killian. Cash estava descarregando as compras do carro. Não parecia que Killian queria que ele soubesse, porque quando Cash começou a voltar para a casa da fazenda, Killian rolou sua cadeira de rodas para trás, mais rápido do que na noite anterior.

— Tenha piedade! — ele disse, quando notou minha presença.
— Para uma garota alta, você anda sem fazer o menor barulho.

— O que você espera que eu faça? — Arqueei uma sobrelance para ele. — Quer que eu marche como um cavalo no piso de madeira?

Ele me encarou com os olhos semicerrados.

— Diga-me o que você está fazendo com meu irmão, mulher.

Lá estava — se a coisa de gêmeos não denunciasses, a atitude exigente transparecia como semelhança familiar.

— Sou a esposa dele — falei. — É isso que estou fazendo.

Cash abriu a porta e entrou, colocando as sacolas no balcão. Afastei-me de seu irmão, passando por eles, começando a guardar as compras.

— Vou tomar banho. — Cash me deu um tapinha no quadril. Então o olhar intercalou entre mim e seu irmão. — Não se apaixone por ele. — Acenou com a cabeça em direção a Killian. — Se eu roubo corações, ele os quebra.

Um momento se passou e algo se moveu entre eles — a coisa gêmea — até que Cash balançou a cabeça e foi tomar banho.

Eu sabia fazer o mingau de aveia do jeito que Cash gostava, e comecei a preparar a refeição.

— Você gosta de mingau da mesma forma que seu irmão? — perguntei a Killian.

— Se for da mesma forma que ele gostava dez anos atrás... — Ele encolheu os ombros. — Então, sim.

Disse a ele como Cash gostava, e ele assentiu. Ele ficou calado depois, observando enquanto eu trabalhava na cozinha. Os armários estavam vazios, mas alguém havia enchido a geladeira com manteiga e leite. Eles pareciam frescos, provavelmente de uma das fazendas por aqui.

— Ou você é o ser mais poderoso do mundo ou a mais burra, mulher.

Parei o que estava fazendo e olhei para ele.

— Tenho nome. Keely.

— Keely Kelly.

— É um bom começo para um enigma, eu acho — comentei.

— Vamos começar o enigma com uma pergunta. A mulher mais poderosa do mundo ou a mais burra?

— A primeira opção — eu disse, virando-me para mexer a aveia.

— Você sabe o que ele faz.

Acenei afirmativamente.

— Você sabe que ele é mais animal do que homem.

Assenti com a cabeça mais uma vez.

— Estou tendo dificuldade em acreditar na primeira alternativa, então... se você o conhece.

— Eu não o vejo. Eu o sinto... mais do que você. — Eu me contive antes de limpar as mãos no meu vestido. Olhei em volta da cozinha e encontrei um avental e o coloquei para proteger minha roupa. Enquanto voltava para o fogão, continuei: — Minha mãe me ensinou a ficar ao lado do meu homem. A não ser se ele me agredir. Nesse caso, ela me disse para matá-lo enquanto dorme.

Demorou um segundo, mas um sorriso apareceu no rosto de Killian. Ele rivalizava com o nascer do sol na Irlanda após dias sombrios.

— Você é louca, Keely Kelly. Talvez louca o suficiente para igualar seu nível de caos. — Ele moveu sua cadeira de rodas para mais perto de mim. — Há uma coisa que não posso tirar do bastardo saqueador. Ele tem uma cabeça mais dura que pedra. Uma vez que sua mente esteja decidida, ele agarrará o que deseja ou esperará até o fim dos tempos por isso. Ele será fiel a você, se for você que ele realmente

deseja. Nem mesmo a ameaça de morte o fará mudar de ideia.

Meus olhos se fixaram aos dele por um longo tempo. Estávamos tentando ler as intenções um do outro em relação ao homem que ambos amávamos. Mesmo que Killian estivesse lutando contra isso, eu poderia dizer que ele amava Cash. O que quer que tenha acontecido entre eles, os dois acabaram feridos de maneiras diferentes. Algumas cicatrizes vêm de batalhas internas, nem sempre físicas.

Cash pigarreou de leve, e um segundo longo se passou até que Killian e eu nos movêssemos em direções opostas. Killian rodou até a mesa. Comecei a retirar as tigelas e servir o mingau de aveia. Em seguida, preparei uma caneca de chá para cada um de nós. Quando me virei com duas xícaras na mão, Cash estava afastando seu irmão da cabeceira da mesa, movendo-o para a direita.

Killian segurou a madeira por um segundo antes de decidir não encrencar com o irmão.

— Você tem sorte de eu não ter uma arma comigo — ele disse, olhando para Cash. — Ou atiraria em você.

— Meu lugar — Cash avisou, tomando a cabeceira da mesa, batendo no local exato onde ele tinha me *comido* na noite passada.

Se eu me envergonhasse facilmente, meu pescoço teria ficado vermelho, mas isso só parecia acontecer quando Cash Kelly olhava para mim com aqueles olhos verdes ferozes.

Depois de colocar as xícaras, servi para mim uma tigela de cereal e coloquei na mesa ao lado do meu chá, à esquerda de Kelly. Ele sempre movia meu prato mais para perto no jantar quando eu tentava me sentar muito longe dele. Então tornei as coisas mais fáceis para nós dois desta vez.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos até Killian baixar a colher e pigarrear.

— Isso é nojento — ele disse, apontando para minha tigela e meu chá.

— O quê? — perguntei, prestes a tomar uma colherada. — Ambos são feitos com leite.

Cash largou o guardanapo, recostou-se e lançou um olhar penetrante ao irmão.

— Você sabe que não sou muito de brincar. — Ele pigarreou. — Por que veio aqui tão cedo?

— Sobre isso... Por que você estava dormindo até tão tarde?

— Responda à porra da minha pergunta, Kill.

Killian se virou e tirou um longo envelope do bolso de sua cadeira de rodas. Sem pressa, deslizou pela mesa na direção de Cash.

— Ainda bem que você está sentado — Killian disse. — Ou eu diria para você se sentar.



Antes que Cash pudesse abrir o envelope, alguém bateu à porta. As batidas soaram muito mais leves do que as de Killian. Quase um tapa sutil na madeira, mas alto o bastante para ecoar em meus ouvidos.

Cash e Killian se entreolharam.

— Vou atender — avisei, me levantando.

Era difícil dizer se a mulher do outro lado da porta odiava estar ali ou não conseguia acreditar que estava à porta. Seu cabelo preto com mechas prateadas estava puxado para trás, enfatizando as linhas duras em seu rosto e olhos vermelhos de tanto chorar.

— Olá — ela cumprimentou, sua voz calma. — Eu vim...

— Entre — Killian disse, atrás de mim.

Balancei a cabeça, abrindo mais a porta. Depois que ela entrou, estendi a mão para um cumprimento.

— Keely — eu disse.

Seu aperto era firme.

— Keely Kelly — ela falou. — Sou Saoirse Kelly.

Seu nome saiu como *ser-sha*. Seus olhos não estavam mais em mim, no entanto. Eles estavam se banquetecendo com o homem sentado à mesa, o rosto virado para frente, recusando-se a dar a ela a visão poderosa de seus olhos.

Ao ouvir o som da voz dela, senti a reação de Cash. A pedra gigante sobre a qual ele me contou na noite anterior? Ele agora a ostentava em seu estômago.

Sua mãe, de fato, não estava morta como ele foi levado a acreditar.

— Sente-se, mãe — Killian disse, apontando para o lugar onde

eu estava sentada.

Saoirse assentiu, mas não se sentou. Optou por se acomodar do outro lado da mesa, de forma que Cash fosse forçado a olhar para ela. A mesma pedra pareceu atravessá-lo e me atingir, diretamente no estômago, quando seus olhos se encontraram. Foi a porra da coisa mais sutil que eu já tinha visto, mas quando eles se olharam pela primeira vez em anos, os dedos de Saoirse se fecharam sobre a borda da mesa, seus nódulos ficaram brancos.

— Filho — ela murmurou, sua voz quase um sussurro.

Ele não respondeu, e a tensão no cômodo aumentou. Pigarreei e perguntei se ela gostaria de uma xícara de chá. Ela assentiu, mas ainda não havia desviado o olhar dele. Rapidamente servi uma xícara para ela, e a coloquei sobre a mesa, pousando a mão no ombro de Cash antes de dizer a ele que estava saindo para uma caminhada.

— Sente-se — ele me disse. — Bem aqui. — Bateu no local ao lado dele.

Sua voz soou ríspida, com frieza, e embora minha primeira reação fosse resistir ao seu tom, cedi ao apelo oculto por trás da exigência. Depois que me sentei, deslizei a mão por baixo da mesa, descansando-a em sua coxa.

— Foi aqui que seu pai escondeu vocês dois? — Saoirse perguntou, olhando para a casa e depois para seus filhos. Ela só obteve a resposta de Killian, no entanto.

— Moramos aqui com nossos avós depois que soubemos que você estava morta. Ele nos levou para Nova York depois, como eu disse a você.

— Você contou — ela disse.

Nós três nos viramos para Cash quando o envelope amassou no momento que ele o abriu, mas o som era como uma bomba explodindo. Ele tirou várias fotos de seu pai, Ronan Kelly, e vários recortes de jornais e relatórios. Em seguida, abriu cada um deles para poder examiná-los. Seus olhos avaliavam as palavras que descreviam o que quer que seu pai estivesse fazendo na época.

Algumas das palavras se destacaram como detritos mortais voando pelo ar.

Nacionalista. Homem procurado. Perigoso. Em fuga. Radical.

— Nós éramos jovens. — Saoirse pegou seu chá, levando-o

lentamente à boca, porque suas mãos tremiam. A porcelana se chocou contra o pires quando ela baixou a mão. — Alguns dizem “estúpidos”. Mas acreditávamos em uma causa que, na época, parecia valer a pena.

Os olhos de Cash se ergueram do jornal que estava lendo para olhar para ela, mas rapidamente se voltaram para as palavras diante dele.

— Ronan era um rapaz excepcionalmente inteligente e, quando se apaixonava por alguma coisa, se comprometia totalmente com a causa. O homem que originalmente o fez se juntar ao movimento tornou-se um herói para ele. Patrick era tudo o que ele podia ver.

O olhar de Cash se ergueu de supetão ao ouvir o nome. E deve ter encontrado o de Saoirse, porque ela fechou os olhos, assentiu e uma lágrima caiu, depois outra.

Patrick. Patrick. Patrick... Quem...?

— Patrick e Ronan eram tão próximos quanto gêmeos. Formamos um grupo e, por um tempo, a causa pareceu valer a pena. Aí, eu engravidei. Vocês dois chegaram e não foi tão fácil quanto antes. Teríamos que fugir a qualquer momento. Talvez com um bebê fosse mais fácil, mas com dois... tornou-se cansativo. Comecei a não conseguir dormir. Estava correndo atrás de vocês dois, e dores de cabeça me atormentavam dia e noite. Disse a Ronan que não conseguia acompanhar, que não aguentava mais. A Irlanda estava indo muito bem do jeito que estava, mas eu estava prestes a enlouquecer. Nossa família enfrentava problemas. Minhas prioridades mudaram depois que vocês dois nasceram, mas Ronan estava mais focado do que nunca. Patrick...

Ela abriu e fechou as mãos em torno da xícara de chá, respirando fundo.

— Patrick começou a ver o fardo. Ele se apaixonou por vocês, meninos, e fez uma promessa quando os dois nasceram, alegando que cuidaria de vocês. Ele os considerava de sangue, tão próximo quanto dois sobrinhos. Ele tentou falar com Ronan, mas não havia como mudar a cabeça dele.

Com isso, ela olhou para cima e encontrou os olhos de Cash.

— Ronan começou a se rebelar contra nós, porque não queria ouvir a verdade. Ele parou de voltar para casa por longos períodos e depois fez viagens frequentes para a América. As dores de cabeça só pioraram e, depois de ir ao médico, ele descobriu que eu tinha uma

doença ocular. Glaucoma. A única coisa que ajudou a aliviar as dores foi a maconha. Patrick tinha lido algo e começou a trazer para mim. Começamos a nos aproximar.

Saoirse rompeu o contato visual para olhar para o chá novamente, e não pude deixar de me perguntar o que ela viu. Talvez ela pudesse lê-los como minha mãe. Ela respirou fundo, e ergueu os olhos e o queixo.

— Patrick e eu nos apaixonamos. Seu pai nos surpreendeu um dia, depois de não o vermos por um mês. Eu suspeitava, sabe, que ele tinha uma amante na América, mas o amor entre nós não poderia ser salvo naquele momento. Justifiquei meus pecados como certos, porque ele estava cometendo o mesmo. Ronan e Patrick tiveram uma briga terrível. — Ela levou a mão à têmpora e massageou. — Não consegui impedir e, pelo bem de vocês, rapazes, Patrick foi embora. Não tinha certeza se o veria novamente. Mas depois da briga — ela suspirou — ... o estresse. A dor de cabeça. Pensei que estava morrendo. Jurei, jurei ali mesmo, que nunca mais tocaria em outra droga. Fui muito mais além do que a maconha. Tinha me tornado viciada em outras drogas... drogas mais pesadas. Tenho certeza de que vocês se lembram de mim assim.

Uma lágrima solitária caiu de seu olho, mas ela a enxugou antes que pudesse escorrer por sua bochecha.

— Ronan me levou ao hospital, me acusando de overdose enquanto dirigia. Ele me deixou em casa, e essa... foi a última vez que coloquei os olhos em você, até hoje. — Ela enfiou a mão no bolso do cardigã e tirou uma foto. Passou para Killian, que passou para Cash, que olhou para ela.

Era uma foto de cinco pessoas — Ronan, Saoirse, Cash, Killian e o homem chamado Patrick — sentados à mesa de jantar.

O homem. Patrick. Padre *Patrick* Flanagan.

— Essa foto foi tudo o que restou quando voltei para casa. — Saoirse tirou um lenço do bolso e assoou o nariz. — Meus pais morreram quando eu era jovem. Eu não tinha irmãos. Não tinha ninguém para me ajudar a encontrar vocês. Tentei. Procurei em todos os lugares de que me lembro. Tantos lugares como este. — Ela olhou em volta e então seus olhos encontraram os de Cash. — Ele me deixou aquela foto por despeito — seu tom tornou-se amargo. — Sua única regra. Sempre jantávamos em família, mesmo antes de vocês nascerem.

Meu aperto na coxa de Cash ficou mais forte, e o músculo sob minha mão estava tenso, tão retesado que pensei que arrebentaria como uma veia na cabeça. Lágrimas escorreram por suas bochechas em um fluxo controlado.

— Ele me deixou com essa recordação porque sabia que me machucaria mais. Ele parou de jantar comigo primeiro. — Sua mão se fechou em um punho e ela a ergueu, como se fosse bater contra a mesa, mas em vez disso não fez barulho quando fez contato com a madeira. — Perdi meus filhos, meu marido e meu amante. Ele também nunca voltou para me buscar, Patrick Flann.

— Ele pensou que você estava morta — Killian disse. — Então, foi forçado a ingressar no sacerdócio para expiar seus pecados. Para poder ter o direito de nos ver. Todos fomos punidos. Você. Patrick. Eu. — Killian apontou um dedo para o peito e depois olhou para o irmão. — Até você. Mas você não conseguia se lembrar. Você não conseguia se lembrar de nada que perdemos. Tudo o que viu foi o grande Ronan Kelly. Você dedicou sua vida a ele, à causa dele, sem questionar. Você era o espécime perfeito dele, um animal que atacaria sob comando. Você ainda está lutando por uma causa que não pode vencer. Uma causa que ele lhe deu para assumir porque sabia que você faria isso em homenagem a ela.

Killian acenou com a cabeça para Saoirse.

— Você faria isso, porque se lembraria do pior dela, porque tudo o que você acreditava era no melhor dele. Ele disse que ela morreu de overdose para dar a você algo digno pelo qual lutar, enquanto o resto era tão sujo quanto o pecado. Ele tornou normal matar e roubar porque colocou na sua cabeça que a causa original era honrosa. Ele deu um bife para o animal mastigar, dizendo que ele precisava comer, e o sangue fazia parte da fome. — Killian enfiou um dedo no peito novamente. — Porém, eu me lembrei, Cash. Me lembrei de sair do hospital, depois de ser informado que minha mãe havia morrido de overdose. Que estaríamos começando uma nova vida em breve. Eu me lembrei dela gritando por causa de uma dor de cabeça, mas ela não estava inconsciente. Me lembrei do dia em que Patrick Flanagan apareceu e ficou de guarda, por sentir culpa. Me lembrei da conversa entre eles. Ele não tinha permissão para nos ver, a menos que fizesse uma promessa de nunca mais tocar em outra mulher.

Killian parou por um segundo, tentando recuperar o fôlego.

— Embora Molly aquecesse a cama de Ronan todas as noites. Juntei as peças depois que perdi o movimento das pernas e você foi para a cadeia. Juntei as peças porque eu tinha permissão para pensar sobre isso, Cash! Você nunca faria isso. Você nunca o consideraria nada menos que um herói! O fim sempre justifica os meios. — Ele se virou para trás, mostrando a Cash suas pernas inertes, que nunca funcionariam novamente. — Qual é a causa agora, Cashel? O que vale a pena? O preço deles? — Ele deu um soco na perna.

A porta se abriu e a mulher do bar enfiou a cabeça um segundo depois. Seus olhos se estreitaram quando ela notou como Killian respirava com esforço, como sua cadeira de rodas estava posicionada, além da expressão no rosto de Cash. Seu semblante não havia suavizado. Pelo contrário, estava mais ainda mais fechado.

— Devo pegar a arma? — ela perguntou, com toda a seriedade.

— Você pega uma arma — eu disse. — E nós vamos ter problemas, você e eu. Vou colocar uma flecha direto no pulso que empunhar a arma sem nem pensar duas vezes. Vou mirar mais alto se for o caso. — Eu a encarei com os olhos entrecerrados, e depois de um segundo, ela entrou, sentando-se entre Saoirse e Killian.

O cômodo ficou em total silêncio; ninguém falava, ninguém se movia, todos os olhos em Cash. Ele não falou uma palavra o tempo todo. Até que, por fim, pigarreou antes de dizer:

— Os dois estão sentados à minha frente, me dizendo que minha mãe está viva, e que meu irmão sabia disso... Porém ninguém me contou sobre isso até hoje. Não até que vim aqui em busca de respostas para perguntas que me foram feitas por um inimigo. Vocês me trataram pior do que um defunto seria tratado. — Ele bateu o punho na mesa algumas vezes e parou. — Me considerem morto, então. Saiam. Todos vocês. Agora. Ou ela vai precisar de uma arma.



CAPÍTULO 29

Cash

Minha esposa se destacava contra a irregular costa irlandesa, o arco erguido, a flecha apontada, o vento soprando em seus cabelos. A cor combinava com o céu incandescente deixado pelo sol poente.

Sua aljava estava cheia de flechas, e uma pluma verde flutuou ao vento, caindo aos meus pés. Eu me abaixei e a peguei, segurando entre o indicador e o dedo médio.

Sete alvos estavam alinhados do lado de fora da casa da fazenda e, enquanto ela se movia e disparava com uma rapidez impressionante, ela acertou o centro sete vezes seguidas. Demorou apenas alguns segundos para ela pegar a flecha e preparar o disparo, e para a seta voar e atingir o alvo, sendo que de imediato Keely já havia acertado outro objetivo.

No ritmo que ela disparava as flechas, levaria apenas alguns segundos para aniquilar um grupo de homens adultos.

Keely Kelly não era, de forma alguma, alguém com quem se meter.

Ela apontou uma flecha para o meu peito na primeira vez que nossos olhos se encontraram, e reivindicou um coração que eu não fazia

ideia de que tinha.

— Você sabe atirar? — sua voz chegou até mim com o vento.

— Uma arma. — Eu sorri.

Seu sorriso combinava com o meu.

— Não se preocupe. Você terá minha companhia ao seu lado se houver um apocalipse.

— Ótimo — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos, me aproximando mais dela.

Ela riu, e uma rajada de vento fez seu cabelo esvoaçar. Afastei os fios de seu rosto, colocando-os atrás da orelha. Seus olhos se fecharam e ela estremeceu, os ombros contraídos. Em seguida, ela colocou a mão gelada sobre a minha, dando um aperto firme.

— Fique aqui — ela disse, apontando para onde estava.

Fiquei na frente dela e ela se postou às minhas costas. Então me entregou o arco e me ajudou a alinhar o tiro, depois me entregou uma flecha.

— Vamos ver o que você pode fazer, ladrão do meu coração — brincou, sua respiração quente em meu ouvido. Ela estava me observando por cima do ombro.

— Como vou fazer isso com você respirando no meu pescoço?

— Isso te incomoda? — sua voz era baixa, ofegante, sedutora pra caralho.

Quando ela mirava, nem parecia que tinha que se concentrar, ou semicerrar um olho para poder enxergar melhor com o outro. Alinhei o tiro novamente e, quando fui lançar a flecha, ela estendeu a mão e agarrou meu pau, soprando em meu ouvido ao mesmo tempo.

O tiro disparou loucamente e cravou no chão depois de executar um arco.

Nunca a ouvi rir tanto. Virei-me e ela apontou para mim.

— Seu rosto! — Ela riu ainda mais, mas estava tentando fazer a mesma cara que eu. Talvez chateada, mas era difícil dizer quando ela não conseguia manter uma cara séria. Ela estava quase ofegante. Quando conseguiu respirar normalmente de novo, disse: — Você não está acostumado a ser atropelado por uma mulher, certo, Saqueador?

Alinhei meu corpo ao dela, deslizando a mão por suas costas, sentindo o tremor sob sua pele quando a toquei. Peguei outra flecha da aljava. Virando, preparei o tiro mais uma vez e disparei a flecha. Desta

vez foi direto, acertando o alvo, mas um pouquinho à esquerda de seu centro.

— Nada mal, meu coração — falou, atrás de mim. — Nada mal. Sinto algum potencial.

Ela disse isso casualmente, como se não tivesse me chamado de outra coisa além do que sempre se referia a mim: Kelly, saqueador, bastardo, ladrão de seu tempo ou coração. Parecia o mesmo da primeira vez que ela me chamou de Cash.

— O quê? — Ela ergueu o cabelo, arrumando-o para que não fosse levado pelo vento. — Chamei você de *meu coração*. Não faça caso sobre isso. Você *é* meu coração, já que o roubou.

Ela me virou em direção ao alvo novamente, posicionando meu corpo de uma certa maneira. Com o corpo dela guiando o meu, atingimos cada alvo. As flechas ficaram bem próximas às dela, exceto a última, quando ela deu o tiro de Robin Hood, partindo a flecha bem no meio.

— Muito bem — ela elogiou, afastando-se de mim. — Bom trabalho.

Balancei a cabeça para ela e devolvi o arco. Ela o pegou e o deixou recostado à parede da pequena construção que servia como depósito de ferramentas e outras coisas. Eu a observei por um minuto antes de enfiar as mãos nos bolsos e voltar para a casa da fazenda.

— Cashel Kelly — ela chamou, e eu parei. — Me leve para uma longa caminhada pela praia.

Ela estava ao meu lado antes que eu esperasse. Sua mão deslizou pela minha e nossos dedos se entrelaçaram.

Suspirei e assenti.

Caminhamos por toda a extensão da propriedade e cruzamos a estrada tosca, nossas botas encontrando apoio ao longo das rochas que separavam a terra do mar. A água entrava pelas rachaduras de vez em quando, preenchendo os vazios, e depois voltava a correr. Ela soltou minha mão quando me abaixei para pegar uma pedra e jogá-la.

— Me diz o que aconteceu naquele dia — pediu. — O dia que tudo mudou.

O dia em que perdi meu pai e meu irmão.

Pigarreei antes de revelar:

— Meu pai nos levou ao zoológico do Bronx. Ele nos levava lá

quando tinha algo importante para conversar conosco. Eles tinham um tigre de olhos verdes que ele chamava de meu espírito animal. O tratador costumava nos deixar alimentá-lo, às vezes.

Eu me abaixei novamente, procurando outra pedra para atirar.

— Nosso pai nos disse que tinha um mau pressentimento sobre alguma coisa. Ele tinha esse tipo de coisa com frequência. Seu negócio era basicamente irritar todo mundo. Porque se você não está irritando alguém naquele mundo, você não está fazendo algo certo. Inimigos significam que você conseguiu. Você representa algo que outra pessoa quer. — Então fiquei de pé, com quatro pedrinhas na mão. Joguei uma fora e o mar a levou embora. — Ele nos avisou que as coisas estavam ficando arriscadas. Que se algo acontecesse com ele, queria que nós comandássemos as coisas. Pegar seu legado e torná-lo mais forte.

Esfreguei as pedras entre as palmas das mãos e arremessei outra, esta indo mais longe que a anterior.

— Depois que saímos do zoológico, íamos jantar no apartamento do meu pai. Molly sempre preparava uma refeição especial aos domingos, e era esperado que comêssemos com eles. Um carro parou do outro lado da rua antes de entrarmos e, quando meu pai fez contato visual com eles, ele nos disse para entrar e esperar. — Subi um monte de pedras, virando-me para dar a mão à minha esposa. Ela pegou e ficou ao meu lado, seus olhos se estreitando contra o horizonte. — Eu não o obedeci. Senti um frio no pescoço, como se um animal selvagem estivesse prestes a cravar os dentes nele e me aleijar. Então esperei, Kill também.

Atirei outra pedra, o movimento se tornando mais errático com uma rajada de vento. Pousou em algum lugar distante sem nenhuma prova disso.

— Meu pai estava inclinado para baixo, conversando com os dois homens através do vidro abaixado do carro. Eles estavam discutindo, mas mantendo as vozes baixas. Era um dos homens de Grady e um Scarpone. Enquanto eles discutiam, um bando de policiais parou, pneus cantando, sirenes tocando. Eles sacaram as armas assim que saltaram. O pai de Stone estava gritando para o meu levantar as mãos. Meu pai o fez, mas disse a Stone que tinha negócios para terminar primeiro. Scott Stone, que era um policial de ronda na época, discordou. Antes que o pai de Stone lhe desse permissão, ele algemou o

meu e, ao puxá-lo para fora do carro, Scarpone atirou em seu peito. Bem no coração dele. Os policiais começaram a atirar. Os homens do carro também. Fui procurar meu pai, mas Kill pulou em cima de mim antes que eu pudesse chegar lá. Alguém estava atirando em mim. Ele levou a bala destinada a mim.

— E perdeu o movimento das pernas — Keely completou, pegando a última pedra da minha mão e jogando-a. Ela colocou a mão ao meu lado e se virou para ficar de pé na minha frente, bem na beirada da rocha. — Então, você roubou meu coração por vingança.

— Passei minha vida inteira, minha querida, esperando para roubar o certo.

Ela piscou para mim, seus olhos de um azul límpido.

— A pessoa certa, aquela que você encontrou por vingança.

— Se o caminho para o inferno pode ser pavimentado com boas intenções — dei de ombros —, talvez o caminho para o céu possa ser pavimentado com pretensões. — Enfiei a mão no bolso e tirei o colar que dei a ela em nossa noite de núpcias. Balancei-o na frente do rosto dela e, quando ela fez menção de pegá-lo, eu o afastei. — Tire isso, ou mesmo tente me devolver de novo, e você não vai conseguir se sentar por duas semanas.

Ela avançou na minha direção com um brilho malicioso no olhar, e quando o fez, eu segurei o colar com mais força e ela tentou tirá-lo de mim. Na mesma hora, Keely percebeu que eu estava falando sério pra caralho.

— Não vou — ela sussurrou. — Agora me devolva. É meu.

Coloquei-o por sobre sua cabeça, posicionando-o de modo que o pingente ficasse no meio de seu peito.

Ela olhou para ele, brincando com a peça, passando a unha pelas fendas.

— O que tem dentro, Kelly?

— É fácil descobrir.

Ela olhou para mim assim que pisquei.

— Bastardo — ela balbuciou e então sorriu. Segurou o pingente entre os dedos, esfregando-o.

Enfiei meu dedo por baixo de seu queixo.

— Não fui totalmente honesto com você quando disse que não tinha coração. Tenho muitos. Os homens que matei. Eu os carrego

comigo. Os pecados deles se tornaram meus.

Depois de um minuto ou dois, ela suspirou.

— Os meus? São um fardo?

Estudei seu rosto, perguntando-me como diabos eu não tinha percebido o quão bonita ela era até aquele momento. Como o rosto dela seria suficiente se fosse o último que eu veria. Como de todas as mulheres no mundo inteiro, meus olhos decidiram que ela era a mulher mais bonita que eu já vi.

— Não, minha querida — eu disse. — Quando roubei seu coração, encontrei algo que nunca havia sentido antes. Alívio.

Sua cabeça se repousou no meu peito.

— Você não pode realmente apreciar a paz sem o caos. — Ela passou os braços ao meu redor, virando a cabeça para o lado para contemplar a água. Então se aninhou ainda mais no meu abraço. — Consigo ouvir isso, o caos. Está te destruindo por dentro. A verdade sobre seu pai, a verdade que ele escondeu de você, está matando algo dentro de você. Não deixe — ela sussurrou. — Meu coração é seu agora, Cashel Kelly, e se algo mata você, mata a mim. É por isso que te chamei de *meu coração*. Porque você é, não importa quem você é ou o que fez. Você é meu. Fim da história.



CAPÍTULO 30

Keely

Passamos o resto do mês na Irlanda; Maureen e as crianças se juntaram a nós depois de duas semanas. Depois disso, fomos para a Escócia, para passar um tempo com minha família, por insistência de Cash.

Ele disse que todos os fantasmas tinham que ser colocados para descansar. Não foi fácil dar a notícia à minha mãe, de que eu não voltaria para a Broadway; estaria começando uma aula de arte. Por alguma razão, ela parecia lidar melhor com Cash ao meu lado.

Talvez não fosse Cash. Talvez fosse porque, finalmente, coloquei limites em sua mania de me jogar culpa, e minha vida era o que era. Eu não poderia trazer minha irmã de volta, não importava quantas vezes eu prendesse a respiração, e era hora de viver minha vida. *Minha vida*. Não a dela.

Antes de partirmos, meus irmãos atacaram Cash como um bando de lutadores durante uma luta livre, já que Harrison decidiu contar a eles as circunstâncias de nosso primeiro casamento em Nova York. Ele disse que não podia mais esconder isso deles, porque todos decidiram trabalhar para Cash. Ele havia financiado um pub para eles e

exigia uma certa quantia dos lucros até que o empréstimo fosse pago. Senti que havia mais do que isso, talvez alguns negócios criminosos, mas meus irmãos eram homens adultos, e eu também não poderia resolver todos os problemas deles.

No entanto, foi decidido que meus pais nunca descobririam sobre as circunstâncias que me uniram a Cash. Eu sabia podres sobre cada um dos meus irmãos que jurei nunca revelar. A merda ia bater no ventilador se eles me delatassem primeiro.

No que me dizia respeito, havia encontrado meu lugar na vida de Cash Kelly e reivindiquei meu lugar em sua mesa. Nosso negócio era nosso, e como chegamos aonde estávamos em nosso relacionamento não era problema de ninguém, apenas nosso.

Depois disso, Maureen e as crianças foram para casa em Nova York, enquanto nós voávamos para a Itália para encontrar Harrison. Ele estava passando um tempo com Gigi, prima de Mac, e eu precisava ver Mari. Decidi que, como estava expulsando todos os meus antigos fantasmas, era hora de confessar a ela. A respeito de tudo.

Harrison ficou comigo e Mari enquanto Cash saiu para falar com Mac.

Depois que tomei minha dose de coragem, Mari disse:

— Você disse que tinha algo para falar comigo. Você me disse coisas. Muitas coisas.

— Acho que sim — afirmei. — Eu precisava. Já era tempo.

Ela assentiu.

— Eu sabia sobre sua irmã.

Eu imediatamente me virei para olhar para Harrison, que levantou as mãos.

— Ela precisava saber.

— Quando você contou a ela? — perguntei.

— Anos atrás.

— Você é pior do que uma cadela fofqueira — eu disse. Ele riu, e Mari também.

Ela colocou a mão sobre a minha, apertando.

— Estou feliz que você finalmente me contou as coisas — ela falou.

— Sim — concordei, inclinando-me e beijando sua cabeça. — Estou feliz que você finalmente me contou coisas também.

— Sempre serei sua irmãzinha — ela disse —, mas agora somos todos adultos. Você não precisa mais me proteger, Kee. Vou ficar bem.

— Foda-se — eu disse, imitando-a, enxugando os olhos. Foi algo que ela disse que refletiu o que seu avô siciliano adotivo costumava dizer quando os insetos comiam os vegetais em seu jardim. Ele tinha sotaque e, às vezes, acrescentava um “a” no final das palavras. Deve ter ficado com ela, algo para mantê-lo perto.

No avião de volta para Nova York, fechei os olhos, minha cabeça no ombro de Kelly enquanto ele lia um livro.

— Me diga uma coisa, minha querida — ele falou, seus olhos examinando a página. — Agora que você sabe o motivo pelo qual roubei seu coração... É bom o suficiente?

— Tudo aconteceu do jeito que deveria acontecer — declarei, inclinando-me e beijando o tigre em seu pescoço. — Você me encontrou através do motivo, não importa de onde ele veio — hesitei. Um minuto. Dois. — Acho que devemos convidar Maureen e as crianças para virem morar conosco permanentemente.

Mesmo adorando quando éramos nós dois, tê-los por perto preenchia algo dentro de mim que eu não fazia ideia de que estava faltando. Quando as crianças estavam por perto, era como se nossa família estivesse completa. Eu adorava ouvir Connolly rindo, embora ela ainda não falasse muito. Adorei ver Ryan sorrir e vivenciar todos os marcos que as crianças alcançavam à medida que cresciam. E embora Maureen pudesse ser uma velha mal-humorada, eu também gostava de tê-la por perto. Sua força era algo que eu admirava.

— Não pretendo trabalhar tanto — Cash disse, virando-se para mim, colocando o dedo no livro para marcar o lugar antes de fechá-lo.

Ajustei-me em meu assento, mas ainda mantive meu braço preso ao dele.

— Melhor ainda.

— É um pouco cedo para começar uma família — ele falou.

Virei-me para a frente, minha cabeça pressionada contra o assento, chocada com minhas próprias palavras e por que eu não tinha percebido o que elas significavam. Começar uma família. Mesmo não sendo convencional, foi exatamente isso que propus a ele. Começar uma família — com Connolly, Ryan, Maureen e nós dois.

Dei de ombros.

— Gosto muito de tê-los por perto.
— Você tem uma conexão com a garotinha.
— Com o garotinho também — sussurrei.
— Nossa casa é grande o suficiente — ele disse, abrindo o livro novamente. — Você já decorou o quarto dela.

Isso foi um sim de Cash Kelly, e mesmo que eu quisesse, de repente me assustou. A ponto de reter o ar nos meus pulmões e acelerar o coração. Era aquela sensação de se apaixonar repetidas vezes, mas cada vez mais profundamente. Tive a mesma sensação quando Cash olhou para mim, quando me tocou e quando pensei em ficar com os quatro... Cash, Maureen, Connolly e Ryan.

Para sempre.



CAPÍTULO 31

Keely

Achei que voltar para Nova York me assombraria, mas ter nós quatro, juntos, parecia me trazer paz.

Estávamos em casa.

No espaço de tempo entre chegar à Irlanda e voltar a *Hell's Kitchen*, aprendi que não importava aonde eu fosse, desde que minha família estivesse ao meu lado, esse era o verdadeiro significado de lar.

Queria perguntar a Maureen imediatamente se ela e as crianças viriam morar conosco. Não queria passar outra noite me preocupando se ela iria levá-los para sua casa para sempre algum dia. Eu gostava de acordar no meio da noite, checar se eles estavam seguros em suas camas. Isso me deixava à vontade.

O melhor era que Cash também gostava.

Ele tinha levado Cee Cee e Ryan a uma loja de brinquedos na rua para que eu pudesse falar com Maureen a sós.

Ela estava ao fogão, preparando algo que cheirava bem. Embora com Maureen fosse difícil dizer como tudo iria acabar. Ela achou um desafio pessoal usar o que havia na geladeira, mesmo que não combinasse com o prato que ela decidisse cozinhar.

Isso me dizia muito sobre ela, no entanto. Ela era engenhosa quando precisava ser. Eu admirava isso nela. Passei a admirar muitas coisas em Maureen. Ela era uma das mulheres mais fortes que já tive a honra de conhecer.

Apoiei meu queixo em seu ombro, olhando para a sopa borbulhante na panela.

Ela sorriu.

— Não seja uma daquelas mães planadoras ou como quer que sejam chamadas. Isso vai estar pronto quando estiver pronto.

Eu ri enquanto me sentava à mesa da cozinha, embora não fosse em uma atitude tão despreocupada como de costume. Isso... isso era um passo importante a ser dado.

Maureen colocou uma cerveja à minha frente antes de se sentar. Ela tinha uma em sua mão, mas não bebeu. Nem eu.

— Você é muito parecida comigo quando eu era jovem — ela disse. — Se eu tivesse uma coceira — ela encolheu os ombros —, eu coçava. Dane-se o mundo.

Levantei a garrafa e nós brindamos, sorrindo uma para a outra.

— Vou beber por isso — falei, tomando um longo gole.

Ela não. E eu me perguntei: “*Será ela estava doente?*”. Odiava dar ouvidos a rumores, mas era difícil dizer sobre ela. Maureen mantinha as coisas para si até que estivesse pronta para falar. Esperava que se ela estivesse pronta, ela confiaria em mim. Nós cuidaríamos dela.

— Você tem muita prática cuidando de outras pessoas, Sra. Kelly — ela disse, sorrindo para mim. Ela raramente me chamava assim, mas, às vezes, o fazia quando ficava séria. — Eu testemunhei isso. O sangue não parece importar para você, não quando se trata de amor. Certas mulheres têm esse jeito, sabe? Elas podem amar sem que o vínculo de sangue tenha que garantir qualquer coisa.

— Cash pensa de forma diferente — eu disse. — Ele acha que para que eu o ame de verdade, ele tem que sangrar por mim.

— Ele tem mesmo — ela concordou. — Porque ele é seu homem. Estou falando do amor que você sente pelos meus netos.

— Eu sinto — afirmei, estendendo a mão para a dela. Como Mari, eu sabia que ela queria se afastar do toque, mas queria que ela sentisse isso. — Eu os amo tanto, Maureen. Como se fossem meus.

— Qualquer bobo pode ver isso. — Ela apertou minha mão. — E

eu não sou boba. Nunca fui — ela fez uma pausa —, bem, exceto por aquela vez que pensei que estava apaixonada por Sean McFartin.

Contraí meus lábios antes de deixar escapar:

— Maureen McFartin!

— Me livrei de uma com aquele — ela disse, rindo junto. — Embora eu tenha ouvido que ele está vivendo uma boa vida. Possui uma fazenda em algum lugar que lhe rendeu muito.

Não sabia se ela estava brincando ou não, mas nossas risadas ecoaram pela cozinha. Depois de um minuto ou mais, nós duas suspiramos, mas não ao mesmo tempo.

— contei essa história para Cee Cee — continuou, dando de ombros. — Mas não obtive os resultados que eu esperava. Você. Você conseguiu romper a barreira com ela. Todos nós fomos feitos para alguém, sabe, e você e aquela criança foram feitas uma para a outra. Percebi que aquelas duas crianças foram feitas para esta família.

— Você também — eu disse.

Ignorando minha última observação, ela bateu na mesa com o dedo indicador uma vez.

— Por mais anticonvencional que seja, por mais anticonvencional que seja seu marido, sei que não há outro lugar onde eu gostaria que meus netos estivessem. — Ela se levantou, voltando para o fogão, mexendo o que quer estivesse naquela panela. — Nos mudaremos na próxima semana — ela avisou, com a voz suave.

— Nem cheguei a perguntar — eu sussurrei. — Estava prestes a fazer isso...

— Não há necessidade — comentou. — Seu marido já me disse. E quando falei que eu tinha que pensar sobre o assunto... — Ela fez uma pausa de um ou dois minutos, e então baixou a voz, tentando igualar a dele, enquanto dizia: — *Vou esperar.*



CAPÍTULO 32

Keely

Sugeri que Maureen e as crianças se mudassem imediatamente, já que Cee Cee estava muito animada com a mudança, mas Maureen alegou que precisava de alguns dias para juntar suas coisas. Eu me ofereci para ajudar, mas ela negou, alegando que tinha alguns objetos pessoais que queria guardar sozinha.

Alguns dias depois, isso me deixou com uma casa cheia de homens. Todos os meus irmãos estavam jogando poker na cozinha com Cash, e como não queria ouvir quando um deles acusava o outro de trapacear, resolvi ler um pouco na biblioteca.

Cash entrou cerca de uma hora depois e me beijou na cabeça.

— O que está acontecendo? — perguntei, bocejando, olhando para ele. Então, inalei. Ele cheirava a fumaça de charuto e uísque.

Ele me mostrou o celular.

— Martin.

Martin era um dos homens que “trabalhavam” para ele.

Balancei a cabeça, mas o peguei pela camisa, mantendo-o perto de mim.

— Odeio admitir isso — eu disse —, mas agora estou apegada a

você.

Ele sorriu, então se inclinou e me beijou — ele roubou meu fôlego, o bastardo saqueador.

— É por isso que corações são um pé no saco, querida. Eles causam todo tipo de problema quando você tenta deixá-los para trás.

— Ótimo — concordei. — Simplesmente ótimo.

Ele riu, deixando-me sozinha na biblioteca. Um minuto se passou. Dois. Três. No quarto tique, algo que parecia muito com medo me atingiu no centro do peito. Tornou meu sangue gelado.

Desci os degraus, dois de cada vez, tropeçando uma ou duas vezes quando quase perdi o equilíbrio. Quando cheguei ao andar inferior, escorreguei, conseguindo me manter de pé ao alcançar a cozinha.

— Onde está Cash? — perguntei aos meus irmãos.

Eles estavam amontoados em volta da mesa, ainda jogando poker. Harrison apontou para trás de mim.

— Acabou de sair.

Corri para a porta, abrindo-a, pouco antes de ele virar a chave na fechadura. Seu olhar se fixou ao meu, pois não me esperava ali, então ele entreceerrou os olhos.

— Você não me beijou por tempo suficiente — eu disse, protelando, porque eu não tinha ideia do que mais dizer.

Ele passou o braço em volta de mim e me puxou para perto. Em seguida, me deu um beijo, mas ainda não pareceu longo o suficiente. Minhas mãos agarravam um punhado de sua camisa, e desejei que as unhas se afundassem em sua pele para que ele nunca pudesse me deixar.

Ele se inclinou e me beijou na testa, a boca se demorando no contato com a pele antes de se afastar. De todas as vezes que ele me beijou, nenhuma delas parecia significar mais do que aquela. Expressava tudo o que eu duvidava que ele algum dia admitiria para mim. Como ele cuidaria de mim enquanto vivesse. Como ele me amava, mesmo que nunca dissesse isso.

— Cash Kelly! — exclamei, quando ele se virou de costas e começou a se afastar. Levou um segundo, mas ele parou. — Tome cuidado.

Ele virou a cabeça um pouco, e pude ver o sorriso de parar o

coração sob as luzes fracas do armazém. Ele foi embora novamente quando eu o chamei mais uma vez:

— Estou falando sério.

Ele acenou com a cabeça em minha direção.

— Coloquei meu coração em uma corrente por você, querida. Está enrolado no seu pescoço. Não há lugar mais seguro para estar.

— Isso não é bom o suficiente. — Fiquei surpresa por minhas palavras terem saído tão firmes. Um caroço se alojou na minha garganta, um coágulo saindo direto do meu âmago.

— Você me ama — ele disse, como se estivesse tendo uma segunda revelação do que havia percebido na Irlanda.

— Desde o momento em que te vi — sussurrei. — Eu te amei. Eu te amo.

Ele trouxe vida para mim naquele cemitério.

— Estou bem, então — falou, balançando a cabeça atrás de mim. — Entre e tranque a porta.

Ele esperou até que eu o fizesse, mas um ou dois minutos depois, abri novamente, olhando para fora. Ele se foi. Derreteu com a escuridão que o cercava, nada além de seus olhos verdes para chamar a atenção para a força que caminhava sozinha por essas ruas.



Meus dedos envolviam o pingente. Embora ele tenha me dito que eu tinha seu coração em volta do pescoço, parecia que ele o havia levado consigo.

— Keely — Lachlan falou para mim, colocando uma carta virada para baixo. — Você vai fazer um buraco no chão. Vá dormir.

— Não me diga o que fazer — rebati.

Fazia uma hora desde que Cash saiu e, embora fosse normal que ele se ausentasse por horas a fio, isso me incomodava por algum motivo. Continuei dizendo a mim mesma que era apenas porque passamos muito tempo juntos e meu apego se tornou forte, forte demais para me sentir confortável quando ele sumia por um tempo. Entendi então porque Harrison costumava chamar Mari de “*Strings*”.

Meu coração parecia ter sido dominado por centenas de fios, e cada um deles estava conectado a Cash Kelly.

Meus pés, que pareciam ter uma conexão direta com uma daquelas cordas, aliviavam um pouco o nervosismo, ao andar na frente da cozinha, perto da porta da frente.

— Keely Kelly — Owen disse. — Você está sem cerveja nesta mansão em Nova York?

— Você vai jogar ou reclamar a noite toda? — Declan indagou.

Suspirei, beliscando a ponte do meu nariz, sem saber mais o que fazer. Não, eu sabia. Estava prestes a sair. Surpreender Kelly em seu escritório. Ele me foderia em cima de sua mesa e depois me levaria para casa, como um vilão perverso em um conto de fadas escrito por mim... e *para mim*.

Eu me apaixonei louca, desesperada e irrevogavelmente por aquele maldito vilão da minha história.

Peguei minha chave da mesa perto da porta, já com a mão na maçaneta.

— Vou sair um pouco — eu disse. Harrison se levantou.

— Vou com você. Precisamos de mais cerveja.

— Não — neguei enquanto abria a porta. — Eu vou...

Minha respiração deixou meus pulmões em alívio e meu coração se iluminou.

Cash estava descendo a rua. Sua cabeça estava baixa e uma das mãos enfiada no bolso.

Porém, quanto mais perto ele chegava, mais meus olhos se estreitavam. A expressão em seu rosto. Nunca o tinha visto tão sério. Seus passos não eram tranquilos, como sempre, mas quase brutais. Ele não estava pisando forte, ou falando alto, mas eu quase podia sentir a raiva emanando dele de onde eu estava.

— Me pergunto quem disse a ele que você estava apaixonada por Stone e depois roubou o uísque dele? — Harrison caçoou atrás de mim.

Bom, eu não era a única que tinha notado isso.

Não queria que ele pensasse que eu era uma esposa sufocadora, como aqueles pais no parque que constantemente pairavam sobre seus filhos para que eles não caíssem e quebrassem alguma coisa, então fui fechar a porta. Antes de fazer isso, porém, notei outra sombra vindo de

trás dele.

— Aquela é Susan? — Harrison inquiriu.

— Sim — respondi. Nunca gostei daquela bruxa velha. Ela era horrorosa, em uma embalagem falsa de plumas rosa, como uma salada de ambrosia. Nunca consegui gostar dessa porcaria. A textura era importante para mim, mesmo com as pessoas.

Cash a manteve por perto por causa de uma dívida que seu pai tinha. Ela precisava do emprego, até queria, para se manter ocupada, e lá estava ela.

Cash parou no mesmo instante em que notei sua sombra se aproximando. Embora a iluminação dos postes estivesse fraca, pude ver que ela estava chateada. Ela acenou um pouco com as mãos, e eu a ouvi fungando. Se eu realmente estreitasse meus olhos, poderia ver que os dela estavam vermelhos, assim como a ponta de seu nariz.

— Parece uma rena do nariz vermelho do mal — Harrison murmurou, e eu dei uma cotovelada nele. Ele resmungou, antes de começar a rir baixinho.

— É melhor você parar com essa bobagem. Ou pode acordar a rainha. — Revirei os olhos. A prima de Mac, Gigi, estava dormindo no andar de cima. — Vamos. — Recuei um pouco. — Vamos esperar no...

Susan chamou Cash, para que se aproximasse, e quando ele o fez, ela tirou uma faca do bolso do cardigã e o esfaqueou no pescoço.

O rugido que ecoou na noite não era de Cash, e, sim, meu. Ele cambaleou para trás e, quando o fez, outra sombra se solidificou e se transformou em um homem que o apunhalou pelas costas. Mais sombras começaram a se transformar em homens, todos com facas brilhantes prontas para massacrar meu marido. Harrison já estava gritando para meus irmãos se mexerem, mas eu já estava no armário, puxando meu arco e flechas.

Lachlan estendeu um braço para me impedir antes que eu saísse.

— Kee — ele disse, seus olhos sérios. — Se Kelly não é quem você...

— Tire a porra da sua mão de cima de mim, ou vou quebrá-la — sibilei. Peguei uma flecha, arrastei pelo centro do arco e atirei a primeira antes de sair pela porta.

Passou direto pelo pescoço de Susan, o sangue esguichando em

todas as direções, sua mão tentando agarrá-lo antes que ela caísse de joelhos. O olhar atordoado em seu rosto foi a última coisa que vi antes de enviar outra flecha nas costas de um homem. Seu corpo arqueou para frente antes de desabar no chão. A flecha atingiu seu coração.

Cash tropeçou, procurando algo no bolso, mas havia muitos deles. Era como se estivessem esfaqueando um animal selvagem, encurralando-o em um canto para que pudessem esfolá-lo.

— Hoje não, filhos da puta, não enquanto eu estiver viva — eu disse, disparando flechas o mais rápido que pude. Demorou alguns minutos para os homens ainda de pé perceberem de onde vinham as flechas e as balas: de mim e dos meus irmãos. Quando o fizeram, pararam de esfaquear meu marido e vieram atrás de nós.

Eu nem sabia que meus irmãos tinham armas, e faíscas brilhantes junto com estrondos ensurdecedores estavam irrompendo no meio da noite. Ainda havia muitos deles, e eu estava atirando flechas o mais rápido que podia, enquanto caminhava em direção a Cash, que havia caído. Ele estava no chão, e antes que alguém pudesse alcançá-lo, eu estava na frente, meu arco erguido, uma flecha pronta, desafiando outro homem a se aproximar de meu marido.

Alguns tentaram, mas caíram ao lado dos outros homens que vieram para matar o saqueador de *Hell's Kitchen*. Algo tocou minha perna e eu me virei, meu arco apontado para baixo, minha flecha pronta.

— Você disse que um dia pegaria meu coração com uma flecha, minha querida — Cash disse. — Faça isso agora.

Ele tossiu e sangue escorreu de sua boca.

Meu peito arfava e eu não conseguia me mexer.

— Kee — Harrison disse, tocando meu braço. — *Keely!*

De repente, era como se Harrison estivesse gritando dentro do meu crânio e enviasse um comando automático para minhas mãos. Larguei o arco e a flecha, meus joelhos falhando, bem ao lado de meu marido no chão manchado de sangue. Minhas mãos se fecharam em sua camisa rasgada e encharcada, e coloquei meu ouvido contra seu coração, ouvindo.

— Olhe para mim — ele pediu, mal conseguindo falar. Sentei-me um pouco, olhando-o nos olhos. Ele ergueu a mão, indo tocar meu rosto, mas parou. — Muito estreito. — Suspirou.

Então, fechou os olhos e a respiração deixou meus pulmões em um grito.



CAPÍTULO 33

Keely

Não! Besteira! Enxuguei minhas lágrimas, mantendo a camisa do meu marido presa em minhas mãos. Eu olhei para ele.

— Ninguém, ninguém, porra, tem permissão para matar você, Cash Kelly, além de mim! Está me ouvindo? — Olhei para meus irmãos, que estavam todos reunidos em torno de mim e meu marido, prontos para agir se alguém surgisse do nada. — Harrison! Pressione o pescoço dele. Agora! — Olhei para Lachlan. — Veja se alguma das outras perfurações é tão ruim. Mantenha pressionado. Você também, Declan. — Todos eles assentiram e começaram a se mover ao meu redor. — Owen.

Meu irmão ficou lá, olhando para Cash.

— Owen! — gritei. Ele piscou antes de olhar para mim. — Me passa seu telefone!

— Kee, ele está...

— Você não pode me dizer o que ele está! Me passa seu telefone! Agora! — Estendi a mão, e ele colocou o telefone na minha palma. — Fique de olho — eu disse a ele enquanto discava o número. Mari atendeu no segundo toque.

— *Kee? O que...*

— Mac — eu disse, minha voz falhando um pouco ao som de sua voz. — Coloque-o no telefone!

Ouvi um farfalhar e então Mac disse:

— *Amiga da minha esposa.*

— Seu tio — eu disse, e outro soluço saiu da minha boca antes que eu pudesse contê-lo. Coloquei a mão sobre meus lábios para cobri-los, mas tudo que eu podia sentir era o cheiro de sangue. Eu poderia prová-lo. — Preciso dele. Aqui. Meu marido está morrendo!

O tio de Mac era Tito Sala. Eu tinha ouvido coisas sobre ele. Como cuidou pessoalmente da família Fausti. Ele era um médico muito bom e, se não podia salvar seu corpo físico, ninguém mais poderia. Eu o encontrei uma vez, também o vi algumas vezes e, embora não nos falássemos muito, algo sobre ele me fez pensar que os rumores eram verdadeiros.

— *Dez minutos* — Mac avisou. — *Ele estará aí, Keely.*

Então, desligou.

Todos mantivemos a pressão nos pontos que pareciam piores. Eles o cortaram como se estivessem tentando abater um animal. Listras. Ele ia ter tantas listras depois disso.

Foram os dez minutos mais longos da porra da minha vida.

Tito Sala entrou correndo em cena e, finalmente, senti que poderia respirar novamente. Ele tinha uma mulher com ele, outra médica — ele a chamava de Dra. Carter — e juntos começaram a fazer o que podiam na calçada. Eles murmuraram entre si. A principal coisa que me chamou a atenção foi a palavra “artéria”. Aquela puta do caralho quase cortou a artéria. Se ela tivesse conseguido, ele já estaria morto.

Uma ambulância chegou um minuto depois, as luzes girando e iluminando todos os mortos que enchiam a rua. As penas das minhas flechas eram verdes e pareciam horríveis sob o brilho das luzes vermelhas.

Harrison colocou o braço em volta de mim, enquanto eles levantavam meu marido e o colocavam na maca. O Dr. Sala e a Dra. Carter correram com eles, gritando ordens.

Fiz menção de segui-los, mas Harrison me manteve no lugar.

— É pra cá que precisamos ir. — Ele me mostrou seu telefone. Mac havia enviado uma mensagem para ele com um endereço que não

reconheci.

— Que hospital? — Meus dentes se chocavam e, de repente, todo o meu corpo parecia ter sido atingido pela ambulância que se afastava do local... meu coração batia com ela.

— Kee — Harrison sussurrou. — Eles têm seus próprios lugares. Locais que são equipados com toda a aparelhagem necessária. Até a ambulância é deles. Vamos lá. Eu levo você.

Paramos quando notamos duas figuras vindo do outro lado da rua. Mac e Rocco. Ambos eram parentes de Tito Sala. Um por sangue e outro por casamento.

Harrison apertou a mão de Rocco primeiro. Então ele hesitou, mas depois de um segundo, estendeu a mão para Mac.

Não tinha certeza do que Mac iria fazer, já que havia uma baita hostilidade ali, mas Mac aceitou.

Mac olhou em volta.

— Quantos arqueiros existem na cidade de Nova York? — Parecia uma pergunta, mas era mais uma observação. — Do tipo que podem causar tanto dano?

Todos os três homens olharam diretamente para mim quando meus irmãos vieram para ficar ao nosso lado.

— Vamos limpar isso — Rocco avisou, balançando a cabeça. Ele me tocou no ombro. — Meu tio fará o que puder por seu marido. Vá agora e fique com ele.

Gigi se sentou no banco da frente ao lado do meu irmão, enquanto procurávamos o endereço que Mac havia mandado. Eu tinha esquecido totalmente que ela estava lá até que ela tocou Harrison no ombro, sussurrando:

— Meu tio fará o que puder pelo coração de sua irmã.

Pelo coração de sua irmã.

Estendi a mão para o pingente, segurando-o com tanta força que a corrente em volta do meu pescoço começou a marcar a pele. As luzes do lado de fora da janela do carro passaram em um borrão, iluminando cada fenda do coração de metal, manchado com o sangue do meu marido.

— Se você morrer e me abandonar, seu desgraçado — sussurrei —, nunca vou te perdoar por não me mostrar o que tem dentro desse coração!

“É fácil descobrir.”

Sua voz ecoou dentro da minha cabeça, como o som de ondas quebrando na costa irlandesa.

— Não sem você — eu sussurrei de volta, o pânico em mim se transformando em raiva. Eu estava com tanta raiva do que tinha acontecido, de como eles estavam vindo para atacá-lo de todos os lados, que queria voltar e matá-los novamente.

Cash me disse que carregava os corações de todos os homens que matou. Eu não. Eu os entreguei ao diabo assim que aquela primeira lâmina cortou sua carne. Eu tinha um motivo para matar. E era meu direito defender o que me pertencia.

O coração de Cash Kelly.

Meu irmão olhou para mim pelo espelho retrovisor, mas eu não queria retribuir o olhar. Não queria que ninguém visse que a raiva era um escudo para uma dor mais profunda que eu sabia que nunca sararia a menos que meu marido o fizesse.

Levamos apenas alguns minutos para chegar ao “hospital”. Parecia um armazém abandonado do lado de fora, e quando pisamos na calçada, um dos Fausti nos deixou entrar. O lugar podia parecer não estar sendo usado, mas foi recriado em algo como uma sala de emergência.

Cash estava dentro de um quarto e o ambiente parecia caótico, mesmo com apenas dois médicos e uma enfermeira. Tito Sala fez contato visual comigo por um breve segundo antes de chamar a enfermeira para fechar a porta.

Harrison me levou a uma cadeira e me fez sentar. Ele tentou me dar um copo de água, mas o afastei. Era difícil sentar e esperar e não fazer alguma coisa. Cada terminação nervosa dentro de mim estava eletrizada. Cada célula doía.

Uma hora se passou.

A essa altura, todo o lugar estava cheio de gente. Todos os meus irmãos. Mari. Um bando de Fausti que me disseram que conheciam Cash e o respeitavam. Eles acenderiam uma vela por sua alma. Era uma coisa estranha com os homens ao meu redor, como eles eram pessoas religiosas, mas matavam regularmente.

Era um mundo com o qual eu não estava acostumada, mas agora era meu. Fui batizada na vida pelo sangue do meu marido. Estava

espalhado por toda a minha pele.

Mari apertou minha mão.

— Mesmo que eles façam o que fazem, por dentro — ela tocou seu coração — a maioria deles também tem coisas boas.

Segurei sua mão de volta, quase me desfazendo ali mesmo com a firmeza de sua voz.

Uma hora e cinco segundos depois, Tito Sala saiu do cômodo. Ele se sentou ao meu lado, suspirando.

— Seu marido é um homem de sorte — ele disse, dando um tapinha na minha mão. — O corte em seu pescoço foi por pouco. Um pouco na direção errada — ele apertou os dedos, mostrando-me como era um pequeno espaço — e ele teria morrido. Ele ainda não está fora de perigo, mas sobreviverá a isso. Ele foi suturado e recebeu algo para dor. Vamos deixá-lo descansar agora. Ele lutou bastante. — Ele ajustou os óculos e olhou para mim, com um sorriso gentil no rosto. — Você o salvou do pior. Ele me disse antes que você era uma arqueira, e devo dizer que não acreditei. Até hoje à noite.

Tito se levantou, mas eu o interrompi antes que ele voltasse para o “quarto” de Cash.

— Você o conhece? — perguntei. — Ele falou sobre mim?

— Conhecia o pai dele muito bem. Padre Flanagan também. Tomamos uma cerveja e almoçamos de vez em quando. Foi assim que encontrei Cashel depois do seu casamento. — Ele ajustou os óculos. — Vi a maioria desses homens crescer desde meninos. Padre Flanagan cuida de suas necessidades espirituais. Eu cuido de seus corpos. E, sim, Cashel me disse que se ele estivesse em perigo e você estivesse por perto, ele não precisava se preocupar com a retaguarda. Eu diria que você está protegendo o coração dele, ah?

— Gostaria de vê-lo. — Fiquei de pé. — Agora.

Tito assentiu.

— Ele está descansando, mas tenho certeza de que vai querer ouvir sua voz.

Quando entrei, a outra médica e a enfermeira me deixaram sozinha com ele. Cheirava e parecia um hospital. Mari me disse que eles possuíam estas instalações por toda a cidade, estrategicamente posicionadas, e alguns lugares eram mais bem equipados para lidar com diferentes níveis de emergência.

Cash foi levado para aquele que ficava a um passo de distância de um hospital de verdade, o que me disse muito.

Ele esteve tão perto da morte quanto a faca da artéria em seu pescoço.

Sentei-me ao lado de sua cama, pegando sua mão, segurando-a o mais forte que pude.

— Você me assustou pra caralho esta noite, Kelly — eu disse. — Assim que você estiver curado, eu vou te matar. — Funguei. — O que diabos aconteceu? Eu sabia... — Tive que me conter. Estava tagarelando sobre merdas triviais porque não conseguia nem encontrar as palavras para dizer a ele o quanto o amava. Como todos os meus piores medos se desenrolaram como um pesadelo.

Quando inclinei a cabeça contra a dele, uma lágrima caiu de meu olho e escorreu por seu rosto. As lágrimas continuaram correndo até que beijei seus lábios e disse a ele que estaria de volta em alguns minutos. Odiava que seu sangue ainda cobria minhas mãos, minhas roupas, e eu podia sentir o cheiro na sala misturado com os antissépticos. Quando ele abrisse os olhos, não queria que me visse assim.

Ofereceram-me um quarto para dormir e aproveitei o banho e uma muda de roupa limpa que um dos meus irmãos trouxe de casa.

Dormir era a última coisa em minha mente, embora eu me sentisse cansada até os ossos, então andei de um lado para o outro, me perguntando por que não conseguia acalmar meu coração. Tio Tito, como agora era considerado da família e insistia em ser chamado, me garantiu que Cash ficaria bem.

Toda a nossa família tinha ido embora. Alguns homens ficaram na cozinha, comendo e conversando sobre coisas triviais, para o caso de alguém tentar atacar durante a noite e terminar o serviço.

Alguém tentou acabar com meu marido. Foi Grady e sua gangue? Os Scarpone?

Eu tinha ouvido coisas aqui e ali sobre como Grady estava tentando recuperar o que perdeu, mas antes disso, os Scarpone o mataram pelo que aconteceu com os caminhões.

Então os Scarpone foram eliminados da equação — ou foi isso que foi relatado.

Então, quem diabos queria meu marido morto agora? Scott

Stone? Não. Ele não tinha vontade de matar, a menos que sua vida fosse ameaçada.

Minha mente estava focada, mas meus pensamentos vagavam.

Por que meu coração parecia tão vazio? Mesmo que ele dormisse no quarto ao lado?

Um minuto depois, as razões vieram a mim.

Três.

Maureen, Connolly, Ryan.

Eu os queria por perto. Sabia que eles estavam em casa a salvo, mas com tudo o que havia acontecido, não queria correr nenhum risco. Se Cash tinha inimigos, e eu também, não havia como saber o que eles fariam para se vingar. Especialmente depois do que fiz para impedi-los de matarem meu marido.

Os meninos trouxeram meu telefone com minhas roupas e um molho de chaves de um dos carros de Cash que foram deixados do lado de fora caso eu quisesse sair. Não arredaria o pé dali até que Cash saísse, mas queria fazer uma ligação.

— Raff — eu disse, me sentando na cama, de repente me sentindo exausta.

— *Kee? O que aconteceu? Cadê Cash?*

Balancei a cabeça. Não poderia reviver o momento. Não agora.

— É ruim, Raff. Não posso falar sobre isso agora, mas preciso que você vá buscar Maureen e as crianças. Agora mesmo.

— *Levá-los para onde? E onde diabos está meu primo? O que aconteceu?*

Esse “hospital” equivalia a uma casa segura, e fui instruída a não divulgar o endereço em hipótese alguma. Então dei a Raff o endereço de uma das casas que Harrison e eu tínhamos usado há algum tempo. Eu gostei do lugar, então me lembrava do endereço.

— *É aí que você está?* — ele disse.

— Não. — Balancei a cabeça. — Mas é onde um dos meus irmãos estará para encontrá-lo. Ele vai ficar com Maureen e as crianças até que as coisas se acalmem.

Eu poderia dizer que ele estava com raiva, respirando com dificuldade, talvez porque eu estava sendo evasiva. Então, de repente, ele praguejou, mas estava em pânico.

Eu me levantei na mesma hora.

— O quê? — minha voz ecoou a dele. — O que foi?!

— *Porra!* — ele gritou. — *O prédio de Maureen está pegando fogo!*



Voei para fora do armazém — nenhum dos homens na cozinha prestou atenção em mim — e encontrei o carro de Cash do outro lado do prédio. Eu não tinha certeza do que havia acontecido com o homem que montava guarda do lado de fora, mas tive a sensação de que ele estava fazendo sua ronda.

Não importava. Eu ia ligar para Harrison no caminho e avisá-lo para onde eu estava indo.

Talvez os meninos ainda estivessem em casa e pudessem chegar lá mais rápido do que eu.

Nenhum deles atendeu seus malditos telefones. Deixei uma mensagem para Harrison, apenas dando uma versão apressada do que Raff havia me dito, mas quando parei no prédio de Maureen, nenhum deles me ligou de volta.

O lugar estava envolto em fumaça, mas não havia ninguém por perto.

— Ah, Deus — implorei, quase pulando do carro antes de parar por completo. Deixei-o funcionando enquanto corria até o prédio.

O calor me impediu de seguir adiante. Eu não estava nem tão perto, e isso construiu uma barreira que eu já podia sentir chamuscando minha pele. Não havia como entrar. Não havia como sair.

— Aqueles bebês — eu gritei. — Meus bebês!

Eu não tinha percebido até aquele momento... que eles se tornaram meus filhos.

Meus bebês.

Eles fizeram de nós uma família. Meu sangue não corria em suas veias, mas cada grama do meu amor corria.

As pessoas começaram a se aglomerar, seus telefones a postos, gravando ou pedindo ajuda. Por que eles estão ligando agora? Onde estão os socorristas? Cadê o Raff? Ele tentou entrar e... quando o

pensamento me ocorreu, as chamas pareceram ficar mais furiosas, e era como se as mandíbulas do inferno estivessem se abrindo, engolindo o prédio. Estava começando a desmoronar.

Caí de joelhos, soluçando em minhas mãos, meu coração virando cinzas no prédio em chamas.

— Kee-ly — ouvi uma voz estrangulada gritar meu nome. — Kee-ly Kell-y.

Foi dito em sílabas quebradas. Então ouvi o choro de um bebê.

Do outro lado da rua. Na escuridão. Escondido perto de um prédio.

— Kee-ly. — O barulho estrangulado veio de novo, mais alto que o bebê. Era áspero e rasgado, mas eu ouvi. — Kee-ly Kell-y.

Atravessei a rua correndo, meus olhos se estreitando contra a escuridão para tentar enxergar melhor. O fogo estava consumindo tudo do outro lado da rua, mas este lado estava cheio de escuridão e fumaça.

Ouvi tosse, outro gemido, mas subia e descia em oitavas, como se alguém tentasse silenciá-lo.

— Ry-an — disse a voz fragmentada. — Ry-an, não chore.

— Connolly! — gritei. — Connolly!

— Kee!

Ela estava recostada contra o prédio, os olhos arregalados de medo, mas segurando Ryan com um aperto que teria rivalizado com o de uma mulher adulta. Ela estava tentando sacudi-lo para impedi-lo de chorar.

Caí de joelhos na frente deles, tentando olhar para os dois.

— O que aconteceu? — Lágrimas e fumaça embaçaram minha visão. — Você está machucada?

Ela balançou a cabeça.

— Vovó. — Ela respirou fundo e apontou para o outro lado da rua, para o prédio em chamas.

Demorou um minuto, mas ela me disse em palavras entrecortadas que sua avó havia falado com um homem antes, Mar-tin, e então ele foi embora. Outra batida veio à porta, e sua avó disse a ela para levar Ryan e descer a calha em seu prédio. Já havia sido usado para jogar lixo no chão.

Lembrei-me de Maureen me contando sobre isso quando eu estava lá uma vez. Perguntei a ela sobre um quadro em sua parede e,

quando ela o moveu, havia um quadrado do tamanho de uma janela atrás dele com uma alça. Maureen me disse que temia que Connolly tentasse descer por ela algum dia, talvez para se esconder, e isso a levaria para fora, então ela a escondeu atrás da pintura.

Eu precisava ligar para alguém — qualquer um — para vir, mas esqueci meu telefone no carro quando tentei ligar para Harrison no caminho. Eu carregaria as crianças e as colocaria em segurança, e então ligaria para Rocco para que os homens nos acompanhassem. Ele me deu seu número e me disse para ligar se tivesse algum problema. Não iria me arriscar com as crianças novamente. Um dos homens teria de nos acompanhar.

— Kee — Connolly chamou, começando a chorar ainda mais. Ela tentou falar comigo, mas continuou tropeçando nas palavras. Ela estava tentando me dizer quem havia batido à sua porta depois de Martin.

— Não entendo, querida — eu disse, ajudando-a a segurar Ryan, que ainda estava chorando um pouco, mas ela não queria soltar o bebê. — Quem bateu à sua porta? Quem era o outro homem?

Seus olhos se arregalaram e ela se encolheu ainda mais contra o prédio. Antes que eu pudesse me virar, ela segurou Ryan com um braço e apontou para algo atrás de mim.

— Ele!

Levei apenas um segundo para me virar, me postar diante deles, mas antes que o primeiro golpe acertasse meu crânio, gritei:

— Corra!



CAPÍTULO 34

Cash

Senti quando seus lábios beijaram os meus, senti suas lágrimas escorrendo pelo meu rosto, mas o médico me encharcou tanto com remédios que pensei que estava flutuando no céu.

Até que tentei me mexer.

Ele me costurou como se eu fosse feito de enchimento e ele teve que impedir que tudo vazasse. Cada parte dentro de mim exigia se mover, mas eu estava todo costurado. Sem contar com as porras das agulhas enfiadas em meus braços.

Tito Sala era conhecido por deixar seus pacientes confortáveis durante o procedimento cirúrgico, mas depois, ele tornaria a vida um inferno na terra. Alguns dizem que ele fazia isso para que você não se esquecesse. Eu disse que ele fazia isso porque, no fundo, o velho estava se vingando das muitas noites que teve que ficar acordado para consertar bastardos como eu. Um bando de Humpty Dumpties do cacete.

Duas mulheres entraram na sala. Estava escuro — alguém havia diminuído as luzes —, mas eu podia ouvir os monitores ao fundo e suas vozes.

Quando as mulheres se aproximaram, reconheci uma delas. Clara era enfermeira e seu pai já havia sido ligado a uma família irlandesa. Eu a conhecia desde que ela era criança.

A segunda mulher, a médica, demorei mais um minuto para me posicionar. Alisha Carter. Não conseguia me lembrar como ela se encaixava no cenário, no entanto. Talvez ela tenha namorado ou casado com um Fausti, ou com outra pessoa ligada a essa vida.

Se a Dra. Carter estava nesta sala, porém, os Fausti confiavam nela — em qualquer grau em que pudessem confiar.

Esta era uma das instalações mais equipadas, no quesito salas de emergência. Já estive em algumas delas antes. Devo ter estado perto da morte. Se a dor no meu pescoço e ombro fosse alguma indicação, a velha vagabunda quase me transformou em comida de verme.

— Quão perto estive desta vez? — perguntei, minha voz meio que fluando.

Clara mexeu em algo ao meu lado.

— Perto o suficiente para que o padre Flanagan viesse te visitar. — Ela me deu um tapinha no ombro. — Seu pai teria ficado chateado por você ter deixado alguém chegar tão perto.

— Sim. — Pigarreei. — O sentimento é mútuo agora.

— Padre Flanagan foi embora, então isso deve significar que ele sente que tudo está bem em seu coração. — Ela sorriu para mim. — Caso você decida morrer mais tarde.

Não tive forças para sorrir. Além disso, minha esposa podia me acusar de estar paquerando, e arrancar meus olhos, como ela havia ameaçado fazer antes. Quando eu dizia que ela surtava, cravando as garras com vontade, não me referia apenas ao quarto.

— Onde está minha esposa?

A mulher que deixaria minha alma em paz.

— Uhm... — Clara olhou para o Dra. Carter. — Você a viu?

A Dra. Carter negou com um aceno de cabeça.

— Não desde que ela esteve aqui mais cedo. Ela foi para o quarto privado depois, mas disse que voltaria.

— Quanto tempo? — questionei.

— Preocupado com o tempo, Kelly?

Um sorriso presunçoso surgiu no rosto de Clara.

— Estou, na verdade — eu disse, sentando-me um pouco. Elas

nem tentaram me impedir. Sabiam que era inútil.

Minha cabeça girou, mas ignorei.

— Onde está meu telefone?

— Ela está na outra sala, Kelly — Clara respondeu, prestes a sair com a Dra. Carter. — Não em outro país. Ela provavelmente está cansada. Está chateada, preocupada com você. — Deu um tapa na minha perna, mas foi leve. — Não sei por que uma mulher se apaixonaria por qualquer um de vocês. Vocês são um carro lotado de problemas.

— Difícil demais para o coração — a Dra. Carter disse, antes de me deixarem sozinho.

Sozinho no silêncio para pensar. Lembrar.

Minhas mãos se curvaram ao redor da porra dos cobertores que eles colocaram sobre mim, como uma criança que precisa se aquecer, e uma pulsação bateu no meu ouvido. Se Tito Sala não tivesse me costurado direito, eu poderia explodir.

A julgar por quão retesado eu me sentia, ele tinha ido longe demais. Talvez ele quisesse estourar para poder fazer de novo — enquanto eu estava acordado, com a maior agulha que ele tinha e sem anestesia. Eu já tinha feito isso antes, sem remédios, mas sua mão podia tanto machucar quanto curar quando ele tinha uma lição a ensinar sobre a preservação do templo que considerava o corpo humano.

Um som estranho soou na sala. A princípio pensei que vinha dos monitores, mas depois percebi que era meu telefone. Eles devem ter cortado minhas roupas, e minhas calças estavam no canto, o som vindo do meu bolso.

— Quem diabos... — Então me dei conta. Era o toque que Keely tinha colocado no meu telefone.

Ela disse que não importava se alguém tivesse um especial, o dela se destacaria. Ela escolheu uma foto de um pássaro verde animado e, quando meu telefone tocava, ele aparecia e soava com um estranho canto de pássaro.

Começou como um chilrear no início e depois se transformou em uma voz gritando: “Aviso”. *Squawk*. “Sua esposa está ligando. Aviso.” *Squawk*. “Sua esposa está ligando.”

“Aviso,” meu telefone gritou do canto. “Sua esposa está ligando. Aviso.”

Por que diabos minha esposa estaria ligando se ela estivesse no mesmo prédio? E por que diabos, se eu estivesse acordado, ou não, ela não estaria ao meu lado? Mesmo quando ela me odiava, ela ainda se recusava a sair de seu lugar.

Arrancando os fios dos meus braços, me movi como um homem em um barco durante uma tempestade para o canto da sala. Cada corte — meu torso, minhas costas, e em toda parte do meu corpo — pegava fogo a cada passo que eu dava. Nunca estive perto o suficiente de um fogo intenso para sentir o calor, mas meu corpo estava iluminado da mesma forma.

Cada músculo. Cada nervo. Cada célula. Queimado.

Bastou o toque parar, ou talvez o homem do outro lado tenha ouvido como eu estava respirando com dificuldade, porque assim que ele sentiu uma brecha, *vida*, ele me disse onde encontrá-lo.

— *Sozinho, ou sua esposa está morta.*



Os homens de Rocco não estavam prestando atenção. Eles estavam mais preocupados com quem ameaçava entrar do que com quem estava saindo.

Muitos homens tentaram escapar das garras de Tito Sala, porém, e esses homens foram amarrados à cama. Então ele lia para você o livro mais chato do mundo. Os incontáveis homens que foram amarrados por seu comando, provavelmente, desejavam ter morrido na luta, em vez de ter que ouvi-lo falar sem parar.

Um dos homens na cozinha ergueu os olhos e acenou para mim, mas como eu *nadei* em direção ao quarto onde minha esposa deveria estar, ele provavelmente pensou que eu estava procurando por ela.

Sim, nadei. Senti como se estivesse debaixo d'água, mas em uma versão infernal disso. Estava suando enquanto a pele queimava até esturricar. Nem tinha certeza se conseguiria erguer o braço acima da cabeça.

Eu sabia que minha esposa não estava no quarto, mas esses lugares eram repletos de armas, e eu precisava levar algo comigo. Eu ia

sozinho, mas não de mãos vazias. No armário, encontrei um coldre de ombro de couro e o coloquei. Havia apenas uma calça de moletom aqui, então eu iria sem camisa e descalço.

Cada instinto me dizia para correr, mas minha cabeça estava em guerra com meus membros. O que quer que Tito tenha me dado era forte, embora a dor ainda imperasse. Talvez estivesse passando. O que significava que eu tinha que sair antes que ele viesse me dar outra dose e descobrisse que eu havia sumido.

Passei pelos homens na cozinha. Eu sabia que o homem que montava guarda do lado de fora, porém, seria um problema — um homem siciliano de 1,80 de altura, cem quilos e músculos sólidos. Eu já havia conhecido o guarda, Rizzo, que eles, às vezes, o chamavam de “O Gigante” na porta antes, e eu sabia que ele era da Sicília. O alcance dos Fausti era imenso e eles tinham família em todas as áreas imagináveis.

— Kelly — ele disse, olhando para mim. Ele tinha uma mancha vermelha na bochecha.

Apontei uma arma para a cabeça dele.

— Sem ofensa, Rizzo, mas preciso de um molho de chaves.

— Eu levo você — ele falou. — Sala deu a você...

Balancei a cabeça.

— Tenho que fazer isso sozinho.

Ele suspirou e tirou um molho de chaves do bolso. Jogou-as para mim e eu as peguei com uma mão.

Ele acenou com a cabeça para um Hummer todo preto do outro lado da rua.

— Vou te dar uma surra assim que você se curar — ele gritou atrás de mim. — Eu faria isso agora, mas tenho muito medo de Sala. Você sabe como ele se sente sobre essa porcaria de suturas... que ele considera como sua obra de arte.

Apertei o botão do Hummer, e o alarme acionou, mas pouco antes de entrar, senti alguém me observando. Olhei por cima do ombro, porém não vi ninguém. Eu sabia, no entanto. Aquele filho da puta maquiavélico. Mac. Ele era como um fantasma, sempre observando, e quando você o sentia, era só isso. Um sentimento. Ele nunca estava onde você esperava que ele estivesse.

E se ele chamasse Keely de “amiga da minha esposa” mais uma vez, eu iria bater nele. Era como se o nome de nenhuma outra mulher

fosse bom o suficiente para sair de sua boca, exceto o de sua esposa.

— Keely — eu disse, enquanto me esforçava para entrar no Hummer. Era uma fera da estrada e, depois de fechar a porta, encontrei uma camisa limpa no banco do carona e um par de sapatos novos no chão.

Olhei em volta novamente, mas nada além da escuridão me cercava. Não havia como saber quando Mac havia organizado esse passeio e as roupas. Provavelmente assim que minha esposa ligou para eles pedindo ajuda. Mais uma vez, ele era um assassino inteligente, um dos mais perigosos de todos. Ele conspirava antes de executar.

Então, como minha esposa passou pelos homens em casa e Rizzo do lado de fora?

A mancha vermelha na bochecha de Rizzo explicava isso. Ele estava comendo, porra. Eu podia sentir o cheiro de tomate e alho exalando pelos poros dele. Era a mesma refeição que os caras comiam dentro de casa. E se eu conhecesse Rocco, e um pouco o próprio Mac, eles teriam acabado de chegar depois de cuidar do massacre fora de nossa casa em *Hell's Kitchen*. Keely tinha escapado antes disso. Ou eles não teriam permitido que ela saísse sozinha.

Tirei o coldre de ombro e deslizei a camisa por sobre minha cabeça. O tecido roçou todas as partes, espalhando a ardência pelo corpo inteiro e mantendo o calor absurdo sob as bandagens. Isso refletia o que estava acontecendo dentro de mim. Eu era um fogo ambulante — prestes a entrar em combustão de tanta raiva.

No dia no clube de campo, após a tentativa de golpe contra minha vida, eu soube.

Era alguém que me conhecia. Alguém próximo. Mas tive que descobrir até onde a operação iria antes que eu pudesse agir.

Eu também sabia o porquê, mas era difícil me concentrar nisso. Não quando minhas pálpebras estavam pesadas e a cabeça nadava. Minha pele lutava contra o calor e o frio — eu estava febril. Meus dentes estalaram.

— Porra! — Puxei o volante do Hummer para a esquerda, atropelando um carro estacionado à direita, arrancando completamente o para-choque.

Balancei a cabeça, tentando manter as coisas claras, enquanto corria pelas ruas como um bêbado. Não era mais nem das drogas. A dor

estava aumentando, porque os entorpecentes estavam perdendo o efeito. Os filhos da puta devem ter me esfaqueado várias vezes e profundamente. O corte do meu pescoço era o que mais latejava. E meu rosto. Eu estava começando a sentir a dor de novo. Meu nariz. Um deles deve ter me chutado quando eu estava no chão e quebrou o osso — outra vez.

Tudo veio em segundo lugar para a pura determinação de chegar à minha esposa, no entanto. A dor me lembrava que eu tinha um propósito.

Uma gota de chuva atingiu o para-brisa. Eu esperava que levasse mais um tempo para cair, mas eu podia sentir o cheiro no ar.

Umidade. Relâmpagos atravessaram o céu, seguidos por trovões.

Alguns minutos depois, o Hummer rolou sobre o gramado do cemitério, parando bruscamente quando afundei o pé. Deslizei o coldre de ombro de volta e me inclinei para pegar os sapatos. Minha cabeça nublou antes de eu me erguer para respirar e conseguir recuperar o fôlego. Calcei os filhos da puta e quase despenquei do carro ao sair.

Eu ia ter que atirar nele antes que ele chegasse a mim. Não estava em condições de lutar, mal conseguia ficar de pé. Ele era um cara forte com socos rápidos. E eu precisava tirá-la de lá. Uma vez que ela estivesse fora, a coisa se resolveria entre nós.

Keely Kelly se tornou minha vida. A minha vida inteira. Eu era viciado em sua paz, em seu amor, nela. Estava apaixonado pela vida dentro da mulher. Quando ela reiniciou minha vida, me deu um primeiro suspiro novamente, e eu daria a ela meu último se isso significasse que ela viveria.

Seguindo a claridade dos faróis do Hummer, atravessei o cemitério. As lacunas entre os marcadores ficaram cada vez mais escuras à medida que avançava, até que a luz de uma lanterna iluminou a área em frente à lápide do meu pai. Não era rebuscada como muitas por ali.

Meu pai não queria isso. Ele disse que todos os homens acabam no mesmo lugar, não importa onde tenham estado ou o que tenham feito na vida. Um caixão de um milhão de dólares ou um de quinhentos, não importava, porque o que estava dentro ainda ia perecer.

— Cinzas às cinzas — a voz de Raff ressoou. — Do pó ao pó... É você, Cashel Kelly?

Sim, Raff... filho da puta.

Martin me disse que tinha visto Raff dar uma chave a um rapaz naquele dia no *Sullivan's*, quando os caminhões de Sal entravam e saíam. O cara deu a chave para o neto de Susan, Colin McFirth, mas Martin não pensou em nada até que Raff disse a ele, depois de umas cervejas, que um cara havia dado uma chave a Colin, e a chave pertencia ao caminhão que explodiu com Colin dentro. Raff disse que o caminhão era para mim.

Nunca contei a Raff o que aconteceu entre mim e Colin. Nunca disse a ele que tinha equipado o caminhão errado e consertado o outro. E só ensinei uma pessoa a montar qualquer coisa do jeito que o veículo de Colin explodiu.

Raff estava tão envolvido em seus feitos que não percebeu que havia se entregado — porque ele e Colin estavam envolvidos nisso. Colin nunca dedurou Raff. Eles estavam trabalhando juntos contra mim. Meu palpite era que Colin queria me matar mais cedo do que seu parceiro, mas em vez disso, ele conseguiu o fim do negócio.

Martin levou um minuto para juntar as peças, mas quando o fez, percebeu que era Raff por trás disso o tempo todo. Raff estava me usando para eliminar todos os seus adversários em potencial, antes de acabar comigo. Não seria com explosivos, no entanto. Não do jeito que ele havia assassinado o amigo. Isso era pessoal.

Ele queria que eu sofresse. Implorasse.

Eu tinha a arma apontada para ele antes que ele se virasse de frente entre duas lápides — uma que pertencia ao meu pai e outra que pertencia ao dele —, com minha esposa em seus braços. Sua cabeça estava inclinada para trás, os olhos fechados, seu cabelo balançando sempre que ele a movia. Quando ele se virou, como se estivesse dançando pela última vez com uma mulher morta, avistei o sangue. Descia pelo rosto desde a testa.

O nariz dela. Sua boca. Os olhos... Ele bateu nas portas do meu paraíso para entrar. Seu jeans estava encharcado, quase preto, de tanto sangue.

— Keely... — o nome dela saiu dos meus lábios sem pensar. — Minha querida.

Ele sorriu.

— Você está perdendo o jeito, Kelly. — Ele acenou com a cabeça

em direção à mão que estava segurando a arma. Eu a havia abaixado e o tirado de mira.

Eu não conseguia atirar, não com a forma como ele a segurava em seus braços. Podia até não fazer diferença. Minha esposa, ela podia já estar... Eu me recusava a pensar nisso.

Algo dentro de mim enfraqueceu, mas minha mão apertou a arma.

Ele hesitou, mas depois sorriu.

— Sua esposa, Jessica Rabbit... lutou mais do que você agora. Todos nós vemos quem manda na sua família. — Ele fez um estalo com a língua. — Não deveria dizer família. Maureen. A garotinha. O garotinho. Todos mortos... e agora sua esposa. — Ele se virou um pouco, mostrando-me o rosto dela. — Disse para você vir sozinho ou ela morreria. Já que eu sabia que você não iria... — Ele deu de ombros.

Encontrei seus olhos quando a chuva começou a cair. Um raio se bifurcou no céu, tornando-o roxo por um segundo antes de o trovão retumbar.

— As armas, Kelly. — Ele acenou com a cabeça para a que estava na minha mão. — Você não tem só essa aí. Mas eu não a matei. Ainda não. Talvez queira se apressar, porém, o sangramento é intenso por fora, mas não tenho certeza do que está rolando por dentro. — Ele piscou para mim. — Essa sua Jessica Rabbit aguenta firme uns golpes com bastão, viu... — ele caçoou, imitando o meu sotaque.

— O que você quer? — perguntei, entredentes.

— Você — respondeu. — De joelhos. Na minha frente. Implorando por perdão. Nenhuma arma apontada para sua cabeça obrigando-o a dizer as palavras. Quero um pedido de desculpas da alma, já que você não tem a porra de um coração.

Joguei a arma que estava em minha mão para perto dele, e ele chutou para tão longe que eu não conseguiria alcançá-la mesmo que tentasse. Fiz o mesmo com o coldre inteiro. E Raff fez a mesma coisa.

O amor era a única força que poderia me deixar de joelhos. Minha esposa havia dito isso naquele dia na casa de seu irmão.

Caí de joelhos não na frente dele, mas diante da minha esposa. Ela era tudo que eu podia ver. Tudo o que eu podia ouvir. Tudo que eu podia respirar. Eu podia sentir o cheiro dela na chuva, e quando ele pairou acima de mim, segurando-a, o sangue dela escorreu pelo meu

rosto como lágrimas.

— Você não previu isso, seu bastardo arrogante do diabo. O saqueador de *Hell's Kitchen*; você não rouba coisas, rouba corações. Você os rouba dos homens. Você os rouba das famílias. Seu pai era o próprio diabo. Tudo o que ele tocou, ele estragou. Como as drogas contra as quais você luta. — Raff colocou a arma pressionada na minha testa. — Deixe-me contar uma história, uma história de como Ronan Kelly arruinou a vida de um homem bom. Meu pai tinha uma dívida, e seu pai o forçou a sair da rua com esse bando de bandidos e o levou para o *Ginger's*.

O *Ginger's* era um bar que meu pai financiou. Ele o usava, às vezes, para lidar com homens que deviam dinheiro, ou coisa pior. Não era um lugar neutro como o *Sullivan's*. Se aquelas paredes falassem, o FBI as teria levado para interrogatório anos atrás.

— Por dinheiro, Kelly — Raff disse, pressionando a arma com mais força contra a minha cabeça. A princípio, sua mão estava firme, mas quanto mais ele falava, mais ele revivia, até que começou a tremer. — Dinheiro. Seu pai colocou uma arma na cabeça do meu pai, assim, e o obrigou a ligar para casa. Eu atendi o telefone. Meu pai estava chorando, implorando, e ele me disse para colocar minha mãe na linha. — Raff fungou. — Ele tinha uma dívida com o grande Ronan Kelly, e se não arranjassemos o suficiente, estaríamos todos mortos. Agora você vai implorar por algo que vale mais que sua vida. A vida dessa mulher. Sua vida não é boa o suficiente para implorar. E a dela? Vale cada palavra da sua boca. Mais ou menos como o que você fez com Scott Stone. Você a roubou dele, sabendo que ele nunca a esqueceria porque a perdeu para você. A cria do diabo. A coisa contra a qual ele passou a vida inteira lutando. E a carreira dele? Seu outro amor? O fim da vida como ele a conhecia quando a perdeu. Agora você está onde muitos homens estiveram com a sua palavra, com a porra da sua mão, e você vai perder, Kelly. Você vai perder. Porque eu vi de perto. Essa cadela vale tudo para você. Mais do que a lembrança do seu pai. Mais do que seu último suspiro. Então, o que você tem a dizer?

Levantei as mãos.

— Aqui estou — eu disse, sentindo o gosto de sangue na minha boca. Ou dela ou meu.

— *Aqui estou* — zombou e olhou para o céu, rindo. — Isso é

tudo que você tem a dizer sobre você mesmo? Onde está o pedido? A súplica? O choro? — Ele se virou e bateu a cabeça da minha esposa contra lápide do meu pai ao mesmo tempo em que um trovão pareceu partir o céu em dois e mais chuva começou a cair. — Você vai chorar...

Meu coração gritou o nome dela, mas um rugido deixou minha garganta quando o calor subiu dentro de mim, e eu choquei meu corpo ao dele. O impacto foi tão intenso que ele acabou largando Keely, tentando proteger seu corpo do meu ataque, e assim que caímos no chão, começamos a brigar.

Ele me pegou de costas em um piscar de olhos, acertando-me em todos os pontos que sabia que estavam debilitados, esquecendo de um ponto vital.

Meu pescoço.

Eu poderia sobreviver ao resto. Mas não a outro golpe no meu pescoço.

Não dava a mínima para a minha vida. Eu tinha que arranjar ajuda para a minha esposa. Estávamos em um cemitério. A terra dos mortos. Ela não seria uma delas. Se ela morresse, nós iríamos juntos. Eu rasgaria a veia do meu pescoço antes que alguém a baixasse no chão diante dos meus olhos.

Ele continuou acertando os socos nas minhas costas, nas costelas, e então me acertou bem no pescoço. Perdi o fôlego e o ar saiu dos meus pulmões como um sibilo, a chuva encharcando minha boca enquanto eu tentava respirar.

Raff saiu de cima de mim, rastejando para pegar a arma que havia perdido quando avancei contra ele. Ele se levantou não menos que um segundo depois, indo para Keely novamente, e com cada grama de ar que pude roubar, gritei seu nome:

— Raff!

Ele parou e se virou para mim.

— Foda-se você — eu disse. — E foda-se o seu pai. Ele era um cagão.

Saquei a arma oculta às minhas costas, atirando uma vez na cabeça dele e outra no coração. Ele caiu no chão enquanto eu me ajoelhava e rastejava até minha esposa, que estava sem vida no chão, a chuva caindo em seu rosto, tentando lavar o sangue. Era demais, vindo rápido demais. Usando o mármore da sepultura do meu pai como apoio

para me erguer um pouco, eu a peguei no colo, rugindo de dor na mesma hora. Coloquei-a contra o meu peito, segurando-a com força contra mim, sem saber o que diabos fazer. Além de seu rosto, eu não tinha certeza do que ele tinha feito com ela. Não estava lá para protegê-la. Ou aquelas crianças. Ou Maureen.

Nossa família.

Minha cabeça girava para dentro e para fora de novo, mas mesmo na escuridão, tudo que eu conseguia ver era vermelho. Sangue.

Nosso sangue correu e se misturou na chuva.

Inclinei a cabeça para o céu e gritei. Gritei tão alto que meus pulmões tremeram.

— Por favor! — implorei. — Por favor. — Um raio iluminou a escuridão, mostrando-me seu rosto, e eu implorei mais uma vez em gaélico irlandês: — *Le do thoil!*

— Já era hora de você implorar por algo, seu bastardo inútil.

Lee Grady. O homem que deveria estar morto. A porra de um fantasma em um cemitério. Ele pairou acima de mim com uma arma na mão.

Tentei mover minha esposa para protegê-la, mas ele balançou a cabeça, apontando a arma para ela.

— Ela vai primeiro. Depois do que acabei de ouvir, ela vale mais do que você roubou de mim. Você viverá o suficiente, depois que eu terminar o trabalho que Susan não conseguiu, para ver a vida dela se esvaír antes de se esvaír de você. Muito poético. Seu pai pode até ter ficado orgulhoso de você ter sido abatido assim.

Um apito soou. Como um pássaro. Cantoria. Ou conversas um com outro. Veio e depois se foi quando outro trovão o abafou. Voltou, desta vez mais perto.

Eu podia ver Grady à luz da lanterna que Raff havia deixado para trás, mas ele não conseguia ver quem mais estava lá fora.

Grady apontou a arma para a esquerda, de onde vinha o barulho, estreitando os olhos.

— Quem está aí? — ele gritou.

Nada respondeu sua pergunta, a não ser o aguaceiro da chuva, e então o apito soou novamente. Meu pai podia ter uma sepultura simples, mas grandes estátuas a cercavam. Quem quer que fosse, parecia estar se movendo entre elas, deixando Grady saber que ele não

estava sozinho.

Grady puxou o gatilho de sua arma. Um flash de luz, e então a explosão soou e pareceu ecoar na noite. A bala deve ter atingido em uma pedra, porque eu a ouvi estalar.

— Quem está aí? — ele gritou de novo, pronto para puxar o gatilho mais uma vez. Antes que ele o fizesse, porém, um homem apareceu da escuridão e colocou uma bala em sua cabeça e duas no peito. Ele estava deitado aos meus pés, seus olhos ainda abertos, a chuva acumulando em seus olhos cegos.

Quando o homem apareceu na luz, pigarreei.

— Não foi culpa dela. Eu a obriguei a isso. Leve ela. — Tentei levantá-la, mas meus braços pareciam pesados de chumbo. — Ela precisa de ajuda.

— Eu sei que você a forçou — Scott Stone disse, ajoelhando-se para sentir o pulso em seu pescoço —, mas também sei que ela não é o tipo de mulher que é forçada a nada. Ela se apaixonou por você. — Ele suspirou. — Dê um jeito de conseguir meu emprego de volta e eu vou arranjar ajuda. Você já disse o suficiente. Não podemos existir um sem o outro.

— Feito — falei, mas não tinha certeza se a palavra realmente saiu da minha boca.

— Não tenho certeza sobre você, Kelly. — Ele suspirou novamente. — Mas preciso de algo para viver além de mim.

— A porra da verdade — eu disse, segurando-a com mais força. Se ela não sobrevivesse a isso, eu também não sobreviveria.

Um segundo depois, parecia que as pessoas estavam correndo na chuva com lanternas, vindo em nossa direção.

Muito cedo para ele ter acabado de ligar para alguém.

Ouvi Scott Stone dizer algo sobre como ele estava me seguindo depois que acertei o carro ao sair do armazém. Ele perdeu meu rastro em algum momento, mas então descobriu para onde eu estava indo. Ouvi Mac. Ouvi Rocco. Ouvi dizer que eles deixaram o Hummer para mim, caso eu quisesse ir atrás de Raff quando estivesse curado. O Hummer havia sido rastreado.

Ouvi Tito Sala xingando todos eles em italiano.

Puxando minha esposa ainda mais para perto do meu peito, eu disse uma palavra que não me lembro de ter saído da minha boca antes:

— Obrigado.
Então fechei os olhos.



CAPÍTULO 35

Keely

Sete meses depois...

O sol da tarde entrava pelas janelas da biblioteca, destacando todas as histórias nas muitas prateleiras.

Puxei o pingente em volta do meu pescoço, estudando todas as fendas com olhos semicerrados.

Algumas ainda estavam manchadas de sangue.

Dele e meu.

Dois corpos que compartilhavam um só coração.

O amor nunca é fácil, porque o amor verdadeiro, o tipo pelo qual fiz votos, significava que os dias seriam longos, os anos curtos e nem todos seriam bons. Uma coisa eu sabia com certeza, no entanto. Valeria a pena.

Já valeu.

Não importava o quão difícil nosso caminho se tornasse, eu sempre faria a escolha de caminhar ao lado de Cash Kelly e nossa família apaixonada.

Levei tempo para chegar a esse ponto. Não foi fácil me curar depois do que Raff fez comigo. Ele tinha me espancado sem remorso.

Bateu em mim até eu desmaiar de dor. Tive ossos quebrados e músculos dilacerados.

Aquele que ele quase matou, *meu coração*, ainda bate. Ele me deixou ferida e esfarrapada, e deixou meu marido da mesma forma, mas ele ainda estava aqui. E eu também.

Qualquer sacrifício para tê-lo valeria a pena. Ele era o suficiente para mim. E nossa família também.

Ryan riu e correu para a biblioteca, meus braços abertos quando ele se chocou contra mim. Meus braços estavam cheios, assim como meu coração, mesmo que eu ainda não tivesse ideia do que preenchia o metal contra o meu peito.

Cee Cee correu logo atrás de Ryan, fingindo que era o dragão em sua parede, indo comê-lo. Sua fala estava melhorando a cada dia. Ela escolhia livros da seção infantil da biblioteca todas as noites, e era Cash quem os lia para ela.

— Ótimo — ela dizia enquanto ele a colocava na cama. — Apenas *óti-mo*.

Não foi fácil para ela perder Maureen — não foi fácil para nenhum de nós —, mas ela floresceu conosco, e eu agradecia todos os dias por Maureen ter tido a visão de ver isso com antecedência. Ela facilitou a transição para Cee Cee e, de várias maneiras, me preparou para a família que tínhamos.

Padre Flanagan nos disse que Maureen não estava doente, como todos supunham, mas ela queria ter certeza de que, não importava o que acontecesse, seus netos seriam amados além da medida e bem cuidados.

Quando eu disse a Cee Cee para correr, ela correu, direto para encontrar padre Flanagan. Ele a pegou na rua quando se dirigia para o incêndio, e ela lhe contou o que havia acontecido.

Mesmo na morte, Maureen estava guiando Cee Cee, e eu tinha certeza de que ela sempre o faria.

Ryan se acomodou no meu colo, o sol destacando seu cabelo escuro. Cee Cee pegou um livro antes de se sentar ao meu lado.

— Ninguém me convidou — Cash disse, entrando na sala. — Estou ofendido.

Meu tigre estava crivado de listras, mas isso só o tornava mais bonito. Eu tinha muito prazer em lambar cada uma delas todas as

noites, saboreando o sacrifício que ele fez por essas crianças, por mim, com a ponta da minha língua. Deixando-o entrar na minha corrente sanguínea e ir direto para o meu coração. Lembrando-me de como era um tempo agri-doce.

— Grr! — Cee Cee rosnou para ele. — Você está bravo. Você vai ficar *fe-liz*.

Ryan ergueu os braços para que Cash o pegasse. Cash o segurou perto de seu peito por um momento, acariciando sua cabeça, e então se sentou ao meu lado. Nós nos encaramos por um minuto, perdendo-nos em tudo o que tínhamos, antes de ambos sorrirmos.

O saqueador ainda estava roubando a porra da minha respiração. Talvez porque eu não tivesse mais nada para ele roubar. Ele me possuía, tudo de mim, para o resto da minha vida.

— Aqui — Cee Cee disse, empurrando um pedaço de papel para mim. Desviei o olhar de Cash para pegá-lo. Ela desenhou quatro dragões, todos diferentes, mas cada um representava um de nós.

Sob o dragão de Cash, o mais assustador, o nome dizia *Papai Cash*. Sob o de Ryan estava o *irmãozinho Ryan*. Sob o dela, dizia, *irmã mais velha Cee Cee*. Abaixo do meu, dizia simplesmente, *mãe*.

Ergui a cabeça para encontrar seu olhar.

Ela deu de ombros.

— Nós somos uma *famí-lia*. Eu escolhi você como minha mãe. E — ela tocou o ombro de Cash — ... papai Cash.

O rosto de Cash se iluminou quando ele sorriu.

— Tem um belo tom nisso.

Puxei Connolly para o meu peito, chorando contra seu cabelo, mas rindo ao mesmo tempo.

— Eu escolhi você como minha filhinha — eu disse, depositando um beijo forte em sua cabeça. — E você como meu bebê!

Fiz cócegas na barriga de Ryan, e ele ergueu os ombros, franzindo o nariz enquanto ria.

— E eu? — Cash perguntou, apontando para o peito. — Você me escolhe?

— Enquanto nós dois vivermos — afirmei, colocando minha mão contra seu coração. Ele colocou a dele sobre o meu, pressionando com amor. — Você sangrou por isso, por mim. Você conquistou meu coração. Você pode escrever isso na sua lápide.

Ryan puxou a corrente em volta do meu pescoço, olhando para o pingente. Seus olhos se estreitaram por um segundo, antes que ele pegasse o dedo e tentasse enfiá-lo onde um pequeno cadeado encaixaria. Sua unha entrou por entre as fendas que abriram o medalhão para revelar o que havia dentro do coração.

E aconteceu. Abriu.

Um simples anel de ouro caiu no meu colo, um que era grande demais para o meu dedo. Eu o segurei, olhando por dentro do círculo, deixando o sol cintilar sobre o aro.

— *“Você provou que eu estava errado”* — eu disse, lendo a inscrição.

— Você fez, minha querida. — Ele sorriu para mim, mas não havia nada de arrogante nisso. Pela primeira vez, o sorriso alcançava seus olhos. — Você provou que eu estava errado. Você prova que estou errado. Diariamente.

— Você me ama. — Inspirei fundo.

— Mais do que a própria vida. — Ele me olhou nos olhos e então se concentrou em Connolly Kelly. — Mais do que a própria vida. — Olhou para Ryan Kelly. — Mais do que a própria vida.

Peguei sua mão e deslizei a aliança em seu dedo anelar.

— Uma coleira em um tigre — brinquei.

— Ótimo — ele concordou. — Ótimo pra car... — Cee Cee cobriu a boca dele com a mão, e ele fingiu mordê-la.

Ela começou a rir e afastou a mão.

— Simplesmente ótimo. Você nunca vai me deixar me desviar do caminho.

Nós nos beijamos e então fomos preparar o jantar.



EPÍLOGO

Cash

Dois anos depois...

— Abra a porta!

Eu sorri para minha esposa antes de ir atender. Ryan estava em seus ombros, batendo no animal de balão que ela tinha em volta da cabeça, rindo pra caramba. Seu cabelo estava cheio de glitter e ela tinha uma tigresa pintada em sua bochecha. Connolly andava por aí com as amigas, à mil por causa do excesso de açúcar.

Eu havia alertado minha esposa sobre os perigos de misturar açúcar com crianças, mas ela comeu com eles, então disse que não havia desculpa para não dar aos filhos. Ela pensava que deveríamos praticar o que pregamos.

O sorriso ainda estava no meu rosto quando abri a porta, mas se desfez na mesma hora quando me deparei com três pessoas.

— Estávamos na vizinhança. — Killian deu de ombros. — Pensei em passar por aqui para o aniversário da minha sobrinha.

Ele estava espremido entre sua esposa e Saoirse.

— Esta casa é apenas para convidados — eu disse.

— Temos um convite — Kill falou, olhando para trás.

Virei-me e encontrei padre Flanagan, mas ele balançou a cabeça. Ele não os convidou. Conteí a ele sobre a situação com Saoirse depois do que aconteceu comigo e minha esposa no cemitério. Ele estava tão chocado quanto eu por Saoirse ainda estar viva e Killian não ter contado a ele. Quando perguntei se ele estava bravo ou se ia guardar rancor, ele me disse que não.

— Guardar rancor só o torna amargo — ele disse. — Porque só você pode viver com você. Não sou eu que julgo. — Apontou para o céu. — Esse é um fardo que sou abençoado por não ter que carregar. Quando escolhi andar em amor, escolhi o caminho difícil. Não é o caminho de menor resistência, mas no final valerá a pena. Porque quando nós vamos, Cash, vamos todos sozinhos, e nossos pecados são nossos. Só serei julgado pelo que fiz. “Ele fez isso primeiro” ou “ele me machucou primeiro” não será bom o suficiente. Não para... — Ele acenou para o céu novamente. — E não para mim.

Então foi isso — até este momento. Até que seus olhos se encontraram com os de Saoirse pela primeira vez em anos.

Kill pigarreou de leve.

— Padre Flanagan não nos convidou.

Olhei para o meu irmão e ele acenou com a cabeça para um ponto atrás de mim. Minha esposa estava lá com nossos filhos. E sorriu e acenou para mim.

— Depois que falei com Kee, e ela me disse que alguém se recusava a cantar para ela, decidi que alguém — ele apontou para o peito — tem que ensinar aquelas crianças a cantar. — Kill sorriu. — Apropriadamente.

— Papai dois — Ryan disse, levantando dois dedos, tentando descobrir por que havia outro *eu* do lado de fora da nossa casa.

— Papai — Connolly chamou, vindo pegar minha mão. Ela abandonou a parte do “Papai Cash” uma semana depois de decidir me dar o nome. — Quem são eles? — Seus olhos saltaram entre mim e Kill, focados na mesma coisa que Ryan notava: o quanto nos parecíamos.

— Sou seu tio — Kill disse. Ele apresentou sua esposa, cujo nome era Megan. Então, Saoirse.

— Você pode me chamar de vó — Saoirse falou. — Se quiser.

Connolly sorriu.

— Que tal vovó?

— Adoraria — Saoirse concordou, enxugando os olhos. — Muito.

Keely deslizou a mão ao meu lado e Ryan pegou minha outra mão. Depois de alguns minutos tensos, suspirei e me afastei um pouco. Keely deu um gritinho e se afastou para que os três pudessem entrar.

Antes que eles o fizessem, coloquei meu pé para fora, impedindo Killian de entrar. Olhei cada um deles nos olhos antes de falar:

— Pelos meus filhos — eu disse. — Desde que você apelou para a simpatia deles. Mas não por mim.

Killian encontrou meu olhar, lembrando-me de mim mesmo quando estava determinado a conseguir o que eu queria.

— Vamos esperar — ele falou, e então entrou em nossa casa.

As crianças correram atrás deles, animadas para conhecer novas pessoas. Éramos uma família pouco convencional, mas nossa ligação era ainda mais forte que o sangue. Até a mãe de Keely deu a Saoirse um olhar maligno quando Connolly a apresentou como sua nova vovó. Essas crianças eram de todos nós.

Keely olhou para mim por um minuto e então passou os braços em volta de mim, olhando para cima.

— A vida nem sempre flui como queremos, ladrão de corações — ela disse. — Mas não importa o que, bom ou ruim, ela segue. Ela avança. Momentos ruins vêm e vão. Assim como os momentos bons. Mas para sempre, somos nós. Você e eu. E eles. — Ela acenou com a cabeça para trás para nossas crianças rindo ao fundo.

Procurei seus olhos, minha entrada no céu, me perguntando o que já fiz na minha vida para merecê-la. A verdade era que *nada*. Nenhuma porra de coisa jamais poderia ser comparada a ela. Nunca seria digno de seu amor. Era meu, porém, e eu nunca deixaria ninguém chegar perto dele. Nem mesmo nós fomos capazes de estragar tudo, e tínhamos sido caos e rancor no começo.

— Base sólida — ela disse. — Lembra?

Ela bateu na minha têmpora.

— Esqueça essa coisa de base — falei, dando-lhe um tapinha no peito. — Coração forte.

— Você deveria saber — ela falou, pegando minha mão, me levando de volta para a festa. — Você roubou o suficiente deles. E não

estou falando apenas de homens no jogo. Estou falando de mulheres também. Aos montes. — Ela revirou os olhos.

— Apenas uma que conta, minha querida — eu disse. — Você.

— Ótimo — afirmou, rindo. — Simplesmente ótimo! Agora é hora de você cantar para mim. *La de daa...*

— De jeito nenhum, só na porra do inferno — eu disse.

— Já estive lá, Saqueador. Tem que fazer melhor do que isso.

Eu a segurei antes que ela chegasse à multidão, virando-a para mim, não deixando espaço entre o corpo dela e o meu. Comecei a dançar lentamente com ela. E então coloquei minha boca em seu ouvido e comecei a cantar.

— Sua voz é como uma canção de ninar — ela ofegou.

— Você canta uma para mim e eu canto para você — falei, agarrando sua bunda.

— Shhh... Pare de falar. Cante para mim de novo.

E cantei.

Quando a música chegou ao fim, ela inspirou e exalou.

— Cante apenas para mim — ela sussurrou, com os olhos fechados, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Até o dia em que eu morrer.

— Até o dia em que *eu* morrer — declarei. — Para você, e somente você, minha querida.

— Você sangrou por este coração, Cash Kelly — declarou. — É seu até o dia da sua morte.

— Ótimo — concordei. — Agora guarde a flecha destinada a mim para sempre, arqueira. Porque, finalmente, estamos quites.



CASH

Você se lembra desta pergunta: *Como você me vê agora?*

Vilão ou herói?

Mais animal do que homem?

Um Robin Hood moderno? Percepção.

Faz com que duas pessoas vejam a mesma situação de duas maneiras diferentes, mesmo que estejam olhando para a mesma coisa.

Se você ler a história de Scott Stone, que ele não tem, sem dúvida me verá de maneira diferente, mas pelo menos nesta história, eu conto como ela é.

Não dou a mínima para o que as pessoas pensam de mim. Nunca dei. Nunca darei. Quem grita mais alto tem mais a esconder. Lembre-se disso.

Eu.

Não escondo nada. Não escondi nada.

Eu sou quem eu sou.

Nicolau Maquiavel disse: *“Os homens geralmente julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, pois todos podem ver e poucos podem sentir. Todo mundo vê o que você aparenta ser; poucos realmente sabem o que você é.”*

Mesmo que você me veja por algo que não sou, minha esposa

nunca verás. Ela me sente. E se você tem uma pessoa que sente você, em comparação com um milhão que o vê, considere-se um dos sortudos.

Eu tenho, porque uma mulher fez algo que ninguém jamais poderia. Ela provou que eu estava errado. Ela me permitiu roubar seu coração.

Sim. Ela me permitiu.

Ela me fez pensar que eu estava roubando sem a permissão dela. O que o padre Flanagan me disse sobre o coração de uma mulher era verdade. Mas ele se esqueceu de mencionar uma coisa: a mente dela foi projetada para ser mais esperta que a de qualquer homem.

Lembre-se disso. Está vindo de um dos homens mais inteligentes que conheço — eu mesmo.

Minha esposa me deu a chave muito antes de eu “roubá-la”. Só não percebi até que a verdade era algo que eu não podia mais ignorar. Quando disse que alguns corações tinham que ser roubados, o que eu queria dizer era que alguns corações tinham que ser conquistados com esforço.

Antes que eu pusesse os olhos nela, ela havia reivindicado os meus. Sempre fui uma companhia fácil de agradar, e ela sabia disso tão bem quanto o diabo.

Como diz o velho ditado: *é isso aí, porra.*

Fim!



Não esqueça de avaliar este livro!



SOBRE A AUTORA

Bella Di Corte escreve romances criminosos que roubarão seu coração. Ela dá vida a histórias de homens que caminham na linha entre o irredimível e o salvável, e de mulheres que os forçam a sentir. Ela é conhecida por sua rica construção de mundo e personagens fortes. Ela também é autora de best-sellers internacionais.

Além de escrever, Bella adora passar tempo com o marido, a filha, a família e seus cachorros. Ela também adora ler, ouvir música, preparar receitas que lhe foram passadas e tirar fotos.

Bella cresceu em Nova Orleans, um lugar que ela considera um playground criativo.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/belladicorte
www.facebook.com/BellaDiCorteAuthor
www.belladicorte.com



MAQUIAVÉLICO

Livro 1

Eu queria ser vista.

Havia três coisas que eu sabia sobre Capo Macchiavello:

Ele era lindo.

Ele era recluso.

Ele era considerado um dos animais mais sanguinários de Nova York

E ele me queria como sua esposa. Um acordo simples, sem expectativas. A não ser por uma: nunca ir embora.

Mas a vida nunca é simples. Aos vinte e um anos, eu não tinha pais, emprego e nem um local para morar, e aprenderia da maneira mais difícil que nada era de graça. Até mesmo gentileza vinha com algo a mais.

Capo pode ter sido o único homem a me ver, mas eu tinha feito um voto a mim mesma: nunca dever nada a ninguém. Muito menos ao homem que eu chamava de chefe.

Eu matava para ficar nas sombras.

Mariposa Flores pensou que não devia nada a ninguém, mas ela devia tudo... a mim, ao fantasma que o mundo uma vez chamou de O Príncipe Maquiavélico de Nova York.

Aviso: Maquiavélico pode abordar temas e conter cenas sensíveis para alguns leitores. Leia com cautela.



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://x.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>